

Flavia Susana Krug

ACERVO LITERÁRIO E SOFTWARE
LEITOR: A CRÔNICA DE JOSUÉ
GUIMARÃES
(ENTRE 1980 A 1986)

Passo Fundo, 2022.

Flavia Susana Krug

**ACERVO LITERÁRIO E SOFTWARE LEITOR:
A CRÔNICA DE JOSUÉ GUIMARÃES
(ENTRE 1980 A 1986)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Miguel Rettenmaier.

PASSO FUNDO

2022

CIP – Catalogação na Publicação

K94a Krug, Flávia Susana
Acervo literário e software leitor : a crônica de Josué
Guimarães (entre 1980 a 1986) / Flávia Susana Krug. –
2022.
167 f. ; 29 cm.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Rettenmaier.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo
Fundo, 2022.

1. Texto literário – Pesquisa qualitativa. 2. Análise do
discurso literário – Software. 3. Guimarães, Josué, 1921-
1986. I. Rettenmaier, Miguel, orientador. II. Título.

CDU: 801

Catálogo: Bibliotecária Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a tese

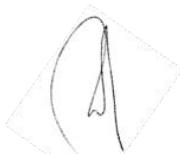
**“ACERVO LITERÁRIO E SOFTWARE LEITOR: A CRÔNICA DE JOSUÉ GUIMARÃES
(ENTRE 1980 E 1986)”**

Elaborada por

Flavia Susana Krug

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de concentração: Letras, Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso”

Aprovada em: 16 de dezembro de 2022
Pela Comissão Examinadora



Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva
Orientador - Presidente



Prof.ª Dr.ª Rejane Pivetta de Oliveira
UFRGS

Prof.ª Dr.ª Raquel Bello Vázquez
UniRitter



Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias
UPF



Prof.ª Dr.ª Ivânia Campigotto Aquino
UPF



Prof.ª Dr.ª Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

DEDICATÓRIA

A meu pai, FLÁVIO DEOCLÉCIO KRUG (*in memoriam*), amante das letras, da dança, da arte, em especial, da Música.

A meus filhos, BÁRBARA A. KRUG e NÍCOLAS H. KRUG, por existirem na minha vida.

A meu esposo, companheiro, amor e amigo, desde a infância, BEN-HUR CIDADE, pelo carinho e atenção ao longo de vários anos em diversas trajetórias traçadas.

Ao MESTRE, Professor Dr. MIGUEL RETTENMAIER, pois, sem sua dedicação com a literatura, especialmente ao legado produzido por JOSUÉ GUIMARÃES, não haveria mais esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Ao SER MAIOR, possibilitador de toda e qualquer oportunidade aos homens.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras, representada pela Professora Dra. Claudia Stumpf Toldo Oudeste.

Aos demais Mestres que acompanharam a jornada que ora se encerra, com apoio, amparo, auxílio e orientações sempre que necessário.

Dizer que a história no Brasil não se repete seria apenas repetir truísmos em face das condições peculiares do Brasil. Neste País a história não só costuma repetir-se como se repete a curtíssimo prazo.
(Josué Guimarães)

RESUMO

O tema desta tese é a inter-relação entre leitura e aparatos tecnológicos, tendo como *corpus* de análise publicações na imprensa produzidas por Josué Guimarães, no período entre 1981 a 1986, constantes no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF), sob a guarda da Universidade de Passo Fundo (UPF), como parte integrante da infraestrutura do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras da Instituição. O presente trabalho tem o propósito de contribuir com reflexões acerca da (re)leitura do material jornalístico original, bem como discutir os resultados obtidos na exploração da plataforma digital IRAMUTEQ, em acervo literário, via recursos Nuvem de Palavras e Análise de Similitude. O marco teórico principal, sobre o qual se desenvolve o estudo, está centrado nos pressupostos de Maria da Glória Bordini (2003, 2009, 2017), a partir de colocações que nos fazem refletir sobre a real indispensabilidade dos materiais protegidos em acervos dependerem também da mobilização e uso dos recursos tecnológicos para os perpetuarem, a partir de aspiradas articulações, seja com obras literárias, seja com obras históricas em geral. Em ambientes assim, textos e extratextos se conjugam. Neste viés, quando se estuda sobre autores, obras, fatos, acontecimentos e afins em acervos, a essência de cada construção, por meio das tecnologias existentes, é retratada com mais êxito e potencialidade relacional. Quanto aos estudos de Miguel Rettenmaier (2008), importa aproveitarmos suas ideias sobre investigar a partir de acervos literários, pois isso, na visão do autor, aumenta a capacidade de (re)interpretação a contar da variedade de textualidade relacionada à produção intelectual de determinados escritores, bem como as informações documentais que permeiam sua existência. É em acervos, especialmente os literários, que a memória é explorada até seu limite e os manuscritos revelam até muito mais do que as mãos de um autor foi capaz de escrever. Por outro lado, Alberto Cupani (2017) expõe entendimentos essenciais, como também principais colocações filosóficas que ultrapassam a filosofia da tecnologia. Com a finalidade de abranger a tecnologia como produto convidativo e instigante, seus estudos facilitam debates reflexivos e desafiam a existência de novas pesquisas a respeito do tema, uma vez que é pouco explorado no Brasil. Lúcia Santaella (2013) contribui com reflexões importantes sobre a multiplicação dos espaços digitais, principalmente no que diz respeito à mídia que atualmente favorece o acesso à comunicação. Além disso, ela afirma sobre os atuais processos de comunicação ocorrendo de forma fluida, bem como sobre a hipermobilidade que se desdobra através de objetos, ambientes, corpos e mentes. Quanto ao *Software* IRAMUTEQ, as pesquisas de Ana Maria Justo e Brígido Vizeu Camargo (2013) direcionam à compreensão e à apreciação da leitura realizada em plataformas tecnológicas de maneiras diferenciadas e dinâmicas. Além disso, as observações dos autores sobre o *Software* IRAMUTEQ contribuem para que a agilidade e a eficiência oferecidas pelo programa sejam percebidas, no intuito de proporcionar novas perspectivas de observância de uma tessitura, assim como o rigor das análises de dados textuais qualitativos efetuados por ele. A pesquisa enquadra-se na perspectiva qualitativa do tipo descritivo-exploratória. O *corpus* é composto por 93 (noventa e três) textos, classificados sob a denominação produção passiva, itens de publicação na imprensa, e examinados a partir de leituras e observações singulares, além de preparo minucioso para encaminhamento ao programa selecionado. A pesquisa não tem a intenção de criar modelos interpretativos, mas possui o propósito de socializar um olhar mais atento à produção jornalística de Josué Guimarães em um período que registra marcas significativas no cenário político-social do Brasil. O resultado da exploração das crônicas enviadas ao IRAMUTEQ deseja demonstrar a essência do pensamento do escritor e jornalista Josué Guimarães, vivenciado no contexto referente ao período de 1980 a 1986.

Palavras-chave: Josué Guimarães. Tecnologia. (Re)leituras. Acervo Literário.

ABSTRACT

The theme of this thesis is the interrelation between reading and technological devices, having as a corpus of analysis publications in the press produced by Josué Guimarães, in the period between 1981 and 1986, included in the Josué Guimarães Literary Collection (ALJOG/UPF), under the custody of the Universidade de Passo Fundo (UPF), as an integrating part of the infrastructure of the Postgraduate Program in Languages and the Institution's Languages Course. The present work has the purpose of contributing with considerations about the (re)reading of the original journalistic material, as well as discussing the results obtained in the exploration of the IRAMUTEQ digital platform, in a literary collection, via Word Cloud and Similitude Analysis resources. The main theoretical framework, on which the study is developed, is centered on the assumptions of Maria da Glória Bordini (2003, 2009, 2017), based on statements that make us ponder the real indispensability of materials protected in collections also depending on the mobilization to use technological resources to perpetuate them from aspired articulations either with literary works, or with historical works in general. In environments like this, texts and extra-texts come together. In this bias, when studying authors, works, facts, events and the like in collections, the essence of each construction, through existing technologies, is portrayed with more success and relational potential. As for the studies of Miguel Rettenmaier (2008), it is important to take advantage of his ideas about investigating through literary collections which, in the author's view, increases the capacity of (re)interpretation based on the variety of textuality related to the intellectual production of certain writers, as well as the documentary information that permeates its existence. It is in collections, especially literary ones, that memory is explored to its limit, and manuscripts reveal even much more than an author's hands were capable of writing. On the other hand, Alberto Cupanni (2017) exposes essential understandings, as well as important philosophical statements that go beyond the philosophy of technology. In order to cover technology as an inviting and thought-provoking product, its studies facilitate reflective debates and challenge the existence of new research on the subject, since it is seldom explored in Brazil. Lúcia Santaella (2013, 2014) contributes with important reflections about the propagation of digital spaces, especially regarding the media that currently favors the access to communication. In addition, she asserts about the current processes of communication taking place fluidly, as well as about the hypermobility that unfolds through objects, environments, bodies and minds. As for the IRAMUTEQ Software, research by Ana Maria Justo and Brigido Vizeu Camargo (2013) leads to the understanding and appreciation of reading performed on technological platforms in different and dynamic ways. Lúcia Santaella (2013) contributes with important reflections about the multiplication of digital spaces, especially regarding the media that currently favors the access to communication. In addition, she asserts about the current processes of communication taking place fluidly, as well as about the hypermobility that unfolds through objects, environments, bodies and minds. In addition, the authors' observations on the IRAMUTEQ Software contribute to the perception of the agility and efficiency offered by the program in order to provide new perspectives on the observance of a texture, as well as the rigor of the qualitative textual data analysis performed by it. The research fits into the qualitative perspective of the descriptive-exploratory type. The corpus consists of 93 (ninety-three) texts, classified under the name passive production, items published in the press and examined from readings and singular observations, in addition to meticulous preparation for forwarding them to the selected program. The research is not intended to create interpretative models, yet it has the purpose of socializing

a closer look at the journalistic production of Josué Guimarães in a period that registers significant marks in the political and social scenario in Brazil. The result of the exploration of the chronicles sent to IRAMUTEQ aims to demonstrate the essence of the thinking of the writer and journalist Josué Guimarães, experienced in the context of the period from 1980 to 1986.

Keywords: Joshua Guimarães. Technology. (Re)readings. Literature collection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1.....	116
Ilustração 2	120
Ilustração 3	127
Ilustração 4	128
Ilustração 5	130

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Consórcio Internacional Grande ABC
Paulista	
ALCEST	Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte
ALJOG	Acervo Literário Josué Guimarães
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
ATLAS Ti	Qualitative Data Analysis
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CIERS-Ed	Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação
CIEDUS	Centro Internacional de Estudos de Doutorado Avanzados da UCS
CHD	Análise Fatorial
CNRS	Centro Nacional de Investigação Científica
CRNS	Centre National de la Recherche
CONCLAT	Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras
CUT	Central Única dos Trabalhadores
CIE	Centro de Informações do Exército
DSN	Doutrina de Segurança Nacional
DOC	Documento
DOPS	Departamento de Ordem Política Nacional
EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
GO	Goiânia
IBM	International Business Machines
IBAD	Instituto Brasileiro de Ação Democrática
IEL	Instituto Estadual do Livro
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
INL	Instituto Nacional do Livro
IPL	Instituto Pró-Livro
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
LACCOS	Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição

L&PM	Paulo Almeida Lima e Ivan Pinheiro Machado
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MIRAD	Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário
NUD*IST	Numerical Unstructured Data Indexing Searching and Theorizing
NP	Nuvem de Palavras
OEA	Organização dos Estados Unidos
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PDS	Partido Democrático Social
PP	Partido Progressista
PSD	Partido Social Democrático
PPGIE	Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PT	Partido dos Trabalhadores
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RS	Rio Grande do Sul
SNI	Serviço Nacional de Informações
SPAD	Système Portable pour l'Analyse des Données
STF	Supremo Tribunal Federal
SSDG	Scientific Software Development GmbH
TIAR	Tratado Interamericano de Assistência Recíproca
TV	Televisão
TXT	Tomorrow X Together
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UPF	Universidade de Passo Fundo
UDN	União Democrática Nacional
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
UCIS	Unidades de Contexto Iniciais
UCEs	Unidades de Contexto Elementares
USC	Grupo Galabra

LISTA DE CRÔNICAS JORNALÍSTICAS

Problemas da violência, 1980a, 03/01/1980

Os indesejáveis, 1980b, 07/01/1980

Deixemos o povo de fora, 1980c, 14/01/1980

Invenção da imprensa, 1980d, 16/01/1980

O túnel do tempo, 1980e/ 17/01/1980

O jogo dos números, 1980f, 19/01/1980

O médico e o monstro, 1980g, 23/01/1980

Os homens não mudam, 1980h, 24/01/1980

Políticos ocupados, 1980i, 26/01/1980

A melhor sigla, 1980j, 28/01/1980

Um programa avançado, 1980k, 27/02/1980

Cristãos novos, 1980l, 4/03/1980

Arraes e a realidade, 1980m, 12/04/1980

Será capitalismo? 1980n, 3/05/1980

Eleições nas eleições I, 1980o, 8/05/1980

Eleições nas eleições, 1980p, 15/05/1980

A inflação vai bem, 1980q, 3/06/1980

O jogo das palavras, 1980r, 16/12/1980

Se houver eleições, 1981a, 16/02/1981

Para acertar na mosca, 1981b, 1º/02/1981

Uma pedra no caminho, 1981c, 21/10/1981

O lago tranquilo, 1981d, 2/11/1981

Ceder ou resistir, 1981e 14/12/1981

Morrer na praia, 1981f, 21/12/1981

Natal mais justo, 1981g, 25/12/1981

Dicotomia, 1981h, 28/12/1981
Algo vem a caminho, 1981i, 30/12/1981
Tudo recomeça hoje, 1982a, 4/01/1982
Um mar de rosas, 1982b, 10/01/1982
Urnas perigosas, 1982c, 13/01/1982
Brios feridos, 1982d, 15/01/1982
Solidariedade, 1982e, 22/01/1982
Casar ou juntar-se, 1982f, 29/01/1982
A parábola dos cegos, 1982g, 1º/02/1982
Os milagres da Santa, 1982h, 3/02/1982
É bom calar, 1982i, 8/02/1982
Democracia total, 1982j, 12/02/1982
Presente grego, 1982k, 1º/03/1982
As poções mágicas, 1982l, 5/03/1982
Campanha eleitoral, 1982m, 12/03/1982
As negras nuvens, 1982n, 17/03/1982
A pasmaceira, 1982o, 19/03/1982
O grande circo, 1982p, 24/03/1982
O fio da navalha, 1982q, 9/04/1982
Cartas marcadas, 1982r, 5/5/1982
Tirar de couro, 1982s, 7/5/1982
Objeto misterioso, 1983a, 9/05/1983
Ainda a violência, 1983b, 6/05/1983
Reeleições e diretas, 1983c, 30/05/1983
Colcha de retalhos, 1983d, 18/06/1983
Quem viver, verá, 1983e, 20/06/1983

O novo cavalo de Troia, 1983f, 12/08/1983
Vozes da África, 1983g, 21/11/1983
Empurrar com a barriga, 1983h, 25/11/1983
Quase irreversível, 1983i, 27/11/1983
Aplausos ao general 1, 1983j, 2/12/1983
Presidenciáveis, cuidado! 1984a, 22/01/1984
Pedro Nava, disse, 1984b, 23/01/1984
Vamos ser honestos, 1984c, 15/02/1984
Os amorfos, 1984d, 4/03/1984
A democracia sonhada, 1984e, 28/04/1984
Jaboti de casca dura, 1984f, 11/05/1984
Atenção para São Carlos, 1984g, 13/05/1984
Estão arrombando portas, 1984h, 20/05/1984
Ninguém sabe nada, 1984i, 21/05/1984
Francelino, onde estás? 1984j, 25/05/1984
Afinal, o que vem por aí? 1984k, 26/05/1984
Carne debaixo do angu, 1984l, 16/6/1984
Com a faca e o queijo, 1984m, 14/08/1984
Economia de ovos, 1984n, 17/08/1984
Leilão no PMDB, 1984o, 19/08/1984
Convite ao PDT, 1984p, 20/08/1984
PDT coerente, 1984q, 21/08/1984
A visão da derrota, 1984r, 30/11/1984
O plebiscito, 1984i, 3/12/1984
Revanchismo, 1984t, 7/12/1984
Uma vitória histórica, 1985a, 14/01/1985

O presidente eleito, 1985b, 18/01/1985
Vale a pena lutar pelo PDS? 1985c, 21/01/1985
Esqueçam-me! 1985d, 28/01/1985
O lógico é engolir, 1985e, 11/02/1985
De mãos atadas, 1985f, 29/4/1985
Afinal, e o povo? 1985g, 27/05/1985
A reforma é boazinha, 1985h, 10/06/1985
Dias melhores, 1985i, 15/07/1985
A fraude como sistema, 1985j, 19/08/1985
Cacareco, de novo? 1985k, 4/11/1985
Oportunismo, 1985l, 25/11/1985
A toque de caixa, 1985m, 9/12/1985
Reforma para inglês ver, 1985n, 16/12/1985
Governo indiferente, 1985o, 23/12/1985
Austeridade, 1985p, 30/12/1985
Adianta mudar? 1986a, 3/2/1986

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 ABRINDO O ARQUIVO	266
2 ESPAÇO DE PESQUISA: ACERVO LITERÁRIO	40
3 SOFTWARES LEITORES	533
4 FERRAMENTA IRAMUTEQ, UM SOFTWARE LEITOR	65
5 OBJETO: A CRÔNICA DE JOSUÉ GUIMARÃES	75
5.1 JORNALISMO, POLÍTICA E LITERATURA	77
5.2 JOSUÉ GUIMARÃES CRONISTA: 1980-1986	85
6 DADOS E RESULTADOS: SENTIDOS, LANÇADOS E RECEBIDOS	11010
6.1 A NUVEM	1133
6.2 SIMILITUDES	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM FECHAMENTO, UM ARQUIVO LIDO	153
REFERÊNCIAS	165

INTRODUÇÃO

O trabalho em acervo literário implica um constante diálogo entre distintas áreas do conhecimento. Dada a multiplicidade de documentos, dada a pluralidade de tipos de registro, de construções textuais, os olhares que se voltam a tudo que um acervo literário tem a oferecer redundam em diversidade equivalente ao que se resguarda, classifica, digitaliza, cataloga. Mesmo que muito associado aos Estudos Literários, um acervo de escritor, como o de Josué Guimarães, não se basta pelo olhar conceitual e teórico próprio desses Estudos. A começar pelos manuscritos, pelas notas, pelos esboços e demais escritos pré-redacionais e redacionais, os quais sequer são considerados textualidades próprias à crítica literária, pois, inacabados, provisórios, o que está em um acervo requer perspectivas diversas, abordagens segundo distintas áreas.

Ao falarmos de acervos, aqui, estamos necessariamente reportando-nos sempre a diferentes formas de leitura. Há, portanto, a intenção de nos dirigirmos a uma ação que preserva, indiscutivelmente, as lembranças culturais e a tudo que elas ensejam. A memória é responsável por garantir a existência de um discurso que registra a presença constante de fatos e acontecimentos que marcaram épocas. Todavia, essa memória não serve apenas a uma lente. Um acervo, planejado em determinadas circunstâncias temporais ou que envolva especificamente um autor, abre caminhos inovadores para diversas propostas de pesquisa sobre (re)leituras, (re)escritas, intertextualidades com subjetividade, interdisciplinaridade como método e ação. Há, também, na complexidade que cerca o trabalho em acervo, todo um aporte de recursos e ferramentas que auxiliam na catalogação dos materiais e na leitura dos itens que se encontram depositados nas dependências de guarda de toda uma diversidade de guardados. Um dos procedimentos mais utilizados na atualidade relaciona-se à digitalização de itens, a fim de que possam ser estudados com o mínimo de manipulação. Muitos dos materiais estão em suportes aos quais não se previam em um trânsito de décadas de arquivamento. Se os manuscritos, notas e esboços muito bem poderiam ter o destino de uma lixeira, textos publicados na imprensa, em papel de polpa, saíam das rotativas para durar dias. Além da digitalização, porém, outras ferramentas tecnológicas podem ser úteis, não para acondicionamento e classificação, mas para tarefas mais complexas, as quais têm relação, neste instante, não com a diversidade de formas textuais, mas com o número de elementos que correspondem a uma categoria, a um tipo inerente de texto que se multiplica em um acervo como Josué, um jornalista de vida inteira, pela autoria do qual se multiplicam publicações jornalísticas.

Esta Tese para Doutorado em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo (IFCH/UPF), na Linha de Pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário, sob a modalidade da pesquisa qualitativa do tipo descritivo-exploratória, tem como *corpus* de análise publicações na imprensa produzidas por Josué Guimarães, no período entre 1980 a 1986, constantes no Acervo Literário Josué Guimarães – ALJOG/UPF, sob a guarda da Universidade de Passo Fundo – UPF, como parte integrante da infraestrutura do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Curso de Letras da Instituição. O presente trabalho tem o propósito de contribuir com reflexões acerca da (re)leitura do material jornalístico original, bem como discutir os resultados obtidos na exploração da plataforma digital IRAMUTEQ, em acervo literário, via recursos *Nuvem de Palavras* e *Análise de Similitude*. O *corpus* textual a ser analisado corresponde a 93 (noventa e três) textos, classificados sob a denominação de *itens de publicação na imprensa*, constantes no Acervo Literário Josué Guimarães – ALJOG, mantido pela Universidade de Passo Fundo – UPF, sob a coordenação do Prof. Dr. Miguel Rettenmaier.

É preciso lembrar que a plataforma digital IRAMUTEQ integrou, em 2015, a Dissertação de Mestrado em Letras da autora desta Tese, intitulada *IRAMUTEQ em acervo literário: uma amostra de um trabalho possível*, cujo objetivo foi analisar o conteúdo de 83 (oitenta e três) crônicas jornalísticas de autoria do mesmo jornalista e escritor, também constantes no ALJOG/UPF, sob os pseudônimos de Dom Camilo e Peppone, incluindo testar a eficácia do referido *software* leitor nesta incumbência. Por conhecermos o referido programa, e devido à facilitação de interpretação já demonstrada e viabilizada, temos certeza de que o mesmo nos auxiliará a contento nas (re)interpretações, e facilitará o olhar da observadora-pesquisadora sobre o material estudado, em especial para os acontecimentos políticos da época, a qual dispensará observâncias mais intensas acerca também das possíveis entrelinhas dos textos elaborados por Josué Guimarães.

Nosso objetivo consiste em, a partir de uma primeira varredura do *Software* IRAMUTEQ, iniciada pelo recurso *Nuvens de Palavras*, realçar sentenças, termos e expressões que auxiliem uma melhor investigação e posterior (re)interpretação dos resultados obtidos também da utilização do segundo meio que a plataforma oferece, as *Análises de Similitudes*, como se um completasse o outro. Do mesmo modo, explicar os últimos anos de escrita jornalística de Josué Guimarães conservados em acervo literário, recompondo fatos, acontecimentos, nomes, circunstâncias e o que mais for possível, interessa-nos claramente. Pretendemos, de modo distinto, observar mais atentamente o período de produção jornalística de Josué Guimarães em quase uma década em que a *Nação brasileira* vivenciou momentos

fundamentais para seu cenário político-social, além, claro, do econômico, a contar das palavras de mais destaque ceifadas pelo IRAMUTEQ. Neste viés, intuímos demonstrar que o IRAMUTEQ não corresponde apenas a um *contador* de palavras, mas a um meio eficaz de auxílio da percepção da essência de um texto a ele encaminhado para apreciação das expressões que mais se destacam num determinado contexto, a contar das devolutivas que ele oferece proporcionadas pelos recursos que ele enseja. Neste mesmo sentido, queremos apresentá-lo como um elo entre a informação e a comunicação que promove releituras mais sensíveis das palavras de um *corpus*.

A pesquisa se constitui também em agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro proporcionado à bolsista e pesquisadora-observadora, no período compreendido entre agosto/2018 a fevereiro/2021 (desistência a pedido), assim como ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo, ambos responsáveis pela viabilização deste anseio acadêmico.

No primeiro momento da pesquisa, com o capítulo inicial intitulado *Abrindo o arquivo*, apresentamos os objetivos desta Tese de Doutorado em Letras, a saber, a intenção dos pesquisadores, inclusive, sobre a opção da utilização do programa IRAMUTEQ, além de descrever os caminhos percorridos por nós em relação ao manuseio da ferramenta na análise das crônicas jornalísticas selecionadas para o referido estudo. Além disso, demonstramos passo a passo as etapas de contato com os textos selecionados, a confecção do *corpus*, a determinação dos recursos *Nuvem de Palavras* e *Similitudes* oferecidos pelo IRAMUTEQ, além de algumas impressões que achamos convenientes serem mencionadas, as quais, assim como outras que serão demonstradas ao longo da pesquisa, serviram para o intuito desta Tese.

Quanto ao segundo instante da observância, sob a nomenclatura *Espaço de pesquisa: acervo literário*, tratamos da importância desses ambientes, os acervos, em especial, os literários, e a necessidade de mantê-los vivos para explicar o passado e compreender o futuro, principalmente, às gerações futuras, o que no Brasil ainda não foi possível instaurar como indispensabilidade e direito do cidadão, quando se trata de acesso à cultura e ao conhecimento. Contamos, para tanto, com reflexões de Moreira (1990), acerca dos primeiros modelos de arquivamento de informações históricas no Brasil, a partir de 1970, os quais garantiam a proteção ao patrimônio documental.

Na sequência, Bordini (1994, 1995, 2003, 2009) auxilia-nos com a classificação e com a categorização responsável pela implantação do Grupo de Pesquisa do Acervo de Escritores Sulinos, o qual se baseou no Manual de Instalação do Acervo Erico Verissimo. Junto a ela, Rettenmaier (2018), que nos acompanha em muitos momentos da pesquisa, apresenta-nos, aqui,

sua reclassificação, a qual orienta os trabalhos no Acervo Josué Guimarães, também inspirada na estruturação de Bordini (2003). Temos, ainda, as reflexões de Rettenmaier, Samartim e Feijó (2018), que posicionam os acervos, quando digitais, como verdadeiros organismos de conhecimento, os quais, associados a ambientes físicos e virtuais ao que de material se arquivava e digitaliza, pluralizam as áreas do saber ao mesmo tempo que articulam elementos internos e externos sócio-histórico-sociais. Esses pesquisadores demonstram, dentre outras viabilidades, que os acervos muito nos oferecem quando investigados e perguntados, valorizando interpretações diferenciadas e significativas.

As contribuições de Bordini (2009) auxiliam-nos, não apenas aqui, mas em outros momentos desta Tese de Doutorado em Letras, sobre a relevância de se aproveitar os recursos tecnológicos para manter resguardada a memória de autores e seus manuscritos, os quais contribuem sumariamente para a edificação da literatura, do jornalismo, das culturas. Novamente, o pensamento de Rettenmaier (2008) ajuda-nos a compreender melhor acerca da ampliação, como, por exemplo, de determinados objetos de estudo, em especial, dos acadêmicos, quando realizados em acervos. Neste sentido, pensando dessa forma, nossa pesquisa também tem a intenção de (re)afirmar que, quando se investigam determinados objetivos em territórios preparados para promover o contato entre autor, obra e leitor, os espólios que neles estão confiados enaltecem os resultados de quem os observa como material de herança e, deste jeito, aproximamo-nos da real essência de um acervo e da efetividade de sua função.

Além dos teóricos já citados, inserimos Klein (2006), cuja percepção destaca que não se pode negar a contribuição dada pelos recursos tecnológicos, especialmente para a realização de pesquisas acadêmicas, uma vez que basta acompanharmos a história para notarmos claramente que o Brasil, a título de exemplificação, mais do que nunca, precisa fazer uso dos benefícios que a tecnologia enseja, de maneira inteligente e em prol da sociedade, sem distingui-la. Temos também as contribuições de Brandão (2017), acerca da necessidade de aprimoramento do pesquisador como conhecedor direto do *software* que utilizará, a fim de não prejudicar o resultado de uma pesquisa pela ausência de domínio da técnica a ser utilizada para análise da informação. Além disso, seu entendimento corrobora para mostrar que muitos recursos da tecnologia favorecem uma melhor observância de interpretação textual quando empregados na garimpagem de dados. Ainda, apresentamos o entendimento de Rocha (2011) sobre acervos serem espaços pensados para a produção do conhecimento e, por isso, carecem de mão de obra especializada, bem como um ambiente organizado para que se possa dar vida aos objetivos que eles ensinam.

Dando sequência, no capítulo 3, denominado *Softwares leitores*, trazemos a apresentação breve de alguns dos diversos programas, plataformas, *sites* e afins que são direcionados para analisar textos, desde os mais simples até os mais complexos. Todos, de uma forma ou de outra, contribuem para o contato diferenciado com a leitura, em acervo, do usuário-pesquisador. Afinal, o mundo contemporâneo está cerceado pela tecnologia e a atenção de milhares de leitores direciona-se, muitas vezes, para, por exemplo, um livro eletrônico armazenado no formato *e-book*, nos tradicionais *Ipads*, ou ainda nos *Kindles*, ou em outros formatos.

No quarto segmento da pesquisa, sob a classificação *Ferramenta: IRAMUTEQ, um software leitor*, apresentamos a percepção de que o *software* em questão é um dos mais adequados para servir de elo entre a informação e o conhecimento, potencializando palavras que tenham significado valioso, a partir de um contexto específico, e, por sua vez, reproduzir o que é mais importante destacar sobre o momento histórico político-social do Brasil, no período da elaboração das crônicas de Josué Guimarães, isto é, 1980-1986. Aqui, Santaella (2013) apresenta suas considerações sobre os atuais processos de comunicação serem realizados de forma mais fluída e múltipla também por ocasião dos deslocamentos espaço-temporais, mas, em especial, pela hipermobilidade conectada a uma ubiquidade que se desdobra nos muitos meios, aparatos, objetos, situações e afins que a sociedade atual convive.

Ademais, contamos com Cupani (2017) para o apoio em relação à discussão, no que tange, por exemplo, às funções do meio tecnológico, além do que ele visivelmente nos apresenta. A tecnologia é possível de ser ainda mais real a partir da maneira que ela é tematizada, ou, ainda, pensada filosoficamente. Os autores concordam, cada um a seu modo, que a tecnologia é integradora sobre a existência humana por promover mudanças culturais, científicas e tecnológicas. Temos também o entender de Chartier e Hébrard (2002), acerca da prática da leitura, independente do suporte que a recebe, viabilizar tanto trabalho como prazer. Ao longo do tempo, transformações significativas ocorreram e com o ato de ler não foi diferente. Instrumentos como o computador e demais aparelhos eletrônicos, com os quais convivemos diariamente, exigiram transformações entre o contato do leitor com o texto desencadeando diferenciadas maneiras de ler. O entendimento, mesmo que breve de Lahlou (1994), sobre analisar textos textuais, também nos auxiliou quanto a perceber qualitativamente o que líamos escrito pelo jornalista e escritor.

Neste mesmo espaço, Camargo e Justo (2013), idealizadores do programa em questão no Brasil, ressaltam as principais características do *Software IRAMUTEQ*, produto escolhido para a análise dos textos jornalísticos desta Tese, com a intenção de observar o desempenho da

ferramenta como um instrumento performático, que aumenta as chances de (re)interpretação de palavras específicas oriundas de um contexto especial. Temos, ainda, rápida apresentação sobre três trabalhos acadêmicos que, na nossa opinião, servem de exemplo ideal para ressaltar a compatibilidade do IRAMUTEQ com nossas intenções, uma vez que utilizaram a ferramenta IRAMUTEQ para maximizar análises e observações com êxito e satisfação. Contamos, aqui, com Maciel (2013), que analisa os novos recursos trazidos pelo avanço tecnológico como favorecedores de resultados de rápida compreensão no desenvolvimento de análises complexas, por exemplo, sem distanciar um pesquisador do seu objetivo principal.

Concernente ao quinto capítulo, *Objeto: a crônica de Josué Guimarães*, apoiados nos pensamentos de Bender e Lauritto (1993), analisamos o gênero crônica escolhido por Josué Guimarães, a contar dos textos elaborados por ele no período de 1980 a 1986, que ressaltam, em muitos deles, de maneira mais veemente, por exemplo, um momento político, uma ação específica referente à economia, possíveis críticas, ironias e sarcasmos, nomes públicos, suas funções e, desta maneira, cronologicamente, apresentamos um primeiro contato com o estilo de escrita de Josué Guimarães e seus muitos olhares, com destaque para o cenário político-social da história do Brasil, em relação ao Governo Federal. A seguir, na seção 5.1, intitulada *Jornalismo, política e literatura*, não poderíamos nos eximir de comentar sobre as profissões e feitos de Josué Guimarães. Acompanham-nos, conseqüentemente, o Instituto Estadual do Livro (2006) e Clemente (1997), assim como informações extraídas dos manuscritos originais de Josué Guimarães, materiais constantes no ALJOG/UPF, além, da mesma forma, da página oficial do jornalista e escritor Josué Guimarães em meio digital. Além disso, junta-se a este instante da pesquisa, a seção 5.2, *Josué Guimarães: cronista: 1980-1986*, na qual analisamos trechos das crônicas selecionadas para esta pesquisa, encontrando suporte nos entendimentos de Domingos (2004); Pilagallo (2009); Almeida (2011); Sodré (1988) e Netto (2014), acerca do período histórico político, social e econômico do qual Josué Guimarães pertenceu e acompanhou atenta e criticamente. Juntam-se a todos, sempre que indispensáveis, trechos da escrita jornalística de Josué Guimarães dispensados nos textos selecionados, com o intuito de elucidar instantes considerados pelo autor analisado como de extrema importância, tais como ferramentas para debates, discussões e conhecimento dos leitores também deste momento atual.

Para o sexto segmento desta pesquisa, *Dados e resultados: sentidos, lançados e recebidos*, temos as discussões, comparações, observações e demais entendimentos acerca do material encaminhado ao *Software* IRAMUTEQ, distribuídos em duas instâncias: 6.1 *A nuvem* e 6.2 *Similitudes*. Nos recursos escolhidos por nós para apreciarmos, em sua essencialidade, mais profundamente o conhecimento e a subjetividade do discurso do jornalista e escritor Josué

Guimarães, contamos com as palavras básicas em destaque pelo programa, as quais estão em voga nos textos analisados, bem como a existência de conexão entre elas. Aqui, de forma mais ampla, comentamos o que Josué Guimarães pensava sobre política, economia, sociedade naquele momento de sua vida profissional. Destacamos que nossas reflexões e percepções estão unidas, indiscutivelmente, ao período histórico da época, principalmente no que couber ao governo, ações, causas e consequências. Todavia, tomamos a liberdade de vincular o aspecto temporal, por meio de comparações ou comentários breves, quando possível e coerente, às situações atuais que se associam com os registros do jornalista e escritor. A partir de então, apresentamos nossas observações de encerramento desta pesquisa nas *Considerações Finais: em fechamento: um arquivo lido*, por meio de olhares mais pessoais sobre a trajetória de Josué Guimarães, no período de 1980 a 1986, comparando ao atual cenário brasileiro, reconstruindo mais pontos e ciclos quando achamos convenientes serem apontados.

Dando encaminhamento, convém sobressairmos, sem querer repetirmo-nos, mas, apenas para enfatizarmos, que, ao longo dos anos, a expressão *guardar documentos* sofreu alterações e também influências que a colocaram em evidência justamente pela pluralidade de artefatos que ela enseja. Documentos, objetos, pertences, anotações, além de muitas outras categorias, promovem reflexões variadas sobre a época ocupada por uma determinada sociedade, como também sobre seus hábitos e sua posição na história da vida real dos homens e sobre os meios como se resguarda e se registra a memória. Neste viés, entendemos que patrimônios em acervos estão diretamente relacionados ao fator memória. Em ambientes como os acervos, em especial, os literários, há a indispensabilidade de se preservar a história por meio dos registros na forma de documento ou objeto, inclusive como valor intrínseco, o qual favorece estender e compreender o tempo.

Logo, não é possível negar que as publicações em papel nos meios digitais tratam-se de uma ação comprovada, de fato, que, a cada dia, oferece maior demanda, estimulando que as muitas vantagens trazidas pela tecnologia, especialmente, acerca da ampliação sobre produção, difusão e acesso à informação, inclusive, de maneira democrática, são, dentre outras viabilidades, mais ágeis sobremaneira quando a intencionalidade recai em, por exemplo, disseminar o conhecimento. No entanto, sabemos dos desafio de colocar em prática a preservação do conhecimento produzido nos acervos, bem como difundi-lo em meios digitais, em especial destaque para instituições universitárias.

1 ABRINDO O ARQUIVO

Arelado ao que mencionamos anteriormente, umas das nossas intenções em utilizar, nesta Tese de Doutorado, o *software* leitor IRAMUTEQ é, sem dúvida, recair na investigação mais apurada da viabilidade da existência de vestígios qualitativos na escrita de Josué Guimarães, os quais servirão para novas evidências de releituras dos textos, com o intuito de auxiliar outros entendimentos que singularizem ainda mais a escrita do jornalista e escritor em questão.

Nesse sentido, convém sobressairmos que, a nosso ver, no caso das pesquisas qualitativas, entendemos que, além da definição e da escolha, outras características devem ser consideradas para obtenção do modelo pretendido, ou seja, a funcionalidade, a confiabilidade, a usabilidade, a eficiência e a portabilidade. Importante destacarmos que, antes de desenvolvermos a pesquisa propriamente dita, procuramos manter contato com outros programas considerados, na opinião de alguns estudiosos, superiores ao IRAMUTEQ, mas não obtivemos resultado satisfatório, quanto aos nossos desejos, neste momento acadêmico.

O estudo das humanidades, como ciência e área, envolve método. Conforme Brandão (2017), ao findar do século XIX e meados do século XX, entendimentos teóricos russos defendiam que se afastasse o estudo literário do subjetivismo que já se destacava consideravelmente por muito tempo. Esses mesmos pensadores aventuraram-se naquilo que consideravam ser episódios literários. Deixaram, obviamente, materiais acerca de estruturas, ritmos, bem como diversos aspectos relevantes à sonoridade léxica. Todavia, atualmente, ao longo de muita compreensão de outros teóricos, diversos equívocos são apontados como acometimentos pelos formalistas russos sobre o que seriam, então, fenômenos literários. É compreensível que a tentativa, o que de fato ainda consiste, recaia sobre o carecimento de se conceber a toda a comunidade teórica e crítica da literatura uma forma de operação que, objetivamente, analisasse com clareza o texto, especialmente o literário.

Por outro lado, nos dias atuais, ainda consoante Brandão (2017), a Crítica Numérica insiste e persiste na busca dos mesmos objetivos, porém com outros padrões que se distanciam da impossibilidade dos fenômenos, recaindo em aplicar procedimentos de alto valor às ditas ciências duras, quase sempre com o destaque de considerar o texto literário fenômeno e, assim, desconsiderar discussões filosóficas sobre qualquer detalhe em questão. Desta maneira, desejam alcançar fenômenos por meio de dados matemáticos ou meramente estatísticos. Sendo assim, mesmo que ocorra essa possibilidade, o que não se descarta, deverá haver competência para observar os resultados e entender claramente do que se tratam. Ainda, no entender do autor,

o que mais difere as análises realizadas no passado, para o que se pretende num momento tão contemporâneo como o nosso, está nitidamente nos meios, nos recursos, nas ferramentas e nas funções que os determinam, bem como os singularizam.

A partir disso, surgiram e surgem cotidianamente muitos *softwares* especializados que garimpam as informações nos textos, oferecendo aos observadores dados numéricos que deverão ser interpretados. Tal requisito só fará sentido se os observadores, por sua vez, estiverem alinhados com os instrumentos escolhidos. Destacamos, outra vez, que temos consciência sobre a criticidade ainda existente em relação à utilização dessas ferramentas tecnológicas, bem como seus variados recursos, que favorecem o contato com a leitura. Assim, convém salientarmos que este trabalho pretende apresentar outras viabilidades de contato com programas também planejados para a finalidade de que ofereçam cardápios sofisticados, como é o caso do IRAMUTEQ, de reinterpretações das palavras dispostas no texto e não somente servir como um contador de palavras.

É preciso, ainda, lembrar que, quando se tratar de uma pesquisa dessa categoria, o grau de dificuldade se multiplica, pois a maioria dos programas exige tratamento específico para limpeza de textos originais, quase sempre em modo.txt, o que, na prática, significa ir além de somente transcrever o texto original para a ferramenta que o analisará. Consiste, muito, em descobrir erros de grafia, sinais, manchas, dobras marcadas pelo tempo da existência do material, desgaste de cores, falhas e afins que claramente tomam grande parte do tempo do trabalho de pesquisa. Além do mais, existem programas pagos e de fontes livres, o que no caso do primeiro exemplo, por vezes, não está ao alcance dos pesquisadores ou não é passível de ter seu valor coberto por bolsas de pesquisas e estudos.

Por conseguinte, opta-se, então, por recursos disponibilizados em *sites*, hospedados por páginas de terceiros ou em plataformas não tão convencionais e autorizadas que, na maioria das vezes, apresentam versões básicas e não contemplam a contento a necessidade completa do observador. Assim, há a presença da dificuldade financeira em adquirir o produto para que se garanta êxito ao trabalho desejado, ou se opta por recursos menos eficazes como os programas *on-line* que não exigem *downloads*, e que não garantem total satisfação nos resultados. Por isso, inclusive, optamos por apresentar um programa que contempla diversidade de recursos, de fonte gratuita e que, ao longo da utilização em diversas áreas, tem superado as expectativas dos observadores, garantindo praticidade às pesquisas com qualidade de resultados para as observações necessárias. Neste viés, utilizar o IRAMUTEQ para analisar a escrita jornalística de Josué Guimarães significa viabilizar, dentre outras situações, mais um estudo conciso que

abra caminhos para que outras áreas também usufruam da capacidade do *software* leitor em questão.

Relembramos, neste sentido, mais uma vez, que nosso intuito é de encontrar, inclusive, vestígios na escrita jornalística de Josué Guimarães (1980-1986), que nos auxiliem em resgatar o passado para rememorar, por exemplo, a autoria de suas obras, evidenciando seu entendimento sobre um período conturbado na história brasileira. Esse resgate atrela-se a momentos também importantes em outros países, os quais ainda nos interligam e insistem em se repetir em pleno ano atual, destacando ferozmente, a exemplo, a sede pelo poder a qualquer custo.

Salientamos, aqui, que optamos pelos recursos *Nuvem de Palavras* (NP) e *Análise de Similitude* (AS), constantes no *Software* IRAMUTEQ, por serem as opções mais adequadas, a nosso ver, ao que nos propomos a observar neste novo trabalho, além de garantir êxito quando ocorrer as devolutivas pelo programa acerca do conteúdo textual preparado e a ele submetido. Outrossim, já destacamos, inclusive, que o IRAMUTEQ, por ser de fonte aberta, supre os desejos dos pesquisadores. Dentre muitos comentários sobre seu desempenho, sobressaem a evidência de sua aplicabilidade, bem como o anseio por novas versões, na prática, isso estabelece a assertiva da escolha.

Sobre a NP, uma das formas mais empregadas pelos utilizadores, as sentenças são agrupadas e organizadas graficamente em virtude da sua frequência. Trata-se de uma observação lexical simples, porém, conforme nosso entendimento, intensamente relevante por possibilitar de maneira ágil e, claro, estética, a identificação das palavras-chave de um *corpus*. Logo, as expressões foram posicionadas aleatoriamente pelo IRAMUTEQ e as palavras mais destacadas, no momento da execução pelo programa, foram devolvidas para que a pesquisadora-observadora e seu orientador direcionassem, num primeiro olhar, suas percepções com mais eficácia. Além disso, esse recurso possibilitou a definição prévia na janela de configurações da nuvem sobre as dimensões que se pretendia dar aos caminhos de mais destaque nos textos, bem como sobre o formato do arquivo, número máximo de formas que precisavam ser ressaltadas e disponibilizadas na projeção da nuvem, se ativas ou complementares, e, havendo, inclusive, anseio, alterar a cor da fonte e do fundo, mas não o fizemos necessariamente neste momento. O intuito, aqui, corresponde a reunir, em poucas imagens, o que há em comum nos textos também para testar a capacidade do programa em atender a essa demanda, quando desejada pelos observadores, e não influenciar observações de maneira persuadida, por exemplo, como apenas um contador de palavras.

Quanto às AS, a título de exemplificação, as expressões são assemelhadas, por ocasião da observância das relações entre objetos neutros de qualquer forma, viabilizando assim a identificação de ocorrências entre sentenças e resultados. Aqui, as palavras recebem, ainda, espessuras por meio de traços marcantes que as unem por intermédio de significados, além de destacarem-se pelas conexões ocorridas no *corpus* textual. Dessa maneira, preparamos um *score*, a nosso desejo, e, ao ser disponibilizado na biblioteca do programa, viabilizou-se a montagem da matriz de similitude de maneira ampla, a nosso ver.

Cada uma das matrizes indicou, por intermédio de vértices, o traçado das arestas que conectaram as palavras de Guimarães, a partir das nuvens aos textos escolhidos e nos direcionaram para os momentos mais marcantes da história política, social e cultural da época a qual ele se referia em cada texto. Desse modo, a construção do nosso discurso interpretativo teve, de fato, além da compreensão das formas que uniam os temas de relevância escolhidos por Josué Guimarães, a nossa interpretação acerca dos momentos em questão, intimamente ligados com os registros eternizados pela história, pelo português, idioma muito bem aplicado pelo autor, e pela política governamental do momento. Destaca-se, ainda, que, para cada recurso utilizado, rodamos apenas uma vez o programa, a partir das escolhas das configurações desejadas, e, rapidamente, menos de 10 segundos, de cada momento aguardado, as imagens foram visualizadas na tela do computador. Vale lembrar que a formatação da nuvem se relaciona diretamente com o tamanho das palavras exibidas, incluindo a importância e a centralização das mais relevantes.

Inicialmente, nos dois primeiros anos das aulas do Doutorado e início desta pesquisa, dedicamos intensa leitura do material jornalístico e sua digitalização com a intenção de promover sua catalogação, em virtude do processo pelo qual o acervo em questão está submetido. O material referente à pesquisa, na categoria de *itens publicados na imprensa, crônicas jornalísticas*, e de acordo com a catalogação estipulada por Rettenmaier (2008), que está sob o cuidado do ALJOG, perfaz o seguinte montante, de acordo com os anos a seguir: 1944 (um texto); 1945, 1946 e 1947 (nenhum material encontrado); 1948 (13 textos); 1949 (13 textos); 1950 (30 textos); 1951 (1 texto); 1952 (textos sobre notícias diversas); 1953 (3 textos); 1954 (26 textos); 1955 (2 textos); 1957, 1958, 1959 (nenhum texto); 1960 (35 textos); 1961 (nenhum texto); 1962 (32 textos sobre Josué Guimarães); 1963 (1 texto sobre Josué Guimarães); 1964, 1965, 1966, 1967, 1968 (nenhum texto); 1969 (2 textos); 1970 (100 textos); 1971 (216 textos); 1972 (2 textos); 1973 (13 textos); 1974 (8 textos); 1975 (101 textos); 1976 (4 textos); 1977 (103 textos); 1978 (119 textos); 1979 (224 textos); 1980 (129 textos); 1981 (30 textos); 1982 (122 textos); 1983 (74 textos); 1984 (167 textos); 1985 (51 textos); 1986 (19

textos); 1987 (1 texto em homenagem a Josué Guimarães) e dois (2) textos sem datas. Conforme mencionamos algumas vezes em nossa pesquisa, o período escolhido como produto principal desta observação corresponde ao momento em que Josué Guimarães, jornalista e político, escritor consagrado, associa-se ao projeto das *Jornadas Literárias de Passo Fundo*, fator que justifica a permanência de seu acervo na UPF, como infraestrutura do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras. Quanto ao tempo histórico, o período representa o caso da ditadura civil-militar, quando o país lentamente se redemocratizava. Além disso, a determinação por analisar crônicas jornalísticas e não o período de dedicação às obras literárias reflete a ânsia de sentirmos falta do olhar de Josué Guimarães em tempos contemporâneos. Nosso trabalho preocupa-se em resgatar os registros das crônicas, para que se possa compreender melhor e com mais discernimento os abusos que estamos vivenciando, os quais, por vezes, criam a atmosfera de retrocesso no tempo, embora vistos como algo normal ou novidade para os dias atuais.

Quanto aos anos escolhidos, selecionamos a seguinte quantidade de crônicas: 1980, 18 (dezoito) textos; 1981, 9 (nove) textos; 1982, 19 (dezenove) textos; 1983, 10 (dez) textos; 1984, 20 (vinte) textos; 1985, 16 (dezesseis) textos e 1986, 1 (um) texto; totalizando 93 (noventa e três) crônicas jornalísticas. O objetivo maior correspondeu, desde o primeiro contato, em resgatar momentos destacáveis da história política, social e econômica do Brasil que eram desenhados por Josué Guimarães, por vezes direta e claramente, acerca dos envolvidos, ou mesmo quando a subjetividade ironizada pelas palavras era convocada, em sua essência. Nosso intuito principal corresponde a nos ater ao foco *Nação brasileira*, por percebermos que os textos se interligavam a partir de um denominador maior, isto é, o Governo Federal. Desta maneira, optamos por observar sensivelmente a essência da escrita jornalística do período de 1980 a 1986, publicada no *Jornal Correio do Povo*, e percebemos mais de uma vez, durante as leituras para seleção das crônicas, que o jornalista e escritor, em todos os seus textos, tratava, quando cabível, inclusive sobre assuntos locais, regionais ou estaduais, porém, partindo sempre da cadeira governamental maior, o que nos instigou do princípio ao fim. Para isso, ele recorria a figuras de linguagens, ditos populares e exemplos de acontecimentos de outros países, entrelaçando o objetivo de cada texto. Ou seja: iniciava e concluía com a mesma intenção, mas o caminho percorrido era múltiplo no desenvolver do pensamento do escritor, e, de fato, nos faz viajar no tempo.

Optamos, ainda, por manter, além do olhar principal sobre a *Nação*, especificamente aos presidencialistas mencionados pelo autor, assim como expressões relacionadas a tal, a sequência de criação dos textos por datas, meses e anos sem invertê-los. Conforme fazíamos a

leitura, mesmo que pulássemos alguma ordem, víamo-nos obrigados a retornar para os textos iniciais, como se Josué Guimarães elegesse, na primeira crônica do ano, uma direção com intenções maiores e que se ramificavam ao longo das demais criações. Observamos, dessa forma, que o jornalista e escritor preocupava-se em resgatar o passado e alertar para um futuro breve em relação às ações das pessoas públicas, as quais figurassem nos diversos enredos planejados por ele. Tivemos a impressão, em muitos momentos de leitura, que fazíamos parte, como personagens, porém na condição de leitores, de um vasto “romance político”, à medida que líamos, sentíamos, vivenciávamos um capítulo da história já contada, não nas escolas, em tempos de estudantes que desejavam desbravar o universo.

Portanto, depois de muito ler, reler, anotar e escolher dentre diversas crônicas, definimos por selecionar aquelas com maior potencial de discussão e comparações com o período dos acontecimentos referentes à década em questão, sem nos ater a outros elementos. O cerne dessa escolha está *nas ações e nos atores públicos* de um espetáculo com vários atos. Achamos ideal, como adiante será percebido, resgatar parte dos acontecimentos que antecederam a década de 1980, pois temos certeza que muitas das pessoas que lerão nosso estudo serão de gerações posteriores à de Josué Guimarães.

Nossa seleção resultou em 93 (noventa e três) textos que foram revisitados várias vezes. Não foi tarefa fácil chegarmos a esse montante, tendo em vista que Josué Guimarães surpreendia-nos a cada criação com expressões, por vezes, enigmas que demandavam tempo para localizarmos em outras fontes, por exemplo, de quem se tratava ou qual situação era ironizada. Mas, se o gênero da crônica, conforme conhecemos, precisa ser breve, objetivo e ater-se somente ao essencial, por que haver, então, tal impressão? Recaíamos sempre na mesma resposta: a história registrou aquilo e muito mais, além de tantas outras situações que insistem em ser repetidas na atualidade. Mesmo que não quiséssemos, éramos determinados a comparar o pensamento de quase uma década ao período da atualidade brasileira. Para os leitores da época de Josué Guimarães, o texto correspondia exatamente a uma notícia, conforme nossa sensação ao lê-lo, mas também parecia, por alguns momentos, um diário muito pessoal, já que nítida era a intencionalidade de Josué Guimarães em compartilhar com todos o que vivenciava.

Optamos, então, pelo *corpus* com 93 (noventa e três) textos e iniciamos a jornada de preparo de cada crônica jornalística, respeitando a ordem escolhida também para a limpeza. Mesmo que fizéssemos diferentemente, em nada implicaria, pois cada uma delas é organizada em sua individualidade. Estabelecida a quantidade textual legível e adequada à apreciação do IRAMUTEQ, foi preciso, em primeiro plano, limpar os textos com o auxílio de outro programa, o ABBYY FineReader, que detém a aplicação de reconhecimento óptico de caracteres

linguísticos e de dados em formato .pdf. Cada texto, após ter sido peneirado no referido programa, foi salvo individualmente por seu título, opção nossa, em formato .odt, em pasta única. Na sequência, as crônicas foram transcritas para um documento de texto, em formato .txt, no aplicativo *OpenOffice*, sem nenhuma justificativa de páginas, conforme determina o material de instalação e utilização do IRAMUTEQ (Camargo; Justo, 2013), pois, do contrário, geram-se *bugs* com o Unicode UTF-8, utilizado pela ferramenta.

Em seguida, então, criamos listas de comando para cada texto, respeitando: a data e ano de criação, representadas pelo algarismo sequencial 1 e título. A exemplo: **** *Corpus_1_problemas_da_violencia; e assim sucessivamente até finalizar os 93 (noventa e três) textos. Considerou-se, inclusive, o que se recomenda no manual de utilização do programa, detalhes, como, pontuação (sem reticências ou travessões); desconsideração de recursos como negrito, itálico, sublinhado ou outro semelhante; sem entradas de parágrafos; não utilização de parênteses, colchetes, chaves, hifens, aspas, apóstrofes, cifrões, percentagem ou asteriscos (esse último somente nas linhas de comando deverá ocorrer), atenção em relação às siglas e preferencialmente que sejam uniformizadas; alteração de ênclises e mesóclises por próclises; uniformização de numerais (sem pontos e vírgulas), dentre outros detalhes. A partir deste instante, elaboramos um arquivo em pasta originada no *desktop* do computador para posterior encaminhamento ao programa leitor.

Como estatística básica, ressaltamos, portanto, que encaminhamos apenas um *corpus*, constante de 93 (noventa e três) textos – STs (Segmento de textos), sem fracionamentos menores de unidades. Poderíamos ter criado um *corpora*, por termos muitos textos, mas, como intuímos testar a ferramenta na sua essência e total constituição, o desafio foi unir os textos em apenas um lugar para ver *o que* e *como* a ferramenta os analisaria. Também queríamos testá-la para ter certeza se nos daria falsas impressões, ou se aterria claramente ao que estivesse essencialmente disposto no texto, sem nos dar pistas simples ou falsas para interpretações dúbias, por exemplo. A ferramenta não nos decepcionou. Em média, os textos apresentavam mais de 250 (duzentas e cinquenta) palavras, o que nos forneceu um montante considerável de ocorrências (palavras na totalidade), optando, então, por apenas duas *Nuvens de Palavras*.

Desde já, tomamos a liberdade para afirmar que o resultado foi satisfatório, pois não desejávamos testar a ferramenta IRAMUTEQ quantitativamente, apenas qualitativamente. Sempre mantivemos o entendimento de que a ferramenta leitora seria um *meio* acessível para melhor contato com a leitura das crônicas jornalísticas, e não corresponderia, de forma alguma, ao *método* de observância. Além do mais, como poderemos perceber nas imagens que separamos para os próximos momentos da nossa Tese, a ferramenta devolveu-nos poucas aparições, por

exemplo, de artigos, preposições e afins. Isso indica que o programa recebeu de maneira correta e não sentiu saturação de sentenças, o que também poderia ocorrer. Convém destacarmos que ainda não encontramos publicações específicas para esse detalhe de saturações propriamente confirmadas. Portanto, o *software* deveria apresentar sentenças destacáveis nos textos, as quais se entrecruzassem em vários momentos, o que nos foi fornecido, de fato, melhorando a possibilidade de (re)interpretação dos textos lidos, a fim de resgatar a história (ou parte dela) vivenciada naquela época.

Nas Ilustrações, tanto das *Nuvens de Palavras* como das *Análises de Similitude*, que chamaremos em breve de “árvores”, a lematização foi vivenciada de forma livre, como já mencionamos, com todas as palavras do *corpus*, servindo para um reconhecimento das principais expressões que apareceram, por exemplo, 10, 20 ou 30 vezes nos textos das muitas imagens que ele nos devolveu. Assim, de fato, tínhamos a impressão da *ênfase* dada por Josué Guimarães nos principais termos considerados por ele ao criar seus textos, ou, ainda, para que o leitor fizesse *recortes* das intenções das crônicas em momentos diferentes dos acontecimentos.

Quanto ao montante das imagens preparadas pelo *software* e separadas por nós no total de 5, julgamos suficientes, uma vez que o que está em voga não se trata da apresentação do programa leitor como um somador de quantias, mas como um viabilizador confiável de seleção e apontamento das sentenças mais relevantes e que se conectam num mesmo *corpus*. E, mais uma vez, nosso encontro com a plataforma de leitura IRAMUTEQ não deixou a desejar, pois ela nos apresentou expressões importantes que se interligavam automaticamente com nossas reflexões.

O *corpus* encaminhado ao IRAMUTEQ, foi assim disposto:

```
**** *Corpus_1_problemas_da_violencia
**** *Corpus_2_os_indesejaveis
**** *Corpus_3_deixemos_o_povo_de_fora
**** *Corpus_4_invencao_da_imprensa
**** *Corpus_5_o_tunel_do_tempo
**** *Corpus_6_o_jogo_dos_numeros
**** *Corpus_7_o_medico_e_o_monstro
**** *Corpus_8_os_homens_ao_mudam
**** *Corpus_9_politicos_ocupados
**** *Corpus_10_a_melhor_sigla
**** *Corpus_11_um_programa_avançado
```

**** *Corpus_12_cristaos_novos
**** *Corpus_13_arraes_e_a_realidade
**** *Corpus_14_sera_capitalismo
**** *Corpus_15_eleicoes_nas_eleicoes_primeira_parte
**** *Corpus_16_eleicoes_nas_eleicoes
**** *Corpus_17_a_inflacao_vai_bem
**** *Corpus_18_o_jogo_das_palavras
**** *Corpus_19_se_houver_eleicoes
**** *Corpus_20_para_acertar_na_mosca
**** *Corpus_21_uma_pedra_no_caminho
**** *Corpus_22_o_lago_tranquilo
**** *Corpus_23_ceder_ou_resistir
**** *Corpus_24_morrer_na_praia
**** *Corpus_25_natal_mais_justo
**** *Corpus_26_dicotomia
**** *Corpus_27_algo_vem_a_caminho
**** *Corpus_28_tudo_recomeça_hoje
**** *Corpus_29_um_mar_de_rosas
**** *Corpus_30_urnas_perigosas
**** *Corpus_31_brios_feridos
**** *Corpus_32_solidariedade
**** *Corpus_33_casar_ou_se_juntar
**** *Corpus_34_a_parabola_dos_cegos
**** *Corpus_35_os_milagres_da_santa
**** *Corpus_36_e_bom_calar
**** *Corpus_37_democracia_total
**** *Corpus_38_presente_grego
**** *Corpus_39_as_poçoes_magicas
**** *Corpus_40_campanha_eleitoral
**** *Corpus_41_as_negras_nuvens
**** *Corpus_42_a_pasmaceira
**** *Corpus_43_o_grande_circo
**** *Corpus_44_o_fio_da Navalha
**** *Corpus_45_cartas_marcadas

**** *Corpus_46_com_a_faca_e_o_queijo
**** *Corpus_47_objeto_misterioso
**** *Corpus_48_ainda_a_violencia
**** *Corpus_49_reeleicoes_e_diretas
**** *Corpus_50_colcha_de_retalhos
**** *Corpus_51_quem_viver_vera
**** *Corpus_52_o_novo_cavalo_de_troia
**** *Corpus_53_vozes_da_africa
**** *Corpus_54_empurrar_com_a_barriga
**** *Corpus_55_quase_irreversivel
**** *Corpus_56_aplausos_ao_general
**** *Corpus_57_presidenciaveis_cuidado
**** *Corpus_58_Pedro_Nava_disse
**** *Corpus_59_vamos_ser_honestos
**** *Corpus_60_os_amorfos
**** *Corpus_61_a_democracia_sonhada
**** *Corpus_62_jaboti_de_casca_dura
**** *Corpus_63_atencao_para_Sao_Carlos
**** *Corpus_64_estao_arrombando_portas
**** *Corpus_65_ninguem_sabe_nada
**** *Corpus_66_Francelino_onde_estas
**** *Corpus_67_afinal_o_que_vem_por_ai
**** *Corpus_68_carne_debaixo_do_angu
**** *Corpus_69_tirar_de_couro
**** *Corpus_70_economia_de_ovos
**** *Corpus_71_leilao_no_pmdb
**** *Corpus_72_convite_ao_pdt
**** *Corpus_73_pdt_coerente
**** *Corpus_74_a_visao_da_derrota
**** *Corpus_75_o_plebiscito
**** *Corpus_76_revanchismo
**** *Corpus_77_uma_vitoria_historica
**** *Corpus_78_o_presidente_eleito
**** *Corpus_79_vale_a_pena_lutar_pelo_pds

**** *Corpus_80_me_esqueçam
**** *Corpus_81_o_logico_e_engolir
**** *Corpus_82_de_maos_atadas
**** *Corpus_83_afinal_e_o_povo
**** *Corpus_84_a_reforma_e_boa
**** *Corpus_85_dias_melhores
**** *Corpus_86_a_fraude_como_sistema
**** *Corpus_87_cacareco_de_novo
**** *Corpus_88_oportunismo
**** *Corpus_89_a_toque_de_caixa
**** *Corpus_90_reforma_para_ingles_ver
**** *Corpus_91_governo_diferente
**** *Corpus_92_austeridade
**** *Corpus_93_adianta_mudar

Convém destacarmos ainda que temos conhecimento que título não corresponde necessariamente a nome, mas, quando se fala da escrita jornalística de Josué Guimarães, é peça fundamental para a crônica e adquire a função de um *nome de Batismo* que a identifica para sempre. Seguimos, desta forma, o intuito também de manter dia, mês e ano de criação das crônicas na ordem de sua existência, levando em consideração o teor crítico daquelas que mais chamaram nossa atenção pelo conteúdo como um todo.

Assim, de fato, as análises permitiram compreender muito a estrutura de construção dos textos de Josué Guimarães, bem como os temas em sua importância, além de mostrar as palavras mais próximas ou distantes entre as crônicas, por meio das imagens recebidas do *software*. As *árvores* formadas pelo programa, resultantes de consultas diretas ao *corpus*, bem como suas *ramificações* no modo estático máximo, a partir das relações salvaguardadas nos textos do autor, completaram nossas percepções. Sobressaimos, aqui, que não optamos por escolher configurações específicas para essa ação também, uma vez que queremos testar a ferramenta em sua essência de origem de criação na sua inteireza. O programa cumpriu, portanto, de maneira versátil, sua incumbência de apontar expressões qualificativas para nossas observações e posterior escrita, dando-nos a certeza de que a ferramenta não substituiu o olhar atento dos pesquisadores, independentemente de estarem ou não destacadas com maior ou menor tamanho, posicionamento ao centro ou longe dele, ou ainda nas bordas finais das

imagens geradas pelos recursos, somente mapeou nossas discussões no tempo e no cenário da escrita jornalística de Josué Guimarães.

Após duas rodagens do programa, uma para o recurso *Nuvem de Palavras* e outra para o de *Análises de Similitude*, a ferramenta concluiu sua tarefa adequadamente, dando-nos respaldo para discutirmos o que queríamos, a saber, reconstruir partes importantes da história política, social e econômica daquela década, a contar das intenções de Josué Guimarães. Logo, o propósito de analisarmos profunda e sensivelmente o conteúdo das crônicas, relacionando-o à história, inclusive sobre um tempo primário à década de 1980, viabilizou que a palavra, em seu mais íntimo aspecto individual do ato de comunicação, fosse trabalhada, em sua essencialidade, com certeza, a partir do emissor principal, o autor Josué Guimarães. Esses registros seguiram-se de associações com os demais personagens que figuraram o cenário, ações e consequências de atos acertados e errados num dado momento mencionados pelo autor do texto, levando em consideração, sem nenhuma dúvida, o significado real de cada uma delas e o contexto onde se inseriam.

Analisando dessa forma as sentenças destacadas e conectadas a outras pelo programa, conseguimos, por exemplo, aplicar o conteúdo lido, após uma leitura, a determinadas situações da história exatamente como o autor almejava em seus textos, recontando e lembrando aos leitores sobre o que já havia acontecido. Todavia, a cada nova criação, é notável a exigência de entrega do potencial máximo do leitor para o entendimento sobre uma situação específica vivida, ou que estivesse por acontecer, o que Josué Guimarães contribuía para que ocorresse, haja vista cada texto ou trajeto dele; tem-se, assim, aula intensa de História e Ciência Política e Econômica. Josué Guimarães não se preocupava em apontar os problemas e especificamente seus causadores, ele convocava o leitor a tirar suas conclusões. Chamava-o para o entendimento da situação em questão e justificava os motivos escolhidos por ele. Desta maneira, as imagens ofereceram-nos a viabilidade de desvendar a relação de cada uma – palavra e crônica – em sua individualidade e também no coletivo do texto, de acordo com o conteúdo e discurso do autor, seguindo, ainda, pelos caminhos dos aspectos exteriores ao texto original para compreendermos com mais afinco o que a crônica preservava em seu interior.

Qualitativamente, nossa mais considerável intenção era, desde o princípio, que o leitor (re)interpretasse a história, a partir do escrito por Josué Guimarães, especialmente nas entrelinhas de seus entendimentos, e o *software* encurtou esse desafio. O que obtivemos, além do esperado, foi um aprofundamento em detalhes instigados pelo criador do texto, assim como pelas sentenças e ligações que as árvores apontaram, uma vez que, nas *Nuvens de Palavras*,

elas aparecem como um todo e, nas *Análises de Similitude* escolhidas, ampliaram o leque do que eram expectativas e realidades.

Na maioria das vezes, sabe-se que o observador apresenta, por natureza, limites para recriar entendimentos, especialmente se os textos forem extensos e densos. A partir de um certo momento, e comprovamos novamente com a utilização do IRAMUTEQ, é imprescindível que se olhe para muitos dados qualitativos quase ao mesmo tempo. A tarefa de analisá-los sensivelmente só ocorrerá se não for feita de maneira solo, mas, sim, com o apoio de um recurso que facilite suas observações. Nesta hora, o apoio de *softwares* especializados, como o IRAMUTEQ, para auxiliarem esses caminhos, consideravelmente minimizam distâncias e tempos históricos, assim como os volumes expressivos de textos tornam-se mais acessíveis e melhoram o entendimento, a clareza, a racionalidade, mas, em especial, as associações entre passado, pretérito e futuro. Afirmamos, desde já, que o IRAMUTEQ não se assemelha a um contador de palavras, mas a um facilitador de compreensão entre elas, a intenção do jornalista e escritor Josué Guimarães, bem como o tempo que ele estava inserido. Tempo, este, de profunda transição democrática, grandes pactos políticos, enfraquecimento militar, além de crises econômicas, balanços e pagamentos unidos à inflação inercial.

Nas *Análises de Similitude*, também pela maneira ramificada como se apresentaram, as expressões oferecidas mostraram-nos o que era esperado, por exemplo, sobre a existência também nas *Nuvens de Palavras*, primeiro recurso explorado, as sentenças que eram tidas como básicas nos textos de Josué Guimarães. O programa foi capaz de não se prender a detalhes que não nos interessavam, mesmo não havendo escolhas específicas extremadas de configuração para refinar as análises. Ao olharmos as palavras em realçamento, confirmávamos que elas estavam presentes nos textos, pois remeteram rapidamente a determinada(s) crônica(s) já lida(s), no primeiro momento de seleção, no formato original de resguardo no acervo. Talvez pareça algo óbvio, mas para os observadores, após uma vasta garimpagem, muito pode ser confundido ou ser colocado em dúvida sobre a real percepção. Pelo contrário, em nosso caso, cada visualização nos mostrava um texto específico que apresentava aos leitores, a título de clareza, o que significavam, a exemplo, os “pacotes” e os “milagres” da época.

Por mais que alinhavasse várias situações em um único texto, Josué Guimarães não perdia a direção do seu discurso. Se *rasgasse* a palavra, era por ter outro motivo maior para reutilizá-la em outro instante. Nossa análise reverberou a sensação de que se tratava de um quebra-cabeças, porém com pistas objetivas para que qualquer leitor fosse devidamente informado, a convite da ironia das crônicas, acerca do emaranhado de problemas e catástrofes que estavam inseridos. Todavia, com as imposições determinadas a todos naquela década,

posicionamentos claros eram inviáveis e, mais do que tudo, escrever cada texto tornava-se substancialidade para Josué Guimarães. Tanto escritor como leitor precisavam *sobreviver* por meio das palavras e da informação trazida pelos textos. Era um ato de entrega intensa e sincera que Josué Guimarães nutria com sua escrita, pois elevava, consideravelmente, o sentido de cada palavra cuidadosamente espelhada nos textos pensados por ele, uma vez que sua habilidade de expressão, a contar da facilidade de comunicar, diferenciava-o de muitos escritores da época. Ler um dos textos de abril de 1982, a exemplo, faria ainda mais sentido se lido em novembro do mesmo ano, uma vez que o que estava escrito, para Josué Guimarães, existia e seria inatingível. Para o leitor, era uma maneira de compreender sua constante submissão a tantas modificações desumanas.

O próximo passo desta pesquisa, neste momento, consiste em explicar um pouco sobre a relevância e formação de um acervo, especialmente o literário.

2 ESPAÇO DE PESQUISA: ACERVO LITERÁRIO

Há, de fato, a existência da memória também pela representação gráfica, o que só adquire sentido quando percebida e absorvida pelo sujeito, pois somente quando viabilizada ao máximo é que a lembrança se encontra com do tempo e o que ele guarda em si. Neste viés, consoante Rocha (2011), no século XVIII, somente depois de muito tempo de longa destruição gerada por guerras, greves, revoluções, conflitos e desentendimentos, inicialmente na Europa, pensou-se a condição de patrimônio ser necessária para o resgate do passado e a preservação do presente, na tentativa de salvar o pouco que ainda sobrava. A partir de então, o processo de inventariação e estruturação começou, a passos lentos, a ser implantado, por meio de técnicas e doutrinas de cuidado. Neste sentido, objetos eram expostos e armazenados se tivessem valor artístico e histórico, os demais eram, por sua vez, ocultados do público. Seguindo as observações da autora, por volta da década de 1940, esse entendimento tendenciou vagarosamente a vigorar por aqui. De lá para cá, o próprio conceito sobre restauração modificou-se, pois, o que antes era apenas necessário ser restaurado, atualmente, há guarda, preocupa-se, inclusive, com o sentido antecipado de conservação do restauro, o que insere a preservação no processo de conservação.

Ainda, segundo o postulado por Rocha (2011), preservar corresponde, até este momento, a manter a integridade de um determinado documento ou informação de forma máxima. A restauração corresponde, dentre outras possibilidades, a um cuidado que ocorre dentro de acervos e também incide em suportar o conhecimento preservando o meio que ele habita. Ademais, a ação de restaurar prolonga a durabilidade de um registro, ainda mais quando atrelada às facilidades tecnológicas que o mundo contemporâneo disponibiliza. Para a autora, um dos primeiros passos importantes para uma política adequada de preservação em acervos corresponde a elaborar um programa adequado de princípios e normativas que regerão as ações e cuidados a serem dispendidos com os tesouros que um acervo mantém. Todavia, para salvaguardar um patrimônio, é indispensável, em primeiro lugar, que haja seleção criteriosa do material a ser resguardado, bem como processamento técnico a ser utilizado, respeitando as origens dos itens e as categorias que os receberão. Ela destaca ainda, além do processo naturalmente indispensável de verificação e de adequação do patrimônio ao meio que o receberá, a importância de divulgação para além do alcance das próprias dependências físicas da instituição que abrigar determinado patrimônio. Dessa maneira, a instituição assumirá “responsabilidades e prioridades institucionais” (Rocha, 2011, p. 26) acerca de divulgar o que, de fato, protege. Neste viés, o primeiro procedimento a ser tomado em um acervo refere-se às

condições de conservação do documento. Isso pode ser realizado de forma superficial, ou, até mesmo, por meio de um levantamento minucioso com exames técnicos e científicos mais elaborados. Procedimentos como a fotografia, por exemplo, ou de uma imagem, podem revelar aspectos específicos que, em algumas vezes, passam despercebidos se vistos a olho nu. Do mesmo modo, a autora enfatiza que a higienização é outro meio primordial para o ambiente, devendo ser executada com treinamento profissional para evitar acidentes prejudiciais ao bem cultural. Com a higienização, evita-se o acúmulo de poeira sobre o acervo em geral. A climatização é outro elemento indispensável para o bem-estar dos documentos resguardados.

Uma vez considerados os cuidados que um acervo físico demanda, há, atualmente, a possibilidade de atrelá-lo à tecnologia, sobretudo quando comportam volume de informações. Essa possibilidade de expandir a memória salvaguardada em um acervo para os meios digitais não ignora as técnicas tradicionais, as quais deverão ser mantidas, uma vez que os manuscritos originais permanecerão no ambiente físico. O meio digital facilita o acesso, pois alcança muitos olhos ao mesmo momento, por intermédio de alguns cliques ou toques de telas. Embora o território digital amplie a possibilidade de leitura sobre determinada obra e autor, viabilizando tempo e promovendo-os de um jeito dinâmico e variado, não se deve desconsiderar, de forma alguma, o reduto físico dos originais que estarão em outro território e as técnicas de organização e manutenção do patrimônio.

Por meio de *tours* virtuais e *downloads*, que só a tecnologia conseguiu implantar, por exemplo, sobre obras literárias, em especial, as raras, temos potencialmente ampliadas as condições de acesso, além dos benefícios proporcionados especialmente à leitura da literatura. Em ambientes dessa natureza, o conhecimento sobre literatura, a título de exemplo, que já era figura de destaque nos meios físicos, torna-se multidisciplinar e amplia as possibilidades de investigação por parte dos interessados nos mais diferentes dispositivos que abrigam a Internet. Portanto, quando a leitura física ou digital é vivenciada em acervos, carrega consigo o intuito de compor articulações importantes para a disseminação do saber com mais autonomia por parte do leitor, uma vez que “entre a obra literária e seus elementos internos com o sistema literário e sócio-histórico-cultural a que pertence” (Bordini, 2009, p. 37) ignoram-se barreiras e oportunizam-se inter-relações entre textos e extratextos. O universo de pesquisa nos estudos literários, embora muito relacionado ao contato do leitor com o texto, com o documento físico, com o impresso, amplia-se sob os novos procedimentos permitidos pelas inovações técnicas.

O novo cenário, contudo, para Bordini (2009, p. 35), não apresenta um quadro de acesso a obras e textos sem dificuldades, livre de alguns problemas crônicos de nossa realidade cultural:

Com a honrosa exceção dos centros de documentação, em geral situados nas universidades e em algumas fundações, a memória da literatura brasileira depende de edições das obras dos autores em circulação no mercado de livros – e da existência de leitores que as adquiram, leiam e conservem. Há bibliotecas digitais, mantidas por organismos oficiais, universitários ou não, de acesso mais ou menos livre a usuários plugados. Todavia, a taxa de leitura de livros ou de download de arquivos digitais não é expressiva, se considerada a população letrada do País. (BORDINI, 2009, p. 35).

A título de reconhecimento, quando falamos em acervos, é preciso lembrarmos especialmente de um, visto que inspirou a implementação de muitos outros: o acervo literário do escritor Erico Verissimo, referência em catalogação e arquivamento da rotina de trabalho de um local que se propõe a preservar acontecimentos. O ambiente recebe destaques desde sua implantação e é palco para diversas pesquisas inovadoras. Com base nesse exemplo de acervo, o ambiente planejado para abrigar a fortuna de Josué Guimarães, em 1996, contou com a coordenação da Profa. Dra. Maria Luiza Remédios, integrante da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, cujo objetivo era estruturar o espaço de pesquisas com outro respeitado escritor gaúcho.

Naquele período, os procedimentos registrados no *Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Verissimo* visavam à uniformização e à standardização digital de textos publicados nos *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, os quais serviram de orientação e base para a correta efetivação do ambiente que ora surgia e se incumbia de divulgar Josué Guimarães (RETTENMAIER, 2008, grifo nosso). Justamente na PUCRS, o ALJOG foi constituído, na primeira metade dos anos 90, sob a coordenação de Maria Luiza Remédios, encarregada de organizar o acervo de Josué Guimarães, que, com os pecúlios de outros nomes da literatura sul-rio-grandense, como o referido Erico Verissimo, Reinaldo Moura e Mario Quintana, entre outros, formava o Centro de Memória Literária, coordenado por Maria da Glória Bordini, extinto, mas base do que, futuramente, seria denominado de Delfos.

Em 2007, o acervo do escritor e jornalista Josué Guimarães migrou, por desejo dos herdeiros, à Universidade de Passo Fundo – UPF, sob a sigla ALJOG/UPF– *Acervo Literário Josué Guimarães* – e coordenação do Prof. Dr. Miguel Rettenmaier. Universidade e pesquisador-coordenador comprometeram-se em oportunizar espaço para pesquisadores e investigadores acadêmicos, assim como a demais interessados em realizar observâncias inovadoras, a partir do contato com documentos e diversos itens pertencentes a Josué Guimarães. Destacamos que esse acervo se encontra preservado, catalogado e ainda sendo preparado para sua expansão no universo virtual e fará jus aos muitos benefícios que, por

exemplo, os *softwares* viabilizam desde a catalogação, digitalização, disponibilidade de acesso ao público, a partir de ambientes criados pela Internet, em especial, no próprio acervo (ALJOG/UPF).

Sob essa ótica, por intermédio dos recursos que dispõe, a informática possibilita resultados de pesquisas concretos e acurados. Assim, pesquisadores e demais interessados em explorar de diversas formas textos e criações de autores, especialmente os literários que estejam sob zelo dos acervos, tal como o espaço do ALJOG/UPF, assumem a responsabilidade de não medir esforços para articular com discernimento os materiais estudados constantes naquele ambiente cultural. Outro ensejo do referido acervo corresponde a levar a herança do jornalista e escritor gaúcho para as telas digitais e, com isso, reafirmar que memória não é somente uma base, pois implica ação, construção e reconstrução, oportunizando, até mesmo, aflorar o passado e conectá-lo a dados imediatos que correspondem a lembranças. Ou seja, rememorações que, na maioria das vezes, em suas exposições, ressignificam parte importante de acontecimentos, bem como costumes de um povo ou de uma *Nação*, também integram os convites realizados por Josué Guimarães em cada uma das propostas de seus textos. Por isso, manter contato com documentos que conferem o entendimento histórico em acervos é, de fato, indispensável para o crescimento humano, haja vista que promovem conquistas individuais e coletivas, bem como renovam estratégias para chegarmos até eles. Nesse ângulo, podemos afirmar que a era da informação, ao fazer-se presente em acervos, promoverá certamente encontros inusitados, que marcarão quem deles participar.

Para Rettenmaier (2008, p. 117), “em termos de trabalho em acervo literário, a potencialidade relacional está diretamente vinculada à diversidade de itens, ao grande número de elementos que compõem a memória de um autor”. Tendo em vista que o universo digital é propício à diversidade de recursos de armazenamento de dados, à digitalização e à catalogação eletrônica, a partir da execução, por exemplo, de *softwares* específicos, o espaço digital configura-se como um grande “atrativo ao movimento à reorganização e até à desorganização, é o constante reagenciamento em rede que dá sentido a cada item” (RETTENMAIER, 2008, p. 119). Neste enquadre, o ALJOG/UPF prepara-se para promover momentos diferenciados com os leitores de Josué Guimarães, agora também no território digital, sem se esquecer, obviamente, daquilo que os uniu e os perpetua: o impresso devidamente salvaguardado.

Peças ou documentos alocados em um acervo, seja físico, seja virtual, são comumente precívalis, unos, insubstituíveis, conforme salienta Rettenmaier (2008, p. 120), “por serem únicos, são tamanhamente resguardados”. O zelo, por parte dos seus cuidadores, por vezes, pode ser limitado; se assim for, o meio digital é a possibilidade adequada para que outros olhares

tenham acesso às relíquias. O que antes dependia de uma viagem, às vezes longa e exaustiva, hoje, depende apenas de um acesso ao computador e alguns cliques, ou tocar dedos nas telas para chegarmos ao destino desejado. Desse modo, as plataformas digitais encurtaram distâncias, economizaram tempo e, em poucas palavras, permitiram acesso ilimitado ao conhecimento, bem como ao compartilhamento aberto da informação, especialmente no que tange à digitalização ou visitas virtuais aos espaços acervísticos (RETTENMAIER, 2008).

Ao abordar a importância das viabilidades tecnológicas, convém que se saliente que a tecnologia está acompanhada de diversos *softwares* para as mais variadas situações, os quais, desde que surgiram, proporcionaram às pessoas se acostumarem a conviver com modificações provocadas cotidianamente por eles. Além disso, recursos como os *softwares* já eram considerados colaboradores diferenciados para a difusão de sentidos e significados das sentenças, pois facultaram, desde o início, de acordo com o ritmo individual de leitura, compreensão e interpretação, diferentemente do já experimentado. Ao se observar a história, percebemos que, no Brasil, a urgência em direcionalidade para estudos que fossem além das análises previsíveis dos resultados aumentou consideravelmente ao longo dos anos 1990, período de renovações e avanços satisfatórios em diversos segmentos (KLEIN, 2006).

Sobretudo, neste viés, Klein (2006) observa que tem se tornado comum o uso de recursos para cumprir os objetivos, em especial, das pesquisas acadêmicas, as quais, ao longo do tempo, também exigiram *softwares* compatíveis e suportáveis para suprir as demandas. *Softwares* especializados têm sido evidenciados nas análises de dados em pesquisas qualitativas e, convém, portanto, ressaltarmos que, na atualidade, são relevantes para muitos segmentos de estudo, uma vez que estão preparados para organizar e disponibilizar análises de estudos acerca de diferentes conteúdos independentemente da finalidade prevista.

Portanto, muitos foram e ainda são os instrumentos e recursos tecnológicos que surgiram ao longo da chegada do digital. Por que, então, não fazer uso dos que mais facilitam o contato com a pesquisa e assim, por exemplo, viabilizar análises diferenciadas sobre as palavras do texto, também em acervos, em especial os literários? É possível, ao se manter o contato com a leitura em telas digitais proporcionada pelo auxílio de *softwares* leitores, tornar o processo de compreensão e (re)interpretação de um texto, em especial o literário, ainda mais instigante sem prejudicar a essência da obra pensada pelo autor? Ou ainda, o que um *software* leitor tem a nos apontar a respeito da vida e da obra de um autor que sempre se preocupou em formar leitores críticos e, assim, autênticos cidadãos brasileiros?

Uma sociedade que possui patrimônio histórico tem nele a capacidade de conscientização do seu povo sobre sua identidade. A memória, resguardada em ambientes, os

quais foram determinados para preservar a história nos seus principais acontecimentos, representa, ainda, a intenção de resgatar quem e o que a antecedeu. A proteção de manuscritos, pertences e registros em geral, quando acondicionados em locais específicos, promovem adequadamente a investigação histórica sobre identidades individuais ou coletivas.

Na década de 1970, o Brasil percebeu seus primeiros centros arquivológicos serem instaurados, contudo as implantações não foram percebidas e aceitas rapidamente. A consciência nacional, de certa maneira, caminhou a passos lentos para o que, mais tarde, se conheceria como indispensabilidade do proteger consciente de documentos públicos e privados na condição de patrimônio (MOREIRA, 1990). Durante muito tempo, a memória nacional foi compreendida (e tida) e restrita a documentos nacionais, o que não permitia que outro material pudesse registrar, de fato, parte da continuidade da vida da sociedade ou de uma figura que tivesse contribuído para o crescimento dela. A guarda de elementos da história cabia somente ao Arquivo Nacional, com recursos financeiros e técnicos providos pelos governos sob sua regência total. Desta maneira, recaia a eles a incumbência do “recolhimento aos seus depósitos da documentação produzida pela administração pública federal” (MOREIRA, 1990, p. 68).

Ainda, conforme Moreira (1990, p. 69):

O fato é que, seja pela característica específica dos acervos, seja pelas dificuldades vivenciadas pelas instituições arquivísticas, as novas tendências da pesquisa histórica brasileira ressentiam-se da inexistência de uma política efetiva de proteção ao patrimônio documental da nação, incluindo-se a preservação dos arquivos privados. Neste sentido, os centros de documentação que surgem ao longo dos anos 70 têm por objetivo principal a preservação dos documentos contemporâneos, especialmente os privados.

Em relação à forma de compreensão sobre a expressão “guardar”, a qual perdurou por muito tempo, não há como negar que os trabalhos e pesquisas desenvolvidos em acervos, bem como suas posteriores divulgações, contribuíram sumariamente para a disseminação do conhecimento e o real entendimento da função dos acervos. A sociedade, como um todo, tem presenciado incontáveis modificações em todos os segmentos que se remodelam cotidianamente. Ela também percebeu que o discernimento é transmitido de diferentes e peculiares formas. De maneira qualitativa, as pesquisas, elementos que carecem saberes inéditos, sempre trouxeram consigo muitas indagações. Atualmente, o cenário que as comporta está cada vez mais exigente, com destaque por juntar o antigo ao renovador, responsabilizando-se, até, em ampliar discussões principalmente nos campos da história política, social e econômica.

No Brasil, os acervos literários, por sua vez, originaram-se no início dos anos 80, de maneira lenta e gradual, uma vez que somente os espaços convencionais tradicionais mantinham sob sua guarda coleções e documentos dos escritores. Nesta época, universidades e instituições de registros históricos abrigavam vastamente material considerável e volumoso sobre memória, a partir de modelos biblioteconômicos. Neles, enquadravam-se manuscritos de obras, bibliotecas particulares de escritores, objetos pessoais, que se seguiam desde cartas até fotografias. Juntavam-se a esses espaços, ainda, as bibliotecas e arquivos públicos, os quais, na maioria das vezes, não se somavam a nenhum projeto especificamente, pois apenas resguardavam materiais de forma sistematizada e uniforme. De lá para cá, muitas transformações ocorreram, em especial, com a instauração da Internet, a qual, certamente, ainda promoverá muitas modificações.

Segundo Bordini (1994, p. 5):

Trabalhar com acervo literários implica um enfoque multidisciplinar. Os manuscritos de um autor e os documentos que dão testemunho da gênese de sua obra e dos episódios de sua vida requerem um tratamento que foge à simples arquivologia. Mobiliza-se conhecimentos da área de Letras, como os provenientes da teoria, da história e da crítica literária, da edótica e da crítica genética, interrelacionados com o de outros domínios do saber, como os das ciências da História, das Artes Visuais, da Sociologia e da Editoração e da Comunicação Social.

Neste viés, a área de Letras, principalmente, tem como intuito, quando se permite ser vivenciada em acervos, compor articulações importantes “entre a obra literária e seus elementos internos com o sistema literário e sócio-histórico-cultural a que pertence” (BORDINI, 2009, p. 37). Desafios assim oportunizam interrelações, a título de exemplo, entre textos e extratextos. Atualmente, podemos pensar que salvaguardar a vida e as obras de um escritor, no Brasil, quando mantidas por uma universidade, corresponde a um assinar de acordo entre familiares ou herdeiros legais do legado deixado por ele.

Nesse enquadre, reiteramos que a Universidade de Passo Fundo – UPF tem auxiliado para a preservação da memória de uma das principais personalidades jornalísticas e literárias do Brasil. No ano de 2007, o acervo do escritor e jornalista Josué Guimarães passou a ser responsabilidade da Universidade de Passo Fundo – UPF, sob a sigla ALJOG – Acervo Literário Josué Guimarães –, e coordenação do Professor Dr. Miguel Rettenmaier. Ambos, universidade e pesquisador, comprometeram-se em oportunizar espaço para pesquisadores e investigadores acadêmicos, assim como a demais interessados em realizar estudos diferenciados e inovadores a partir do contato com documentos e diversos itens pertencentes a

Josué Guimarães, os quais se encontram preservados, catalogados e, ainda, sendo preparados para sua expansão também no universo virtual.

Convém sobressair que o ALJOG/UPF, local de pesquisa desta Tese de Doutorado em Letras, que ora se desenvolve, está vivenciando a reorganização dos dados em plataforma específica e acessível no meio digital em uma rotina de elaboração diária, como, a título de exemplo, a digitalização dos itens, de acordo com a modelagem sistemática associada à integração dos acervos literários, a partir das tecnologias digitais. Neste viés, ampliar estudos e pesquisas, a partir dos recursos tecnológicos, também implica (re)construir possibilidades que promovam reflexões e entendimentos renovadores sobre variados assuntos e categorias de investigação principalmente em ambientes como os acervos. Pensar a indispensabilidade do olhar observador do pesquisador, particularmente neste momento, é outra intenção do ALJOG/UPF, pois estabelece, dentre outras viabilidades, vínculos com os escritos do jornalista e escritor Josué Guimarães, os quais ampliam a determinação de uma pesquisa. Para tanto, é preciso conhecer um pouco mais do espaço que abrigou esse anseio acadêmico e acolherá, certamente, tantos outros mais.

O ALJOG ocupa atualmente uma área de 42 m², dividida em duas ambiências. A primeira serve de espaço para chega à sala dos arquivos e estudos e, no primeiro momento, quem a visitar já terá acesso a um pouco da atmosfera dos pertences pessoais de Josué Guimarães, como máquina de escrever, documentação de viagem, alguns livros, manuscritos, cartas, fotografias e demais objetos de uso pessoal. Logo após, chega-se à sala principal onde estão guardadas suas obras, produções jornalísticas, recortes de revistas e periódicos, exemplares da biblioteca pessoal do autor, totalizando aproximadamente 400 unidades, bem como postais, cartões de momentos comemorativos, além de cartas trocadas entre Josué Guimarães e amigos, a exemplo, Erico Verissimo¹. Constatamos haver diversidade de interesses do autor que percorrem diversas áreas do conhecimento, mas o que prevalece, de fato, são obras literárias e historiográficas. No mesmo local, há preservado, em armários, mais de 8 mil unidades de material para estudo e conhecimento do legado de Josué Guimarães. Ali ainda estão dispostos desumidificador, máquina de higienização de obras, fotocopadora, três computadores, quatro *scanners* de última geração e compatíveis com o trabalho e a especificidade do acervo, além de uma mesa central que serve para reuniões, momentos de pesquisas, aulas ministradas na disciplina Leitura e acervo literário, do PPGL/UPF.

¹ cf. ALJOG/UPF (Arquivo Histórico, 2011, p. 1).

Quanto à organização e à classificação dos documentos no ALJOG, parte-se do o sistema elaborado pelos responsáveis do Grupo de Pesquisa do Acervo de Escritores Sulinos, segundo a concepção de Bordini (2003). Reportamo-nos à pesquisadora e à sua afirmação de que há a indispensabilidade em promover o trabalho nesses locais não somente para conservar a ordem, mas, inclusive, organizar a catalogação dos documentos, em especial os literários, como promoção da imagem e das obras dos autores de maneira viável para investigação. Situações que valorizam, por sua vez, a teoria, a crítica e a história, e acolhem, portanto, mais do que arquivos resguardados.

O Acervo de Escritores Sulinos, estado que vincula a vida e a obra de Josué Guimarães, criado inicialmente na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, perdurou por mais de 20 anos e reuniu diversos acervos de escritores em uma mesma instituição, contribuindo significativamente para a promoção de estudos em diferentes áreas. Seu intuito principal era preservar a documentação existente das obras pensadas pelos escritores sul-rio-grandenses. Desta maneira, cada acervo contava com um coordenador especializado nas obras do respectivo autor a ser divulgado. Assim, o ambiente atuava por intermédio de pesquisas multidisciplinares em áreas como a arquivologia, informática, crítica, história, teoria literária.

Além disso, oportunizou-se, a contar de articulações entre literatura e elementos internos, momentos de privilégio para pesquisadores interessados em preservar a memória dos autores. Durante sua existência, o local viabilizou produções nas diversas áreas do saber, em especial a literária, as quais ainda serviram para a televisão como ocorreu com a obra de Josué Guimarães *A ferro e fogo: tempo de solidão*, migrada para minissérie do mesmo nome (BORDINI, 2009). Destaca-se, aqui, que o Acervo de Escritores Sulinos tinha, dentre outras intenções, preservar a documentação do legado produzido por nomes importantes como Dyonélio Machado, Erico Verissimo, Pedro Geraldo Escosteguy e Reynaldo Moura. Ao longo dos tempos, o acervo expandiu suas necessidades e viabilidades e recebeu diversos materiais, e, em 1985, recebeu espólio dos renomes Mario Quintana e Zeferino Brasil. Na sequência, em 1996, Josué Guimarães e, em 1998, agregaram-se a eles os romancistas Manoelito de Ornellas e o da poetisa Lila Ripoll e, em 2000, do poeta Oscar Bertholdo.

Fundado em 1996, graças à doação de Nydia Guimarães, viúva do jornalista e escritor Josué Guimarães, o Acervo Literário de Josué Guimarães, localizado na PUCRS, sob coordenação de Maria Luiza Ritzel Remédios, posteriormente sob a coordenação de Miguel Rettenmaier, na época doutorando na instituição, viabilizou consideráveis estudos sobre o legado produzido pelo jornalista e escritor. Todavia, em 2007, o patrimônio de Josué Guimarães

retornou para a família, por ocasião do encerramento das atividades do Grupo de Pesquisa do Acervo de Escritores Sulinos, assim como Mario Quintana e Erico Verissimo. Os demais acervos, por sua vez, foram encaminhados para o projeto recente Delfos também por motivo de desligamento das pesquisadoras Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman (BORDINI, 2009). Destacamos que durante o período de atuação do Acervo de Escritores Sulinos houve significativa produção de estudos em diferentes categorias, em especial, a área de concentração de mestrado e doutorado da instituição que o abrigou, a teoria literária.

Na época, para funcionamento do Acervo de Escritores Sulinos, Maria da Glória Bordini, a fim de colocar em prática suas intenções, baseou-se no modelo de organização aplicado no Acervo Literário de Erico Verissimo. A autora elaborou um sistema de categorização que contempla classes específicas de organização divididas no montante de quinze, a saber: **primeira** – *originais*, a qual abriga as obras de cada autor (completas, inéditas, abandonadas); **segunda** – *correspondências do escritor*; **terceira** – *publicações na imprensa* (recortes e exemplares inteiros de revistas e jornais encontrados juntos aos espólios); **quarta** – *esboços e notas* (inclui todo tipo de prototextos anteriores versados ao término de uma obra, tais como diagramas, mapas, sumários e roteiros); **quinta** – *ilustrações* (material diagramático associado às artes plásticas e gráficas); **sexta** – *documentos audiovisuais*, como registros fotográficos, de áudio e de vídeo, os quais pertençam à vida e à obra do autor; **sétima** – *memorabilia* (todo e qualquer elemento que lembre o autor, mesmo não tendo sido criado por ele); **oitava** – *comprovantes de edição*, desde os volumes de cada edição produzida pelo escritor, juntando-se aqui tanto os em língua original como os traduzidos para outros idiomas; **nona** – *comprovantes de crítica*, os quais abranjam a documentação de originais ou fotocopiados de registros teóricos ou jornalísticos, quando sobressaírem acerca do autor; **décima** – *comprovantes de adaptação* (documentos comprobatórios da existência de alguma forma de adaptação sobre uma obra para outro idioma); **décima primeira** – *objetos de arte* (obras artísticas ligadas ao autor adquiridas ou a ele presenteadas); **décima segunda** – *história editorial* (comprovação sobre estágios previstos ao processo inicial de editoração que, por sua vez, anteceda publicação de livro, incluindo estratégias para a divulgação do material); **décima terceira** – *biblioteca* (livros que pertenceram ao escritor); **décima quarta** – *vida do autor* (resguarda os documentos e objetos pessoais do escritor); e **décima quinta** – *obra* (totalidade de produções verbais que dependam de manuscrito ou livro para sua efetivação física) (BORDINI, 1995).

A organização disposta neste manual, posteriormente, serviu de apoio para os demais acervos cedidos ao Acervo de Escritores Sulinos, inclusive para o Acervo Josué Guimarães, e

facilitou a catalogação teorizada que favorecia a produção científica, viabilizando o compartilhamento das informações, bem como os dados referentes ao espólio de maneira socializada. Assim, tendo como base o sistema elaborado por Bordini (1995) e considerando a modernização, bem como a propagação de diferentes meios de estudos, até a atualidade, Rettenmaier (2018) acompanhou as mudanças significativas nos meios sociais e tecnológicas e reorganizou o espólio pertencente ao Acervo Literário Josué Guimarães², facilitando as pesquisas dos documentos constantes no local. A proposição de Rettenmaier (2018) compreende, portanto, da reestrutura das 15 classes de Bordini (1995), quatro principais linhas técnicas, a saber: a primeira, trata-se da *qualitativa*, a qual viabiliza o levantamento de informações possíveis de vinculação; a segunda linha, a *quantitativa*, viabiliza converter análises em dados numéricos; a terceira, por sua vez, é a *histórica*, que favorece reconstruir a temporalidade das trajetórias, o que torna a construção cronológica inteligível; e a última, a quarta, corresponde à *textual*, que permite a realização de rastreio de materiais textuais.

Por intermédio dessa estruturação, o pesquisador reorganiza a base de informações, a fim de concentrar o material analisado em uma plataforma específica, acessível, de modo *on-line*, unindo, ainda, o acervo às novas viabilidades surgidas com as tecnologias do meio digital. Rettenmaier (2018, p. 123) explica que:

os itens do ALJOG/UPF são organizados para arquivamento e digitalização em quatro grandes classes, em uma sistemática que combine os anteriores tipos de itens, entrecruzados, como se fosse executada uma espécie de dobradura na linha horizontal das antigas classes [de Bordini, 1995]: Produção Ativa, Produção Passiva, Correspondência e Inventário.

A partir dessa ideia reclassificatória, os itens textuais, conectados às três primeiras classes, são retirados dos não textuais, parte pertencente ao inventário (objetos pessoais). Dos últimos, ocorre uma separação entre ativos e passivos. No primeiro, é permitido perceber categorias classificatórias menores, compreendidas e destacadas, os datiloscritos, os diagramas, os esboços, os manuscritos, as notas e os planos (RETTENMAIER, 2018). Convém sobressair, ainda, que mesmo não havendo até o momento, de forma *on-line*, o acesso público em geral do patrimônio jornalístico e literário de Josué Guimarães, a Universidade de Passo Fundo viabiliza informações em página específica³ correspondente ao trabalho desenvolvido no ALJOG, bem como em *site*⁴ oficial vigente desde 2011. O *site* divide-se em 9 seções: vida, obra, comparsas

² cf. ALJOG/UPF.

³ Disponível em: <https://www.upf.br/IFCH/curso/mestrado-em-letras/laboratorios/aljog>

⁴ Disponível em: <https://www.upf.br/aljog>

e simpatizantes, materiais secretos, confissões, enquetes, fortuna crítica, equipe e *downloads*, além de notícias relacionadas ao autor, eventos e afins.

Novamente, enfatizamos que os estudos em acervos têm a necessidade real de voltarem-se ao passado, na maioria das vezes, para compreender ações no presente e resguardar entendimentos para o futuro. Juntam-se a elas, portanto, os estudos literários, os quais viabilizam novas possibilidades de produção, armazenamento, assim como, unidas às tecnologias, a informação lhes é trazida com maior agilidade por meio do universo digital. Isso se expande se esse mesmo objeto estiver, posteriormente, disponível nas plataformas digitais.

Assim, não somente comparações e análises de fatos antigos ou recentes, realizadas pelos olhos de profissionais, reconhecerão e valorizarão o artefato, como também o tornarão visível e acessível para muitos. A partir disso, tem-se, portanto, uma conjunção coletiva de esforços, bem como uma construção entre texto, autor e leitor, a fim de valorizar a memória cultural literária e histórica de uma sociedade. A isto, Rettenmaier, Samartim e Feijó (2018) destacam que existem potencialidades concretas em estudos realizados em acervos literários, uma vez que estão diretamente vinculadas à diversidade dos itens que neles são projetados. Para esses autores, controle, organização, funcionamento, reprodução e, até mesmo, práticas educativas vivenciadas em acervos tornam-se ações inesgotáveis de informação, cujos auxílios na construção de objetos de pesquisa estão para muito além de uma simples contação de história ou ações e escritos que apresentem seus proprietários. O conforto que o diálogo constante da história propõe em ambientes específicos, os acervos, reforça sumariamente não haver limites para que ela seja explorada intimamente.

Neste viés, Rettenmaier, Samartim e Feijó (2018) ressaltam que, além de únicos, os documentos constantes em acervos são perecíveis e estão, portanto, condicionados à ação do tempo, quase sempre irrevogáveis. A isso, recomendam que ocorra o processo de digitalização e a disponibilização do material em rede (ou em nuvem). Logo, haverá, quando possível, o cuidado em proteger a informação integral de todo o acervo. O recurso da digitalização, atrelado ao material existente no local de resguardo da memória, unida à conversão de todos os dados impressos, desta vez no meio digital, dentre outras viabilidades, readequará significativamente o lugar de prevenção da textualidade do documento, bem como favorecerá um inovador meio de empreendimento da informação. Plataformas que abrigam um sistema original de material, especialmente o literário, preservarão consideravelmente autor e obra. As extensões dos ambientes históricos, especialmente na imagem dos acervos, entregaram-se a outros recursos e aceitaram muito posteriormente as ofertas do meio digital.

Assim sendo, é indispensável proteger a informação, porque o ritmo da globalização e das inovações tecnológicas é acelerado e intensifica o volume de informações, portanto torna-se quase impossível acompanhar tudo o que cerca as pessoas. A tecnologia, então, pode viabilizar maneiras de armazenamento, divulgação e manutenção dos registros dos mais variados tipos e formatos, logo os acervos também podem estar inseridos no meio digital.

Convém sobressairmos novamente a intenção do ALJOG/UPF, quanto à digitalização dos documentos sobre a vida e obra do escritor e jornalista Josué Guimarães, conforme o entendimento de Rettenmaier, Samartim e Feijó (2018). Os autores ressaltam que o objetivo maior da reorganização da base de dados em acervo, quando realizada em plataforma digital, atém-se seguramente a remodelar sistematicamente a informação. O trabalho realizado no ALJOG/UPF, em conjunto com a Universidade de Passo Fundo, a Universidade de Santiago de Compostela e a Universidade da Corunha, preocupa-se, inclusive, em assumir o desafio de reorganizar a catalogação de arquivos literários, observando a maneira recente de reorganização dos itens. O interesse maior nessa ação corresponde a implantar uma metodologia que se sustente na fixação de um campo de dados quantitativos e qualitativos favorável aos procedimentos de arquivamento, além da descrição mais detalhada dos itens e suas relações com elementos textuais, como, por exemplo, reorganizar o *corpus* textual de Josué Guimarães em classes e categorias, por meio de catalogador. Este último, portanto, viabiliza a digitalização de maneira específica acerca do tratamento a ser dado para os materiais, assim como a abordagem clara da documentação no que lhe compete a atributos e campos de dados.

Segundo Rettenmaier (2008), documentos não falam por si, exceto se forem interrogados. Perguntar para o texto o que ele tem a nos informar condiciona, de fato, a importância de uma análise criteriosa sobre as respostas que teremos. Os pesquisadores e historiadores, neste sentido, tornam-se luz para quem anseia descobertas, ainda mais quando munidos de recursos adequados nos devidos lugares. De fato, é a sensação proporcionada pelo ALJOG quando se está nele: a presença *viva* de Josué Guimarães a guiar o conhecimento sobre a história da *Nação brasileira* nos momentos vivenciados por ele.

No próximo instante, abordaremos rapidamente informações específicas referentes a alguns programas, produtos e afins, dentre muitos disponíveis na atualidade, os quais são preparados para o auxílio da observância de textos. A intenção aqui é destacar especificidades e, em alguns casos, parecências que os permitem explorar, tanto a palavra individual como sua junção a outras, conforme o interesse sobre leitura por parte dos exploradores, preservando e até proporcionando mais sentido e significância para elas, a contar da necessidade – e criatividade –, do pesquisador.

3 SOFTWARES LEITORES

Sabemos que a utilização de *softwares* que proporcionam variados contatos com a leitura ainda gera muitas inquietações e, por vezes, não são bem-vistos, inclusive por pesquisadores renomados. Todavia, nosso desejo, aqui, corresponde a somente perceber, (re)interpretar e analisar algumas das muitas colocações pensadas por Josué Guimarães num período atribulado da história brasileira. Importa, assim, compreender melhor (ou de outra forma) seu discurso de cronista, valendo-nos do potencial de uma ferramenta que salienta, dentre as muitas palavras a ela encaminhadas, as expressões que nos fornecem outros caminhos para explorar a escrita do jornalista e escritor em questão. Entendemos, pois, que, certamente, Josué Guimarães sempre tem algo a mais para nos dizer seja qual for o tempo de sua leitura.

Convém, portanto, apresentarmos alguns dos principais atores que, a nosso ver, de uma forma ou de outra, contribuem para a renovação do contato com as sentenças nas telas. Neste primeiro momento, falamos sobre o *Software Ethnograph*⁵, um dos primeiros programas preparados para computador com o objetivo de realizar análise assistida de dados qualitativos. Outro importante exemplo é o *Software Numerical Unstructured Data Indexing Searching and Theorizing* (NUD*IST)⁶, planejado por *Tom Richards* na *La Trobe University*, em *Melbourne*, no ano de 1981. Sua principal função é servir de apoio em investigações sociais, com dados qualitativos não numéricos ou não estruturados.

Outro exemplo interessante corresponde ao proporcionado por *Thomas Muhr*, na *Universidade Técnica de Berlim*, que propôs uma versão mais simples por meio do *Software ATLAS.ti*⁷, comercializado e remodelado pela empresa *Scientific Software Development GmbH* (SSDG). Esse *software* tornou-se versátil e útil à realização de pesquisas dos mais variados formatos de mídia e extensões de arquivo em grande escala.

Por sua vez, o *SoftExpert Analytics*⁸ é um programa que permite conexão facilitada com dados, assim como visualização e criações interativas e compartilháveis. Por meio dele, tornou-se viável identificar tendências e padrões de comportamento de dados em massa até então indecifráveis. Neste mesmo viés, outro relevante instrumento que se preocupa em oportunizar

⁵ ETNOGRAPH. **About us**. Disponível em: <https://software.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁶ NVIVO. **About us**. Disponível em: <http://www.qsrinternational.com/nvivo-product/nvivo11-for-windows>. Acesso em: 6 mar. 2020.

⁷ ATLAS.ti. **Manual de Instalação**. Disponível em: <http://atlasti.com/free-trial-version/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

⁸ EXPERT ANALYTICS. **About us**. Disponível em: <https://www.softexpert.com/pt-br/produto/business-intelligence/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

e renovar experiências é o *Business Intelligence da Coheris Liberty*⁹. Sua função principal, além de construir sua própria análise de experiência, é impulsionar atividades objetivas para armazenamento de materiais volumosos e objetivos de informação, permitindo ao usuário processar, explorar, verificar e recuperar quaisquer elementos.

O *Software MAXQDA*¹⁰, a título de exemplificação, é um programa que avalia sistematicamente dados qualitativos e se destaca por facilitar a interpretação de situações textuais, fazendo uso do método de análise do conteúdo e dos métodos mistos, o que o difere do *TAGXEDO*¹¹, que corresponde a outro modelo, o qual oportuniza o acesso a criações próprias que envolvem palavras em diferentes categorias, tais como: artigos e discursos, notícias, anúncios, *slogans*, temas variados e nuvens de palavras.

De maneira criativa, a ferramenta *WORDLE*¹², ao se preocupar com a criação de *nuvens de palavras*, a partir da designação do texto de preferência do usuário, incita a imaginação de quem a utiliza. As *nuvens*, em tamanhos diferenciados, são dispostas conforme a relevância das palavras no texto. O programa viabiliza ajustes, reposicionamentos e alterações de fonte. Assim como o modelo anterior, o gerador *on-line Tagul*¹³ também proporciona a criação de *nuvens de palavras*, além de possibilitar ao usuário modelar, selecionar e explorar as sentenças do texto de forma proativa, disponibilizando digitalmente o resultado de análises para que sejam facilmente interpretadas.

Ainda neste mesmo cenário, o *site TagCrowd*¹⁴ também tem sua relevância, uma vez que viabiliza ao usuário capturar palavras-chave identificadoras de conteúdo a partir de termos pesquisados especialmente em *homepages* e *blogs*. Por outro lado, o *site Wordclouds.com*¹⁵ permite a criação de *nuvens de palavras* que utilizam diversas formas e imagens que enriquecem a apresentação visual do texto. Enquanto isso, o *Word Cloud Generator*¹⁶ corresponde a um *plugin* para o *Chrome*, que funciona integrado ao *Google Docs*. A partir da extensão instalada, a *Nuvem de Palavras* se forma automaticamente, apenas com um clique do usuário.

⁹ BUSINESS INTELLIGENCE. **About us**. Disponível em: <https://www.coheris.com/en/company/legal-informations/terms-of-use/coheris-analytics-liberty/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

¹⁰ MAXQDA. **Manual de Apresentação**. Disponível em: <http://www.maxqda.com/lang/in-formacao-em-portugues/portuguese>. Acesso em: 20 mar. 2020.

¹¹ TAGGEDO. **About us**. Disponível em: <http://www.tagxedo.com/about.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

¹² WORDLE. **About us**. Disponível em: <http://www.wordle.net>. Acesso em: 19 mar. 2020.

¹³ TAGUL. **About us**. Disponível em: <http://www.tagul.com/about.html>. Acesso em: 18 mar. 2020.

¹⁴ TAGCROWD. **About us**. Disponível em: <https://tagcrowd.com/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

¹⁵ WORDCLOUDS. **About us**. Disponível em: <https://www.wordclouds.com/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

¹⁶ WORD CLOUD GENERATOR. **About us**. Disponível em: <https://word-cloud-generator.softonic.com.br/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

O site *Infogram.com*¹⁷ também concede recursos diversos e um deles é a *Nuvem de Palavras*. A demonstração gratuita é simples e interessante, porém, se o interessado preferir recursos mais interativos, deve adquirir a versão paga por meio do grupo *Prezi*. Além dele, existe a opção criativa do arranjo lógico de *Tag Cloud*¹⁸, a qual propicia observações de conteúdos textuais que descrevem informações básicas, especialmente de *sites*, *blogs* ou outras formas convencionais de conteúdo da Internet.

A ferramenta *Word Sifte*¹⁹, planejada para auxiliar o gerenciamento das demandas de glossário e linguagem acadêmica em materiais textuais, captura e exhibe instantaneamente a estrutura do vocabulário dos textos, abre oportunidades para exploração da linguagem e favorece a filtragem dos textos. Concorre, por sua vez, com o aparato *CorText*²⁰, a contar das palavras-chave de um *corpus*, torna a criação de gráficos instigadora. Dessa forma, a plataforma digital fornece desenhos e projeções em formato de soluções que especificam e permitem a visualização de conjuntos de elementos que representam desafios científicos e tecnológicos.

O *Google Books Ngram Viewer*²¹ é um recurso que objetiva visualizar a história, a ascensão, o desenvolvimento e o desuso de palavras, ideias ou expressões no decorrer do tempo. Apresenta a evolução de uma expressão ao longo dos anos, desde sua criação, perpassando as épocas das quais fez parte até o momento em que deixou de ser utilizada. Ele não foi páreo para a ferramenta denominada *Sobek*²², a qual funciona como uma mineradora de texto. Desenvolvida para servir de apoio educacional, tem sido utilizada em várias tarefas, a exemplo do auxílio a professores no processo de avaliação das atividades de leitura e escrita.

O acessório *Sobek*, elaborado pelo Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PPGIE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, com distribuição gratuita, é utilizado em vários contextos educativos, de modo especial, como suporte para aplicações. Inspirou-se em programas como o *Software Sphinx*²³, planejado para a análise de dados quantitativos e qualitativos, o qual, desde sua criação, já ultrapassou seu objetivo inicial que era o de atender o público acadêmico.

Mecanismo de buscas semânticas para processamento rápido e preciso de documentos e informações, criado em 2011, o *Zoom*²⁴ constitui uma ferramenta gratuita que se mostra ideal

¹⁷ INFOGRAM. Disponível em: <https://infogram.com/imprensaufrgs>. Acesso em: 20 fev. 2020.

¹⁸ TAGCLOUD. **About us**. Disponível em: <https://tagcloudpro.com/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

¹⁹ WORDSIFTE. **About us**. Disponível em: <https://wordsift.org/about.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

²⁰ CORTEXT. **About us**. Disponível em: <https://www.cortext.net/>. Acesso em: 20 mar. 2020.

²¹ GOOGLE BOOKS NGRAM VIEWER. **Informações**. Disponível em: <https://books.google.com/ngrams/info>. Acesso em: 10 mar. 2020.

²² SOBEK. **About us**. Disponível em: <http://sobek.ufrgs.br/#/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

²³ SPHINXBRASIL. **About us**. Disponível em: <https://www.sphinxbrasil.com/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

²⁴ KNOWLEDGE DISCOVERY. **About us**. Disponível em: <https://www.kdd.org/>. Acesso em: 10 maio 2020.

para o mapeamento de *sites* e conteúdo da Internet, sobretudo no que diz respeito à mineração de dados, ao banco de informações textuais ou às bases de conhecimento. Concorre, na mesma linha de atuação, com o *Software WordStat*²⁵, um programa flexível e fácil de ser utilizado. Sua especialidade é promover estudos do texto (mineração de texto) e, de maneira rápida, focar temas e tendências referentes a análises de conteúdo, preferencialmente de modo quantitativo.

O *Software Gate*²⁶, preparado para efetivar observações de texto ou processamento de idiomas em documentos complexos, é comercializado de maneira gratuita, na condição de pacote, inclui seus recursos e versões para exploração de textos. Enquanto isso, a plataforma *Open Graph Viz*²⁷ configura-se como uma das principais, em se tratando de visualização e exploração de gráficos e redes disponibilizadas em código aberto e livre. Junto de ambos os programas, no *hall* dos destaques dos *softwares* leitores, situa-se o *Software Tri Deux Mots 2.2*²⁸, que, ao ser planejado, intuía atender às muitas necessidades dos franceses, os quais almejavam novidades no mundo dos *softwares*, especialmente em relação aos cálculos estatísticos e aos interesses sobre informações quantitativas.

Quanto ao *Software SPAD*²⁹, planejado por *Ludovic Lebart*, reforçamos a sua intenção de planejar uma técnica direcionada ao processamento de dificuldades e problemas relativos às informações estatísticas de pesquisas socioeconômicas. Em virtude dos estudos valorosos e peculiares em análises de correspondência, o autor tornou-se conhecido também por suas obras traduzidas para diferentes idiomas. No entanto, o *Rapid Miner*³⁰ é um programa de percepção preditiva, de fonte aberta e inscrito na linguagem de programação *Java*, que propõe ambiente integrado para observações profundas, de acordo com a necessidade de mineração dos dados. Ambos os recursos se qualificam como importantes mineradores de informação.

A plataforma *Orange*³¹ equipara-se a uma suíte de *software* de fonte aberta que tem se mostrado perfeita para o aprendizado da máquina e exploração dos elementos informacionais, amparando-se em componentes que melhoram a averiguação do conhecimento. Divide espaço com o também conhecido *Waikato Environment*, o *Weka*³², *software* de aprendizado de máquina desenvolvido na Universidade de Waikato, na Nova Zelândia, com fonte aberta. Muito

²⁵ WORD STAT. **About us.** Disponível em: <https://provalisresearch.com/products/content-analysis-software/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

²⁶ GATE. **About us.** Disponível em: <https://gate.ac.uk/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

²⁷ OPEN GRAPH VIZ. **About us.** Disponível em: <https://gephi.org/>. Acesso em: 25 mar. 2020

²⁸ TRI DEUX MOTS. **Manual de Informação.** Disponível em: <http://trideuxmots.com>. Acesso em: 02 abr. 2020.

²⁹ SPAD. **Manual de Informações.** Disponível em: <http://spad.software.informer.com/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

³⁰ RAPID MINER. **About us.** Disponível em: <https://rapidminer.com/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

³¹ ORANGE DATA MINING. **About us.** Disponível em: <https://orange.biolab.si/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

³² WEKA. **About us.** Disponível em: <https://www.cs.waikato.ac.nz/ml/weka/>. Acesso em: 22 maio 2020.

recomendado para análises de dados e modelagem preditiva, seu desempenho tem agradado os pesquisadores por conter algoritmos e acessórios de visualização para grandes volumes.

*Software Knime*³³, de fonte aberta, é uma plataforma de integração para averiguações de dados e relatórios. Com esse propósito, opera no conceito conhecido por *pipeline* que favorece uma ou mais buscas de diversas instruções a serem utilizadas, assemelhando-se a uma tubagem ou canalização das principais informações. Ele se difere do *Sisense*³⁴, *software* específico para realização de relatórios quantitativos, especialmente por contar com a capacidade de manipular e processar elementos para organizações em pequena ou grande escala.

O *SQL Server Data Tools (SSDT)*³⁵, com disponibilidade licenciada, transforma o desenvolvimento do banco de dados ao introduzir um modelo onipresente e declarativo que abrange todas as fases do desenvolvimento dos arquivos criados dentro do *Visual Studio*. Por outro lado, o *Apache Mahout*³⁶, *software* também de fonte aberta e criador de algoritmos, desenvolvido pela *Apache Foundation*, tem o objetivo de agrupar e classificar referências, filtrando-as posteriormente.

Ainda convém salientar o *Oracle Advance Analytics*³⁷, programa sob licença do proprietário, o qual se diferencia dos demais por oferecer algoritmos de mineração de dados para classificação de informações, previsão, regressão e análises especializadas. Além disso, o *Rattle*³⁸, ferramenta de exploração de referências tem proporcionando funcionalidades consideráveis para qualquer tipo de inspeção estatística.

Também conhecido como *DMelt*, o *DataMelt*³⁹ equivale a um *software* livre cuja finalidade é auxiliar a visualização de estruturas interativas, resultantes de análises, e combiná-las à simplicidade de linguagens, como *Script*, *Ruby*, *Python*, *Groovy*, dentre outras, diferenciando-o dos demais programas. Ele divide espaço com o *IBM Cognos BI*⁴⁰, o qual compreende um conjunto de informações de propriedade da IBM, sob licença da proprietária.

³³ KNIME. **About us**. Disponível em: <https://www.knime.com/software-overview>. Acesso em: 20 maio 2020.

³⁴ SISENSE. **About us**. Disponível em: <https://www.sisense.com/>. Acesso em: 13 maio 2020.

³⁵ SERVER DATA TOOLS. **About us**. Disponível em: <https://docs.microsoft.com/en-us/previous-versions/sql/sql-server-data-tools/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

³⁶ APACHE MAHOUT. **About us**. Disponível em: <https://mahout.apache.org/>. Acesso em: 12 jun. 2020.

³⁷ ORACLE. **About us**. Disponível em: <https://www.oracle.com/database/technologies/advanced-analytics/odm.html>. Acesso em: 12 jun. 2020.

³⁸ RATLLE. **About us**. Disponível em: <https://rattle.togaware.com/>. Acesso em: 29 maio 2020.

³⁹ DATAMELT. **About us**. Disponível em: <https://datamelt.org/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

⁴⁰ IBM COGNOS. **About us**. Disponível em: <https://www.ibm.com/analytics>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Além dos anteriores, a plataforma de *Software IBM SPSS Modeler*⁴¹, sob licença da proprietária, oferece análise estatística avançada, além de uma vasta biblioteca de algoritmos de aprendizado de máquina, análise de texto, extensibilidade de código aberto e integração com big data e com implantação perfeita em aplicativos. Por sua vez, o *Statistical Analysis System (SAS)*⁴², produto desenvolvido para análise e gerenciamento de dados, tem como principal objetivo reciclar as informações, bem como gerenciá-las.

Com fonte licenciada, o ambiente *Teradata*⁴³ integra dados e análises que favorecem funções de estudo e pesquisa em larga escala por meio de recursos e linguagens analíticas que tratam de qualquer informação. Os dados arquivados na nuvem, em espaços específicos criados pelo observador, conforme suas necessidades, unificam as formas de conhecimento em apenas um lugar de maneira híbrida e flexível até mesmo em escalas multidimensionais.

O destaque anterior se diferencia do *Board*⁴⁴, *software* que visa à análise e ao gerenciamento de desempenhos corporativos em relação a dados e estatísticas. E não menos importante, já nos encaminhando para as informações finais de apresentação dos programas pesquisados, destacamos o *Dundas BI*⁴⁵, que corresponde a uma plataforma flexível e completa que simplifica o processo de análises e visualizações de dados.

Por sua vez, o *Software ALCESTE (Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte)*⁴⁶, conforme especifica Reinert (2001), é pioneiro no uso da Informática em análise do conteúdo. Originado na França, em 1970, sob criação de Max Reinert, no *Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS)*, mantenedor do *Laboratório de Jean-Paul Benzécri*, esse *software* foi elaborado com a finalidade de realizar análises qualitativas de texto, especialmente na área das representações humanas e sociais. Desde seu surgimento, o *Software ALCESTE* é requisitado pelas mais diferentes áreas de conhecimento. Ao chegar ao Brasil, em 1998, tornou-se, desde então, um dos recursos mais cotados para realização de pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Letras (REINERT, 2001).

⁴¹ IBMSSPS MODELER. **About us.** Disponível em: <https://www.ibm.com/analytics/spss-statistics-software>. Acesso em: 15 jun. 2020

⁴² SAS. **About us.** Disponível em: https://www.sas.com/en_us/insights/analytics/data-mining.html. Acesso em: 19 set. 2020.

⁴³ TERADATA. **About us.** Disponível em: <https://www.teradata.in/Trends/Cloud/The-Power-of-Separating-Cloud-Compute-and-Cloud-Storage>. Acesso em: 12 set. 2020.

⁴⁴ BOARD. **About us.** Disponível em: <https://www.board.com/en/features>. Acesso em: 05 out. 2020.

⁴⁵ DUNDAS BI. **About us.** Disponível em: <https://www.dundas.com/dundas-bi/features#datavisualizations>. Acesso em: 16 ago. 2020.

⁴⁶ ALCESTE. **Versão Demo.** Disponível em: <http://www.image-zafar.com/telecharge-mentsAuk.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.

O *Software* IRAMUTEQ⁴⁷, inspirado no ALCESTE, recebeu a tarefa de nos acompanhar na pesquisa de doutoramento em Letras e será melhor explicado no *capítulo 3* desta Tese. De acordo com Camargo e Justo (2013), o IRAMUTEQ corresponde a um programa gratuito desenvolvido sob licença de *software* livre e código aberto. Além disso, vincula-se ao *Programa Estatístico R* e à linguagem de programação *Python*.

Por último, mas não menos importante, o *Hyperbase*⁴⁸, programa de origem comum, tem funcionalidades parecidas as do *Alceste*, mas limitou-se apenas ao mundo acadêmico. O programa tem diversos e complexos recursos, destacamos o gráfico bidimensional que simula uma figura tridimensional. A viabilidade relaciona as estruturas do texto literário, apresentando proximidades e afastamentos entre as sentenças, a partir de gráficos estatísticos dos elementos.

Até o momento, *softwares*, ferramentas, *sites* e geradores, brevemente elencados neste estudo, estão em vigor com atualizações constantes e disponíveis no universo digital. Apesar de alguns serem de fonte aberta e outros pagos, todos são programados para realizar observâncias simples e complexas, no que tange à disposição das palavras no texto. Por serem dotados de recursos que facilitam o entendimento do observador, apesar de cada um possuir características peculiares, por vezes, assemelham-se e inter-relacionam-se em algumas características. Além disso, de maneira inovadora, promovem aberturas que viabilizam o contato com as sentenças, permitindo que estas sejam compreendidas e interpretadas de formas diferenciadas.

É válido realçar que, atualmente, os computadores são utilizados em uma área extensa de possibilidades. Por conta disso, a aplicação de *softwares* cresceu acentuadamente e sujeitou-se a inúmeras críticas. Apesar disso, características como especificação e avaliação da qualidade do produto são, de modo geral, os principais fatores para o alcance de bons resultados. Logo, só os alcançamos com definição e escolha apropriada ao uso pretendido.

Para qualquer observador do momento contemporâneo, até mesmo entre os mais leigos, a expressão “comunicação”, bem como as noções associadas a ela acompanham o cotidiano dos sujeitos e forma jamais vista em outras épocas. É afirmação corrente que estamos imersos na civilização da comunicação, uma vez que sempre foi por natureza do ser humano ser um ser simbólico, de linguagem e de expressividade. Comunicar-se, portanto, não corresponde a nenhuma novidade, de fato, para o homem. O que se torna curioso e inovador recai sobre a

⁴⁷ IRAMUTEQ.

⁴⁸ HYPERBASE. **About us.** Disponível em: <https://www.hyperoffice.com/online-database-hyperbase/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

multiplicação crescente e acelerada dos meios os quais o ser humano dispõe para imaginar, criar, reproduzir, registrar, transmitir e armazenar linguagens e informações.

Neste sentido, de acordo com Santaella (2013), o início do século XXI será lembrado no futuro como a entrada que viabilizou acesso aos meios de comunicação, a contar de uma nova era: a da transformação de todas as mídias em transmissão digital. Desta maneira, somos convidados a perceber que parece estar o mundo inteiro, de repente, virando digital. Aqui, convém destacar que, segundo a autora, transmissão digital incide na conversão de sons de todas as espécies, imagens de todos os tipos, gráficas ou videográficas, além de textos escritos em formatos legíveis pelo computador, bem como dos muitos recursos que ele assegura.

Desta forma, as redes de comunicação, seja a qualquer tempo, lugar ou espaço que hoje circundam e cobrem o globo criadas pelo computador e depois pela Internet, comparam-se a teias, sem centro nem periferia, interligando comunicacionalmente, em tempo quase real, milhões e milhões de pessoas, estejam elas onde estiverem. O universo digital preparou um universo no qual a distância deixou de existir. A partir disso, o papel central que os fenômenos da comunicação desempenham nos mais variados setores da vida social e individual do ser humano acarreta na comunicação fadada a desempenhar em muitas outras áreas sua participação, não apenas nas áreas que lhe são vizinhas, como a biologia, a economia, a inteligência e vida artificiais, a antropologia, a filosofia, dentre outras. Ainda no entendimento de Santaella (2013), a comunicação, nos tempos atuais, corresponde a mais uma área, a qual além de ter invadido todos os domínios, inclusive promove diferentes contatos com o conhecimento.

Estamos, sem dúvida, convivendo com uma revolução da informação e da comunicação sem precedentes. Assim, os sujeitos são constantemente convidados a se desafiarem, por exemplo, com a maneira de analisar e interpretar ações, momentos, situações, circunstâncias. No cerne dessas alterações, os computadores, bem como as redes de comunicação que surgiram com ele, também perpassam por uma transformação acelerada, catalisada pela digitalização, assim como pelo entendimento de dados, a multimídia, a hipermídia. Neste sentido, a Internet, alimenta-se de tais progressos e afirma-se como um meio de rede mundial, que conecta outras mais e nutre incontáveis facilidades e possibilidade de se promover a comunicação da informação através de instrumentos que cabem na palma da mão. Nesse mesmo ambiente, nas categorias técnicas e científicas, surgem tendências inquietantes, tais como a realidade virtual e a vida artificial. Cérebros humanos, computadores, aparatos em geral e redes, olhos atentos e mãos habilidosas, interconectadas ampliam consideravelmente a comunicação. A cada dia é criado um novo cenário do ciberespaço mundial que todo elemento de informação é direcionado

ao contato virtual com todas as pessoas alcançando pensamentos, bem como a vida em sociedade (SANTAELLA, 2013).

Frente a isso, Santaella (2013) assevera que, com tantas modificações, a concepção acerca da expressão leitura ampliou-se, quando esta não se prender apenas à percepção e entendimento de textos escritos, mas quando englobar ainda a leitura de imagens e outros tipos de signos. Por conseguinte, além de ler textos impressos, tem-se a leitura de imagens, de mapas, bem como o leitor das cidades, de sinais, o leitor-espectador das estampas em movimento e o leitor dos signos evanescentes do computador. Isso se torna viável, uma vez que o alargamento da leitura, muito aquém dos textos escritos, é possível, porque a evolução das mídias demonstra crescente relacionamento entre as linguagens verbal, visual e sonora. Além do mais, ainda segundo a autora, a cada nova viabilidade que surge, a convivência entre essas linguagens fica mais complexa, porém sofisticada, o que propõe percepções relevantes para diferenciar os papéis assumidos, especialmente pelos leitores jovens no contato com narrativas em diferentes mídias. A autora ainda atenta para o fato de que “a internet se tornou assim um hiperespaço plural, no qual são produzidas, publicadas, distribuídas e consumidas mensagens [...]” (SANTAELLA, 2013, p. 273). Desta maneira, a tecnologia representada por meios, aparatos e facilidades que só ela dispõe ressignificou os princípios básicos de trocar, participar, colaborar e compartilhar informação de maneira notável.

Além disso, Santaella (2013, grifo nosso), também reflete sobre a expressão *lugar*, a qual esteve muito presente em nossas percepções quando líamos a maioria dos textos cronistas de Josué Guimarães analisados entre 1980 a 1986. Segundo a autora, o *lugar* é a denominação para espaço, meio onde a vida, de fato, acontece. Esse mesmo *lugar* corresponde, ainda, à maneira como ele é usado e o que a ele é adicionado, como, por exemplo, sentido social, convenções, compreensões culturais acerca de papéis, funções, natureza e afins. Por sua vez, o que faz sentido é capaz de transformar um lugar e o meio que ele ocupa, assim como, pensados, sustentam seus padrões e formas de utilização. Quanto a isso, emolduram-se as *ações humanas* não somente pelo espaço, mas pelos padrões de *comportamento* de uma época, compreensão, assimilação, associações, expectativas e o que a eles está impregnado, meios muito conhecidos pelo jornalista e escritor.

Ainda no entender de Santaella (2013, grifo nosso), tem-se, na atualidade, os ambientes criados pelo ciberespaço, desde a chegada da Internet, cada vez mais incrementados pelas tecnologias e seus muitos recursos que, por vezes, obrigam os sujeitos a reconsiderarem seus lugares, a legibilidade de cada um deles, a forma como as pessoas se encontram. A exemplo, tecnologia e homem, indissociáveis, conforme o entendimento da autora, ao cruzarem-se,

multiplicam espacialidades e promovem intersecções ainda mais significativas, reforçando a ideia criada pela autora da expressão *hipermobilidade*. Em outras palavras, o sujeito em sociedade ocupa, hoje, dois ou mais lugares no mesmo tempo e espaço. Aqui, ressaltamos, em especial, o ciberespaço, definido pela mesma autora, como um *espaço aberto de comunicação* promovida pelos computadores unidos pela tecnologia e seus infindáveis e renováveis recursos.

Ao pensarmos em tecnologia, dentre muitas expectativas, e conforme refletimos até o momento, também nos é dada a capacidade de filosofarmos sobre diversos aspectos que ela representa, pois “ela pressupõe, por exemplo, que o mundo é composto de objetos materiais que se associam em sistemas, os quais por sua vez evoluem” (CUPANI, 2017, p. 23). A tecnologia tem em si uma dinâmica própria e autônoma que produz conhecimentos de forma singular, além de uma ciência tecnológica que se torna, cada vez mais, independente. A isso, o autor chama de “algo tecnológico diferente da beleza natural” (Cupani, 2017, p. 25), que, por possuir inúmeros valores, viabiliza a percepção de novas realidades.

Consoante Cupani (2017, p. 65), “um objeto como um dispositivo não é apenas um elemento técnico”, haja vista que, nas mãos e diante da atenção humana, recebe vida, consistência e utilidade. No apoio humano, considerando a utilização de um artefato ou objeto, a técnica evolui e, por si mesma, explica sua atuação. Consequentemente, “a vida técnica não consiste somente em dirigir as máquinas, mas em existir ao mesmo nível delas” (CUPANI, 2017, p. 70). Para simplificar, ainda no entendimento do autor, unir tecnologia às muitas imposições diárias que o ser humano está submetido é, de fato, viável; e isso não diminuirá suas habilidades de forma alguma. Pelo contrário, o colocará em patamares ainda mais consideráveis de agilidade e eficácia, pois tem muito a contribuir para a sua evolução constante.

Sob essa ótica, por meio de sua linguagem, a era digital predispõe a capacidade de realizar computacionalmente a transcodificação de qualquer dado informacional, código, sinal, textos e imagens, gráficos, sons e ruídos, priorizando misturas, sem se desfazer das características originais da sua própria formação. Associada à tecnologia da informação, a leitura, como exemplo, constitui uma acirrada potencialidade presente em qualquer instante e em todos os lugares. É, portanto, uma junção sem volta ao passado que se propõe a efetivar um relacionamento indissociável com a humanidade.

Em meio a tantas transformações, a leitura também se permitiu inovar e não corresponde mais ao que se associou a ela durante muito tempo, ou seja, uma atividade individualizada e centrada no impresso. Com a expansão do universo digital, especialmente da Internet, múltiplas situações e estatutos de leitura passaram a integrar o cotidiano. Quanto às mídias, tomadas em uma concepção ampla, que parte do oral e evolui para o informático, elas jamais abandonaram

o importante papel de viabilizar o contato com a informação em qualquer sociedade. Todavia, com a chegada da Internet, e devido à grande quantidade de dados disponíveis a qualquer tempo e lugar, elas passaram a ocupar um espaço muito mais atuante na vida das pessoas. Anne-Marie Chartier e Jena Hébrard, ainda no início das tantas alterações que a informática apresentaria, no começo deste século, conferem um histórico ao ingresso dos computadores na vida diária dos sujeitos (2002, p.122):

El tubo catódico, acoplado a un ordenador (que asegura la conservación y clasificación de los datos, así como también a un teclado (que permite recoger e ingresar los datos e intervenir sobre la información almacenada), abre uno nuevo espacio de escritura e incluso de lectura. Esto lo comprende rápidamente un ingeniero del Stanford Research Institute, Douglas Engelbart, y crea los instrumentos necesarios: ventanas, imágenes, ratones, procesamiento de textos WYSIWYG, etc. En la misma época, indaga sobre la posibilidad del trabajo en red de los ordenadores (“on line system”) y prepara el camino para el correo electrónico y el cruce de informaciones entre archivos (hipertexto). La mayor parte de estos inventos se producen en la década de 1970 en el centro de investigación de Xerox en Palo Alto. Al tiempo que diferentes equipos crean numerosos lenguajes de programación (Basic, Fortran, Cobol, etc.), investigadores e ingenieros abren empresas (en particular en Silicon Valley) para desarrollar industrialmente sus inventos, entre las que se cuentan Apple y Microsoft (CHARTIER; HÉBRARD, 2002, p. 122).

Neste mesmo viés, em virtude das muitas modificações promovidas pela tecnologia, o ato de ler tem se tornado ainda mais desafiador, principalmente pelos recursos constantes nos ambientes projetados pelo mundo da Internet. Ao longo dos tempos, a humanidade acostumou-se a presenciar transformações e, agora, mais do que em qualquer momento de sua história, tem a oportunidade de realizar experiências, o que podemos considerar ser a maior revolução já imaginada do acesso à informação. Dos mais variados caminhos e de muitos lugares, as palavras surgem aos olhos dos legentes que também apresentam posturas e hábitos de leitura distintos.

Ler nas telas digitais é uma realidade do século XXI e, com as facilidades que a tecnologia detém, diferentes maneiras de posicionamento diante do texto são ofertadas constantemente aos leitores. O texto é, portanto, um importante meio que oportuniza interações entre leitores, autores e palavras, bem como promove sociabilidade, sem contar os benefícios linguísticos e sociocognitivos que promovem novas construções discursivas imbuídas de sentido. Seja qual for o meio em que o texto está inserido independentemente da época que ele existiu sempre será interpretado e o sentido da leitura é o leitor quem decidirá qual será. Todo tipo de leitura interage com a cultura e os esquemas dominantes de uma determinada época. Todavia, em tempos contemporâneos a leitura parece ignorar barreiras.

É preciso mencionar que a análise textual compõe um tipo específico de observação de elementos, que se trata especificamente da observância de conteúdo verbal transcrito. Logo, os

textos produzidos em situações diferenciadas, a exemplo, textos originalmente escritos, entrevistas, documentos, redações, dentre outros, são categorias aceitas de maneira adequada para o encaminhamento de uma ferramenta de leitura como o IRAMUTEQ. No Brasil, especialmente as Ciências Humanas e Sociais, utilizam constantemente o IRAMUTEQ, relatando em suas experiências, satisfação em utilizar os recursos oferecidos para análises mais acuradas de material extenso. Além disso, segundo Lahlou (1994, grifo nosso), por se tratarem de materiais compostos essencialmente de linguagem, mostram-se relevantes para atentar sobre pensamentos, crenças, *opiniões*, ou, ainda, neste último, acerca de conteúdo simbólico pensado em relação a determinados fenômenos.

Ainda para Lahlou (1994), sobre a análise de dados textuais (análise lexical), propõe que se suplante a dicotomia clássica referente ao quantitativo e qualitativo na observância de dados, na medida em que possibilita que se investigue e empregue cálculos estatísticos para variáveis, em especial, qualitativas, caso haja desejo do pesquisador, o que também vai de encontro à funcionalidade do IRAMUTEQ. Desta maneira, é viável, a contar da análise textual, refletir um material produzido por determinado produtor, individual ou coletivamente (um indivíduo ou um grupo). Além do mais, a análise textual, quando empregada com o objetivo comparativo/relacional, proporciona a capacidade de comparações de produções diferentes, por ocasião de variáveis específicas que auxiliam melhor o entendimento acerca de quem produziu o texto, tornando ainda mais viáveis detalhamentos suscetíveis como possíveis resultados do que se analisa.

A seguir, aproveitando o momento em questão, apresentamos, de forma breve, o *software* IRAMUTEQ escolhido para abrilhantar nossas reflexões, bem como mensurar com saliência as palavras escolhidas por Josué Guimarães no período de escrita jornalística (1980-1986).

4 FERRAMENTA IRAMUTEQ, UM SOFTWARE LEITOR

Segundo Camargo e Justo (2013), no Brasil, a contar da década de 1990 são utilizados alguns programas que favorecem as análises textuais, organizando dados para facilitar a realização de observações em conteúdos específicos. Nesta época, a França utilizava programas informáticos para análises de dados textuais, porém as intenções voltavam-se mais para cálculos estatísticos (análise quantitativa de dados textuais). Ajudaram neste protagonismo programas como *Tri Deux Mots*, criado por P. Cibois (1990); o SPAD (*Système Portable pour l'Analyse des Données*), desenvolvido por L. Lebart (Lebart & Salem, 1994; SPAD, 2008); e *Evocation e Similitude*, planejado por P. Vergès (Vergès, Junique, Barbry, Scano, & Zeliger, 2002; Vergès, Scano, & Junique, 2002). Os *softwares* viabilizam análises estatísticas clássicas multivariadas sobre elementos textuais, além de garantir a relação entre palavras encontradas na produção textual, partindo, se for a intenção do pesquisador, de variáveis categorizadas no texto.

Assim como os programas anteriormente citados nesta pesquisa, o ALCESTE, criado por Reinert (1990), outra viabilidade interessante, demonstra particular singularidade, uma vez que possibilita a execução de uma observância conhecida por Classificação Hierárquica Descendente – CHD – recurso utilizado pelo IRAMUTEQ, que possibilita análise lexical do material textual, oferecendo contextos (classes lexicais), caracterizada por vocabulário específico, além de segmentos de textos. O referido *software* foi conhecido no Brasil em 1998, e imediatamente utilizado com destaque entre pesquisadores da área de Representações Sociais (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Pensando assim, e acompanhando as constantes modificações que nosso século vivencia, Camargo e Justo (2013) são os responsáveis diretos por dinamizar, no Brasil, o *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*, conhecido por *Software IRAMUTEQ*, inspirado no Alceste, um dos principais programas performáticos destinados a acrescer inovadoras maneiras de se perceber o sentido das palavras por meio de uma variedade de recursos planejados para análises textuais. Graças às tecnologias que diariamente nos surpreendem, a criação de ferramentas, como o programa em questão, também oportuniza explorar um determinado texto – e, aqui, ressaltamos que, neste caso, quantidade faz a diferença – diferentemente, quando se tratar, por exemplo, da categoria lexical contextual de um conjunto de segmentos de sentenças em forma de análises quantitativas de dados informacionais.

Consoante Camargo e Justo (2013, p. 6):

Os computadores contribuíram ao aprimoramento das análises de dados como um todo e propiciaram também o aprimoramento das análises lexicais. Como a unidade de análise é o vocabulário diretamente envolvido na produção textual, a sistematização dos dados pode ser em grande parte processada por pacotes específicos de análise de dados, os quais têm a capacidade de processar grandes volumes de texto em um curto espaço de tempo, fornecendo ao pesquisador informações diversas, as quais poderão ser interpretadas.

De fato, ainda é muito discutível, e um tanto polêmica, a utilização de programas leitores, especialmente em trabalhos acadêmicos, tem sido palco de diversos entendimentos. Cada especialista, a seu modo, percebe esses programas de maneira diferente e expõe suas impressões. Todavia, o que pensamos é que não se pode negar as viabilidades que eles proporcionam, quando se trata de promover pesquisas cada vez mais sucintas, no que tange a observações mais acuradas de determinados contextos ou, até mesmo, nas entrelinhas criadas pelos autores, como, a exemplo, Josué Guimarães.

Além disso, o IRAMUTEQ proporcionou-nos, desde nosso primeiro contato, agilidade e precisão, por exemplo, na identificação rápida dos segmentos textuais usufruídos na escrita qualitativa. Realçamos que, conforme Camargo e Justo (2013), ao utilizar ferramentas que viabilizem a interpretação de resultados com rigor científico, o observador-pesquisador torna-se protagonista do estudo, visto que executa conhecimento de alta qualidade, logo produz alto impacto social, um dos principais comprometimentos das pesquisas qualitativas.

Camargo e Justo (2013, p. 9) reiteram que:

Apesar de processar cálculos estatísticos que se dão por trás das interfaces de análises, os softwares necessitam ser manejados por um analista que domine tanto a pesquisa em andamento, no que se refere aos seus objetivos e características dos dados, bem como as técnicas de análise a serem empregadas. O analista comanda as decisões que vão orientar o tratamento dos dados, assim como orientará as suas interpretações.

É imprescindível que, ao tomar as decisões pertinentes à pesquisa, o autor esteja ciente de como proceder as análises, desde as etapas preliminares até sua finalização que recairá nas interpretações minuciosas dos elementos apontados pelos programas. Camargo e Justo (2013) evidenciam, ainda, ser indispensável atentar para as características linguísticas que estiverem presentes no documento encaminhado para observação dos programas, uma vez que tais circunstâncias poderão, de certa maneira, abreviar caminhos interpretativos para os resultados finais, o que também temos como intenção neste novo trabalho.

De acordo com Camargo e Justo (2013, p. 17):

Considera-se que IRAMUTEQ pode trazer importantes contribuições aos estudos que envolvam dados textuais. O processamento de dados permitido pelo software viabiliza o aprimoramento das análises, inclusive em grandes volumes de texto. Pode-se utilizar das análises lexicais, sem que se perca o contexto em que a palavra aparece, tornando possível integrar níveis quantitativos e qualitativos na análise, trazendo maior objetividade e avanços às interpretações dos dados de texto. [...] O IRAMUTEQ pode ser muito útil se acompanhado de um estudo sobre o significado das análises lexicais e do emprego de análises multivariadas, além de um bom domínio do estado da arte que envolve o tema específico de cada pesquisa.

O programa IRAMUTEQ, convém sobrelevar, arqueia as palavras de mesma origem e sentido, com o objetivo de determinar sua significância e, com isso, estruturar melhor a atenção do discurso. Essa condição inclusive instigou-nos a reutilizá-lo nesta nova caminhada. Nossos motivos encontram respaldo em Camargo e Justo (2013), pois o programa soma uma quantidade razoável de opções recursivas, disponibilizadas aos pesquisadores de acordo com suas necessidades, basta que eles os conheçam e os dominem de forma sucinta e adequada.

Sobre a ferramenta IRAMUTEQ, é válido que se mencione que se trata de um *software* gratuito planejado a partir da lógica *open source*, licenciado por GNU GPL (v2). Ele está apoiado no meio estatístico do *Software R*, bem como na linguagem Python (www.python.org). O programa em questão, de forma performática, viabiliza diferenciadas análises de dados textuais, desde aquelas muito simples, a exemplo a lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras), alcançando até as análises multivariadas (Classificação Hierárquica Descendente – CHD e Análises de Similitude – AS) (CAMARGO; JUSTO, 2013).

A ferramenta organiza e distribui o vocabulário de maneira facilmente perceptível, além de claramente visível. Quanto às Análises Lexicais Clássicas – ALC, o programa seleciona e reformata as unidades de texto, transformando as Unidades de Contexto Iniciais – UCI, em Unidades de Contexto Elementares – UCE. Além disso, identifica a quantidade de palavras, apresenta a frequência média e número de *hapax* (palavras com frequência um). O IRAMUTEQ viabiliza ainda pesquisas vocabulárias e reduz sentenças com base em suas raízes (processo de lematização). Dentre suas funções, prepara dicionário de formas reduzidas, demonstrando formas ativas e suplementares (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Além disso, nas Análises de Especificidades – AE, o IRAMUTEQ associa diretamente os textos do banco de informações às variáveis descritoras dos seus produtos, sendo possível também observar a produção textual em consonância com as variáveis de caracterização. Trata-se, aqui, de uma análise de contrastes, a partir da divisão do *corpus*, conseguinte à função de uma variável escolhida pelo pesquisador-observador (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Quanto ao método da Classificação Hierárquica Descendente – CHD, pensado por Reinert (1990), bem como utilizado pelo *software* ALCESTE, permite a classificação dos

segmentos de texto, por ocasião dos respectivos vocabulários. Desta maneira, o conjunto deles reparte-se com direcionamento da frequência das formas reduzidas (palavras já lematizadas). Desta forma, as observações alcançam classes de UCE que, juntas, apresentam vocabulário semelhante entre si; e, quando necessário, vocabulário diferente das UCE das demais classes (CAMARGO; JUSTO, 2013).

É preciso mencionar ainda que o IRAMUTEQ favorece outra forma de apresentação dos resultados, a qual pode ser executada a partir de uma análise fatorial de correspondência gerada a partir da Análise Pós-Fatorial (CHD), representando, assim, um plano cartesiano com diferentes expressões e variáveis associadas a cada uma das classes da CHD. Por sua vez, a interface favorece a recuperação, no *corpus* original, de diversos segmentos textuais, os quais estejam associados à mesma classe. Assim, obtêm-se as palavras estatisticamente significativas, o que torna as análises dos dados ainda mais significativas (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Em relação à Nuvem de Palavras – NP, inclusivamente, opção nossa como recurso para o material analisado neste estudo, elas apresentam a função de agrupar e organizar graficamente, em virtude da sua frequência, de maneira simples, mas interessantemente gráfica, as palavras-chave de um *corpus*. Estas observações podem ser preparadas a partir de um grupo de texto referente a uma mesma temática (*corpus*), ou ainda por intenção de tabelas que contenham indivíduo em linhas e sentenças em colunas, planejadas em planilhas; ou seja, a criação de um banco de dados preparado a partir de desejos e intenções livres do pesquisador. Neste caso, será preciso que os textos ou tabelas sejam gerados pelos *Softwares* OpenOffice.org ou LibreOffice, para evitar *bugs* relativos à codificação (CAMARGO; JUSTO, 2013). Para ter acesso ao IRAMUTEQ, o pesquisador deve acessar, em primeiro lugar, a página de instalação do programa R, em www.r-project.org, baixando-o gratuitamente, e, somente depois, realizar o *download* do *Software* IRAMUTEQ em www.iramuteq.org, para instalá-lo, uma vez que o IRAMUTEQ necessita dos pacotes do *software* R para processar suas análises.

Acerca da Análise de Similitude – AS, lembrando que este recurso foi um dos escolhidos por nós para integrar as análises desta pesquisa, esta, portanto, se baseia na teoria dos grafos e possibilita a observância de coocorrências entre as palavras, assim como do resultado que indica conexão entre elas. A partir disso, o recurso proporciona uma forma de auxílio para identificação da estrutura de um *corpus* textual, permitindo que ele seja distinguido também das partes comuns de um texto (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Na visão de Camargo e Justo (2013), sobre a utilização de um programa informático como o IRAMUTEQ, o qual viabiliza diferentes caminhos de interpretação, em especial quando as análises qualitativas agregam conjunturas complexas de dados e informações, o que vai de

encontro com os textos jornalísticos aqui relacionados, ele facilita a obtenção de olhares multivariados acerca de um mesmo tema, fato, acontecimento. Neste ínterim, notabilizaremos a seguir três importantes pesquisas acadêmicas que obtiveram êxito com o auxílio do programa leitor pelas facilidades que ele enseja.

Além disso, ao ser utilizado em estudos acadêmicos densos, como os mencionados a seguir, o programa em questão apresentou-se, sempre que requisitado, facilitador de perspectivas que poderiam, em determinados momentos, não serem percebidas imediatamente pelos pesquisadores. Sem contar na otimização do tempo dispensado pelos investigadores, bem como a geração enriquecedora de ponderações inovadoras. Por isso, enfatizar alguns trabalhos, em áreas diferenciadas, realizados no Brasil e no exterior, podem elucidar a relevância do apoio do *Software* IRAMUTEQ. Observemos isso.

Em 2016, Sandra Mariza de Almeida Silva apresentou sua Dissertação de Mestrado em Letras, denominada *Dom Casmurro e memórias póstumas de Brás Cubas: relações entre resenhas na comunidade SKOOB e a crítica acadêmica*, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade UniRitter de Porto Alegre. Nela, pretendeu identificar parâmetros críticos, a partir dos quais leitores contemporâneos, membros da comunidade virtual *Skoob*, realizam interpretações acerca dos romances de Machado de Assis, *Dom Casmurro* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, com o intuito de identificar elementos indicativos de reprodução ou de renovação de padrões sociais que envolvam gosto e valor. Foram analisadas resenhas sobre as obras mencionadas, registradas na plataforma da comunidade, atendo-se para os comentários existentes no ambiente social, bem como sobre o que a crítica existente em contexto acadêmico diz sobre Machado de Assis e sua obra. A pesquisa avaliou, ainda, resenhas dos leitores, demonstrando como são construídas e quais efeitos de sentido da leitura dos romances machadianos são ofertados, se realizada fora dos ambientes tradicionais de ensino. A participação do *Software* IRAMUTEQ ocorreu na forma de análise quantitativa, que viabilizou a identificação de recorrências e coocorrências de termos, que possibilitaram a observação de aspectos semânticos constitutivos das resenhas do autor literário (SILVA, 2016).

Outro exemplo de estudo bem-sucedido e que contou com o auxílio do *Software* IRAMUTEQ foi a Tese de Doutorado intitulada *Discursos sobre Santiago de Compostela Y el/los Camino(s) de Santiago em la novela española actual através das técnicas analíticas digitais: Posibilidades y valor del conocimiento generado*, María Luisa Fernández Rodríguez, Grupo Galabra (USC), Faculdade de Filoloxia – Departamento de Filoloxia Galega (USC), de Santiago de Compostela, em 2016. A perspectiva analítica da pesquisa centrou-se em identificar, na cidade de Santiago de Compostela, em relação ao Caminho de Santiago, de que

forma o sucesso contemporâneo da rota promove desenvolvimento ao imaginário e também como influencia, promovendo modificações na identidade local, especialmente nos modos de vida e outras funcionalidades tradicionais, como ambientes universitários e regionais. A partir de uma construção sociohistoriográfica do destino turístico, foram abordadas características urbanas, demográficas e socioeconômicas na cidade, apresentando, ainda, várias melhorias, bem como problemas decorrentes de transformações experienciadas ao final da década de 1980, direcionado o olhar para centro histórico.

Como material de estudo, foram utilizados textos narrativos contemporâneos de artigos, relatórios e comunicados da imprensa emitidos por volta de 2010 para comporem o *corpus* da investigação. Houve, ainda, a configuração dos perfis discursivos analisados sob hipóteses de serem refutados ou comprovados com análises detalhadas sobre guias turísticos, audiovisuais, pesquisas e entrevistas de profundidade informacional. Neste sentido, avaliaram-se desafios, vantagens e demais questões pertinentes à aplicação de técnicas, ao conhecimento estatístico-computacional sobre o estudo, à metodologia de análise de textos literários e à gestão e ao uso da informação na era digital. No que tange à utilização do IRAMUTEQ, ocorreu a definição de listas sobre características específicas e subclasses de cada tópico, escolhidas como amostras significativas e, assim, foram encaminhadas para apreciação da ferramenta, a fim de que ela definisse e apresentasse a classificação das palavras por campos semânticos. Essas palavras auxiliaram a determinar, por exemplo, o léxico característico de cada parâmetro para possíveis construções de subcategorias dentro deles. Cabe ressaltarmos que, na fase da pesquisa que analisou os macrodiscursos do material selecionado, o conteúdo textual encaminhado para apreciação da ferramenta no recurso de *Classificação Semântica*, mesmo com valores predefinidos para os critérios analíticos das palavras com frequência maior de 3.000, além dos tópicos de saída estipulados no total de 10 e selecionados apenas os substantivos como formas ativas, foi necessário lançar várias análises que variassem o valor numérico determinado no critério de saída, pois é a variável mais influente na quantidade do léxico que é classificada pela ferramenta. Dessa maneira, os valores concretos permitiram obter detalhes importantes nas análises recebidas para que tornassem, por sua vez, este estudo mais preciso e com a qualidade que se almejava (RODRIGUEZ, 2016).

Quanto ao estudo de Tese de Doutorado nominado *Silvio Rodríguez: contra la cristalización del gusto y de las ideas*, da autora Leticia Carrera Pérez, Escola de Doutorado Internacional, Programa de Doutorado em Estudos da Literatura e da Cultura, de Santiago de Compostella, do Centro Internacional de Estudos de Doutorado Avanzados da USC (CIEDUS), em 2019, ofereceu uma interpretação plural, subjetiva e legítima dos textos do

músico, poeta e cantor cubano Silvio Rodríguez. A intenção maior e cautelosa foi não direcionar pensamentos para os leitores ou ainda querer contrapor diferentes métodos de análise. Todavia, manteve-se a proposta para caracterizar abstratamente, com liberdade, a materialidade dos textos. Levou-se em conta a abordagem das obras, em muitas dimensões, como texto, música inédita, edições, publicações particulares ou em conjunto, bem como a referência que as obras abordam nas categorias poética, literária, musical, compositora, artística e intelectual. Ainda, preocupou-se com a presença marcante das criações no quadro intersistêmico latino-americano ou na língua espanhola. Para tanto, a pesquisadora necessitou revisar analiticamente a realidade econômica cubana que atende as muitas produções de Silvio Rodríguez, uma vez que o contexto existente sempre se fez presente nas composições do objeto de estudo, assim como nas categorias ideológica, intelectual, cultural.

Neste sentido, o que importou foi, inclusive, obter conclusões sensatas que viabilizassem múltiplas análises e observações sob diferentes perspectivas e explicações sobre seu trabalho e carreira, tanto em seu meio social como no contexto da América Latina. Para a pesquisadora, não se tratou de atentar para a lógica interna da obra de Silvio Rodríguez, mas olhou-se para as propostas e seus processos, bem como em que medida as variações podem ser detectadas e em que elas consistem. Neste momento, fez-se uso do IRAMUTEQ, por meio da proposta Classificação dos Textos com base em períodos cronológicos e temáticos sob agrupamentos léxico-semânticos, apoiados em três instrumentos e métodos diferentes, consistindo em análise de frequência por meio do programa escolhido, a caracterização própria das temáticas dos textos e o recurso de leitura intersubjetiva por um conjunto de leitores (que compartilham algumas características sociodemográficas e podem ser agrupados em subconjuntos) de uma seleção de textos, feita com base na sua representatividade (temática e dificuldade de compreensão, fundamentalmente), em relação aos resultados obtidos pelos dois métodos anteriores. Como resultados obtidos, a pesquisa possibilitou, dentre outras situações, a classificação da obra de Silvio Rodríguez atendendo às várias dimensões que elas ensejam. A pesquisa, por meio da classificação e execução dos dados de análise escolhidos, ressaltou que nenhum dos trabalhos do objeto estudado apresentava, dentre outras percepções, contradições ou rotulações propositais (PÉREZ, 2019).

Como é possível perceber, de fato, o programa IRAMUTEQ tem se mostrado eficaz em pesquisas com montantes consideráveis de dados informacionais, atingindo a meta destinada desde sua criação. Assim sendo, a nosso ver, interpretar o material jornalístico elaborado por Josué Guimarães, na sua essencialidade, consiste também em requerer uma ferramenta condizente com a indispensabilidade de perceber mais sensivelmente expressões, frases,

significados a serem absorvidos pelos leitores, no caso de empregabilidade de possíveis figuras de linguagem (recurso que o jornalista e escritor gostava de empregar em determinados gêneros textuais), situações, acontecimentos e afins que ele achava importante constar em suas criações textuais.

Outrossim, a interpretação que é, antes de tudo, julgamento não dispensa correlações de valores alinhadas às intenções do autor do texto. Quando os leitores de nossa pesquisa recorrerem às informações constantes nos textos originais arquivados no ALJOG, e esperamos que eles se sintam convidados a vivenciar a atmosfera do ambiente, por exemplo, ou quando já disponibilizados nos meios digitais, se assim desejarem, poderão aprofundar o que leram nos originais, nesta Tese, tendo contato direto com o material, a fim de produzirem novas interpretações. Ou seja, quanto mais vezes se ler, inclusive em formatos diferentes, mais contribuições positivas e assertivas facilmente serão encontradas e utilizadas pelos interessados nas palavras de Josué Guimarães acerca do que ele pensou e deixou efetivado.

Nos encaminhando para o final deste capítulo, não podemos deixar de trazer à tona as contribuições de Maciel (2013), mesmo que nesta pesquisa não tenhamos a intenção de destacar o trabalho de forma quantitativa, mas é preciso realçar que ela participa da origem do IRAMUTEQ e precisa ser lembrada. Neste ínterim, reiteramos Maciel (2013, p. 203), quando ressalta:

Linguisticamente falando, tudo é texto. E todo texto é uma cronologia ou, ainda, uma sequência formal estruturada; o texto compreende, com efeito, unidades (que chamaremos de formas, de palavras ou de ocorrências). Há ocorrência quando a forma ou unidade se atualiza no texto. As formas, na ordem cronológica em que se encontram, podem ser contadas e, assim, são puro objeto estatístico. O número total de formas indica a extensão do texto. O texto compreende também unidades de léxico. Isto é, como cada um de nós pode facilmente constatar, unidades que, para resumir, acabam por encontrar o seu lugar nos dicionários, tal como os conhecemos. Uma mesma forma pode aparecer uma, duas, três ou muitas vezes num texto.

Ainda, conforme Maciel (2013), cifras, números, dados, frequências, resultam em estatísticas, que, no campo da linguística, são definidos como objetos. No tratamento estatístico do texto, para efeito, ao mesmo tempo objeto (*corpus* de estudo) e estatística (método, recurso, modelo), compõem um texto. Vale ressaltar, aqui, que estatística supõe comparação e, para tanto, o contexto no qual o texto foi pensado é essencial para uma interpretação, “sem o qual a comparação fica prejudicada” (MACIEL, 2013, p. 201).

A isto, Maciel (2013, p. 2014) acentua:

Para além das comparações binárias, recursos novos, ou modelos novos, matemáticos, eram necessários. Tratam-se dos modelos utilizados nas análises multidimensionais, de que dispomos hoje, e que contribuíram para um grande e rápido desenvolvimento da disciplina. E aqui encontramos as análises de fatores e, particularmente, as análises em árvores [...]. Empiricamente, e antes mesmo que a estatística se tivesse afirmado enquanto ciência, muitos foram os que se interessaram pela frequência das palavras (formas ou unidades de texto) e dos vocábulos (unidades de vocabulário). Cabendo que se diga que ao falar de léxico nos situamos, em tese, na língua, e que, ao falar de vocabulário, nos situamos na fala, ou discurso. Essa distinção pode ser de grande importância.

Maciel (2013) enfatiza, inclusive, que a estatística corresponde à ciência nobre dos números. Em sua quantidade, antes de qualquer outra coisa, precisa de dados e elementos fundamentais para que possa agir e, na sequência, viabilizar que o pesquisador conduza sua pesquisa, analisando, observando, constatando, todavia, sem se desvencilhar do seu objetivo primordial de investigação. Neste sentido, por ocasião também da atualidade social estar definitivamente marcada pela tecnologia, é preciso ressaltar novamente que, em matéria de transformações, a área das pesquisas, enquanto mecanismo promotor de conhecimento, reforça diariamente que se permitiu aderir aos muitos artefatos tecnológicos existentes e às suas possibilidades de contribuição.

Como um dos pontos principais desta pesquisa é revisitar a escrita jornalística de Josué Guimarães em um período crucial da história brasileira, entendemos que o IRAMUTEQ serviria para formar o elo entre a informação de Josué Guimarães com as nossas observações. Trata-se, ainda, de considerar os esforços interpretativos, incluindo o desempenho da ferramenta de leitura IRAMUTEQ, como uma forma de contribuição para perpetuar o pensamento do autor em questão, apontando, certamente, novas perspectivas de uma escrita jornalística. Embora produzida em outro tempo, ela pode ser retraduzida com ajuda da tecnologia, com o intuito de revelar algo à contemporaneidade, quando dilemas políticos aproximam o passado do presente.

E, por falar em reflexões, direcionamo-nos para outras etapas da pesquisa. A a partir de agora, adentramos ao universo, de fato, das crônicas jornalísticas preparadas por Josué Guimarães, correspondentes ao período de 1980-1986, de forma mais intencional e atenciosamente.

5 OBJETO: A CRÔNICA DE JOSUÉ GUIMARÃES

Josué Guimarães, como jornalista de formação, articulou, pela palavra escrita, a mesma dicção crítica quanto aos problemas da sociedade com a qual desenvolveria, já na maturidade, sua prosa artística, como ficcionista. Sujeito de muitas funções na imprensa, de repórter e ilustrador à redator chefe e correspondente, sua experiência com o texto, mesmo que pluralizado entre várias formas de redação, mantinha a mesma forma de inserir a palavra escrita à vida. Por um lado, fazia da palavra uma forma de denúncia, uma lente para ver melhor a realidade; por outro, reconstruía essa mesma lente, que visava melhor ver as coisas, com as feições da criatividade, com as elaborações de um discurso sempre provocador, inventivo, irônico. É natural, assim, que encontrasse na crônica um gênero no qual os fatos se tornavam foco de uma posição subjetiva, de uma perspectiva avaliativa, analítica, ressignificadora.

Dentre as afirmações dadas por Josué Guimarães, uma nos chama mais atenção: “o amor é fundamental na vida das pessoas na medida em que é só através dele que os povos se entendem e os homens convivem. *Escrever é um ato de amor*, porque algo para ser bom tem que ter uma carga muito grande de afetividade, de envolvimento” (INSTITUTO DO LIVRO, 1996, p. 11, grifo nosso). De fato, quando se tem contato com os pensamentos de Josué Guimarães, o que se torna evidente é que sua escrita, nesse sentido, somava-se à realidade e à ficção por meio de narrativas que podiam descrever instantes como uma década inteira em poucas linhas. O autor não economizava expressões e exemplos para demonstrar as dores e lamentos da sociedade, norteava os caminhos tortuosos que a informação percorria até alcançar os leitores. O escritor e jornalista fez da crônica, em especial no período de 1980 a 1986, uma aliada principalmente à denúncia. Por meio dela, autor e leitor adentram em mundos diferentes, mas ao mesmo tempo uno, pois a escrita de Josué Guimarães fazia dele um autor que se fundia com seus pensamentos e deixava a imaginação, ligada à realidade, fluir criticamente.

Segundo Bender e Laurito (1993), a crônica é um gênero híbrido com estruturas narrativas que permitem que o escritor passeie pelo jornalismo, o qual apresenta compromisso com a verdade escrita ética, sem contar que encontrou no Brasil uma espécie de território particular de produção escrita e recepção leitora. A crônica, gênero que apesar de aparentemente despretensioso comporta-se múltiplo, tem territórios próprios, sendo capaz de levantar muitos questionamentos da parte de quem o lê. Neste viés, o jornalista e escritor Josué Guimarães, sabedor desta característica e preocupado com os acontecimentos de sua época, encontrou na escrita cronista um meio para alinhar suas memórias aos fatos atuais, redesenhando as

situações para que os leitores observassem mais profundamente os acontecimentos, bem como as consequências dos atos políticos dos governantes.

Ainda, em consonância com Bender e Laurito (1993, grifo nosso), se observarmos o sentido etimológico da palavra crônica, teremos a ideia de *tempo*, que nos leva, por intermédio do latim, a expressões como relatos de ordem temporal, cronológicos. Portanto, ao se relacionar com o tempo e em sequencialidades, a crônica adquiriu a responsabilidade de representar o resgate, em sua essência, do tempo inscrito por meio de uma narrativa que só a ela é peculiar. Pensando desta maneira, Josué Guimarães ofereceu ao leitor o que lhe era relevante num curto espaço de leitura, à medida que o mantinha qualitativamente informado, caminhando lado a lado com as transformações que o cercavam. O conteúdo constante nos textos do jornalista e escritor, sob diversas perspectivas, favorecia inclusive que o leitor transitasse por experiências mais intimistas no contato com o cotidiano, ou em referências mais objetivas e diretas quanto aos acontecimentos particulares.

Escrever uma crônica também corresponde a promover, sumariamente, melhores resultados ao se contar um problema, resgatar a memória humana ou reproduzir conceitos (BENDER; LAURITO, 1993). O gênero, nas mãos de Josué Guimarães, fez ainda mais sentido, uma vez que sua escrita conquistava leitores das mais variadas idades, favorecendo a essencialidade do texto. A habilidade de escrever do jornalista e escritor permitia-lhe utilizar palavras e expressões compatíveis com suas intenções. Assim, autor e texto conquistavam adeptos facilmente. Além disso, o jornalista e escritor não utilizava conceitos definitivos e sua visão de mundo era fundamental para as construções narrativas que organizava. Pensando desta maneira, figurou por muitas instâncias e, por meio de múltiplos papéis sociais, ampliou alternativas de percepção sobre a compreensão do mundo. Logo, ao ler os textos produzidos por ele, em especial os que separamos para este estudo, conseguimos observar, em cada uma das obras, a dedicação assumida com o jornalismo, essência que lhe proporcionou reconhecimento nacional.

No entender de Bender e Laurito (1993), a crônica corresponde, ainda, a um meio que possui a capacidade de promover uma relação estreita com o tempo e, porquanto, expressar intimamente sua etimologia. A partir disso, os textos jornalísticos de Josué Guimarães, escolhidos por nós e que perfazem quase uma década (1980-1986), até o ano de sua morte, favorecem a percepção e a memória de um período que clamava por justiça e por liberdade, o quanto a ditadura cívico-militar agonizava, e com ela a integridade de muitas instituições, abaladas por anos de autoritarismo. O jornalista e escritor Josué Guimarães apresentava situações diárias que assolavam a *Nação*, sempre sob ameaças, perigos constantes, resultado

comum a muitas pessoas que não concordavam com as ações daquele período. Por transitar em diferentes esferas, engajava-se de corpo e alma em suas ações. Logo, desconhecia limites e literalmente ultrapassava barreiras e fronteiras entre países, sem nunca cogitar abandonar suas ideologias e objetivos. Guimarães, além de tudo, identificava-se com o que escrevia e dividia tal identidade com seus leitores. Essa é uma das características a ele favorecida por escolher trabalhar a crônica. Em seus textos, assim como determina a crônica, a representatividade temporal era matéria principal, já que existia para auxiliar na perpetuação dos variados discursos promovidos pela história (BENDER; LAURITO, 1993). Desta maneira, Josué Guimarães demonstrava sua preocupação face às ações da sociedade. Além disso, demonstrava outro sentimento importante: o amor incondicional pelas profissões que exercia.

Consoante Bender e Laurito (1993), a crônica preocupa-se em firmar tratados de entendimento com os leitores. Tal preocupação, por parte do jornalista e literato Josué Guimarães, também se torna perceptível, de fato, ao se lerem os textos selecionados para esta pesquisa, e mais evidente ainda, se a leitura deles ocorrer na atmosfera do ALJOG. Reafirmar ligações entre sujeitos e sociedade era uma constante para ele, desde sua atuação jornalística, estendendo-se até suas experiências literárias. Quanto ao jornalismo, o estilo de escrita era sempre fluente e claro, embora, de certa maneira, tivesse a intenção de assumir posição, combinando o fato ao olhar sobre fato. É por intermédio da crônica que o autor escrevia de forma autônoma e o leitor aperfeiçoava seu entendimento analítico e sua sensibilidade. Observando por esse viés, compreendemos que não foi à toa que Josué Guimarães valeu-se desse gênero até o final dos seus dias para imprimir suas observações. Assim sendo, ele tinha certeza que, ao relatar as “suas” verdades, especialmente no meio político, perpetuaria e promoveria ações futuras importantes para novos tempos.

Portanto, a leitura das crônicas de Josué Guimarães é uma forma de releitura da sociedade, quando em cotejo entre o que se registrou nos anos 80, no processo de lenta redemocratização da atualidade, quando em risco de retrocessos. Reconfigurar o tempo passado é dar voz às narrativas que nos constituíram como sujeitos de uma comunidade, além de explicar o tempo atual. Neste entendimento, a narrativa dos fatos, perpetuada pela memória escrita e perpassada por intermédio do uso das palavras pelas mãos dos jornalistas, talvez registre as mesmas inquietudes, quando, em diferentes momentos históricos, crises “crônicas” da sociedade manifestam os mesmos perigos, as mesmas dores, o mesmo limiar liberdade e repressão.

Na sequência, apresentamos os principais momentos da vida de Josué Guimarães, no jornalismo e na literatura. Após, na seção 5.2, traremos alguns trechos relevantes do material

original criado pelo jornalista e literato Josué Guimarães (1980-1986) que nos chamaram a atenção e nos fizeram rememorar a década escolhida para apreciação da ferramenta IRAMUTEQ.

5.1 JORNALISMO, POLÍTICA E LITERATURA

No Brasil, jornalismo e literatura construíram histórias juntamente, mesmo que, por vezes, a trajetória não fosse a desejada ou que os caminhos, por algum motivo, não os conectassem em sua totalidade. Algo que não se pode negar é a sobrevivência de ambas as categorias, mesmo com muitos entraves para afastá-las, dividi-las ou, até mesmo, silenciá-las (ALMEIDA, 2011). Concernente à arte de comunicar, no que coube a Josué Guimarães, destacamos a sobrevivência acerca da forte censura política e, posteriormente, literária, as quais eram praticadas, a exemplo, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, criado na Era Vargas. De certa forma, podemos compreender que essas ações serviram para contribuir com as escolhas futuras de Josué Guimarães e, portanto, o aproximaram cada vez mais da política. Josué Guimarães pensava o mundo de forma diferente e tinha em mente ser capaz de modificá-lo, reconstruir novos valores. Isso ficava nítido nas produções criadas por ele, ficcionais ou realistas

Josué Guimarães nasceu em 7 de janeiro de 1921, no Município de São Jerônimo, no Estado do Rio Grande do Sul, que, em outros momentos, denominou-se de Passos das Tropas; teve sua denominação alterada quando se encontrou uma imagem de São Jerônimo numa embarcação ancorada na praia da povoação. De origem luso-brasileira, a cidade de São Jerônimo, após atingir grande desenvolvimento econômico, alcançou o necessário para realizar sua emancipação do Município de Bom Jesus do Triunfo. Desde o princípio, São Jerônimo corresponde a uma cidade forjada pelo minério e pela pecuária. Penúltimo dos nove filhos de *José Guimarães*, telegrafista de profissão e pastor leigo da Igreja Episcopal Brasileira, e de *Georgina Marques Guimarães*, Josué Guimarães teve uma vida breve e intensa. Faleceu aos 65 anos, dois meses e meio, em 23 de março de 1986, no Município de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Josué Guimarães, desde pequeno, manteve-se em um meio familiar muito religioso. Como característica marcante, destacamos o fato de ter sido uma criança que demorou muito a falar, impressionando os pais, que achavam que ele seria mudo. Todavia, aos seis anos de idade, aprendeu a escrever, assinava seu nome e, aos poucos, a leitura fluía. Com menos de um ano de idade, a família de Josué Guimarães mudou-se para Rosário do Sul, também no Rio Grande

do Sul, onde viveu durante dez anos. Conviveu, em sua primeira escola, diretamente com a palmatória, castigos e rispidez, ações apresentadas a ele por meio da figura de *Dona Pepinha*, a qual Josué Guimarães, em vários dos seus livros, em alguns instantes, relembrou. A primeira infância vivenciada até os nove anos o fez testemunha ocular de crimes e atrocidades que marcaram o caudilhismo gaúcho típico do Rio Grande do Sul (CLEMENTE, 1997, grifo nosso).

Criança, o menino Josué Guimarães, ainda sem entender, estava inserido no universo que, mais tarde, retrataria em muitos dos seus feitos. A *Revolução de 30*, por sua vez, obrigou a família a transferir-se para Porto Alegre. Josué Guimarães estudou, então, no *Grupo Escolar Paulo Soares*, concluindo, nessa instituição, o *Ginásial*, atualmente conhecido como Ensino Fundamental II. No ano de 1934, Josué Guimarães ingressou no *Curso Secundário* (Ensino Médio da atualidade), no *Ginásio Cruzeiro do Sul*, localizado no Bairro Teresópolis. Lá, inaugurou o *Grêmio Literário Humberto de Campos*. Dedicou-se, naquele período, a escrever artigos para o jornal e a criar peças de teatro que eram encenadas ao final de cada ano letivo (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, grifo nosso).

Em 1937, participou do grupo de rádio-teatro da *Rádio Farroupilha*, ocupando sempre os papéis de vilão nas novelas. No ano de 1938, após o encerramento do *Curso Secundário*, prestou vestibular para Faculdade de Medicina, mas, já nas primeiras aulas de anatomia, o sonho foi desfeito e a vocação anulada. Sempre irreverente e inquieto, o jovem Josué Guimarães desejava outros ares e assim o fez. Seguiu, então, para a cidade do Rio de Janeiro, iniciando nela sua profissão de jornalista como redator da *Ilustração Brasileira* e desenhista de *O Malho*. Na função de jornalista, atuou como diagramador, ilustrador, colunista, comentarista, cronista, editorialista, repórter, correspondente internacional, redator-chefe e diretor. No dia 1º de setembro de 1939, deflagrou-se a *1ª Guerra Mundial*. Josué Guimarães retornou, então, para o Sul e retomou o grupo de rádio-teatro na *Rádio Farroupilha*. Com 19 anos de idade, casou-se com *Zilda Marques*. Dessa união, originaram-se quatro filhos: *Marília, Elaine, Jaime e Sonia*. Ainda nesse momento da vida de Josué Guimarães, ocorreu-lhe a vontade de servir como pracinha da *Força Expedicionária Brasileira*, mas o pedido foi negado por ser casado (CLEMENTE, 1997).

Conforme Clemente (1997), no ano de 1942, lançou em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, a revista de rádio *Ondas Sonoras* e, em 1944, iniciou suas atividades no *Diário de Notícias*. Na época, a coluna de “alfinetadas políticas”, assinada com o pseudônimo D. Xicote, ressurgiu no *Jornal A Hora*, de Porto Alegre, explorando recursos gráficos e montagens fotográficas, além de ser ele próprio o responsável pelas ilustrações, caricaturas e desenhos. Segundo Clemente (1997), a partir de 1948, Josué Guimarães deixou o *Jornal Diário de*

Notícias para ser repórter exclusivo e correspondente de destaque da *Revista O Cruzeiro*, no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Demonstrava cada vez mais sua versatilidade como jornalista, especialmente com a habilidade da escrita, dando sinais de que já existia nele um nobre escritor e apenas faltava apresentá-lo à literatura.

Na *Revista Quixote*, importante veículo de divulgação da literatura rio-grandense, em especial da poesia, em seu *volume 4*, correspondente ao mês de fevereiro de 1949, Josué Guimarães publicou a crônica intitulada *Sangue e pó de arroz*, apenas como cronista participante, não integrando o rol do *Grupo Quixote*. Atento a tudo ao seu redor, principalmente em relação aos acontecimentos políticos, sociais e econômicos nacional e internacionalmente, decidiu cursar jornalismo crítico unido ao humor e, assim, elaborou e lançou, à sua custa, o *Jornal D. Xicote*, afirmando que ele não se tratava de um jornal sério, mas também não se encaixava no meio humorístico (CLEMENTE, 1997, grifo do autor).

Josué Guimarães retornou para Porto Alegre, direcionando-se à política e, em 1951, candidatou-se a vereador pelo PTB, sendo eleito. Ocupou a vice-presidência da Câmara de Vereadores onde apresentou muitos projetos, em especial, um denominado de *largo* nas proximidades da Alfândega, o *Largo dos Medeiros*, o qual homenageou os proprietários do *Café* e da *Confeitaria Central*. Licenciado da sucursal de *O Cruzeiro*, o jornalista e escritor embarcou na política com seriedade e, posteriormente, filiou-se ao *Partido Socialista*. Ainda, neste mesmo viés, no ano de 1952, por sua vez, participou da primeira delegação de brasileiros em visita à extinta *União das Repúblicas Socialistas Soviéticas* (URSS), tornando-se o primeiro jornalista a ser correspondente especial do *Última Hora*, do Rio de Janeiro, dirigido por *Samuel Weiner*. Após conferências na Rússia, foi convidado a visitar a China Continental. Além disso, assinou a coluna *Ronda dos Jornais*, no *Semanário Carioca Flan*. Nesta época, Josué Guimarães selou sua união com a literatura, originando, em seguida, a obra *As muralhas de Jericó* (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Josué Guimarães, sequencialmente, assinou a coluna *Um dia depois do outro*, no *Jornal A Última Hora*, do Rio de Janeiro, conforme o Instituto Estadual do Livro (2006). Também em 1954, Josué Guimarães decidiu criar as colunas políticas nos *Jornais Folha da Tarde*, de Porto Alegre, com o pseudônimo de *D. Camilo* e *Jornal Hoje*, como *Peppone*. Fez isso em referência às polêmicas causadas pelos personagens de *Giovannino Guareschi*, jornalista, humorista, novelista, escritor e cartunista italiano, famoso pelos enredos que se passavam numa aldeia italiana onde o personagem *Padre Camilo*, religioso e dono de uma teimosia assombrosa, vivia em constante atrito com o prefeito comunista *Peppone*. Alguns meses depois, exerceu as funções de subsecretário do *Jornal A Hora*, dos *Diários Associados*, que funcionava na mesma

oficina do *Diário de Notícias*. Josué Guimarães e *Francisco Alexandre Stockinger*, artista plástico austríaco, naturalizado brasileiro, escultor moderno, gravurista, fotógrafo, chargista, artista gráfico e gestor cultural, revolucionaram o jornalismo porto-alegrense.

Em 1956, de acordo com Clemente (1997), decidiu ir à procura de outras funções, sempre no intuito de inovar, e tornou-se redator na *MPM Propaganda*, redigindo textos publicitários. Também assumiu a condição de diretor-secretário do semanário *Clarim em Sete Dias*, em Porto Alegre. No ano seguinte, foi chamado por *Assis Chateaubriand* para reformular o vespertino *Diário da Noite*, órgão dos *Diários Associados*, no Rio de Janeiro. Ainda sob a ótica de Clemente (1997), após tantas andanças, Josué Guimarães decidiu fundar sua própria agência de propaganda, em 1960, o que durou apenas um ano, pois, em 1961, assumiu o cargo de diretor da *Agência Nacional*, hoje conhecida como *Agência Brasileira de Comunicação*, na época, sob o Governo de João Goulart, ficando por lá até 1964. Em 1962, participou pela primeira vez de uma antologia: *Nove do Sul* com os contos *Odete de Oliveira* e *A morte do caudilho*.

O jornalista, no campo político, participou da Legalidade, em 1961. Sua atuação se deu na realidade direta dos fatos. Empenhado na posse de João Goulart, contestada pelas alas conservadoras da burguesia e das forças armadas, esteve presente nos momentos mais afundis de resistência (GUIMARÃES, 1991, p. 75):

Quando veio a renúncia de Jânio, em 1961, houve o movimento da “Legalidade”, em Porto Alegre, do qual eu participei do primeiro ao último dia. Participei não porque achasse que devia lutar pelo partido, mas por achar que a luta pela Legalidade era válida. Era uma luta de todos. Fui para dentro do Palácio, peguei em armas, e me orgulho de nunca ter sávido do andar térreo, onde muita gente tinha medo de ficar: eles iam para o porão, mais protegidos dos bombardeios que ameaçavam.

Apesar de todos os esforços, a reação antidemocrática, que se esboçava desde o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, desencadeou a deposição João Goulart em 1964, o que obrigou Josué Guimarães a refugiar-se em Santos – São Paulo, vivendo, então, na clandestinidade, sob o nome de *Samuel Ortiz*, e, inclusive a deixar a posição de diretor que ocupava na Agência Nacional. Com a saída de João Goulart, em 1964, e o início da ditadura militar, sob pseudônimo de Jericó, Josué Guimarães, conforme ele mesmo definiu, inicia sua fase de escritor, período mais relevante de carreira literária, uma vez que o pseudônimo escolhido por ele também figurou no título do seu livro de viagem proibido pelos órgãos de censura da época. Perseguido pelo regime atual, refugia-se em Santos, estado de São Paulo, iniciando sua vida clandestina sob a alcunha de Samuel Ortiz. Dedicar-se, então, a escrever suas obras literárias, preparando,

ao mesmo tempo, dezesseis publicações diferentes, e abre uma livraria (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Em 1969, entregou-se aos órgãos de segurança. Josué Guimarães respondeu ao inquérito em liberdade, o qual o acusava de apropriação indébita de verba federal. Segundo as investigações, dizia-se que ele havia recebido dez mil cruzeiros da Agência Nacional. O jornalista, em seu depoimento, apresentou todas as notas fiscais e comprovantes de pertences comprados por ele, como máquina fotográfica e equipamentos para o laboratório, constantes como aquisições por meio do valor investigado. Desta maneira, provou sua inocência e foi absolvido, retornando para Porto Alegre. No mesmo ano, foi agraciado com um prêmio no *II Concurso de Contos do Estado do Paraná* pela elaboração do conjunto de três exemplares: *João do Rosário*, *Mãos sujas de Terra* e *O princípio e o fim*, publicados, mais tarde, no livro *Os ladrões* (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006). No entanto, em meio aos cenários atribulados, Josué Guimarães apresentou em 1970, aos 49 anos de idade, a coletânea, acima mencionada, de contos *Os ladrões*, pela *Forum Editora*, do Rio de Janeiro, marcando sua verdadeira estreia como escritor. Iniciou, ali, sua vida como escritor, abarcando o total de 25 títulos distribuídos em romances, livros de contos, novelas, literatura infantil, teatro, além da participação em antologias e várias produções de artigos diversificados.

No ano de 1971, com o pseudônimo de *Phileas Fogg* (inspirado no personagem de Júlio Verne), Josué Guimarães manteve sua coluna *A volta ao mundo*, no *Jornal Zero Hora*, realizando entrevistas imaginárias de conteúdos críticos marcantes com personalidades internacionais. Colaborou, ainda, no semanário *Pato Macho*, de Porto Alegre, com artigos de crítica política, mantendo, também, a coluna *Seção de Livros*, no *Jornal Zero Hora*, também de Porto Alegre. Com 51 anos, homem maduro, escritor traquejado em sua escrita e vida em sociedade, Josué Guimarães, em 1972, publicou seu primeiro romance: *A ferro e fogo: Tempo de solidão*, editado pela *Sabiá* (José Olympio), do Rio de Janeiro, volume I da trilogia que conta a saga da colonização alemã no Rio Grande do Sul, entre 1824 e 1835, tendo como pano de fundo a *Guerra da Cisplatina*, a qual definiu as fronteiras do Brasil com o Uruguai. Em 1973, lançou o romance *Depois do último trem*, no qual narrou os últimos momentos de uma cidade deflagrada e condenada a se manter submersa por ocasião da construção de uma represa (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Em 1974, enquanto *Ernesto Geisel* assumia o poder no Brasil, Josué Guimarães estava em Paris. Naquele mesmo momento, eclodia a *Revolução dos Cravos*, em 25 de abril, em Portugal, país o qual o considerava *persona non grata* por seus artigos contra o *Regime Salazar*, o que adiante relembremos um pouco mais. Dois dias após o início da revolução, Josué

Guimarães e sua esposa deslocaram-se para Lisboa e Cascais de onde acompanharam os primeiros passos pós-revolução. Retornaram para Porto Alegre em 15 de novembro de 1974. Nos anos de 1975 e 1976, Josué Guimarães foi correspondente da *Empresa Jornalística Caldas Júnior na África* (Angola e Moçambique) e Portugal, acompanhando de perto a *Revolução dos Cravos* e os movimentos de libertação dos territórios lusitanos. Em Portugal, integrou-se à vida portuguesa originando e dirigindo o *Jornal Chaimite*, no qual, através da sátira e da ironia, em uma modalidade de jornalismo crítico desconhecida de uma imprensa pós-ditadura, com elementos gráficos e textualidades assemelhadas ao *Pasquim* brasileiro, revelou um novo Portugal, desmistificado e comprometido excepcionalmente com o processo democrático do país. Na capa do jornal, em sua primeira edição, a legenda ostentava ser *o único jornal que venceu antes de sair* (26/2/1976) (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

No período de 1975, Josué Guimarães preparou *A ferro e fogo: tempo de guerra*, segundo volume da trilogia que ficaria inacabada. O enredo abordou o período de 1835 a 1870, com a participação dos alemães na epopeia farroupilha e, posteriormente, na *Guerra do Paraguai*. O jornalista e escritor relatou, em entrevista concedida ao *Jornal da Semana*, em 31 de março de 1974, que, para escrever a obra em questão, ouvia *Gustav Mahler*. Ao retornar para Porto Alegre em 1976, ocorreu-lhe uma mudança de interesse e ele decidiu implantar naquela cidade a sucursal da *Folha de São Paulo*, a qual dirigiu e atuou como comentarista político até março de 1986. Em 1977, recebeu o *Prêmio Erico Verissimo*, da *Editora Globo*, pelo romance *Os tambores silenciosos*, obra construída na imaginária *Lagoa Branca*, pequena cidade gaúcha. A obra mordazmente satirizada desenvolveu-se durante os festejos da *Semana da Pátria de 1936*. Os personagens corresponderam a políticos medíocres, que eram dominados pela ambição, a mulheres fáceis e a policiais com instinto e índole violenta. No mesmo ano, o jornalista e escritor lançou a novela *É tarde demais para saber*, a qual contemplou a narrativa de um amor profundo e desesperado entre dois jovens ao final da década de 1970 (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, grifo nosso).

Dona Anja, romance publicado em 1978, narrou um estilo de folhetim, o qual levava o leitor por caminhos pitorescos e contraditórios da *Casa de Dona Anja* e de suas *meninas*, inclusive mostrando aos adeptos da narrativa que um grupo de autoridades se reunia lá constantemente para acompanhar pelo rádio a votação do projeto do *Senador Nelson Carneiro*, que aprovava o divórcio no Brasil. Lançou ainda a novela *Enquanto a noite não chega*. Nela, abordou a história de uma cidade abandonada que abrigava um casal de idosos e um coveiro, que esperava o falecimento do casal para cumprir seu dever. Elaborada em 1977, chegou aos olhos dos leitores somente no ano de 1978, pela *L&PM Editores*, de Porto Alegre, a novela

Pega pra Kapput!, surgida de uma brincadeira entre amigos, transformou-se em verdadeiro clássico no universo das obras restritas. Das sobras e ruínas da *Segunda Guerra Mundial*, emergiu uma história de mistério, crime, ódio, amor, incluindo muito humor (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, grifo nosso).

Na política brasileira, General *João Batista Figueiredo* assumiu a presidência em 1979 e o *Ato Institucional nº5*, foi revogado, sendo assinada a *Lei da Anistia* (NETTO, 2014). No mesmo ano da ação, Josué Guimarães publicou *Cavalo Cego*, sua segunda obra de contos, que reuniu um conjunto de histórias curtas, as quais narravam a oscilação entre o realismo e o fantástico em seus enredos. Também, no mesmo ano, foi lançada a obra *A casa das quatro luas*, primeira experiência de Josué Guimarães como escritor de literatura infantil (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Um pouco mais adiante, *Camilo Mortágua*, romance lançado em 1980, preocupou-se em narrar a decadência de uma família de pecuaristas domiciliados na fronteira gaúcha, em todas as suas mazelas, sofrimento e grandezas, por meio de um painel inédito na ficção de Josué Guimarães. A história reproduziu os padecimentos de muitas outras famílias gaúchas que, com o passar do tempo, perderam seus bens por completo. Igualmente, no mesmo período, elaborou *Era uma vez um reino encantado*, veiculada pela *L&PM Editores*, de Porto Alegre. Nesta obra, Josué Guimarães optou pelo pano de fundo ecológico que auxiliava na promoção da conscientização dos pequenos sobre problemas ecológicos, como poluição, devastação das florestas, bem como o menosprezo e descaso do homem em relação ao meio ambiente (ALJOG/UPF, 2020, grifo nosso).

No ano de 1981, Josué Guimarães divorciou-se de sua primeira esposa e casou-se com *Nydia Moojem Machado*, tendo com ela dois filhos: *Rodrigo* e *Adriana*. No mesmo período, lançou a obra infantil *A onça que perdeu as pintas*, a qual se encarregou de contar as incríveis histórias do generoso e criativo *Tio Balduino* que, além de excelente inventor de causos, sabia muitas coisas e conhecia o mundo como ninguém. Além da obra infantil, Josué Guimarães teve, no mesmo momento, seu romance *Dona Anja* publicado em espanhol, com tradução de *Stella Mastrangelo*, pela *Edivision Compañía Editorial, S.A.*, sob a descrição *Dona Ángela* (ALJOG/UPF, 2020, grifo nosso). Em 1982, publicou *Xerloque em O rapto da Dorotéia*, pela *L&PM Editores*, de Porto Alegre. No mesmo ano, o jornalista e escritor publicou, pela mesma editora, *O gato no escuro*, uma coletânea de contos.

O jornalista e escritor Josué Guimarães preparou ainda três obras importantes no ano de 1983: *Meu primeiro dragão*, lançada pela *L&PM Editores*, a qual tinha como cenário a história de uma amizade profunda entre um menino e um dragão e as consequências de uma amizade

peculiar. Em *Xerloque da Silva em os ladrões da meia-noite*, veiculada pela mesma editora, o cenário correspondeu a quinze dias de férias do menino *Pedrinho* na casa do *Tio Tancredo*, um lugarejo simples e tranquilo no interior que deixou de ser após o acontecimento de um fato estranho, que precisou novamente da habilidade de *Xerloque da Silva*. O texto dramático *Um corpo estranho entre nós dois* teve em cena apenas dois personagens, *Arnaldo e César*. A trama construída pelo tempo que evocou a tragicomédia, em suas muitas dores e risos, apresentou dramas sentimentais, além de amores frustrados (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006).

Em 1984, Josué Guimarães dedicou-se à *História do agricultor que fazia milagres*, publicado pela *Editora Nacional*, de São Paulo, *Coleção Passelivre*. *Tio Balduino* não se considerava uma pessoa diferente das outras. No texto, o personagem garante ser uma pessoa que gosta de inovar, fazendo coisas que ninguém ainda pensou, afirmando que teve poucos insucessos. Na obra *O avião que sabia voar*, apresentada pela mesma editora e coleção, *Tio Balduino* reafirma seus feitos e diz ter sido piloto de caça na *II Grande Guerra Mundial* – e todos fingem que acreditam no que ele conta na sua nova história, confirmando o bom humor e irreverência do enredo (ALJOG/UPF, 2020).

Faceta importante de Josué Guimarães está na formação de leitores. Sua obra, em si, tal qual a de Erico Verissimo, tinha, talvez pelo realismo do tratamento dos temas associados a uma linguagem sem hermetismo e uma imaginação cativante, atrativos ao público em geral. O autor de *Camilo Mortágua* buscava o que chamava de uma linguagem “sem arabescos ou bordados intimistas”. Há, contudo, um gesto mais explícito na formação de leitores. Esse momento da vida do escritor e jornalista, o qual guardamos para o final, concretizou-se e tem sido vivenciado, sempre que possível, por muitos leitores. Em 1981, ao visitar familiares na cidade de Passo Fundo, em contato com a Professora Tania Rösing, da Universidade de Passo Fundo – UPF, o jornalista e escritor afirmou sua intenção em criar um evento que unisse escritores sul-rio-grandenses e leitores de maneira diferenciada. O feito precisava ser renovador e detentor de uma metodologia que também fosse além das tradicionais. Pensou-se, então, em antecipar as leituras das obras, as quais seriam apresentadas no evento. Com isso, a investidura seria ampla e interdisciplinar em relação ao ato de ler. Surgiu, assim, uma maneira criativa de celebrar o livro, incorporando a ela diversas manifestações artísticas que uniram multiplicidade de códigos, gêneros e linguagens (ALJOG/UPF, 2020).

A sugestão foi colocada em prática em agosto de 1981, contando com a presença dos escritores Armindo Trevisan, Cyro Martins, Antonio Carlos Resende, Carlos Nejar, Moacyr Scliar, Sérgio Caparelli, Deonísio da Silva e o poeta Mário Quintana, homenageado durante as

atividades literárias, que, juntos, proferiram conferências direcionadas ao enaltecimento da leitura literária, contando com mais de 800 pessoas. Em agosto de 1983, organizou-se e realizou-se a 1ª Jornada Nacional de Literatura Brasileira, além da 2ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense, eventos que receberam os escritores: Antonio Callado, Fernando Sabino, Orígenes Lessa, Otto Lara Rezende, José Onofre, Luís Fernando Veríssimo, Luís Antonio de Assis Brasil, Lya Luft e Millôr Fernandes. A responsabilidade de coordenar o evento foi designada a seu idealizador, Josué Guimarães, que, desde o início, apoiou e estimulou a iniciativa. Na ocasião, o escritor homenageado foi *Orígenes Lessa*. A ação recebeu um público de 1.800 participantes. Ao longo da existência do evento, o qual completa mais de 40 anos de existência, além de ter se tornado um relevante palco para a vivência da leitura literária, em suas muitas formas de existir e dar sentido ao ato de compreender e interpretar o texto, emergiu na ação voltada à educação da cultura com anseio de ser permanente (ALJOG/UPF, 2020).

A relevância que Josué Guimarães adquiriu no contexto literário, em especial na literatura sulina, evidencia que sempre esteve em sintonia com o seu tempo. Nas suas palavras, ficção e realidade reconverteram-se sem contradições. Ele, como romancista, detectava muitos conjuntos de vozes e soube conferir ao seu legado escrito no universo jornalístico o *outro* e as necessidades que o tempo histórico requeria. Ao falar do *outro*, ele inclusive falava de si como um cidadão que carregava esperanças.

5.2 JOSUÉ GUIMARÃES CRONISTA: 1980-1986

Como já mencionamos no primeiro contato com os textos aqui selecionados, tivemos a certeza de que regressaríamos no tempo e em parte da história do Brasil na década de 1980. Portanto, antes de nos aprofundarmos mais nos materiais analisados nesta pesquisa, é preciso retomarmos alguns momentos e situações históricas mundiais e nacionais, a fim de compreendermos melhor os contextos social, político e econômico, nos quais Josué Guimarães estava inserido para, após, observamos a década estabelecida para este estudo, o que, de fato, nos importa como propósito desta Tese.

Autores como Josué Guimarães expressaram suas ideias e posições em especial pela crônica. Quando encontravam o gênero, meio que representava as situações cotidianas, a intenção maior recaía sobre presentificar elementos da realidade social e transformar suas criações em imagens que retratassem a história brasileira, caso específico do jornalista e literato. Cada texto planejado por Guimarães correspondeu a um painel que mostrava adequadamente o choque da realidade do mundo urbano, político, econômico e social com as transformações

incessantes que ocorriam quase de maneira desenfreada. Assim, o leitor era convidado pelo jornalista e escritor a adentrar em um espaço, muitas vezes, corrompido pelo arbítrio e pela violência, elementos próprios às ditaduras e autocracias. Josué Guimarães viabilizava, ainda, aos seus leitores desvelar as decadências econômicas da época, bem como as perdas sociais do Brasil, refletido sobre valores éticos, morais, políticos e econômicos, assim como hábitos rotineiros da burguesia e do patriarcado.

Ao longo de sua vida, o jornalista e escritor Josué Guimarães vivenciou momentos marcantes da formação histórica e social-política do Brasil, principalmente no que concerne à ditadura. Outro período oportuno que merece destaque é o correspondente ao final da *Segunda Guerra Mundial*, em 1947, quando o Brasil assinou o *Tratado Interamericano de Assistência Recíproca* – TIAR, firmado também pelos países americanos. Conforme Domingos (2004, grifo do autor), dentre outras situações, o combinado objetivava solidarizar-se com as nações americanas frente às possibilidades de agressões externas a qualquer país da América Latina ou aos Estados Unidos. Dessa forma, os Estados Unidos da América – EUA assegurariam a legitimidade a possíveis intervenções no continente. Assim, os EUA principiaram a latino-americanização da *Guerra Fria*, angariando para si todo o continente. Ainda neste momento, o TIAR foi invocado na *Reunião de Consulta aos Chanceleres Americanos*, em janeiro de 1962, com o objetivo de expulsar Cuba da *Organização dos Estados Unidos* – OEA. Na tentativa, utilizou-se o TIAR como argumento para a invasão militar ao país Cuba, em outubro do mesmo período, naquele que foi um dos episódios mais intensos da *Guerra Fria*: a *Crise dos Mísseis*. Consoante Domingos (2004), no mesmo instante, na metade dos anos 40, criou-se a *Doutrina de Segurança Nacional* – DSN, nos EUA, tendo como intenção atingir o controle sob qualquer tentativa de subversão comunista no continente (DOMINGOS, 2004).

Além do mais, Domingos (2004) assevera que, por consequência do final da *Segunda Guerra Mundial*, em especial, na década de 1950, os militares latino-americanos e brasileiros agiam de acordo com o que rezava a DSN que, dentre outras colocações, servia de sustentação para o sistema capitalista ocidental que se dividia entre o bem e o mal. No caso do mal, tinha a representação baseada no comunismo internacional supostamente infiltrado em todos os países do mundo. O exército não atuava como em outros momentos, árbitro entre as muitas classes sociais, mas como o protagonista da objetividade determinada como um fim, uma estratégia definida, um meio sempre iluminado pela ideologia da *Segurança Nacional*. Neste cenário, tanto o mundo serviu de local para muitas transformações sociais, como a liberação sexual, a luta pelos direitos civis, o encerramento de barreiras entre os universos privado e público, movimento pacifista e o movimento *Maió de 68*, como essas atrações foram observadas por

Josué Guimarães atentamente. Eram colocações significativas como essas que demarcavam um novo caminho histórico no mundo, no Brasil. Além disso, ainda em conformidade com o autor, no âmbito político, o universo presenciava a Guerra Fria disputada por duas grandes nações que não concordavam com os regimes governamentais. De um lado, os Estados Unidos da América; do outro, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS. Cada uma exigia que a outra parte aderisse às correntes ideológicas capitaneadas e, assim, fortalecessem a condição de um modo melhorado de vida.

No entender de Netto (2014, grifo do autor), além das radicalizações internas, especialmente as políticas, o cenário se encaminhava para mais recepções como a quebra hierárquica nas *Forças Armadas*, a *Política Externa Independente*, a atuação do Brasil na *Crise dos Mísseis*, a *Lei da Remessa de Lucros*, o projeto de *Reforma Agrária* e a inflação de 92%. Nos três primeiros meses de 1964, a *Nação* brasileira, seguida do Uruguai, do Chile (1963) e da Argentina (1976), firmou-se como pioneira em estabelecer a ditadura. Como as pessoas eram perseguidas implacavelmente pelo regime imposto, ora determinado, muitas precisaram solicitar exílio em países vizinhos.

O terrorismo político começou sua saga brasileira na década de 1960, por iniciativa do Estado. Antes mesmo da deposição de João Goulart, e ressaltamos aqui sem nenhuma relação direta com as conspirações existentes para tirá-lo do poder, militantes da extrema direita, bem como oficiais do Exército atacaram a tiros o congresso da União Nacional dos Estudantes – UNE. Dois veículos dispararam fortemente contra estudantes que estavam nos jardins, ferindo dois deles (NETTO, 2014). Segundo Netto (2014), o ato foi atribuído ao Movimento Anti-Comunista – MAC. Desde 1963, em São Paulo, vigorava um Comando de Caça aos Comunistas – CCC, formado por jovens ligados a políticos conservadores e militares que tangenciavam conspirações. O que mais ocorria eram tumultos, estorvamento e impedimento de conferências de políticos governistas, do que atentados.

Seguindo em frente, é preciso rememorarmos a vitória de 1º de abril que resultou no Golpe de Estado no Brasil, em 1964, o que correspondeu à deposição do presidente brasileiro João Goulart, efetivado por um golpe militar de 31 de março a 1º de abril de 1964. Colocou-se, assim, um ponto final à Quarta República (1946-1964), iniciando, desta forma, a ditadura militar brasileira (1964-1985). Por ocasião disto, alguns militares foram designados para comandos prestigiosos e outros foram determinados que permanecessem nos labirintos dos IPMs, achando-se, assim, parte do governo que se denominava *linha-dura* (NETTO, 2014).

Outro exemplo a ser lembrado corresponde ao dia 24 de abril de 1965. Consoante Netto (2014, grifo do autor), quando o espetáculo *Opinião* terminou sua temporada no Teatro Arena,

em São Paulo, deu-se lugar à peça *Liberdade, liberdade*, de Millôr Fernandes e Flávio Rangel, com Paulo Autran, Teresa Rachel, Claudio Mamberti. Tratava-se de uma montagem de textos e canções sobre o tema “liberdade”, em uma visível alusão ao autoritarismo que se instalara no Brasil depois do Golpe de 1964. Nos primeiros dias de apresentação da peça, encenada por Paulo Autran, ator principal, surgiram as primeiras provocações, ofensas da plateia e, logo após, ameaças telefônicas afirmando que o teatro seria explodido, o que mostrava claramente que a intenção era amedrontar, de fato, a liberdade de opinião. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, alguns PMs investigavam as banalidades, mas não puniam seus feitores. Ainda, no mesmo local, instalou-se um núcleo paramilitar composto por militares radicais, os quais operavam à sombra da seção de informações do estado-maior do I Exército. Dentre as atividades, guardavam algumas características de cautela e evitavam ações ostensivas de danos políticos, desta maneira injetavam tensão no meio político e atacavam teatros, circunscrevendo-se ao combate à esquerda intelectual.

Netto (2014), um pouco adiante dos acontecimentos, menciona outro exemplo dos excessos. No anoitecer de 28 de março de 1968, no Rio de Janeiro, uma tropa da Polícia Militar atacou um grupo de estudantes que pediam melhorias nas instalações do restaurante Calabouço, local onde os jovens faziam suas refeições por dois cruzeiros a bandeja. Neste ato, muitos que lá estavam foram gravemente feridos. O restaurante era um espaço pensado para acolher, de forma muito simples e precária, pois a comida era apenas o básico de uma refeição. O ambiente correspondia a um refúgio para os estudantes secundaristas e aspirantes de vestibulares que não tinham condições financeiras melhores. Dessa ação, resultou um cadáver: Édson Luis de Lima Souto, de dezessete anos, que sequer possuía militância política. Desde 1964, surgia uma morte da luta entre o regime e os estudantes. Os jovens impuseram aos policiais uma derrota inicial e decisiva: um corpo, um cadáver que se tornou uma encruzilhada de todas as raivas. Situações assim perfaziam alguns dos muitos momentos que a história registrou para efetivar o significado do regime ditatorial. O País, por sua vez, sangrava em virtude das imposições instauradas desde 1964, bem como das mutilações eleitorais de 1965, assim como as cassações desmoralizaram a representação política. A supressão das eleições diretas cortara o caminho para o exercício da cidadania.

Posteriormente, no ano de 1967, no mandato de Artur da Costa e Silva (1967-1969), gerara-se uma ordem demasiada autoritária àqueles que não estavam dentro do combinado, e muito menos para quem estava fora dele. Os generais constantemente eram enfraquecidos por acusações de conivência com os vestígios do antigo regime. No entanto, o que não mudava: a roubalheira que se proliferava e o radicalismo da direita que só aumentava. Políticos que

propusessem conciliações eram considerados adesistas. Em meio a eles, estavam os coronéis larápios, torturadores à solta. Quanto ao Governo Costa e Silva, que manipulou a anarquia no Governo Castello Branco (1964-1967), atrapalhava-se constantemente quando dele se exigiam atitudes. Para chegar ao poder, não mediu esforços para manchar a imagem constitucional da Presidência. Daqui por diante, na visão de Netto (2014), o que se sucedeu foram cada vez mais ações por parte dos estudantes; as ações terroristas eram apenas uma parte dos problemas. As manifestações de rua, por exemplo, indicavam que o regime perdia, aos poucos, o apoio da classe média e até mesmo de parte da elite.

O que se vivenciou em a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que evidenciou uma manifestação pública de grupos conservadores, antipopulistas e anticomunistas contrários às reformas de base propostas pelo então Presidente da República João Goulart, bem como a Passeata dos Cem Mil, em 26 de junho de 1968, em virtude do acontecido com o estudante secundarista Édson Luis de Lima Souto, era inevitável de ser observado como ameaças ao Governo e ao que ele se propunha. A segunda fase do mandato de Costa e Silva encaminhava-se acompanhada por uma antevisão sobre uma inevitável derrota nos maiores centros urbanos do Brasil. Mesmo diante de tantos desfalques, a imagem que Costa e Silva insistia em transparecer era que, embora os muitos sinais de agravamento da crise que incrustavam a ilegalidade na máquina governamental, persistia uma postura malandra que divagava sempre em discursos desconexos. Era notório que o Governo ia por uma direção e suas palavras para outra (NETTO, 2014).

Apesar das demandas agitadas que os estudantes provocavam de maneira constante, algo raro acontecia na sociedade brasileira em relação aos militares. Com o desgaste do Governo, os oficiais inibiam-se ao usar suas fardas nos quartéis e a quantidade de interessados para ingressar nos colégios militares estava reduzida. Além disso, no País, que se limitava às novelas de televisão e jogos de futebol, os festivais musicais adentravam aos palcos mostrando uma geração talentosa, de um refinado conhecimento cultural e intelectual. Nomes como Antonio Carlos Jobim, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Geraldo Vandré, entre outros, entoavam canções históricas que lotavam as arquibancadas e auditórios. Além disso, no mesmo período, a sociedade vivenciou, pela primeira vez desde 1937, e pela quinta vez na história brasileira, o fechamento do Congresso por tempo indeterminado pelo Ato Institucional nº 5, que consistia na reedição dos conceitos trazidos para o meio político em 1964 (NETTO, 2014).

Conforme Netto (2014, grifo do autor), o mandato de Costa e Silva estendeu-se até março de 1969, quando o presidente militar foi vitimado por um derrame que o afastou

definitivamente da presidência. Pouco depois ele falece em decorrência do ocorrido. Até outubro de 1969, o Brasil foi governado por uma Junta Militar Provisória, que promoveu maior centralização das ações executivas do Governo, como o fortalecimento da Emenda Constitucional nº 1, que vigorava desde 17 de outubro de 1969 e concedia tal ação, além de ficar conhecida como Constituição de 1969, pois instituía prerrogativas próprias de uma constituição, bem como reforçava os Atos Institucionais e ampliava o mandato presidencial para cinco anos, além de autorizar outras medidas. Na sequência, o poder foi transmitido para Emílio Garrastazu Médici (1969-1974). Ainda, no entender do autor, no Governo Médici, o País vivenciou um período de grande desenvolvimento da economia brasileira, experimentando níveis de crescimento que variavam entre 7% e 13% ao ano. Ainda sob a guarda de Médici, muitos recursos foram designados à expansão da infraestrutura; a indústria expandiu-se consideravelmente, assim como novos postos de trabalho surgiram. Contudo, foi nesse mesmo governo que a população brasileira conviveu com o auge da ação dos instrumentos de repressão e de tortura impostos desde 1968.

Em consonância com Netto (2014), os conhecidos “porões da ditadura” receberam o aval do Estado para fortalecer a tortura e os assassinatos nos interiores das delegacias e presídios. A guerrilha, que também utilizou a violência contra o regime, foi seriamente abalada com o assassinato de Carlos Lamarca, atuador na luta armada contra o regime. Desertor do exército, foi expulso da corporação em 1969, também sendo considerado o inimigo número um do regime, duramente perseguido e fuzilado pelos militares, incluindo Carlos Marighella, que recentemente teve sua história retratada cinematograficamente, político, escritor e guerrilheiro comunista marxista-leninista brasileiro que se tornou o foco de diversas discussões sobre racismo, direitos humanos e violência, tanto perante o Estado quanto da oposição. Netto (2014) observa que a Guerrilha do Araguaia, fundada em 1975, correspondeu a uma das poucas ações de oposição clandestina à resistência. Ao fim do governo, a euforia causada pelo crescimento econômico já começava a dar sinais de fraqueza. A forte dependência com o quadro econômico internacional, aliada à concentração de renda do momento, asseverou a fraqueza do governo.

Além disso, de acordo com Netto (2014), a crise do petróleo no mercado internacional, unida à elevação dos juros na economia global, sem contar o agravamento das desigualdades socioeconômicas, foram fatores decisivos para que o milagre econômico findasse. Assim mesmo, Médici aproveitou o prestígio da categoria a presidencial e indicou seu próprio sucessor, Ernesto Geisel (1974-1979). Este, por sua vez, já havia ocupado cargos de extrema importância nos governos Castello Branco e Costa e Silva. Por não ser uma figura ligada à “linha dura”, Geisel seria o nome ideal para arquitetar, em meio à vindoura crise da economia

do Brasil, o processo de desarticulação “lento, gradual e seguro” da ditadura militar. No Governo Geisel destacaram-se a transição para o processo democrático, assim como a entrada do Brasil na política neoliberal. Geisel, extinguiu o AI-5 e concedeu anistia política a várias pessoas que estavam exiladas em outros países, principalmente artistas e políticos. O Governo Geisel, em meio a muitos problemas da época, convocou Mario Henrique Simonsen para assumir o Ministério da Fazenda, que anunciou o II Plano Nacional de Desenvolvimento (II-PND), o qual intencionava conciliar a retomada do crescimento econômico, bem como a contenção da onda inflacionária. Uma das ações correspondeu a priorizar o desenvolvimento de bens de capital e investir principalmente nas empresas estatais. Mesmo assim, as ideias não repercutiram conforme o desejo do governo, uma vez que a economia nacional não apresentava condições próprias de recuperação de seus problemas. Assim como o Brasil sofreu os efeitos da crise do petróleo, as potências econômicas também atravessavam momentos de retração generalizada. Por consequência, perante o enfraquecimento da economia, os setores oposicionistas da política oficial ganhavam maior força de atuação no cenário político.

Neste viés, para Netto (2014, grifo do autor), as tentativas de reformas foram sentidas nas eleições parlamentares de 1974, onde mais de 40% das cadeiras do Congresso Nacional destinaram-se a integrantes do MDB. Os militares da conhecida “linha dura” perceberam claramente a desaprovação popular em relação ao regime e, em contrapartida, muitos integrantes do regime defendiam a indispensabilidade de flexibilização, a qual proporcionasse maior longevidade ao governo militar. Logo, o contexto marcado por contradições não demorou muito a incitar os setores mais radicais do regime e, estes, portanto, a cometerem atos de extremo autoritarismo. A exemplo, em outubro de 1975, o jornalista Vladimir Herzog foi assassinado nos corredores do II Exército, em São Paulo. Episódio que deu forças para que muitas entidades representativas se unissem em torno de duas relevantes intenções: a anistia aos presos políticos e a realização de uma nova Constituinte. Entre as entidades que encabeçaram essas lutas se destacavam a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação Brasileira para o Progresso da Ciência, a Associação Brasileira de Imprensa, Comitê Brasileiro pela Anistia, as Comunidades Eclesiais de Base e a União dos Estudantes do Brasil.

Em consonância com Netto (2014, grifo do autor), projetando uma ampliação da representação política dos setores de oposição, o Governo Geisel apresentou, em 1977, o chamado *Pacote de abril*, o qual promoveu desarticulação política embasada nas premissas estabelecidas pelo Ato Institucional nº 5 (AI-5). O Congresso Nacional foi fechado ao mesmo tempo em que o sistema judiciário, a legislação também foi modificada. As campanhas eleitorais foram restritas, enquanto o mandato presidencial foi alterado para seis anos; as leis

seriam, por sua vez, aprovadas por maioria simples. Assim, a ditadura cívico-militar garantiu uma maioria de integrantes políticos favoráveis ao momento e continuou reafirmando seu projeto de reabertura política “lenta e gradual”. O General Geisel afastou os radicais do governo, com a intenção de abrir caminhos para a eleição de João Batista Figueiredo, o último general ditador da Presidência. Ao fim do seu mandato, Ernesto Geisel oportunizou a última atitude que representou bem o tom conservador de sua abertura política: revogou o AI-5. Logo após, concedeu ao próximo Presidente o direito de decretar Estado de Sítio a qualquer momento.

Quanto ao que muito mencionamos sobre a ditadura cívico-militar até aqui, convém destacarmos que, apesar da censura e das provações que ela impôs, muitos foram os escritores que pensaram suas narrativas tendo como palco os ambientes e as consequências impostas por ela. As feridas, tanto aquelas proporcionadas pelo regime da opressão como as ações de vários governantes que negligenciavam, dentre outras situações, a existência do povo brasileiro e suas necessidades, para muitas pessoas jamais cicatrizarão. Com as palavras de Josué Guimarães, essa fase ardorosa do Brasil foi publicada, por meio de textos completos de profissionalismo e ética, que tanto o jornalismo como a literatura lhe proporcionaram. As expressões utilizadas pelo jornalista e escritor desejavam, assim como ele, não apagar o passado, mas perpetuá-lo para que permanecesse ativo. A ditadura cívico-militar teve como justificativa ideológica proteger e salvar, de certa maneira, as várias instituições democráticas acerca do perigo comunista que o Governo de João Goulart representava (NETTO, 2014).

A partir deste entendimento, notemos em Guimarães (1980l, ALJOG/UPF):

Logo, sabemos todos, que o regime passou para a mão dos tecnocratas, que apenas têm-se revezado no mando da coisa pública, numa falta de renovação impressionante. Olhe-se para o cenário público do País de hoje e veja-se o mesmo grupo de tecnocratas dando as cartas e começando o jogo. Semanas depois do golpe já se sabia que o regime passaria mesmo a ser duro e intransigente e que uma democracia levaria muitíssimos e sofridos anos para retornar. Pois a classe política, pelo menos numa boa parte, esqueceu tudo isso para aderir abertamente a um regime que chegou a ficar famoso no mundo todo pela violência, pelo arbítrio e pelos atentados diários aos mais comezinhos direitos humanos.

Josué Guimarães, em seus textos, incumbia-se da missão de rememorar aos leitores que a *Nação* brasileira sofria com os excessos da ditadura. Nos quase 21 anos de sua duração (1964-1985), a ditadura também proporcionou instantes de total submissão ao governo, o qual repreendia ferozmente quem se opusesse ao regime da época, principalmente por meio da tortura, da pauperização da mão de obra assalariada, bem como da cessação dos direitos políticos e civis (no que tangia aos banidos). Desde seu surgimento, a ditadura cívico-militar

foi refletida na figura das torturas, das eliminações do contraditório, de qualquer forma do diferente e, até mesmo, da legitimação política.

Netto (2014, grifo do autor) observa que, enquanto a ditadura civil-militar permaneceu conhecida como os “anos de chumbo” (1969-1974), toda a realidade era encoberta e mascarada, uma vez que, enquanto se expunham os pontos positivos econômicos e esportivos da nação, nos buracos obscuros dos porões, inúmeras formas de sofrimento eram crescentes de maneiras vertiginosas e quase inacreditáveis. Quem se opunha ao novo regime político, sem piedade, era calado. Cárceres, prisões e torturas eram práticas corriqueiras e tidas como ‘normal’ para calar e quebrar a resistência. Os atos ocorriam no *Departamento de Ordem Política e Social* (DOPS), em ambientes e salas recônditos, que recebiam diariamente a prática de atos atrozes aos que eram tidos como subversivos. Salas equipadas com instrumentos bárbaros, às vezes até montados na hora em que a situação ocorria, como o *Pau-de-Arara* (barra de ferro), marcavam para sempre o processo de dor, sofrimento e humilhação, demonstrando total desrespeito à dignidade humana. Neste processo, muitos foram os profissionais da área da saúde, como médicos, enfermeiros e psicólogos, que violaram severamente os *Direitos Humanos*.

Quanto ao que se seguiu da história, para compreendermos um pouco mais o meio vivenciado por Josué Guimarães, no período de quase uma década de escrita jornalística compreendida de 1980 a 1986, no material aqui observado por nós, é preciso realçar que em 15 de março de 1979, o Presidente da República Ernesto Geisel empossou seu sucessor o General João Batista de Oliveira Figueiredo que se encarregou de mostrar que os anos seguintes institucionalizariam o regime contrariando seus operadores (NETTO, 2014). Ainda, segundo Netto (2014, p. 211), “o general Figueiredo não inovou em nada ao assumir a presidência da República: como todos os seus antecessores do ciclo ditatorial [...]”. O general, em seus diálogos, apresentava frases feitas e constituídas de efeito do tipo “juro fazer deste país uma democracia”. Enquanto os brasileiros assistiam aos novos episódios desastrosos, Josué Guimarães (1980a, ALJOG/UPF) enfatizava com veemência: “As cartas principais estão zelosamente guardadas para o momento certo. Por enquanto, as palavras usadas têm servido mais para o velho papel que sempre desempenharam para os políticos: o de esconderem o que eles realmente pensam.” Na verdade, durante seu governo especialmente nos dois primeiros anos, o que se vivenciou foram vários e sucessivos estrangulamentos econômicos que não obtiveram resoluções, somente adiamentos, os quais, Josué Guimarães observava atentamente. Atitudes que só agravaram crises:

Em primeiro lugar, a situação socioeconômica do País bem que poderia levar algum puxão de orelha das autoridades, pois sabemos que apenas dez por cento da população

brasileira dispõe da metade da riqueza nacional. E que a classe média, em torno de dez por cento também de brasileiros, participa desta riqueza com pouco mais de dez por cento. Aí estão as raízes, sem dúvida. Mas parece difícil as autoridades criticarem o modelo econômico de seu próprio Governo que, para elas, não pode errar e está sempre certo. (GUIMARÃES, 1980a, ALJOG/UPF).

O que Josué Guimarães visava, aqui, era apresentar aos leitores os sinais de pouca lucidez do governo. As tentativas implementadas inviabilizavam efeitos positivos. Conforme Almeida (2011), em meados de 1980, a equipe econômica percebeu sintomas iniciais e claros da falta de financiamento externo, “evidenciando a disposição dos credores de cobrarem pesados custos internos no curto prazo para financiar ajustes” (p. 60). Mesmo assim, as ações para os investimentos foram mantidas. A exemplo disso, tem-se a exploração da Petrobras, a substituição de energia industrial e do transporte, a troca de importações de insumos básicos e, especialmente, a exportação. Guimarães (1980d, ALJOG/UPF) sustentava os novos episódios com sarcasmo, elemento primordial do gênero que ele atualmente veiculava suas interpretações: “Repete-se agora o espetáculo”.

Não podemos deixar de comentar, desde já, que, assim como Josué Guimarães percebeu e sentiu próximo de si os resquícios do regime autoritário, atualmente, o Brasil vive uma era que ainda coexiste com dores e sofrimentos passados atrelados às novas maneiras de empobrecimento e esquecimentos coletivos. Por mais que se tenha alcançado a Democracia brasileira, inclusive muito almejada por Josué Guimarães, ela parece estar longe de abarcar o povo, assim como as garantias sociais que a Constituição Federal de 1988 diz ter por obrigação proporcionar aos cidadãos.

Os muitos governos, desde a época acompanhada por Josué Guimarães e, aqui, escolhida para ser (re)interpretada, empenharam-se, quando lhes convinha, em portar-se como zeladores apenas sobre uma real supremacia do interesse privado. Assim sendo, a atualidade pouco se difere da época de Josué Guimarães. Havia uma preocupação corriqueira no olhar de Josué Guimarães, em especial, para a ética das figuras públicas, sem contar acerca das intenções que as rodeavam:

Assim, pelo menos o PTB parece não querer mais a adesão de Jânio, pois se isto se desse na certa entraria ele por uma porta e sairiam centenas pelas janelas. Sem atingir a sua pessoa, que guarda facetas altamente positivas e respeitáveis, o político Jânio Quadros não somaria nada para nenhuma legenda, antes pelo contrário. (GUIMARÃES, 1980b, ALJOG/UPF).

O jornalista e escritor Josué Guimarães se reportava à Jânio da Silva Quadros, político que se beneficiou da imagem de combate à corrupção durante todo o exercício de sua vida

política, utilizando, por exemplo, uma vassoura como símbolo para limpar a corrupção que existia no Brasil. No entanto, ao final da sua existência, foi acusado de corrupção. Seu mandato de Presidente vigorou por apenas sete meses, o que lhe rendeu o título de Presidente da República que permaneceu menos tempo no poder, sendo de 31 de janeiro de 1961 a 31 de agosto do mesmo ano. Segundo Netto (2014, grifo do autor), além da curta duração, seu governo foi marcado por ações esdrúxulas, como, por exemplo, as proibições de rinhas de galo e do biquíni. Em um universo bipolar como o da Guerra Fria, a política externa independente foi o que se destacou como principal medida desse governo. No entanto, em 25 de agosto de 1961, Jânio Quadros renunciou à Presidência e afirmou que “forças terríveis” haviam sido instauradas contra o seu governo. Essa ação inesperada foi responsável por provocar uma crise militar que, por muito pouco, muito pouco mesmo, não resultou em guerra civil.

Ainda no entender de Netto (2014), Jânio Quadros era uma figura que seguidamente aparecia em noticiários políticos, respondendo sobre seu mandato político ou emitindo neles sua opinião sobre o movimento de 1964, além de tratar sobre temas da atualidade. Seguidamente ele criticava sistematicamente o bipartidarismo, regime no qual somente existem dois partidos ou apenas duas instituições políticas relevantes na vida política de uma Nação, implantado no Brasil em 1956. A isso, Guimarães assevera (1982j, ALJOG/UPF): “Interessa ao regime manter intocável a fachada democrática do País o que pode lhe render juros e dividendos lá fora”. Ou ainda, para Guimarães (1982j, ALJOG/UPF): “Quando da extinção do bipartidarismo sob a alegação de que era um sistema pouco democrático, na verdade o que o regime não queria era a caracterização de plebiscito onde o oficialismo levava sempre a pior.”

No ano de 1976, ainda rememorando a figura de Jânio Quadros, no entender de Netto (2014), o político, ao participar de um comício a favor de Antônio de Sousa Neto, à época candidato à prefeitura de Guarujá – São Paulo, na legenda da Aliança Renovadora Nacional (Arena), reiterou suas críticas ao regime, porém elogiou o Presidente Ernesto Geisel, valendo-se de expressões como figura límpida, pura e correta, ao qual qualificava, sempre que possível, ser um homem bom, decente, e que qualquer cidadão se sentiria honrado em recebê-lo em sua residência. Nos anos de 1977 e 1978, Jânio Quadros iniciava seus discursos defendendo a convocação de uma assembleia nacional constituinte que favorecesse a institucionalização do movimento de 1964, bem como viabilizasse a implantação da democracia forte; na medida do possível, tecia honrarias ao então Presidente da República. Essa atitude tornou-se um hábito. Ainda em conformidade com o autor, em entrevista à Rede Bandeirantes de Televisão, em meados de setembro de 1978, Jânio Quadros defendeu a necessidade de adoção do voto distrital e extensivo aos analfabetos. Essa fala se seguiu ao longo do ano de 1979, sendo alternada,

sempre que possível, com declarações de elogios e de críticas ao governo. A isto, Guimarães (1980e, ALJOG/UPF) asseverou:

Sabemos de tudo isso a dar adeus à década de setenta e ingressar nesta outra dos anos oitenta, mas fica na boca de cada um o travo amarguíssimo de constatar que os anos passaram, mas os hábitos e os costumes de antes de 30 permanecem na cena brasileira com a força desesperada dos náufragos que se agarram a qualquer objeto que flutue. Hoje, as grandes manchetes deixam a nu os escândalos repetidos. Frente às câmeras de televisão, vemos homens de aspecto digno embrulhados como colegiais pilhados em marotagem.

Em julho do mesmo ano, segundo Netto (2014), houve sua manifestação contra a concessão da anistia ampla, geral e irrestrita reivindicada pela oposição, a qual defendia que tal benefício não atingisse os acusados de ações armadas. Conforme Netto (2014), a contar do início da organização de novos partidos políticos, no segundo semestre de 1979, ocorreu a simpatia de Jânio Quadros pelo PTB, quando declarou que apoiaria sua reorganização, uma vez que os comunistas ficassem afastados, assim como a referência política do partido se direcionasse para as grandes democracias ocidentais. Neste sentido, segundo o autor, a sigla PTB passou a ser disputada por dois grupos rivais, um a cargo de Ivete Vargas, jornalista e política, e o outro por Leonel Brizola, engenheiro e político, com quem Josué Guimarães figurou alguns estremecimentos, que não o impediram de conviver com o político, bem como acompanhar como seu homem de confiança as ideias e as ações protagonizadas.

Consoante Netto (2014), Jânio Quadros, portanto, apoiou o primeiro grupo, o qual foi vitorioso na disputa pela sigla; ao mesmo tempo, participou de articulações sobre a sucessão paulista, prevista para 1982. A par de todas as situações, Jânio Quadros, defensor de uma oposição em construção, sempre que possível, reunia-se com o Ministro do Planejamento, Antônio Delfim Neto, que, por sua vez, recebia seguidamente duras críticas de expressivos setores oposicionistas. Cabe ressaltarmos que adiante, em junho do mesmo ano, Ivete Vargas afirmou publicamente a viabilidade de Jânio ser o candidato petebista ao governo de São Paulo.

Sem perder tempo, alguns dias depois, o ex-presidente lançou para todos suas propostas fundamentais ao Brasil, as quais incluíam, por exemplo: convocar uma assembleia nacional constituinte; efetivação de reforma agrária que fizesse com que o homem do campo nele permanecesse; controlar as multinacionais e disciplinar a remessa de lucros; observar e controlar os bancos privados; adotar orçamento rigoroso; viabilizar uma reforma geral no ensino que contemplasse a estatização do sistema educacional; promover liberdade sindical e negociação direta entre empregados e patrões; criar rigorosamente uma lei de responsabilidades a qual se aplicasse aos ocupantes de cargos públicos, bem como se estendesse a situações afins,

inclusive aos delitos de imprensa; e reafirmar uma política externa independente. Um pouco além, Jânio Quadros, ainda admirador declarado de João Figueiredo, ingressou oficialmente, em 15 de novembro de 1980, no PTB, lançando-se candidato ao governo paulista na convenção realizada pela agremiação em abril de 1981.

Josué Guimarães, além de tecer duras críticas acerca das trapalhadas e desacertos dos políticos, também alertava aos leitores sobre o cenário econômico em seus textos. A isto, Guimarães (1980a, ALJOG/UPF) entoa a crítica: “Neste País a história não só costuma repetir-se como se repete a curtíssimo prazo. Em 1980 ouvimos as mesmas promessas e assistimos às mesmas manipulações do laboratório de 1973.” O jornalista e escritor reportava-se, neste instante, aos desacertos que o Brasil cometia, ano após ano. Aqui, em especial, lembrava que a economia brasileira estava fadada a uma queda profunda de crescimento, especialmente no setor industrial, seguida dos setores de bens de consumo duráveis e de bens de capital, respectivamente. Pela primeira vez, após a Segunda Guerra Mundial, o PIB teve um declínio de -4,3% (ALMEIDA, 2011), em virtude de medidas ortodoxas tomadas pelo governo no receituário do sistema financeiro internacional. Como saída, a equipe econômica do Governo Figueiredo dava saltos e mais saltos, objetivando, por exemplo, aumentar as exportações com essenciais divisas para balanços e pagamentos. Assim, as importações restritas sobressaltaram a saldos comerciais superavitários.

Na visão de Almeida (2011, p. 60-61):

A orientação econômica assentava-se na contenção salarial, no controle de gastos do governo e no aumento da arrecadação, além da elevação das taxas de juros internas, bem como na liquidez real. Além disso, crescia o incentivo às exportações e políticas especiais para o setor energético, agricultura e pequenas empresas.

A contenção da inflação, de acordo com Almeida (2011, p. 61), “teria decorrido principalmente dos efeitos de expansão da agricultura e da queda dos seus preços relativos em 1980”. Com isso, incidiu-se o resultado do crescimento na produção com queda nos valores dos produtos exportados para o mercado internacional, por ocasião do reflexo na redução dos termos de trocas. O que ocorreu, na percepção do autor, foi que “a economia brasileira experimentou, após longo período de crescimento, uma profunda recessão [...]” (p. 61). Uma política de forma recessiva tornava o Brasil um solo arenoso, sem equilíbrio. Sob essa ótica, Guimarães (1980m, ALJOG/UPF) alfinetava em mais uma de suas crônicas: “Já no Brasil – que é um país onde a memória popular é curta – um ministro pode “chutar” uma cifra qualquer, pois em novembro ou dezembro poucos estarão cobrando dele a afirmativa de janeiro, por exemplo”. Josué Guimarães, neste texto, também fazia menção a um País que

dependia consideravelmente do petróleo. Além disso, era muito grave a dimensão de restrições pelas quais os demais setores passavam. Isso, de fato, abalou as estruturas econômicas do Brasil. Prosperidade era uma expressão de vital importância para a sociedade, por isso mudanças bruscas eram temidas, porque, certamente, trariam sérias consequências. A primeira crise do petróleo, por exemplo, em 1973, foi ardorosa para os brasileiros, pois o País esperava não só elevar o valor do produto e dos seus derivados, como também ampliar os juros do mercado financeiro internacional, encarecendo, assim, a abundância dos fluxos da poupança externa (ALMEIDA, 2011).

Cabe destacarmos, ainda, seguindo a compreensão de Almeida (2011), que a palavra recessão foi pronunciada no mundo inteiro, com mais intensidade, em especial, no ano de 1982, pois, de fato, ela mundialmente impôs restrições à realização/expansão dos superávits na balança comercial, o que se compensou com maiores adequações e proibições às importações. O governo temeu oposições políticas às negociações que se pensou realizar. A conjuntura dos brasileiros era perigosa. Logo, de acordo com o autor, para a população trabalhadora, o Governo do General João Baptista Figueiredo comportou-se em um lamento doloroso.

Em São Paulo, por exemplo, capital, a cidade mais rica do País, no período de 1984-1985, mais de $\frac{1}{4}$ da população infantil era desnutrida e o quadro agravou consideravelmente dia a dia. Além disso, no Rio de Janeiro, Salvador, João Pessoa e São Luís, o desespero populacional deu início aos saques no comércio, bem como a invasões constantes aos centros comerciais que se estenderam a Porto Alegre, Manaus, Vitória, Fortaleza, Recife. A temida recessão impactou profundamente toda a sociedade e a massa assalariada (exceto empregados com altas remunerações), fazendo sentir o gosto amargo da fome, da miséria, do abandono e do descaso (PILAGALLO, 2009).

O marco do atual sistema político brasileiro, consoante Pilagallo (2009), aconteceu ainda no primeiro verão da década de 1980. Por estar saturado do sistema autoritário, foi o momento que o Brasil iniciou sua caminhada em direção à democracia. A ideia ganhou força quando a maioria governista do Congresso aprovou, então, as propostas do Presidente João Figueiredo, em especial, apresentando a extinção de duas siglas existentes: Arena e MDB, ambos partidos de oposição. A ARENA, por sua vez, constituiu-se de duas derrotas eleitorais consecutivas graves (1974 e 1978); e o MDB foi do espectro ideológico da esquerda marxista aos moderados de centro, os quais, por sua vez, ocuparam um cenário político promissor. Em fevereiro de 1980, o fato consumou-se com a divisão emedebista e as novidades fadadas a surgirem com o Partido dos Trabalhadores (PT), o qual teve por base o movimento sindical da

região do ABCD paulista. Luiz Inácio Lula da Silva, um dos principais representantes políticos do Partido Trabalhista, constituiu uma nova geração política comandada pela figura do povo. O que se falava era sobre o operário que formou uma legião, ainda em 1970, quaduplicando-a poucos anos mais tarde. O PT não era apenas sindical. Conforme Pilagallo (2009, p. 14), “desde sua formação, o partido atraiu intelectuais, militantes de esquerda, religiosos, católicos, estudantes, artistas e uma parte da classe média”. Assim, consolidou-se o pluripartidarismo, sistema que possibilitava três ou mais partidos políticos assumirem o controle de um governo, independente ou por coalizão. A crítica aqui se faz por ocasião da mesma vir normalmente, a se tornar partidocracia. Esta consiste em um neologismo utilizado para definir a liberal vontade de uma ou mais instituição política exercer o domínio público sobre uma *Nação*.

No entender de Guimarães (1980m, ALJOG/UPF):

Até agora o governo não pregou prego sem estopa. Tudo o que fez foi puxar brasa para sua sardinha, deixando a impressão – ou pelo menos tentando dar a todos tal impressão – de que afinal o Presidente Figueiredo fará deste País uma democracia, até o final do seu longo mandato, o mais longo, legalmente da história da República. Mas com isso de que fará uma nova “democracia”, mostra exatamente que não vivemos nela, teremos sempre as coisas assim empacotadas, embrulhadas. Tudo virará xifopagia do regime, ou pelo menos ligado pelos umbigos, de maneira que uma coisa faça parte da outra, quer uns queiram, quer outros não queiram.

Os primeiros anos da década de 1980, os quais estiveram sob o Governo do General Figueiredo, responsabilizaram-se por demarcar inexorável queda de poder referente ao regime ditatorial instaurado em 1964. Conforme Guimarães (1981a, ALJOG/UPF): “Quando nos deixam perceber um fio de luz em algum lugar que poderia ser o fim do túnel, eis que as pessoas recrudescem logo depois de virarem a mesa em que a família costumava reunir-se para as frugais refeições democráticas.” O jornalista e escritor demonstrava apreensão acerca do desenho que se fazia no Brasil, uma vez que os militares descontentes com a abertura política não cessavam de atacar de forma terrorista o governo com a intenção inclusive de desmoralizá-lo. Bancas de jornais e revistas, editoras, imprensa em geral e alguns partidos políticos eram os alvos mais constantes de ações assim.

O governo não cedia e a população, cada vez mais, reagia contrária aos atos presenciados. Mesmo assim, para Guimarães (1981h, ALJOG/UPF), perdurava no país a desigualdade respaldada ideologicamente por discursos dominantes:

Os que acumulam e dissipam as riquezas deste mundo, indiferentes à dor e às carências das grandes massas humanas, teriam as portas do céu fechadas para sempre. Aos pobres, o reino dos céus. Aos ricos, as glórias da terra. [...] tese suspeita e

acomodada de que o fato de termos nascido homens e vivermos na terra nada mais representa senão o fugaz instante dentro da eternidade.

A situação de menosprezo social seguia avante e não foi pequena a lista de casuísmos que precederam a eleição de 1982, o que serviu, até mesmo, de termômetro para medir a temperatura da sociedade brasileira, uma vez que também os governadores seriam escolhidos pelo voto direto. Proibiram-se as coligações partidárias e instituiu-se o voto vinculado, aquele que determinava que o eleitor deveria escolher seus candidatos para todos os cargos em disputa, a partir de um mesmo partido político sob pena de anular seu voto. Cabe lembrarmos que o voto vinculado foi instituído pelo Código Eleitoral de 1965 e eliminado da legislação eleitoral apenas em 1985. Dessa forma, os partidos competiriam entre si fragilizados de recursos. Quanto ao eleitor, este precisou escolher candidatos de uma mesma chapa, o que nada mais era do que um artifício para, de certa maneira, municipalizar, por exemplo, a eleição estadual, já que os partidos teriam mais chances de adquirir votos para vereadores e prefeitos. Notemos o que corrobora a afirmação de Guimarães (1982r, ALJOG/UPF):

Desde já vamos encontrar observadores que fazem previsões. O difícil será dizer hoje o quanto haverá de anulação de votos por erros essenciais, já que o processo de votar tornou-se terrivelmente difícil. Para o eleitor comum é um pesadelo. Para o de poucas luzes, um horror. Assim, aquilo que de há muito era tido como essencial para a chamada abertura, isto é, eleições, urnas, cabinas indevassáveis, passou a constituir-se num quebra-cabeças de difícil solução. E as dúvidas não existem nem existirão apenas nas cabeças das pessoas menos esclarecidas. Estas voltarão e terão seus votos anulados. As dúvidas persistem nas pessoas mais cultas, a menos que seja pela dúvida cruel que assaltará a todos, entre engolir um candidato inodoro pela escolha certa de outro, pelo simples fato de não coabitarem na mesma legenda.

Enquanto a preocupação de Josué Guimarães era alertar seus leitores sobre os acontecimentos que só aumentavam, crescia o alarme entre todos e as atrações desastrosas. Conforme Pilagallo (2009, grifo do autor), em meio a tantos festivais de restrições a população indignou-se. No mês de julho, o desgosto da população foi apresentado com uma imensa onda de greves. No dia 6 do mesmo mês, 1.100 trabalhadores da refinaria Paulínia/SP, a mais importante do país, não realizaram nenhum serviço e literalmente permaneceram de ‘braços cruzados’. Mesmo com a intervenção do *Ministério do Trabalho*, prendendo os dirigentes da ação e centenas de demissões de funcionários apoiadores, a violência utilizada foi desconsiderada. No dia seguinte, os trabalhadores da refinaria de Mataripe/BA, responsável direta pelo abastecimento do Nordeste, copiou o feito. Novamente, teve-se a intervenção por meio da força, o que só motivava outros a realizarem o exemplo. Enquanto equipe econômica e governo tentavam redesenhar o futuro da *Nação*, por outro lado, Brasília tornou-se um campo

de guerra submetida a diversas ações violentas sob o comando do General Milton Cruz, figura de postura reconhecidamente refratária às manifestações populares e à oposição ao regime, que ainda se acreditava ser duradouro.

Guimarães (1982i, ALJOG/UPF, grifo do autor) mostrava-se temeroso e muito insatisfeito acerca da questão anteriormente mencionada, conforme podemos perceber:

Assim como na área econômica, nos setores políticos é temerário falar-se em perigo de não saírem as ditas eleições. O mais atilado será dar de barato que elas são mesmo sagradas e inadiáveis, segundo o general Figueiredo. Se os políticos começam a falar com temor que a todos assalta, na hora precisa o governo decide prorrogar mandatos, nomear governadores biônicos, conforme a praxe, e tudo ficará na santa paz do Senhor. O recomendável, dizem, é calar diante das possibilidades, nada de preparar o espírito do povo, nada de alertar a opinião pública. Na hora tida como certa tudo acontece e o governo apenas diz que todos sabiam da verdade, tanto assim que os jornais “não falavam em outra coisa nos últimos meses”.

Todavia, o que parecia, por diversas vezes, impossível de acontecer, inclusive por adiamentos ocasionais, concretizou-se. Nas eleições de 15 de novembro de 1982, a primeira de outras que viabilizou o voto direto, as esperanças renovaram-se em todas as Câmaras de Vereadores, nas Assembleias Legislativas Estaduais, na Câmara dos Deputados, bem como em parte do Senado, os quais conheceram as eleições de maneira direta: pelo voto do povo. Isso, por sua vez, influenciou diretamente a escolha do próximo Presidente da República, nas eleições de 1984. Conforme Guimarães (1983f, ALJOG/UPF), em outras palavras:

Os próprios militares que se diziam em retorno aos quartéis (de onde nunca saíram, segundo alguns menos temerosos do ridículo) opinam abertamente não só sobre inconveniência de eleição direta para Presidência como vão mais longe: deixam no ar pesadas ameaças. Eles acham inadmissível que a nossa democracia queira ir ao cúmulo de escolher o presidente da República.

No entender de Pilagallo (2009), o pleito eleitoral de 1982 correspondeu ao primeiro movimento multipartidário, desde o ano de 1965, haja vista ter envolvido na época aproximadamente 58 milhões de eleitores na disputa de inúmeros cargos políticos (vereadores, deputados federais e estaduais, senadores). Em virtude do voto direto, diversos nomes políticos marcaram a história. A campanha mobilizou o Brasil. Ao serem abertas as urnas, percebeu-se o alto nível participativo da população, pois o total dos votos nulos não ultrapassou 4%. Os debates realizados chamaram a atenção do povo que retribuiu com a escolha pelo voto. Quanto ao Governo Federal Figueiredo, a percepção foi ainda maior, uma vez que o povo afirmou querer mudanças consideráveis em todos os segmentos. Enquanto os partidos comemoraram o feito, o Governo Federal preparou um golpe contra os trabalhadores e, em 25 de janeiro de 1983, instituiu o Decreto-lei nº 2012, que reverteu a política salarial expressa na Lei nº 6.708

(30 de outubro de 1979), retomando o arrocho que supriu o reajuste inferior em relação ao aumento do custo de vida.

Realizado o pleito de 1982, o próximo passo era seguir rumo ao projeto de abertura política: a eleição direta para a presidência da República. O clima estava mais para “se” do que para “quando”. Quanto aos governistas, sabendo que estariam fora da competição, não demonstravam pressa. Por outro lado, os oposicionistas, que estavam assumindo o controle de importantes governos estaduais, por exemplo, viam-se na obrigação de acelerar o andamento da situação. No entanto, o anseio pelo movimento das Diretas Já mudava consideravelmente o cotidiano das perspectivas políticas.

No ano de 1983, o clima era de significativa insatisfação instaurada também entre os mais diversos setores empresariais, o que aumentou, ainda mais, a desconfiança nas providências do governo face à economia. A isto Guimarães (1983i, ALJOG/UPF) destacou:

Ninguém sabe, na verdade, o que pensam os chamados presidenciáveis sobre os graves problemas nacionais, tais como a inflação, a alta de juros, a dívida externa, o desemprego, os acordos com o FMI, os empréstimos sucessivos que só agravam nossa situação de solvência internacional.

No ano em questão, pairavam situações que preocupavam Josué Guimarães, como a corriqueira falta de conexão e entendimento do Governo e sua equipe. Há tempos, observava-se que os governantes andavam por caminhos descruzados de maneira visivelmente declarada. Neste sentido, Guimarães (1983c, ALJOG/UPF) asseverou: “Não ficaremos muito distanciados da realidade se dissermos que o próprio presidente Figueiredo, a princípio arredo, mas não muito, deve avaliar o seu papel de coordenador”. Além disso, os dias da população brasileira ainda eram vividos na obscuridade e na completa incerteza. O Deputado Dante de Oliveira, do PMDB mato-grossense, apresentou emenda constitucional propondo eleições diretas, e de tão extemporânea que foi a colocação promoveu-se ato político em Goiânia, que também passou despercebido. Segundo Pilagallo (2009), a iniciativa passou a ser percebida após um encontro entre Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo que ainda muito embrionária.

A isto, Guimarães (1983c, ALJOG/UPF) ressaltou: “O tempo, nessa corrida, termina virando a mesa”. A história, por sua vez, desenrola-se, de fato, em janeiro de 1984, quando o Governador Franco Montoro reuniu milhares de pessoas na Praça da Sé, em São Paulo, unidas por mais de 12 horas, apesar de chuva torrencial. Essa foi, sim, a primeira gigante manifestação seguida de outras mais. Nela, políticos subiram no palanque e agitaram os ânimos da população como entusiastas defensores dos direitos do povo. Ulysses Guimarães, um dos mais aclamados,

consagrou-se como o “Senhor das Diretas” (PILAGALLO, 2009, grifo nosso). Guimarães (1983d, ALJOG/UPF) ironicamente destaca: “Se o exemplo pode ou não pegar no resto do País, preocupa somente o próprio governo, já que as oposições enxergam no fenômeno uma boa passagem para melhor aproximação com o eleitorado, tendo em vista embates futuros.”

Os articuladores da emenda temiam que ela não passasse, pois a aprovação dependia de 2/3 no Congresso o que, na época, condizia a ser situacionista, em sua maioria. Sabia-se que nos bastidores articulava-se a criação de um plano B para viabilizar candidatura de oposição maciça às eleições diretas. Na véspera da votação, a sociedade foi lembrada de que, apesar dos atos cívicos, desde o início daquele ano, ainda estava submetida à ditadura cívico-militar. O Governo Figueiredo mobilizou recursos para conter a pressão do povo em Brasília, dando ordens para manter longe da capital federal as caravanas que se dirigissem até ela (PILAGALLO, 2009). Houve, sumariamente, censuras, agressões, prisões e total repressão aos manifestantes. O que se imaginava se realizou na Câmara com a não aprovação do pedido. O barulho das ruas cessou, mas os ecos não. Por conseguinte, Guimarães (1983j, ALJOG/UPF) reafirmou:

Por outro lado, a vigilância policial se fazia presente nos subúrbios mais longínquos e pobre ou, paradoxalmente, nas ruas mais centrais da capital. Mas o elemento visado foi sempre o indivíduo de aparência miserável ou, no jargão policial, o indivíduo suspeito. Colarinho e gravata foram sempre passaporte para a impunidade. Chinelo de dedo e calça furada, barba por fazer ou banho por tomar, eis aí características certas da marginalidade que polícia sempre buscou.

Ao longo de 1983-1984, o degaste e o isolamento do regime ditatorial surgiram ainda mais potentes. Conforme Netto (2014), o processo de mudança no atual cenário político era pensado em prol das eleições, por meio do voto direto, que não se fez inerente somente à vontade política de votar e escolher o sucessor do Presidente da República, como, até, incidiu na intenção de explicitar a necessidade de mudanças políticas, assim como de ideias adequadas ao crescimento do Brasil. O que levava a crer que somente dessa maneira haveria transformações que afetassem a organização econômica e social do País. Tal situação tornou-se visível quando somente a classe operária reinseriu-se na cena política e a movimentação trabalhadora dinamizou a luta contra a ditadura, reprimindo e comprimindo a frente oposicionista. Incorporar e divulgar suas bandeiras, naquele momento, era crucial para os trabalhadores e seus apoiadores, uma vez que, desse jeito, dariam dimensão econômica e social à vida brasileira. E foi o que ocorreu. Em meio ao dinamismo dos operários, batalhadores incansáveis, enormes contingentes salariais foram trazidos para o batente democrático,

obviamente por mostrarem que o objetivo das conquistas transcendia os horizontes políticos-institucionais. Sendo assim, Guimarães (1984c, ALJOG/UPF) destacou:

As oposições, se de fato estão honestamente empenhadas pelo retorno das eleições diretas, devem começar pelo princípio: não se fala em candidato, em nomes, em ambições, ou seja, o que for. Como um todo, o objetivo deve estar centrado e o resto adiado. Se pra o regime as eleições diretas significam a perda do poder, para as oposições devem significar a conquista do poder.

Seguindo por essa compreensão, acerca do quadro político de 1984, uma das condições era que a medida de Dante Oliveira avançasse e promovesse o processo de democratização. Com isso, haveria a substituição do atual Presidente da República, bem como se pensaria em uma nova Constituição. Netto (2014, p. 242) reitera, dessa maneira, que:

uma Constituinte deste tipo seria a condição necessária (embora não suficiente) para que a transição da ditadura à democracia contemplasse a vontade política das massas que se mobilizaram na campanha das Diretas Já (NETTO, 2014, p. 242).

Da percepção de Guimarães (1984k, ALJOG/UPF), importa-nos ressaltar:

De uma coisa ninguém escapa nesta hora política em que vivemos: a sensação de que algo possa acontecer, de repente, num átimo, virando tudo de pernas para o ar. Nessa novela das oito com trama bem ao sabor das massas, com amor, ódio, traições, beijos e abraços difícil se torna descobrir qual o mocinho, qual o bandido. Tão empolgadas andam as oposições com o Colégio Eleitoral, diante da iminência de fazer o Presidente da República, que se o regime bater na mesa e encaminhar ao Congresso uma nova emenda prevendo eleições diretas-já, teremos uma reviravolta histórica sem precedentes.

Em 25 de abril, veio o resultado e a emenda não passou (NETTO, 2014). Guimarães (1984e, ALJOG/UPF) deferiu diretamente:

Duzentos e noventa e oito deputados aprovaram a emenda Dante Oliveira. Sessenta e cinco a rejeitaram. Os ratos, esses ficaram em casa, ou na sala do cafezinho, com medo de um safanão do general executor das medidas repressivas. Mas desde quando a esmagadora maioria teve voz ativa nesse País?

Segundo Netto (2014), houve 298 votos a favor, 65 contra, 113 ausências e 3 abstenções. Por se tratar de uma emenda constitucional, era necessário a aprovação de 2/3 da casa, perfazendo 320 votos. Logo, com o somatório de somente 22 votos, a emenda tampouco foi apreciada pelo Senado Federal, finalizando, assim, a mobilização pela campanha das Diretas Já. Todavia, se os analistas mais eficientes da época não se surpreenderam com o resultado, quanto às massas que dele participaram empolgadas, amargaram o desalento. Mesmo com a rejeição, a emenda foi essencial para unir a população e vozes de diferentes opiniões políticas

por um ideal comum, a volta da democracia por meio das eleições. As manifestações das Diretas concluíram o processo de enfraquecimento da ditadura. Mesmo continuando indiretas, por causa da derrota da emenda, as eleições pelo Colégio Eleitoral consagraram o candidato da oposição, o civil Tancredo Neves, em 1985. O candidato apoiado pelos militares, o atual Deputado Federal Paulo Maluf, do PP paulista, foi derrotado. Podemos entender que, desse modo, a criação da Frente Liberal foi a ideia acertada por aqueles políticos, para que se compreendesse que o processo de democratização, ao qual a abertura se convertera, era o que lhes daria sobrevivência política, afinal, hipotecava-se o pouco de dignidade que ainda lhes restava estava.

Novamente, lembramos o que ressaltou Guimarães, um ano antes do ocorrido (1983c, ALJOG, UPF, grifo do autor):

A avalanche de candidatos é grande e com tendências a aumentar ainda mais, em face um só detalhe: haverá uma nomeação e não “eleições”. Noventa por cento desses ansiosos salvadores da Pátria recuariam se tivessem pela frente uma “urna”. [...] Daí a tese da reeleição dos Executivos. Embora negue, o Presidente sonha.

As negociações com a Frente Liberal, partido político nacional criado em 24 de janeiro de 1985 por dissidentes do Partido Democrático Social (PDS), que em 28 de março de 2007 passou a se chamar Democratas (DEM), tinham outras naturezas. Dentre elas, segundo Netto (2014), havia pontos de agenda da Frente Democrática que se desmembravam da ditadura que precisavam ser discutidos, como o futuro ordenamento constitucional, por sua vez, que era pouco pensado. Era notório que, para as classes soberanas, seria impossível defender e, ao mesmo tempo, suportar a democracia. Assim, surgiu a coalização Aliança Democrática que apresentou o documento “Compromisso com a Nação”, segundo Netto, (2014, p. 245-246), contendo os princípios orientadores das ações comuns, na visão de quem o organizava, ou seja, “a consolidação das instituições democráticas, o desenvolvimento econômico do Brasil e a realização da justiça social” (NETTO, 2014, p. 246). Guimarães (1984i, ALJOG/UPF), então, escreveu: “A história é feita assim. No caso brasileiro, o alto do muro oferece uma vantagem inegável: torna-se mais fácil saltar, como os filmes de faroeste, sobre o cavalo encilhado. A Frente, que quer ser partido, não quer apenas isso.”

Consoante Netto (2014, grifo do autor), o conhecido *Compromisso com a Nação* viabilizava, lentamente, a derrota da ditadura, regime que se via lento e cansado, e dava curso ao processo de democratização; “Mas o preço da conciliação dependeria da correlação de forças que a estabelecesse a partir de agora na direção do processo de democratização” (NETTO, 2014, p. 248), instaurando garantias políticas contra os excessos e o arbítrio que a Aliança

Democrática mostrava-se disposta a assegurar. Nos meses seguintes, Tancredo Neves, em campanha, reafirmava medianamente seu nome junto ao cenário político, não iludindo, tampouco prometendo fantasias para a população. Além disso, não evitava questões embaraçosas sobre sua trajetória política e ainda mandava recados certos, como aqueles sobre a dívida externa, justificando que ela jamais seria paga com a fome dos brasileiros. A este cenário desolador, quando se tratava de ressaltar as dores do povo, Guimarães (1984i, ALJOG/UPF, grifo do autor) era enfático: “Como o trabalhador em geral está reduzido à comida racionada, sem poder aquisitivo para um par de chinelos, a retratação nas “compras” ocasiona o fechamento de fábricas e o desemprego”. Paralelamente, Guimarães (1985a, ALJOG/UPF) destacava:

Para o candidato eleito, tanto faz, pois foi aos comícios das diretas-já com vontade e disposição. Não fez o jogo do Colégio Eleitoral. Era e sempre foi contra ele. E coisa sabida por todos. Vai agora para a Presidência da República disposto a governar como se eleito fosse em eleições diretas, limpas e puras.

O nome de Tancredo Neves se fez vencedor com o resultado obtido. Na visão de Pilgallo (2009), a eleição que colocou Tancredo Neves no cargo de Presidente da República o fez com folga considerável: 480 votos contra 180 do oponente Paulo Maluf. O entusiasmo da sociedade não se comparou à euforia das Diretas Já, mas houve comemoração, afinal a democracia estava, aos poucos, tornando-se plena e a longa existência da ditadura, finalmente, sendo deixada de lado. Quanto a Guimarães (1985d, ALJOG/UPF):

Foi decepcionante e melancólica a entrevista do presidente Figueiredo à televisão. Não se esperava que ele tecesse um hino à nossa grandeza como País e sua esperança nos seus destinos. Mas, afinal, era um homem cansado do poder que viu chegar os últimos dias de sua investidura. Era mais, para a visão do público, um homem que não desejava prolongar por mais um dia seu mandato. [...] Nenhum presidente deixa suas funções com tanto desamor e cansaço. Um homem que se considera traído por seus melhores amigos e desiludido pelo poder.

Quanto a Tancredo Neves, ao ganhar a eleição, viajou por mais sete países, inclusive EUA e lá se encontrou com o Presidente Ronald Reagan. Outra característica importante a ser lembrada são os constantes esquecimentos de tratamento de saúde do Presidente eleito, que, então, com 75 anos de idade, não se poderia esperar. Para Tancredo Neves, o reconhecimento internacional era indispensável naquele momento e sua agenda estava sobrecarregada de visitas insubstituíveis para o bom relacionamento do Brasil com os demais países. Neste sentido, Guimarães (1985b, ALJOG, UPF) completou: “Ele foi o homem que monopolizou as massas na inesquecível campanha das diretas-já, arrastando para as ruas o povo que desejava, antes de mais nada, a democracia.” Era, portanto, necessário a Tancredo Neves finalizar o que

havia começado e retribuir o reconhecimento recebido, mesmo que sua saúde permanecesse em segundo plano. Guimarães rememora (1985b, ALJOG/UPF):

Tancredo carrega consigo a esperança do homem da rua. O fato de que venha a corresponder ou não aos anseios gerais nada tem a ver com sua eleição pelo Colégio Eleitoral. Ao contrário, a origem espúria de sua ascensão à Presidência da República deve servir de estímulo a um trabalho gigantesco de recuperação deste país, saído 21 anos de ditadura e desacertos. Como Tancredo é um mortal como todos nós, fará o que todo o brasileiro de boa vontade realizaria em prol do Brasil, honestamente.

Tancredo Neves retornou para o Brasil uma semana antes da sua posse, mas estava debilitado e não demonstrava condições adequadas de saúde para ser empossado, o que ainda não admitia, pois não aceitava, em nenhum momento, a condição enfraquecida de seu estado. Tal negligência resultou, em 13 de março, dois dias que antecederam sua posse, em uma necessidade irremediável de cirurgia abdominal. Entretanto, desconsiderou a relevância do cuidado emergente com seu bem-estar e adiou a realização cirúrgica. Para ele, o ato político era crucial, sendo que temia uma crise institucional, caso Figueiredo não transmitisse o cargo, conforme determinava a Constituição. Sua higidez não acompanhou seu raciocínio e, na véspera da posse, outra crise de dor abdominal o obrigou a ser internado às pressas no Hospital Base de Brasília por suspeita de apendicite. Foi operado urgentemente e não tomou posse. Tancredo não estava enganado em relação ao Presidente Figueiredo, que não deixou de transmitir o cargo ao então Vice-presidente eleito José Sarney, mas desconsiderou os protocolos e não entregou formalmente a faixa presidencial ao seu oponente (PILAGALLO, 2009).

Consoante Pilagallo (2009), Tancredo Neves teve esperança em retornar para sua vida normal e assumir o poder conferido por meio do voto do povo. No entanto, esforçou-se para demonstrar estabilidade, o que somente agravou sua condição. Foi submetido a novas intervenções cirúrgicas, desta vez, no Instituto do Coração, em São Paulo, e, na última, apresentou quadro profundo de inconsciência. Não resistiu e faleceu em 21 de abril, data comemorativa a Tiradentes, cuja imagem lhe foi associada pela imprensa, referente a alguém que soube batalhar pela democracia do País. A *Nação* comoveu-se com o falecimento de Tancredo Neves. Destacam-se as seguintes palavras de Guimarães (1985f, ALJOG/UPF):

A longa e fantástica doença de Tancredo – e sua subsequente morte – deixaram um vazio irreparável na vida brasileira e, acima disso, causou pânico na estrutura do governo que ele havia montado com tanto cuidado. Os atuais mandatários não sabem, literalmente, o que fazer primeiro para levar avante o programa de governo traçado pelo estadista morto. É bem verdade que Tancredo tinha uma ideia avançada do que fazer diante dos graves problemas que nos afligem. Tudo foi enumerado na sua magnífica campanha eleitoral, de tal maneira que seu sucessor não tem por onde começar.

José Sarney, seu Vice-presidente, não estava claramente moldado para assumir tamanha responsabilidade sob pressão incondicional do objetivo plantado por Tancredo Neves. José Ribamar Ferreira de Araújo Costa, maranhense, formado em Direito, adotou o nome de José Sarney, em virtude da menção que fazia a seu pai. Com sarcasmo, Guimarães (1985f, ALJOG/UPF) asseverou: “O peso do governo caiu sobre a cabeça do vice como um raio”. Como se temeu, seu mandato de Presidente da República (1985-1989) apresentou diversas reviravoltas, seguido de planos desastrosos e choques heterodoxos, bem como o conhecido feijão com arroz. Consoante Pilagallo (2014), nesse período, a inflação foi multiplicada por quatro e ocupou a casa dos 1.000% ao ano, abrindo as portas para uma hiperinflação. O setor público, que progressivamente assumiu a dívida do setor privado, também levou a culpa pela crise, entrando rapidamente nas situações mais problemáticas já enfrentadas por todos os tempos, pois financiava dívidas e endividamentos alimentados pela existência de incontáveis encargos, dentre outras situações.

Os problemas aumentaram exponencialmente após a morte de Tancredo Neves e a posse de José Sarney. Enquanto isso, tentava-se manter viva a chama da mobilização popular, preocupando-se em alterar os eixos das lutas sociais e políticas para a conquista de reivindicações sindicais e populares. Além do mais, Sarney era um político acoplado a uma aliança complexa, a qual, por sua vez, mantinha, em seus princípios, o apoio de lideranças de diferentes ideologias e valores internacionalistas, assim como nacionalistas, liberais e antiliberais. Alguns deles, especificamente os antiliberais, apresentavam suas expressões pautadas no fortalecimento econômico na industrialização, para isso caberiam diversas intervenções hegemônicas. Outros aliados políticos reforçavam o compromisso com o tão sonhado crescimento econômico, inclusive, o combate à pobreza e à desigualdade social como prioridades para a existência de uma vida social adequada a todos. Assim, Guimarães (1985k, ALJOG/UPF) sobressaiu em seu discurso cronista:

Estamos chegando perto da ponte, isto é, perto da verdade. As eleições vão dar razão às pesquisas tão malfadadas ou às teses dos candidatos derrotados que só esperavam a vez de provar que tudo não passa de grosseiras mentiras para engazopar o eleitorado crédulo. Agora, na era do levantamento da opinião pública, as disputas se tornaram mornas e consabidas, sem lugar para vãs esperanças e sonhadas ilusões de vitória. É verdade que em certos casos as diferenças são tão pequenas que, de semana para semana, uns se alternam aos outros, emprestando o calor da dúvida para os pretendentes aos cargos em disputa.

Outra situação que merece destaque, neste mesmo momento político, segundo Pilagallo (2014), compete ao PT, que iniciava coesões internas, bem como intensificava sua participação

nas ruas e afins com simpatizantes e militantes, organizando movimentos que chamavam a atenção para o cenário atual, especialmente para as ações governamentais que se encarregavam de diminuir as esperanças da população. De acordo com o autor, o momento era propício, pois mostrava que o PT saía da marginalidade (como era visto por muitos) e resultava em crescimento de diferentes frentes.

A partir daqui, quanto ao período de 1986, no ALJOG/UPF, contamos apenas com uma crônica jornalística de Josué Guimarães, datada de 03 de fevereiro de 1986, sob a temática direcionada ao cenário político estadual do Rio Grande do Sul. Como nossa pesquisa está direcionada para o cenário político, social e econômico nacional daquele período, ela não será, aqui, reinterpretada, mas constará para fins de registro de existência e importância do documento no ALJOG, bem como para outras pesquisas.

Neste instante, direcionamos novas informações para análise das devolutivas do IRAMUTEQ, nos recursos *Nuvem de Palavras* e *Análise de Similitudes*.

6 DADOS E RESULTADOS: SENTIDOS, LANÇADOS E RECEBIDOS

Conforme Cupani (2017), o homem é um ser vitalmente sedento por explorar possibilidades, defender ponto de vista, ser útil, assim como amar e ser amado, dentre outras necessidades naturais para o seu desenvolvimento. É inegável que ele busque experiências e aventure-se por caminhos inovadores. Logo, a tecnologia, com suas incontáveis possibilidades, oferece-lhe um universo repleto de experimentos interessantes ansiando por ser efetivada na prática. Neste viés, a tecnologia, produto direto da modernidade, tornou-se fundamental e indissociável, uma vez que corresponde, dentre várias possibilidades, a um formato diferenciado de riqueza aos olhos atentos da humanidade.

Além do mais, o processamento da informação é, de fato, indispensável à sociedade, que rapidamente, no século atual, potencializou essa função de forma jamais pensada em outros momentos. Aprende-se mais, velozmente, de diferentes modos. Todavia, em consonância com Cupani (2017, p. 104), é preciso que se tenha em mente que “o computador não substituiu o ser humano porque não é, em rigor, um cérebro nem ‘sabe’, *stricto sensu*, nada”. Mesmo as versões mais sofisticadas possíveis, não criam sozinhas, pois quem continua a pensar, em todas as ações, é o ser humano por trás da máquina.

Segundo Cupani (2017), o computador não é, de fato, um tomador de decisões, mas, sim, um facilitador para *tomada* de decisões que minimiza a incerteza. No entender do autor, a tecnologia não se reduz a ser comparada a um produto do conhecimento. Porém, especificamente a um campo que proporciona saberes específicos, visto que compreender o mundo, em seus muitos aspectos, é uma real necessidade do homem e transforma-se, cada vez mais, inclusive, pela busca de dados, informações, complementos, em especial, quando solucionam impasses. Assim sendo, o computador realça a maneira de entender, o que significa conhecer. Logo, saber corresponde, na atualidade, a sinônimo de acumular informações e mantê-las disponíveis em um formato ímpar de guarda. A isto, o autor complementa afirmando que a “a mudança de significado das palavras saber e conhecer é, de resto, um caso da mudança que a tecnologia produz na maioria das palavras fundamentais a que recorreremos: liberdade, inteligência, verdade, aprendizagem, etc.”. (CUPANI, 2017, p. 194).

Mesmo com a tecnologia e suas facilidades, especialmente aquelas trazidas pela *Internet*, um dos principais aspectos que dificulta a digitalização de acervos, bem como a preservação dos já existentes, especialmente quando digitalizados, recai na implantação, na disponibilização, no armazenamento, na preservação dos conteúdos resguardados por eles, sem contar nos custos elevados que os acarretam. *Sites* e plataformas, quando destinados à finalidade

de preservação da memória, constantemente precisam ser abastecidos, atualizados, reformados, haja vista, quase sempre, comportarem volume considerável de material exigido para dar vida aos projetos que neles permanecem. Digitalização, manutenção de banco de dados construídos para áreas específicas e com diferentes finalidades não dialogam entre si, por se tratarem também de processos complexos e custosos. Além disso, profissionais que atuam em ambientes assim relatam, constantemente, haver desproporção no armazenamento do material digital, inclusive, por falta de recursos financeiros que viabilizem a contratação de pessoas qualificadas para a função.

O que se comprova diariamente é que acervos não fazem parte das discussões políticas, também quando o assunto corresponde à digitalização. É preciso, muitas vezes, lidar inclusivamente com as desvantagens oferecidas por *softwares*, muitos de formato livre, que tentam adaptar as necessidades das instituições, mas que apresentam interoperabilidade entre acervos, museus, bibliotecas e afins, não suprimindo e tampouco favorecendo as ações e demandas que são exigidas para tais procedimentos. Diversos profissionais levantam questionamentos acerca de programas desse porte, que, quase sempre, são as únicas garantias para se iniciar um trabalho no meio digital. Questiona-se a ausência da devida sustentabilidade, principalmente aos projetos iniciais de digitalização dos espólios, mas, por outro lado, reconhecem que possa ser a única escolha para tal, o que exigirá muita responsabilidade.

Apesar do que, aqui, já mencionamos, é preciso que se ressalte, ainda, que várias instituições brasileiras, as quais demonstraram interesse em preservar o patrimônio de uma comunidade, seja pública, seja privada, não conseguiram viabilizar por completo a questão estrutural, por exemplo. Por não encontrar fôlego em nenhum amparo governamental, as intenções estacionaram e algumas foram completamente descartadas. As constatações são ainda mais desagradáveis quando se tratar de universidades, as quais sobrevivem aos insensatos *golpes* recebidos do Governo Federal atual. Demonstrações assim, atreladas ao descaso sobre a preservação digital de patrimônio documental no Brasil, fazem, até mesmo, com que instituições incorram em erros de planejamento, tornando as ações benéficas para a cultura, a história e o conhecimento de uma sociedade em verdadeiros dilemas digitais. Sem ampliação de políticas setoriais voltadas a tal categoria, não haverá maneira de potencializar, tampouco implantar acervos digitais que fortaleçam a comunicação entre todas as formas de política. É direito de uma *Nação* preservar seu legado, mas, na atualidade, esse benefício também tem sido roubado do povo.

Antes de mais nada, convém, novamente, ressaltarmos, que Josué Guimarães teve uma vida jornalística e política, além da literária, ativa e intensa. Conviveu com nomes que

protagonizaram a história brasileira, vivenciou-a com a intensidade de um ativista, sendo diversas vezes perseguido. Nos seus textos, em especial os que selecionamos para esta Tese, a crônica jornalística de Josué Guimarães, entre o período de 1980 a 1986, convida-nos a revisitar as textualidades do passado como dados que representam, refletem, mesmo sob as condicionantes de qualquer discurso, o que se pode (re)ler como resultado de uma investigação que coteja o que se escreveu no passado com o que se pode estar vivendo no presente, ou neste passado que nunca realmente se supera, quando se recolocam as conquistas democráticas em risco de retrocesso.

O jornalista e escritor Josué Guimarães proporciona-nos, em diversos momentos dos seus textos aqui escolhidos para análise e apreciação do IRAMUTEQ, nos recursos *Nuvem de Palavras* e *Análises de Similitude*, independentemente das datas que as crônicas foram elaboradas, perceber como a ditadura cívico-militar se firmou e agonizou. Também nos oportuniza conhecermos melhor, um pouco antes da quase uma década de escrita jornalística separada para esta Tese (1980-1986), como Ernesto Geisel restabeleceu o primado da presidência da República sob os comandos militares, desde 1964, os quais viam o presidente como um delegado responsável pela desordem a qual chamavam de “Revolução”. Assim, o jornalista e escritor nos fez observar, inclusive, o General João Baptista Figueiredo, o último dos generais no poder, que o deixou implorando para que esquecessem a ele e sua administração, além da finalização da sua participação na política daquele período. Notamos, ainda, nos textos lidos, que os últimos momentos de Figueiredo foram de convívio direto e de forma constante com a ameaça em forma de campanha das Diretas Já. Além disso, Josué Guimarães apresenta nas entrelinhas dos seus textos como a inflação é capaz de corroer e destruir qualquer significado de uma referência monetária.

Ao lermos Josué Guimarães, em vários momentos, recaímos repetidamente, de maneira sensível, sobre a percepção do termo *repressão*, que, por sua vez, correspondeu a um sistema pensado pelos maiorais do poder, e que de pequena a história não teve nada. Nas (entre)linhas dos textos aqui analisados fica evidente que operários, trabalhadores, sindicalistas, estudantes, artistas, dentre outros, resistiram e muitos pagaram um alto preço, até mesmo com a própria vida. Quanto mais líamos as crônicas jornalísticas, mais refletíamos sobre o momento ao qual elas pertenciam. E aqui ressaltamos que, após a geração das imagens pelo *software* IRAMUTEQ, as palavras que mais nos chamavam a atenção nos recursos visuais não saíam da mente com facilidade. Uma expressão nos levava a um acontecimento que, imediatamente, se ligava a outro; assim tínhamos, em poucos instantes, vários fatos interligados para serem analisados. O IRAMUTEQ nutre a habilidade de elencar o que mais se destaca num montante

específico de texto e, de fato, assim se seguiu. A ferramenta IRAMUTEQ encaminhou-nos para possibilidades de reflexão sobre a história de maneira uniforme e responsável. Logo, era perceptível que uma das intenções do jornalista e escritor também recaía na incansável preocupação em favorecer um olhar adequado acerca de, por exemplo, a economia estar a serviço do poder da ditadura cívico-militar, encarregada de instalar um modelo econômico que servia somente ao grande serviço “capitalista”, expressão destacada na Ilustração 1, também a ser apresentada a seguir no item *6.1 Nuvem*, inclusive, aos estrangeiros.

A ordem instalada naquele período histórico também explorava os trabalhadores, operava opressivamente no parque industrial e mantinha o caráter oligárquico da propriedade das terras que impedia a reforma agrária desejada por muitos. Impressões assim nos acompanharam ao longo das primeiras leituras das crônicas, ainda dispostas no material físico original, e se seguiram mais presentes após o recebimento das devoluções do IRAMUTEQ nos dois recursos performáticos selecionados por nós.

Josué Guimarães, em seus textos, que neste instante quase perfazem uma década de conhecimento histórico sobre a *Nação* brasileira, demonstrou que, a partir da década de 1974, o Brasil começou, a passos lentos, pensar num processo de abertura vagarosa e gradual com a intenção de restaurar as liberdades políticas da então “democracia”. A mesma sentença também está ressaltada na Ilustração 1, constante no item *6.1 Nuvem*, a seguir representada. O momento, por sua vez, permitiu, dessa forma, a criação de novos partidos, o que se seguiu, a contar de muitas greves, responsáveis diretas pelo enfraquecimento do regime. As maiores cidades brasileiras mobilizaram-se e deram voz a ações que manifestavam o desejo dos brasileiros, a exemplo, as Diretas Já. Nas palavras escolhidas pelo jornalista e escritor, a década de 1980 apresentou-se ainda mais fundamental para compreendermos o processo de democratização do Brasil e de transição do regime autoritário para o processo democrático.

6.1 A NUVEM

O recurso *Nuvem de Palavras*, a fim de lembrar, corresponde a um agrupamento de palavras baseado na frequência de sua existência nos textos encaminhados para apreciação do *Software* IRAMUTEQ. De forma rápida e simples, apresenta palavras-chave, numa espécie de janela, para demonstrar aquelas que são mais relevantes e presentes num determinado *corpus*, a contar de uma determinada configuração específica escolhida ou não pelo pesquisador-observador, se assim ele desejar. Neste caso, mensuramos novamente que somente preparamos o material conforme instruções de Camargo e Justo (2013). Solicitamos apenas uma varredura

por parte da ferramenta de leitura IRAMUTEQ para ambos os recursos gráficos. Por sua vez, a ação distribuiu as sentenças de maior relevância e indispensabilidade ao(s) contexto(s) apresentado(s) nos textos jornalísticos de Josué Guimarães.

Substanciamos, inclusive, que também era parte do nosso objetivo, desde o início deste estudo, testar o IRAMUTEQ aproveitando ao máximo seu desempenho, em sua essência, sem retomadas e reencaminhamentos do *corpus* tampouco estipular configurações. Queremos testar ao máximo a essência da plataforma leitora, apenas. Reiteramos, dessa maneira, que o período selecionado das crônicas jornalísticas (1980-1986) contempla o que destacamos como temas relevantes abordados pelo jornalista e escritor Josué Guimarães, isto é, a profunda crise econômica nacional, observando alguns instantes no mundo, o final da ditadura cívico-militar, as Eleições de 1982 e as Diretas Já, seu entendimento sobre governo e corrupção. Neste viés, nosso intuito se fortalece em apresentar o IRAMUTEQ não como um contator de palavras, mas como uma plataforma leitora que facilita a interpretação da escrita jornalística de Josué Guimarães sem persuadir ou diminuir o olhar do pesquisador-observador. Portanto, analisar os textos do autor em questão nos fará retomar episódios, situações, intenções, assim como relembra nomes importantes de outras instâncias e personalidades que foram discutidas por ele nos trechos selecionados para nossas reflexões.

Para iniciar nossos apontamentos, optamos por utilizar apenas duas ilustrações (1 e 2), sob o recurso *Nuvem de Palavras*, por entendermos que são suficientes para nos introduzir no universo histórico da fase vivenciada por Josué Guimarães, em especial, quanto aos temas da ditadura cívico-militar, cenário bem conhecido por Josué Guimarães, ou ainda sobre o Governo Ernesto Geisel, constantemente citado objetiva e subjetivamente pelo jornalista e escritor nas crônicas correspondentes ao período estipulado para esta Tese.

Quanto ao segundo recurso, as *Análises de Similitude*, escolhemos o montante de três unidades por entendermos que elas simplificaram mais nosso olhar e favoreceram um melhor entendimento para determinadas situações constantes nos textos de Josué Guimarães, que, por vezes, não mencionam datas, períodos, apenas são traduzidas por palavras, sinônimos, figuras de linguagem, ironia e sarcasmos; elementos próprios da crônica. Portanto, desafiamos o *Software* IRAMUTEQ a selecionar as palavras que somente, à primeira impressão, nos transportassem para o objetivo, momento, circunstância de cada texto preparado por Josué Guimarães que faz parte deste estudo. De fato, foi o que a ferramenta nos proporcionou.

Para começo das nossas observações, escolhemos as palavras que aparecem em ambas as Ilustrações 1 e 2, com destaque para “governo” ao centro das imagens geradas pelo IRAMUTEQ, “violência”, “problema”, “situação”, “país”, “Geisel”, “sofrer” “democracia” e

“partido”, que, de fato, as vemos muitas vezes na escrita jornalística de Josué Guimarães dos textos elaborados no período de 1980-1986. Quase sempre, essas expressões eram detentoras de um discurso carregado de intenções que iam de uma ironia a uma crítica severa. Desta maneira, reportamo-nos rapidamente à leitura, a exemplo, das crônicas “*Problemas da violência*”, 1980a, “*Os indesejáveis*”, 1980b e “*Os homens não mudam*”, 1980h. Após imediato contato com as Ilustrações 1 e 2, esses textos foram relidos.

Neste primeiro contato, queríamos ter duas certezas: a de que o programa apontaria palavras relevantes para que começássemos nossas observações; a de que estávamos no caminho certo quando pensamos em explorar o IRAMUTEQ em sua essência. Nossa preocupação era, desde o início, que o programa não “direcionasse” nossas reflexões de maneira persuasiva, o que, nestes casos, é muito criticado por diversos profissionais, especialmente na Área das Letras, que afirmam que ferramentas assim comprometem as reflexões, pois podem assumir o controle das análises e persuadir observações por parte dos observadores. O programa estava alinhado com nossos objetivos e seguimos assim. As expressões escolhidas para este momento denotam que Josué Guimarães, nos textos acima mencionados, fez claras menções acerca da violência gerada pelas corporações militares, bem como sobre os muitos percalços ocasionados ao país acerca da crise econômica. Começava ali uma intensa relação dos nossos olhos com o significado das palavras de Josué Guimarães. Para nossa surpresa, além das associações com o tempo experienciado pelo jornalista e escritor, ao retomarmos a leitura das três crônicas, pudemos imediatamente associar a atual realidade com algumas situações identificadas a partir dali.

Algumas modificações importantes envolveram, em especial, os Estados Unidos da América, com a política externa, o que enfraqueceu a “hegemonia mundial dos Estados Unidos” (NETTO, 2014, p. 185), sobretudo pela unificação do país sobre a influência comunista. Todavia, não nos cabe, aqui, detalhar as implicações dessa crise, mas que elas foram decisivas para outras modificações no cenário histórico daquele período, de fato, sabemos que foram, conforme os relatos da história.

De certa maneira, contribuíram para a acumulação técnica de capital financeiro que alterou, consideravelmente, a divisão internacional do trabalho, reconfigurando a relação entre os países centrais e periféricos, no que dizia respeito, em especial, às empresas multinacionais. Neste cenário, no Brasil, Ernesto Geisel, assumia a Presidência da República e tinha como maior impasse relacionar-se com essa “crise” (Ilustrações 1 e 2), expressão também destacada por Josué Guimarães em vários textos. Aqui, mencionamos, em especial, a crônica “*Será capitalismo?*”, 1980n, que apresenta a preocupação cotidiana do jornalista, mesmo quando estava longe do seu país de origem, acerca dos “milagres” (Ilustração 1) que deveriam acontecer para conter os muitos infortúnios que a *Nação* brasileira vivenciava. Destacamos que a expressão *milagre*, ressaltada pela plataforma de leitura, correspondeu ao Brasil ter alcançado, no período de 1967 a 1973, taxas médias de crescimento muito elevadas e sem precedentes decorridas de parte da política econômica então implementada principalmente sob a Direção do Ministro da Fazenda na época, Delfin Neto, além de uma conjuntura econômica internacional muito favorável. Por isso, o momento ficou conhecido por “milagre econômico brasileiro”, terminologia anteriormente aplicada a fases de crescimento econômico muito rápido no Japão e em outros países. A expressão, em certa medida, identificou o desdobramento de diagnósticos e políticas adotados entre os anos de 1964 e 1966 por Otávio Gouveia de Bulhões e Roberto de Oliveira Campos, respectivamente Ministros da Fazenda e do Planejamento do Governo Humberto Castelo Branco, e consubstanciados no Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG) (NETTO, 2014).

Aos olhos de Josué Guimarães, também em conformidade com as palavras ressaltadas pelo IRAMUTEQ, nas Ilustrações 1, e adiante na 2, a expressão “situação”, aponta que, na época, o Governo Geisel não considerou as condições apresentadas pelo cenário internacional, percebendo apenas a continuidade do cenário econômico. Aliás, os textos observados nesta Tese apresentam em comum situações variadas sobre as quais Josué Guimarães discorre valendo-se de diferentes recursos propícios à crônica. Com isso, o escritor tornava seu discurso ácido, em alguns momentos, em especial quando citava nomes dos envolvidos com as artimanhas dos governos. Entendemos, ao ler as palavras de Josué Guimarães, ao longo dos

muitos contatos que tivemos com elas, que naquele momento o Brasil importava mais da metade, por exemplo, do petróleo aqui consumido, o que o classificava como um marchador forçado para o crescimento. Neste viés, ficou claro que o jornalista e escritor, neste instante, salientava que, além das estratégias assumidas pelo então presidente, havia a certeza da impossibilidade de conduzir um País estagnado e em plena recessão econômica.

Outra palavra que nos chamou a atenção, por ser constantemente utilizada pelo jornalista e escritor em diferentes momentos dos seus textos, bem como por ter sido evidenciada pelo IRAMUTEQ na primeira nuvem gerada por ele, corresponde à expressão “Lei Falcão” (Ilustração 1), a qual foi promulgada em 1976. Tal lei manifestou o intuito de modificar o Código Eleitoral, somando-se aos caminhos tortuosos da conjuntura política brasileira do momento. A lei em questão proibiu sumariamente que qualquer candidato se pronunciasse no rádio e na televisão em horários eleitorais. Ela determinou que, a partir das eleições municipais daquele ano, os partidos divulgariam somente o nome, o número e um breve currículo de cada candidato, contando, ainda, com a fotografia dos concorrentes (NETTO, 2014). Neste momento, somos encaminhados às reflexões de Josué Guimarães na crônica intitulada “*Com a faca e o queijo*”, 1984m. Ela se reporta, por exemplo, ao horário nobre da televisão brasileira que se destacava, naquele momento, como marco do registro das ações do governo, porém apenas com o intuito de atingir um número grandioso de pessoas.

Logo, as atitudes do “governo” (Ilustrações 1 e 2) eram divulgadas e mostradas como convinha a quem estava no comando da *Nação*. Na verdade, a Lei Falcão, desde sua implantação, além de manter o equilíbrio eleitoral, esvaziava as propagandas eleitorais transformando-as em um quase desfile ineficaz de informações e imagens sem sentido sobre os candidatos. Todavia, a ação da referida lei que, desde o princípio, só contribuiu para os interesses governamentais e também para aumentar ainda mais o desconhecimento do povo em relação aos políticos, bem como suas siglas partidárias, seguiria somente por quatro eleições até o pleito municipal de 1984.

Nas palavras de Josué Guimarães, em especial da crônica mencionada anteriormente, é possível compreender que as oportunidades oferecidas pelos canais de TV e rádio serviam somente para avisar a população sobre datas de comícios e da breve atuação política dos candidatos, diga-se de passagem quase invisível, no horário que deveria abrigar, de fato, a informação. O jornalista e literato asseverava que, na verdade, o que deveria ocorrer, principalmente em meios tão próximos de acesso à comunicação com o povo, precisaria coincidir a um espaço, legalizado por lei, que fartsse de entendimento claro e verdadeiramente importante aos leitores, sobre os homens que intencionavam comandar o governo, bem como

sobre os partidos representados por eles. Para isso, no entanto, dentre muitas situações, a imprensa necessitava existir plena, sem amarras, aços ou influências que a desvirtuasse de sua essência. Ou seja, a imprensa falada e televisiva precisava corresponder significativamente a um meio social ideal em que os candidatos colocassem em prática as ideias defendidas por eles.

É preciso realçar que a Lei Falcão, dentre muitas situações, recebeu essa denominação por ter sido idealizada, na época, pelo Ministro da Justiça Armando Falcão, um apoiador da censura. Ele defendeu a lei por completo para que não sofresse alterações propostas pelo MDB. Vale relembrar que a criação da Lei Falcão correspondeu, até mesmo, a uma reação do regime à derrota eleitoral de 1974, quando os candidatos do MDB se utilizaram de propagandas no rádio e na TV para denunciar, por exemplo, a alta do custo de vida, o arrocho salarial, dentre outros problemas. Como era esperado, o instrumento aprovado no Congresso com os votos da ARENA tinha o claro objetivo de silenciar a oposição. Todavia, o governo apresentou a ação como uma maneira de aperfeiçoar a “democracia” (Ilustrações 1 e 2), permitindo, portanto, maior equilíbrio nas disputas eleitorais.

Ainda convém mencionarmos, em relação a dialogar com o governo e com os militares daquele período, que isso era uma tarefa impossível. Isso não se difere muito dos dias atuais da *Nação* brasileira, já que convive com o negacionismo instaurado nos mais variados setores do Brasil, ocasionado pela influência de um Governo Federal que apoia e venera o que a ditadura cívico-militar fez a sociedade amargar. No período de escrita de Josué Guimarães, e conforme Netto (2014), isso se comprova, pois basta resgatar a ordem de Geisel, em 1974, ao Procurador-Geral da República para processar, no Supremo Tribunal Federal/STF, o deputado baiano Francisco Pinto (Chico Pinto), um dos líderes do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), por ocasião do seu discurso crítico na Câmara a respeito da ditadura de Pinochet. Como resultado, o deputado foi preso por seis meses.

Consoante Netto (2014), o uso do aparato repressivo, como em diversas outras ocasiões, foi destaque, inclusive, na matança dos comunistas do PCdoB, em 1976; no movimento estudantil, em 1977, em São Paulo, Belo Horizonte e Brasília; além dos movimentos menores, como a Liga Operária e o Movimento de Emancipação do Proletariado – MEP, no mesmo ano, em São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, conforme o IRAMUTEQ realçou a expressão “Lei Falcão”, nas Ilustrações 1 e 2, Netto (2014) preocupa-se em nos fazer lembrar que o mesmo Falcão, em março de 1976, reafirmou seu nome no cenário brasileiro ao proibir a Rede Globo de exibir um episódio de *Romeu e Julieta*, espetáculo que comemoraria os 200 anos do Ballet Bolshoi, veiculado e 111 países do mundo. Ainda, no entender do autor, também no mesmo

mencionadas ao longo de um mesmo material textual (CAMARGO; JUSTO, 2013), ele não se compromete em harmonizá-las.

Outra observação importante corresponde à expressão “violência”. Quando utilizada por Josué Guimarães, ao longo da escrita do período de 1980 a 1986, exprimia-se, segundo nossas percepções, como palavra de ordem. Ela assumiu, sempre que requisitada, lugar de evidência no contexto abordado por determinada crônica. Neste sentido, por exemplo, ela adquiria tons mais históricos quando associada, por exemplo, à expressão “militar” (Ilustração 2), à medida que se diferenciava ao ocupar o meio como um momento específico, por exemplo, se estivesse acompanhada do termo “imprensa” (Ilustrações 1 e 2). Para um sujeito que nasceu do meio jornalístico e que conviveu com muitas atrocidades cometidas pelos governantes da época, não nos surpreende, mas impressiona-nos, a cada texto lido, uma mesma palavra receber conotações com maior ou menor ênfase.

Não podemos deixar de mencionar, em especial, aquela que ficou conhecida como imprensa de resistência. Notemos que o IRAMUTEQ evidenciou “resistência” e “resistir” nas Ilustrações (1 e 2). A imprensa de resistência correspondeu, dentre muitas intenções, a lutar arduamente para ter acesso aos fatos obscuros e aos excessos por parte das autarquias governamentais e militares que o Brasil recebia de maneira avassaladora naquele momento da história. Assim como o jornalista e escritor foi perseguido, com o meio que ele ajudou a valorizar, não foi diferente.

É preciso rememorarmos que, embora sofresse ataques constantes, a imprensa desempenhava papel fundamental, tanto na sociedade brasileira quanto nas palavras de Josué Guimarães, transcritas no período de análise desta Tese. A imprensa adquiriu visibilidade medindo forças com os seus muitos opositores. Reportando-nos ao que foi lido na crônica “*Problemas da violência*”, 1980a (ALJOG/UPF), Josué Guimarães, que acompanhava atento o tumultuado período de parte da década de 1980, observou que a imprensa não poderia achar natural o sofrimento diário daqueles que defendiam a democracia; impossível naturalizar agressões físicas simplesmente por andar na rua, por exemplo. A crueldade era um meio utilizado para atacar e ferir qualquer alvo que estivesse à vista, estratégia constante dos adeptos da técnica, sem medir esforços, com níveis de insensibilidade que aumentavam com muita velocidade. Além disso, percebemos nesse registro do IRAMUTEQ a pressão do governo da ditadura, a omissão face aos anseios da população e a atenção destinada somente aos poucos que dela se beneficiavam.

De acordo com Kucinski (2018), entre 1964 a 1980, nasceram e morreram muitos periódicos que estavam com a imprensa de resistência, a saber, *O Pasquim*, *Versus*, *Coojornal*,

dentre muitos que estavam ligados a movimentos importantes como o *Opinião, Movimento, Em Tempo*, e alguns mais, detinham traços marcantes e em comum, como a oposição intransigente ao regime militar e aos excessos advindos dele. Esses meios de informação ficaram conhecidos como imprensa alternativa ou de resistência, como já falamos, não à toa, mas por nutrirem o desejo das esquerdas de protagonizar transformações reais para mudar o cenário, a partir do conhecimento da informação que não podia chegar às pessoas por determinação do regime imposto à época, como também por abrigar jornalistas e intelectuais que não compactuavam com a obscuridade do momento. A tarefa não era fácil, uma vez que a censura imposta, desde 1964, criou uma lista de assuntos proibidos, com o objetivo claro de impedir que a população conhecesse os acontecimentos da época.

A alternância entre “violência” e “intolerância” (Ilustrações 1 e 2) ultrapassava universos. Nada escapava à “repressão” e à “força” (Ilustração 1), outros dois termos de ordem nos textos jornalísticos de Josué Guimarães, que também assumiam diferentes conotações, a contar de cada intenção textual pensada pelo autor. E a imprensa, mais uma vez aqui lembrada, pagou um alto preço no período da ditadura cívico-militar por recriminá-la e estampá-la nas afirmações que conseguiam encontrar os leitores. Conforme Kucinski (2018), em janeiro de 1975, Geisel suspendeu a censura prévia dos órgãos *O Estado de São Paulo* e *O Pasquim*. Em 1976, a *Revista Veja*. E, em outubro de 1977, o jornalista *Lourenço Diféria*, da *Folha de São Paulo*, foi punido por ocasião de uma crônica que se julgou ofensiva a *Caxias* pelos militares. Outras demandas foram executadas como a cassação de parlamentares federais, estaduais e municipais, intervindo, até, na unidade federativa do Acre, já que a Assembleia Legislativa não aprovava nenhum dos nomes indicados pelo governador à Prefeitura Municipal. Convém, desde já, ressaltarmos que a “liberdade” (Ilustração 1) de imprensa somente se estabilizou no Governo Figueiredo (1979-1985).

Servimo-nos, ainda, da sentença “pacote” (Ilustração 2), que também se faz figura persistente nos textos de Josué Guimarães, em especial, nas crônicas “*A inflação vai bem*”, 1980q (ALJOG/UPF) e “*Sabem os políticos*”, 1982k (ALJOG/UPF). Reiteramos que tais crônicas se referem ao *Pacote de Abril*, nome dado pela imprensa para o conjunto de ações impostas por Geisel, em 1º de abril de 1977, feitas pela Constituinte da Alvorada e composta por uma emenda e seis decretos que alteraram as regras para as eleições de 1978, sendo consideradas, por muitos, um retrocesso ao processo de “abertura política” (Ilustração 1). Esta última era a iniciativa responsável pela transição para a democracia nos últimos dois mandatos do regime militar brasileiro. Dentre algumas alterações, estavam a intenção de impedir o crescimento do MPD, que ganhava a simpatia da população, as eleições indiretas para

governador, a ampliação do mandato de presidente para seis anos e a extensão da Lei Falcão, que abrangeria, a partir disso, as eleições municipais, estaduais e federais.

As Ilustrações 1 e 2 demonstraram, inclusive, a expressão “arrocho”, escolhida por Josué Guimarães na crônica “*Sabem os políticos*”, 1982k (ALJOG/UPF), a qual rememora aos leitores que o ano de 1977 abriu novos discursos por parte de Geisel em referência à economia do Brasil, afirmando a necessidade de redução da inflação e do endividamento externo a qualquer custo. O *pacote*, por sua vez, era muito maior do que se pensava, pois deixava claro, de certa maneira, que não haveria limites para se aplicar estratégias ou quaisquer tipos de ação do atual governo que mudassem e transformassem os rumos brasileiros. O que de fato, em 1982, não se diferiu das ações tomadas como base pelo governo em questão.

A ferramenta IRAMUTEQ ressaltou ainda, por meio do mesmo recurso gráfico utilizado por nós, a expressão “bipartidarismo”, na Ilustração 2, que também é pronunciada por Josué Guimarães em dois momentos diferentes da escrita jornalística observada, nos textos “*Democracia Total*”, 1982j, e “*Adianta mudar?*”, mais adiante, em 1985n. Neste sentido, ambos os momentos nos fazem lembrar que, com a finalização do sistema bipartidário vigente, durante a maior parte da ditadura militar, que viabilizava apenas a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) dividirem o poder, em virtude da implantação da Lei Orgânica dos Partidos, a Lei Falcão, destinada exclusivamente para que o partido da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) fosse valorizado e que normatizou quatro momentos políticos, desfez-se em 1984, com o fim do regime militar. O que podia se esperar, portanto, conforme o que percebemos na preocupação de Guimarães, ao lermos essas crônicas criadas em épocas diferentes, era uma sempre constante insegurança para o povo. O jornalista e escritor resalta isso a partir de interpretações sobre novos acordos políticos que surgiriam sem maiores benefícios, ou ainda, que a democracia poderia sentir novos e inflados solavancos.

Se continuarmos observando pelo viés histórico, podemos nos utilizar de Netto (2014), cujo destaque inscreve-se ao longo de 1978, quando se desenvolveu a campanha para as Eleições à Presidência da República e dos Governadores de Estado, por meio de decisões dos Colégios Eleitorais. Notamos a expressão “colégio eleitoral” constar nas Ilustrações 1 e 2, ela vigora no material jornalístico de Josué Guimarães e corresponde a um conjunto de eleitores com o poder de corpo deliberativo para eleger alguém a um posto particular. Convém sobressairmos que a Lei Falcão, ainda ativa, e conforme nossas observações, não permitiu debates nem exposições públicas dos candidatos, o que determinou, novamente, a existência do que podemos chamar de *um ritual de cartas marcadas*.

Destacamos, aqui, que o jornalista e escritor Josué Guimarães, em 05 de maio de 1982, criou a crônica “*Cartas marcadas*” (1982r), tematizando esse alerta para os leitores acerca dos programas vigentes serem praticamente iguais aos anteriores. Questionava, assim, se um deles teria, de fato, em algum momento daquele governo, condições de resolver os nossos problemas. Antes de prosseguirmos, vale ressaltar que, antes de empossar o próximo presidente, Ernesto Geisel modificou a Lei de Segurança Nacional e destituiu as penas de morte e a prisão perpétua. Ainda nos últimos momentos de dezembro de 1978, revogou a pena de banimento imposta a mais de 100 exilados brasileiros, bem como entendeu que o conjunto de medidas adotado por ele legitimava a ordem política. Em 15 de março de 1979, o General Ernesto Geisel deu posse a seu sucessor, o “general” (Ilustração 2) João Batista de Oliveira Figueiredo, personagem que mais vigora nos textos pensados por Josué Guimarães no período de 1980-1986. Este se encarregou de, nos próximos anos, mostrar os exageros do regime, que aos poucos enfraquecia. Era, portanto, o último general a ocupar o poder naquela época e o que mais desfrutou do longo mandato de seis anos.

Indo um pouco mais além, em relação aos fatos registrados pela história e associando-os aos textos lidos para este estudo, até aqui, fica evidente que muitas mudanças na correlação das forças entre o “regime” (Ilustração 1) e a oposição “democrática” (Ilustração 2) ocorreram nos primeiros meses da década de 1980, com considerável e significados além. Josué Guimarães não se cansava de promover, a cada novo material textual planejado, um novo reencontro de informações. Evidenciamos na leitura da crônica seguinte, por exemplo, a expressão “auto-reforma” (Ilustração 2), destacada pelo IRAMUTEQ, a importância de revisitarmos a proposta encaminhada pelo Governo Geisel, no decorrer do ano de 1977 (NETTO, 2014), analisada com substancialidade no referido momento do presidente.

Na crônica “*O jogo das palavras*”, 1980r, o jornalista e escritor, assim como a ferramenta IRAMUTEQ, apontou-nos a relevância reflexiva da relembração a seus leitores assíduos sobre os resquícios da proposta de Geisel, que intuiu, em seu mandato, estabelecer um marco institucional para ativar a vida política com ambientes que legitimassem o Estado ditatorial, a fim de preservar a essência do regime. Dessa forma, impediriam a organização das forças democráticas, bem como sua participação nos núcleos decisórios do Estado. Ainda, segundo Netto (2014, p. 193, grifo do autor), a expressão ganhou ares de “democracia forte”. Nas entrelinhas dessa crônica, percebemos o cuidado de Guimarães para suavizar os poucos momentos que o Governo Geisel esteve disposto a “dialogar” (Ilustração 2). O que reforça, de fato, que a ditadura não nutria a intenção de enfraquecer como sistema.

Não desejamos dar saltos no tempo, ao resgatar momentos importantes apresentados na escrita jornalística de Guimarães, apenas intuímos colocar mais entendimentos sobre as expressões que, num primeiro olhar, após recebermos as devolutivas do material analisado pela ferramenta IRAMUTEQ, nos levam naturalmente a reconstruir os detalhes nas entrelinhas da escrita jornalística em estudo. Muitas destas situações resgatam o que, para nós, pesquisadora e orientador, também estava guardado; não esquecido. Por isso, em alguns momentos, vamos insistir na intenção de voltarmos no tempo ou nele avançarmos, uma vez que percebemos ser essa uma das intenções do jornalista e escritor Josué Guimarães quando preparava suas crônicas. Ele exigia, no melhor sentido da palavra, que o leitor se conectasse com situações já ocorridas, fazendo questão de que não fossem esquecidas. Se não as conhecesse, ele se encarregava de contá-las, mesmo que com brevidade, por acreditar nessa necessidade de que memória não pode ser jamais excluída.

Neste sentido, a ferramenta trouxe à baila a expressão “minguado” (Ilustração 2), a qual foi utilizada por Guimarães na crônica “*Atenção para São Carlos*”, 1984g, logo no início do texto. Nela, ele reforça que a opinião pública se mobilizava consideravelmente em torno das eleições diretas e que o País entrava praticamente em colapso em todos os setores. Quanto ao Governo de Figueiredo, por si só, decretava que seu mandato não inovara em praticamente nada, desde o momento de sua posse, assim como seus antecessores do ciclo da ditadura. De hábitos e falas grosseiras, o general ficou conhecido por utilizar frases de efeito e mostrar que pouco ou quase nada sabia sobre “democracia” (Ilustração 1), por mais que, em seus discursos eletivos, falasse o contrário. De palavras diretas, foi um general que não utilizou eufemismos. A história revela-nos que ele nada fez contra o terrorismo dos militares. Por mais que tentasse abafar, por exemplo, os movimentos trabalhistas, os quais só aumentavam, pouco conseguiu. E foi exatamente a força dos movimentos trabalhistas que operou para aniquilar a opressão e desmontar as forças políticas sociais, realizando, mais tarde e de fato, o movimento “democrático” (Ilustração 1) efetivo.

Quanto à crônica que mencionamos no início do parágrafo anterior, é interessante destacar também que o título faz jus à Ester de Figueiredo Ferraz, a qual recebeu duras críticas no texto de Josué Guimarães, que a ela se dirigiu afirmando que havia, por parte da ministra, desde o início de sua atuação no ministério, uma incessante caça às universidades públicas, como meta de extinguir o referido formato de ensino gratuito. As palavras do jornalista e escritor ainda a descrevem como amiga do “regime” (Ilustração 1) e desejadora de “domesticação da juventude” (GUIMARÃES, 1984g). A advogada, professora e primeira mulher a possuir um cargo de ministra na história política do Brasil, carregou a marca do

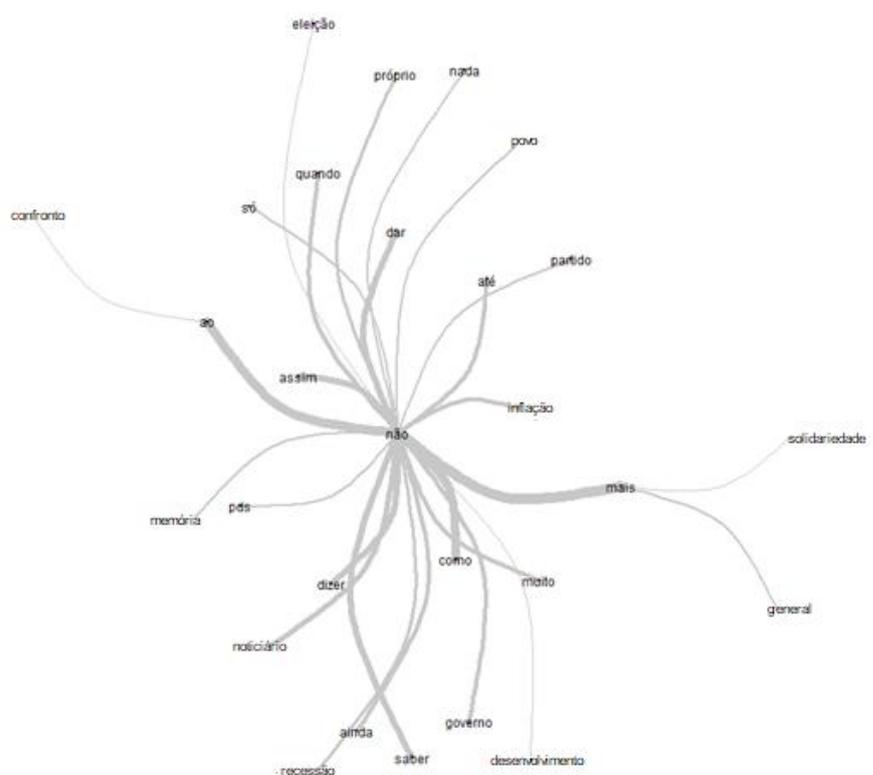
pioneirismo por ter ocupado a pasta da Educação no Governo do General Figueiredo, em substituição ao General Rubens Ludwig, o qual deixou o ministério para retornar à carreira militar. O nome de Esther concorreu ao lado de Miguel Reale, jurista e filósofo, principal redator da Constituição de 1967, convidado pelo Governo Costa e Silva, que resultou na emenda nº 1 da Constituição, um dos indicados, segundo a imprensa da época, pelo jurista e ex-reitor da USP, o General Otávio Medeiros, chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI) (NETTO, 2014), mas que foi derrotado pelo nome feminino. Não podemos deixar de manifestar, neste momento, aproveitando a palavra destacada pelo IRAMUTEQ, juntamente com o entendimento de Josué Guimarães, que, na atualidade brasileira, o ensino superior, assim como a produção científica são alvejados constantemente no atual governo(2019-2022).

6.2 SIMILITUDES

Antes de continuarmos, é importante retomarmos à Camargo e Justo (2013), no que tange às *Análise de Similitude*, as quais viabilizam a identificação de coocorrências entre as palavras. Por se parecerem com o substantivo e apresentarem ramificações que surgem de um ponto específico e vão para outro, fazem-nos, instantaneamente, refletir sobre a história ou parte dela nos registros do período de 1980 a 1986, principalmente a figuração política unida ao momento econômico e as mazelas sociais. A partir dessa ação, os resultados obtidos indicam conexões entre as sentenças, auxiliando para melhor visibilidade da estrutura da representação de cada uma delas no contexto que se apresenta o *corpus* textual. Isso contribui para a compreensão do contexto vivenciado por Josué Guimarães. Nesse sentido, vamos refletir um pouco mais sobre o que o jornalista e literato apresentou no período de sua escrita jornalística que compreendeu 1980-1986, resgatando fatos, nomes, acontecimentos, situações e o que mais é possível de se compreender, a partir do que mais importar nas devolutivas do IRAMUTEQ, neste recurso.

alianças oposicionistas com Tancredo Neves. A situação também era claramente apoiada por Aureliano Chaves, Vice-presidente da República, um dos descontentes com a situação de então que sai do PDS e funda um novo partido, o Partido da Frente Liberal, em alusão à frente liberal. Aureliano foi membro presidente da Comissão Nacional de Energia, por delegação do Presidente da República na época, e acompanhou, de perto, a segunda crise do petróleo (1979). É válido destacar que a Crise do Petróleo aconteceu em quatro momentos, todos após a Segunda Guerra Mundial, tendo como provocação o embargo de países membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e Golfo Pérsico de distribuição de petróleo para instituições como os Estados Unidos e organizações da Europa e África (NETTO, 2014).

Ilustração 4



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

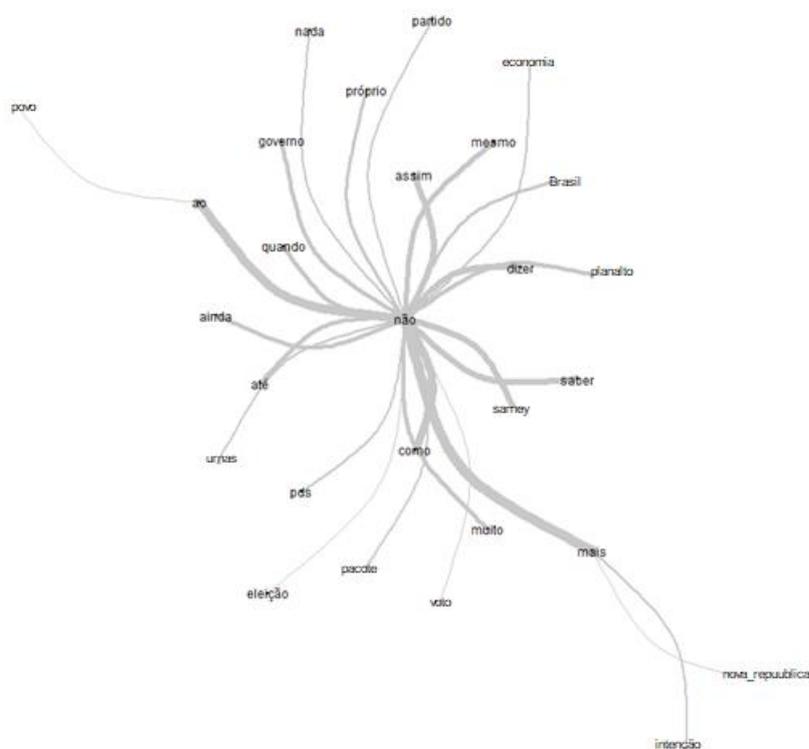
Apesar do momento da época, a década de 1980 foi um instante paradigmático nas relações entre economia, política e sociedade, pois abriu intensas discussões que seguem até os dias atuais acerca da caracterização dos governos que alcançaram o poder em abril de 1964, a partir da destituição do Governo João Goulart, o qual fora democraticamente eleito. Lembramos que, a contar do que a história registra, houve uma intensa e determinante participação de

intelectuais orgânicos de classe dominante que, inseridos no meio, agiram de maneira determinante para a organização do Golpe de 64, além de articularem a montagem e condução da organização material do Estado.

Discussões sobre o fim da ditadura cívico-militar, o processo de condução da abertura democrática de maneira muito lenta e gradual, a derrota da Emenda Dante de Oliveira, a qual adiou por mais cinco anos a eleição direta para presidente, a eclosão dos movimentos sociais que foram represados fortemente por duas décadas de Atos Institucionais, assim como o processo de preparo para a Constituição de 1988, além de outras situações, foram acompanhados por intenso processo de discussão e reflexão por parte de Josué Guimarães durante sua vida de jornalista e posterior literata.

A população, ao se ver liberada dos Atos Intuicionais e das amarras do poder dos generais-presidentes, teve a oportunidade de se manifestar abertamente sobre os rumos que os condutores da chamada “Nova-República” (Ilustração 5) imprimiam à economia, também mencionada por Josué Guimarães na crônica intitulada “*Afinal, e o povo?*”, 1985g. Nela, rememorou aos cidadãos que o sistema, caracterizado pela ampla democratização da política brasileira, deveria estabilizar, dentre outras viabilidades, a economia com ações concretas e viáveis. A partir de então, o povo, mais adiante, no Governo José Sarney, tornar-se-ia “fiscal” da presidência e viveria intensamente a euforia de sê-lo, bem como a decadência dos Planos Cruzado I e II, que, em especial o segundo, amargou a recessão da *política do feijão com arroz*, definida assim pelo ministro da época, Maílson da Nóbrega, como uma ação de não-enfrentamento dos graves problemas econômicos que o Brasil vivenciava na época (NETTO, 2014), sofrendo consideravelmente diante da ameaça de uma hiperinflação no último ano do Governo Sarney.

Ilustração 5



Fonte: Elaborada pela autora (2022)

Portanto, não há como desmerecer a atenção dada por Josué Guimarães nos textos que compreendem o período de 1980 a 1986, sem mencionar sua especial preocupação em relação aos muitos desajustes ocorridos na política econômica da época, o que nos levava a perceber, nas entrelinhas dos textos e depois com as muitas expressões que o IRAMUTEQ redesenhou, nas *nuvens* especialmente depois nas *árvores*, que o processo de redemocratização brasileiro e suas continuidades foram traçados com nuances mais fortes do que as rupturas.

Logo, a nosso ver, e aqui já convém que expressemos, se analisarmos, por exemplo, o processo de abertura, bem como de aprovação da Lei da Anistia, de 1979, sancionada por Figueiredo (NETTO, 2014), a qual, por meio de ato jurídico, perdoava e esquecia crimes políticos ou atos conexos a eles cometidos dentro de um determinado período de tempo, será possível, inclusive, associar sua utilização em episódio muito atual do Governo brasileiro. O que nos motiva a pensar que nada mais se tratava do que o resultado de uma grande transação entre setores moderados do regime militar e da oposição, por iniciativa e controle do primeiro, que prepararia a transição do regime para outra maneira de ação que não descartasse a tutela

militar, promovendo, por sua vez, a sobrevivência do indivíduo, bem como das instituições daquele período.

Na atualidade, é preciso que aqui se rememore, os brasileiros presenciaram que o Governo em questão, anunciou, por decreto e pelo referido Presidente nas redes sociais, o perdão a penas criminais de Daniel Silveira (PTB), impedindo que o deputado federal cumprisse a determinação da justiça de quase nove anos de reclusão, além da cassação do seu mandato, suspensão dos direitos políticos que o tornariam, portanto, inelegível. A alegação do atual Presidente sustentou-se a partir de que o *deputado apenas manifestou suas opiniões* e, por isso, *não seria justo* que fosse condenado. Aqui, apenas uma demonstração pequena dos desconcertos que esse Governo Federal é hábil em produzir.

Relembrando ainda a história, bem como os textos de Josué Guimarães, portanto, levando em conta as expressões “Figueiredo” (Ilustração 3), “recessão” e “governo” (Ilustração 4), “economia” e “Sarney” (Ilustração 5), percebemos que elas contribuíram sumariamente para o quadro geral recebido por José Sarney, em 1985, como, por exemplo, as tentativas desesperadas da reedição do milagre econômico que compreendeu o período de 1968 a 1973 (NETTO, 2014), o qual consistiu em aumentar enormemente o crescimento da economia no País. Este governo ficou conhecido pela rotatividade de titulares em pastas muito importantes da administração.

Destacamos, aqui, mais uma vez nossa percepção acerca da atualidade brasileira também experienciar tal característica no Governo de agora, o que nos parece não ser exclusividade apenas daquele período. São constantes as modificações dos ocupantes de cargos públicos e até em outras autarquias não ligadas à administração federal, transparecendo visivelmente a interferência do atual gestor da *Nação* por existir interesses e intenções muito particulares do atual Presidente da República em modificar o andamento de diversas situações, em especial, aquelas que envolvem ele e seus familiares, constantemente acusados de crimes e irregularidades, além da utilização indevida, por exemplo, de redes sociais.

Quanto à expressão “povo” (Ilustrações 3, 4 e 5), destacada em três momentos no mesmo recurso gráfico pelo *Software IRAMUTEQ*, representa consideravelmente uma sociedade civil marcada pelos resquícios do Golpe de 64, dizemos isso, pois, parte do que fomos, somos ou ainda seremos liga-se diretamente às heranças recebidas a partir das imposições do regime militar. Arelado a isso, destacamos o termo “voto” (Ilustração 5), selecionado pela plataforma IRAMUTEQ. Esperamos até este momento para ressaltá-lo por entendermos ser esta a melhor oportunidade. Vamos viajar no tempo para dar à sentença as

explicações merecidas, pois o que notamos em vários momentos das crônicas do jornalista e escritor é que essas expressões são alinhavadas aos contextos de cada texto.

O direito ao voto, como uma conquista pela população geral brasileira é algo muito recente na história do País, por mais que cause estranheza. Revisitando a expressão *voto* na história brasileira, consoante Nicolau (2012), observamos sua presença inicial 32 anos após Pedro Álvares Cabral desembarcar em solo brasileiro. No dia 23 de janeiro de 1532, ainda no Período Colonial, aconteceu na Capitania de São Vicente, em São Paulo, primeira vila fundada na colônia portuguesa, a escolha do conselho administrativo local, somente homens de boa linhagem familiar e possuidores de renda significativa puderam participar e ocupar as funções políticas disponíveis naquele período. A votação aconteceu de forma indireta, ou seja, o povo determinado escolheu seis representantes, que, logo após, deliberaram sobre os oficiais do conselho.

Convém evidenciarmos que era proibida a presença de autoridades do Reino nos ambientes que asseguravam a ação das escolhas, com o intuito de evitar que os eleitores se sentissem intimidados. Segundo o entendimento de Nicolau (2012, grifo do autor), as eleições eram coordenadas por uma legislação portuguesa, denominada o *Livro das Ordenações*, originado em 1603. Ainda conforme o autor, foi apenas após a instauração da Declaração da Independência, em 1821, que o Brasil conheceu uma maneira de ter eleições mais próximas das aplicadas atualmente, abandonando o voto restrito ao âmbito municipal, mas ainda com raro poder de escolha para o povo, bem como uma abrangência de eleitorado muito pequena. Além do mais, o benefício de votar era apenas para homens brancos com mais de 25 anos e renda anual especificada. Inclusive, na falta de uma lei eleitoral nacional, eram observados os dispostos na Constituição Espanhola para eleger os 72 representantes da corte portuguesa. Diferentemente de outras épocas na história do Brasil, homens livres e analfabetos podiam votar, mesmo que não existissem siglas de partidos políticos e o voto não fosse secreto.

Não podemos deixar de mencionar, aqui, o Voto Censitário ou Sufrágio Censitário, que perdurou na política do Absolutismo, característica do Antigo Regime (denominação do sistema político e social da França, anterior à Revolução Francesa). Por sua vez, ele foi estabelecido no Brasil pela Constituição de 1824 e abolido pela Constituição de 1891, vigorando, portanto, no período monárquico brasileiro. O referido instrumento correspondeu ao direito de voto concedido somente a um grupo específico de pessoas cumpridoras de certos quesitos econômicos, aplicados nas antigas eleições. Esse momento era convocado pelo rei, quando esse achasse determinante, apenas uma parcela mínima da população votava, na maioria das vezes, o público masculino com considerável poder aquisitivo e com mais de 25 anos de

idade. Durante o regime em questão, vigorava ainda a política mercantilista – conjunto de normas econômicas regidas pelo Estado, o qual organizava e intervinha –, cuja determinação de riqueza de um país baseava-se no seu monopólio, no acúmulo de metais e na regulamentação da sua economia (NICOLAU, 2012).

Com a dissolução do Brasil de Portugal, a primeira legislação eleitoral brasileira foi elaborada por ordem de Dom Pedro I. A lei deveria ser utilizada na eleição da Assembleia Geral Constituinte de 1824. Percebemos que os períodos colonial e imperial, mesmo servindo de relevância para o processo de eleições, além de se destacarem pelo voto censitário, também foram responsáveis por episódios constantes de fraudes eleitorais. Por exemplo, havia a utilização do voto por procuração, em que o eleitor transferia seu benefício de votar para outra pessoa. Não existia ainda o título de eleitor e os brasileiros eram identificados pelos integrantes da mesa apuradora, ou por testemunhas que estivessem no local da votação. Desta forma, as votações contabilizavam nomes de pessoas mortas, assim como de crianças e moradores de outros municípios. Foi apenas em 1842 que ocorreu a proibição do voto por procuração. Adiante, em 1855, o voto distrital consistiu na implementação de um sistema no qual cada membro do parlamento era eleito individualmente, a contar dos limites geográficos de um distrito, bem como pela maioria dos votos; ele também foi vetado. Essa lei foi revogada EM RAZÃO da reação negativa da classe política. Logo, outra lei instaurou que as autoridades deveriam deixar seus cargos no prazo de seis meses antes do pleito, seriam eleitos três deputados por distrito eleitoral (NICOLAU, 2012).

A partir da Proclamação da República aconteceram as primeiras mudanças reais no sistema eleitoral brasileiro. A primeira eleição direta para presidente efetivou-se em 1894, quando elegeu Prudente de Moraes, porém absorveu apenas 270 mil votos, os quais representavam somente 2% da população na época. Ao longo do século XX, diversos grupos puderam exercer seu direito de votar, como, por exemplo, o voto feminino, uma conquista em 1932, oriunda do movimento sufragista da Inglaterra, no século XIX. O movimento estendeu-se por vários países democráticos e foi exercido nas eleições de 1935. Contudo, devido à ditadura de Governo de Getúlio Vargas (1930-1945), tal direito foi revogado e as mulheres puderam voltar às urnas somente nove anos mais tarde (NICOLAU, 2012).

A contar de mais uma medida moralizadora, o título de eleitor foi instituído em 1881, por intermédio da Lei Saraiva. Ela proibiu o voto de analfabetos e adotou eleições diretas para todos os cargos eletivos do Império brasileiro, como senadores, deputados à Assembleia Geral, membros das Assembleias Legislativas, dentre outros. Porém, o novo documento não teve muita eficácia, uma vez que os casos de fraude continuaram a acontecer. O título não possuía

um elemento maior de identificação: a foto do eleitor, o que deixava à mostra que se tratava de um processo eleitoral direcionado e que não esclarecia um nível mínimo e razoável de exercício democrático. Depois da Proclamação da República, em 1889, o voto ainda não era direito de todos. Menores de 21 anos, mulheres, analfabetos, mendigos, soldados rasos, indígenas e integrantes do clero estavam impedidos de votar (NICOLAU, 2012).

Para Nicolau (2012), o voto direto para presidente e vice-presidente surgiu na Constituição Republicana de 1891. A partir deste ano, Prudente de Moraes foi o primeiro político a ser eleito dessa forma. Após esse período, houve a instalação da chamada política do café-com-leite, na qual o governo era ocupado alternadamente por representantes dos Estados de São Paulo e Minas Gerais. O período da República Velha, que compreendeu o final do Império até a Revolução de 1930, correspondeu a um momento marcado historicamente por eleições ilegítimas. Notemos que a mesma expressão “República Velha” figura na crônica de Josué Guimarães *Afinal, e o povo?*, 1985g, na qual relembra aos cidadãos que estes pouco foram ouvidos, ou, nas raras vezes em que o contrário ocorreu, era apenas para “afugentar os vícios do momento” (ALJOF/UPF, 1985g). O jornalista e escritor utilizava-se das muitas oportunidades de escolha que foram fraudadas, a exemplo, quando do voto de cabresto, tradução da característica do coronelismo, mecanismo de acesso aos cargos eletivos por meio da aquisição de votos que se utiliza da máquina pública, bem como do abuso de poder econômico que ainda se manifesta, especialmente, no interior do Brasil.

Nas entrelinhas, observamos que a mensagem encaminhada por Josué Guimarães intencionava lembrar o povo que, desde aquela época, essas ações de manipulação dos resultados das urnas eram muito comuns por parte dos detentores dos poderes econômico e político. Outro exemplo seguiu-se nas eleições de 15 de novembro de 1982, quando o eleitorado foi convocado para eleger os governadores que administrariam seus estados pelo interregno temporal de quatro anos, a contar de 15 de março de 1983. O pleito envolveu 58.616.588 eleitores e correspondeu à primeira eleição direta para governador de estado desde os anos 1960. Neste momento, validou-se o voto vinculado, quando ofertava aos eleitores a escolha de candidatos de uma mesma sigla de partido para todos os cargos em disputa. O eleitor que assim não agisse tinha seu voto anulado. Mais adiante, com a Constituição de 1988, o voto passou a ser, de fato, abrangente e aumentou o eleitorado brasileiro, alcançando mais de 100 milhões da população votante. As novas regras constituintes promoveram o voto à condição de obrigatoriedade para toda pessoa com mais de 18 anos e facultativo para analfabetos, jovens de 16 a 17 anos e idosos com mais de 70 anos (NICOLAU, 2012).

Como não observar, então, a sentença “situação” (Ilustração 3), quando ela parece nos acompanhar em tempo integral nesta pesquisa? Pois, para nós, ficou evidente, quando lemos a crônica *Invenção da Imprensa* (1980d). Nela, Guimarães ocupou-se de refletir sobre a efervescência social dos acentuados embates políticos referentes à composição do ministério do Governo Figueiredo, que muito se identificou com uma possibilidade de reeditar a prosperidade do governo anterior. Nomes como Mario Henrique Simonsen, que, na gestão anterior, foi Ministro da Fazenda (1974-1979) e, no Governo do General Figueiredo, ocupou a posição do Planejamento (março a agosto de 1979); Karlos Rischbieter, na antiga, foi presidente do Banco do Brasil (1977-1979) e, na atual, responsabilizou-se pela Fazenda (1979-1980) (NETTO, 2014).

Nesse texto, também percebemos o destaque dado para Delfin Neto. Muito ironizado por Guimarães, o então Ministro da Agricultura, Pecuária e Planejamento, detinha, como nenhum outro, a habilidade de manobrar os coronéis para manter-se nas posições que ocupava. Vale rememorar, portanto, parte da trajetória do economista político, czar da economia brasileira: 1967-1974, Ministro da Fazenda do Brasil (Governo Costa e Silva, 1967-1969; Governo Emílio Médici, 1969-1974); Embaixador do Brasil na França, 1975-1978); Ministro da Agricultura do Brasil, de março a agosto de 1979 e Ministro da Secretaria do Planejamento da Presidência do Brasil, 1979-1985 (NETTO, 2014).

Quanto a Simonsen, seus estudos sobre economia o auxiliavam a promover vários discursos acerca do controle inflacionário incidir principalmente no planejamento fiscal monetário, por meio de equilíbrio fiscal, políticas de renda e reformulação da moeda, a partir de correções. Na referida crônica, Guimarães tece duras críticas acerca do desrespeito do diplomado com os jornalistas. Em sua forma ríspida de tratamento, as falas se seguiam no sentido de que deixassem as especulações de lado e tratassem de assuntos sérios. Quanto a Rischbieter, engenheiro, escritor e político, que se aproximava das ideias de Simonsen, a exemplo, sobre medidas mais liberais para conter os gastos públicos, Josué Guimarães mencionava que o político, no intuito de alinhar a economia, afastava-se muito de Delfin Neto, por gerar desconfortos que se seguiam também por episódios de duras críticas tecidas por meio de relatórios encaminhados ao Presidente Figueiredo. Neles, era asseverado o descontentamento acerca das políticas intervencionistas do Estado no setor econômico que também diminuía o modelo vigente de economia idealizado por Delfin. Além disso, e conforme Guimarães descreve na crônica, as falas de Rischbieter alertavam ao Presidente que, em breve, muito em breve, colapsos econômicos seriam inevitáveis. A isto, Guimarães (1980d) completa: “A Imprensa não inventa.” Guimarães expressava no seu texto a real situação do

Brasil encontrada por Simonsen quando tomou posse do cargo: o país estava mergulhado num cenário econômico delineado por elevadas taxas, não só de crescimento, como também de endividamento externo e de “inflação” (Ilustração 4).

Sobre as expressões “governo”, “desenvolvimento” e “recessão” (Ilustração 4), “situação” (Ilustração 3) e “economia” (Ilustração 5), apresentadas nas árvores fornecidas pelo IRAMUTEQ, convém rememorarmos, ainda revisitando o que foi lido por nós e escrito por Guimarães na crônica “*Invenção da Imprensa*” (1980d), mesmo que brevemente, sobre um dos momentos de entendimento de Delfin Neto, à frente do Ministério do Planejamento (1980-1986), quando implementou o III Plano de Desenvolvimento 1980-1986, elaborado no segundo semestre de 1979 e aprovado pelo Congresso em maio de 1980. Os eixos do referido instrumento giravam em torno da manutenção dos investimentos consoantes à exploração petrolífera, da modificação da fonte de energia na indústria e no transporte, do incremento da substituição das importações de insumos básicos, bem como do fortalecimento de ações direcionadas para exportação (NETTO, 2014). Se a expressão *desenvolvimento* for associada aqui a um conjunto de potencialidades, o Brasil, país em desenvolvimento apesar dos inúmeros problemas que carregava até então, não poderia se eximir de crescer por legitimações e aspirações que favorecessem a economia, mas especialmente que pensasse no e para o povo (Ilustrações 3, 4 e 5, novamente aqui destacadas).

Conforme Netto (2014), todavia, a cena parecia se repetir e o controle inflacionário não apresentava melhoras, sem contar o desequilíbrio da economia mundial que também não era favorável. Quanto ao projeto de crescimento, causava euforia, mas adentrou-se o ano de 1981 com marcas ainda mais profundas de “recessão” (Ilustração 4), e que associamos à expressão e ao que lemos nos textos de Josué Guimarães. Entendemos ser esta uma de suas constantes atenções com as ações insistentes, por parte dos governos e de suas equipes em calibrar a economia a qualquer custo. Custo esse que recaía sempre, e cada vez mais, na sociedade civil: o povo. Quanto a alguns dos tropeços de Delfin Neto, pensamos aqui, por exemplo, além do plano já mencionado e malsucedido como esforço de retomada do crescimento econômico, o estoque da dívida externa de US\$ 50 bilhões, o déficit de 8% do PIB e a temida inflação de 110% só em 1980.

Portanto, o nome Simonsen aqui se faz novamente presente, assim como Guimarães o relembrou em seu texto, que une os três atores em um mesmo cenário, havia defendido na agenda governamental que ela deteria pontos centrais, a partir de 1981 como a contração da demanda agregada, as ações redirecionadas do meio econômico para o exterior, a redução dos custos públicos, a ampliação da receita tributária, a contenção salarial, dentre outros (NETTO,

2014). Mas os problemas eram muitos e o quadro recessivo foi acometido por mais expressividades junto ao governo que era visto por elevadas taxas de déficit público, pois “recessão” e “inflação” (Ilustração 4) corroíam a carga tributária, bem como as receitas operacionais das empresas estatais promoveram a alta dos gastos públicos, sem contar outras ações, como bem ressaltou a plataforma de leitura IRAMUTEQ. Novamente, ela nos fez perceber que as expressões em destaque andavam de mãos dadas com a “situação” (Ilustração 3) que estava longe de normalizar e facilitar a vida dos brasileiros.

Por falar em situações, o IRAMUTEQ destacou também a palavra “intenção” (Ilustração 4), o que nos reporta, mais uma vez, à crônica “*Afinal, e o povo?*” (1985g), na qual Josué Guimarães utilizou a mesma expressão apontada pelo programa. No mesmo texto, a “recessão”, que também está contemplada na ilustração (4), remeteu-nos às chamadas *Cartas de Intenções*, muito conhecidas pelo Brasil, uma vez que, na década de 1980, o governo brasileiro remeteu uma série delas ao Fundo Monetário Internacional (FMI), com o intuito de retomar negociações entre a instituição e a governança brasileira. Pelo modelo tradicional dos acordos, os técnicos do FMI sempre que desembarcavam em nossas terras para verificar se as ações combinadas estavam de fato sendo implantadas, o que se comprovava era sempre o descumprimento das metas. Convém destacarmos que o segundo choque do petróleo, em 1979, restringiu ainda mais as linhas de financiamento no mundo, o que levou o Brasil a recorrer aos empréstimos da instituição. Logo, as relações entre o Brasil e o FMI estreitaram-se muito na década dos anos 80. Nos dois anos que se iniciaram em janeiro de 1983, o FMI recebeu sete Cartas de Intenções brasileiras e, como já dissemos, o Brasil não cumpriu com o estipulado em nenhuma delas. O fundo em questão exigia sempre muitos ajustes e o País não tinha condições para concretizá-los. Além disso, o governo não se via capaz de saldar os pedidos financeiros, o que exigia, portanto, mais reestruturações das dívidas já existentes. Ao final dos anos 1980, o Brasil passou a fazer moratórias e dívidas, suas renegociações adentraram a década de 1990 (NETTO, 2014).

Aqui, evidenciamos novamente a seleção da expressão “pacote” (Ilustração 5), reiterada pelo IRAMUTEQ, na intenção de nos fazer refletir, em especial, sobre o último ano do mandato de Figueiredo, aproveitando o ensejo das muitas renegociações das dívidas com o FMI, anterior e brevemente mencionadas por nós, para apresentar a situação da sociedade brasileira naquele período. Reportando-nos ainda para os textos de Josué Guimarães, a crônica “*Afinal, o que vem por aí?*”, (1984k), apresenta-nos que, nos momentos finais da administração de Figueiredo, a ortodoxia fortaleceu-se, uma vez que a política monetária recebeu mais rigor.

No entendimento de Netto (2014), quanto ao setor privado, este conviveu com o crédito mais restrito e os investimentos estatais foram reduzidos, bem como a carga tributária elevada, como forma de tentar equilibrar, mais uma vez, as contas públicas. Se, de uma maneira, os ajustes externos, assim como o aumento das taxas de juro favoreceram superávits comerciais, em especial pelo aumento quantitativo de exportações e diminuição de importações, por outra, as despesas financeiras do setor público foram aumentadas e, com isso, elevaram os encargos das dívidas interna e externas.

Ainda acerca da expressão “situação” (Ilustração 1), de acordo com Netto (2014), naquele momento da história política econômica do Brasil, duas variáveis destoavam claramente do quadro de recuperação, com mais saliência no ano em questão: se destacarmos o crescimento do PIB, o montante positivo, tanto na conta corrente como na balança comercial, e o resultado favorável na equação que alinha exportação e importação, em duas áreas específicas, por outro viés, a expressão *pacote* medidas recessivas não obteve nenhum sucesso. No entendimento de Guimarães (1985k), havia, de fato, apenas uma coisa a se contatar em relação a quem estava no comando da *Nação* ser fundamental “conservar o poder por mais quatro ou seis anos”. A nosso ver, depois de refletir sobre a crônica aqui referenciada, percebemos mais intenções nas palavras usadas pelo jornalista e escritor neste texto. Neste momento, a interpretação de que explicações sobre a existência de uma inflação instável, por exemplo, não poderiam ser encontradas sem que se levassem em conta as políticas convencionais de controle monetário e fiscal. Logo, os caminhos para mais choques contrários aos padrões ou às normas preestabelecidas, os chamados atritos heterodoxos (NETTO, 2014), eram certos.

O maior símbolo desta estratégia, já adiantaremos, correspondeu ao Plano Cruzado; adiante falaremos um pouco sobre ele. Ao final de 1985, Figueiredo só contabilizava derrotas. Errático, o general deixou o cargo, implorando para que não fosse lembrado. Além do mais, conseguiu, durante a narrativa de seus anos no poder, acumular muitos fracassos. Aqui o definiremos como um “presidente folclórico”, imagem construída por ele próprio, incluindo o momento em que não compareceu no evento de posse do seu sucessor, José Sarney. Optou em sair por uma porta lateral do Palácio do Planalto a ter de repassar a faixa presidencial.

Convém mencionarmos ainda, consoante Netto (2014), que as articulações para a candidatura de Tancredo Neves para Presidência da República, juntamente com seu Vice, José Sarney, começaram em meados de 1983, quando seu nome foi proposto pelo Colégio Eleitoral. Tancredo Neves contou, a partir de 1984, com o apoio de nomes importantes como Leonel Brizola (PDT), Aureliano Chaves e Marco Maciel. Naquela época, é importante ressaltarmos,

não eram permitidas coligações partidárias. Os candidatos a Presidente e a Vice-presidente da República precisavam ser integrantes do mesmo partido. No caso de José Sarney, ele se filiou ao PMDB por ter sido eleito senador pelo partido da ARENA, em 1978, sigla que havia sido extinta. Neste sentido, a troca de partido político não era considerada, pela lei eleitoral daquele período, uma “situação” (Ilustração 1) de infidelidade partidária, o que poderia acarretar, de fato, na perda de mandato eletivo, em outras circunstâncias.

A chapa Tancredo-Sarney foi devidamente oficializada. Com isso, os opositoristas foram às ruas e defenderam suas propostas, por meio de comícios acalorados e tão significativos como as ações vistas na campanha pelas Diretas Já. Tancredo Neves era aclamado como o candidato responsável pelo momento da conciliação. O resultado da eleição concedeu o título de Presidente da República a Tancredo Neves, pelo Colégio Eleitoral, no dia 15 de janeiro de 1985, e para tanto recebeu 480 votos contra 180 dados a Paulo Maluf e 26 abstenções. No entanto, Tancredo não assumiu a presidência em decorrência de graves problemas de saúde, pois havia se submetido a uma agenda sobrecarregada de campanha que priorizava articulações concisas de apoios do Congresso Nacional, bem como dos governadores estaduais. Além disso, Tancredo viajou intensamente ao exterior e seus compromissos, tanto lá, como cá, assumiram teor de prioridade para ele. Com intensas dores abdominais durante os dias que antecederam sua posse, foi internado. Passou por vários procedimentos cirúrgicos que também incidiram em muitas complicações as quais agravaram seu estado. Tancredo Neves faleceu em 21 de abril de 1985, em São Paulo (NETTO, 2014). Por este motivo, José Sarney assumiu o cargo, conforme anteriormente mencionamos.

Outra situação relevante que precisa ser apresentada, corresponde, por exemplo, nas Ilustrações 3, 4 e 5, no recurso *Similitudes*, o destaque da expressão “não”, existente com muita incidência entre o período de 1980 a 1986. Por sua vez, centralizada em todas elas e com ramificações que a interligam diretamente com o cenário político, econômico e social da época e seus atuantes, não intuimos nada que não fosse relacioná-la diretamente ao tempo presente. Não nos ocorreu outra possibilidade que não fosse a expressão *negacionista*, atribuída ao governo deste momento político e social que, por sua vez, detém muitas qualidades da época correspondente à escrita jornalística de Josué Guimarães. Rememoremos, aqui, na ciência, quando o mundo foi acometido pela COVID-19, em 2020, e muitos governantes, em especial, o do Brasil, criou um dos maiores palanques para estabelecer a dúvida e consolidou um projeto de confusão atordoante na população. O uso da expressão “não”, assim como o IRAMUTEQ ressaltou ser presente nos textos de Josué Guimarães, de 1980 até 1986, chama a atenção imediatamente pela incidência constante, além da força de expressividade que carrega ao ser

utilizada pelo jornalista e escritor para expressar as atrocidades, culpar os envolvidos diretos, asseverar as ações dos governos, até mesmo, os desmontes na conjuntura do país que assolavam o cotidiano. Associada aos dias de hoje e à maneira como o país está sendo conduzido, é estarrecedor aceitar que, muitas vezes, o inimaginável é capaz de se concretizar no cenário político brasileiro. A República brasileira está entregue a um ser desprezível que possui excelência em disseminar a desinformação, bem como a descrença, por exemplo, no uso das vacinas, recurso que previne e salva vidas. Elas foram responsáveis por não aumentar ainda mais as estatísticas de óbitos ocasionados pela atual pandemia, ainda inacabada. Instaurar a incredibilidade sobre algo ou alguém nada mais é que contaminar a linguagem, bem como estabelecer o caos e a confusão contra evidências, neste caso, científicas.

Práticas assim estão alinhadas com o representante direto do povo, ao menos deveria ser dessa maneira. Além do mais, o atual desordenador do Brasil, Governo em voga, mantém viva a chama do discurso duvidoso e odioso no qual evidencia ações de violência também por parte de seus seguidores. Isso ressoa o recorte temporal de nossa pesquisa, pois o Brasil tem assistido, nos últimos dias, diferentes ações violentas praticadas pelo Presidente da República, como as mais simples proferidas em tons verbais e gritantes, ou, ainda, em atos ilegais que atingem os direitos já adquiridos por lei em lutas históricas. É perceptível o retrocesso que a *Nação* está inserida. Aqui, destacamos que a imprensa, assim como as mulheres, diferentes grupos sociais, as minorias e as algumas etnias estão na mira direta de toda e qualquer forma de intolerância que ele e seus apoiadores nutrem. O governo da atualidade brasileira é excelente, até mesmo, em garantir que os acontecimentos do passado sejam distorcidos. Neste caso, sua administração obriga-nos, dentre outras circunstâncias, a conviver com a ignorância e o desrespeito que ele entende ser a maneira correta de “colocar o povo na linha”, por diversas vezes, tem demonstrado a que veio.

Ainda acerca do destaque da expressão “não” presente nos textos lidos, não há como não a comparar aos muitos personagens da atual gestão catastrófica que, na representação do seu titular, não se cansa de evidenciar a inexistência de qualquer tipo de caráter. Desafiando e contradizendo o que já foi comprovado e efetivado pelas pesquisas científicas, ministros e funcionários atuam em parceria para manter uma parcela da população que os idolatra fiel aos princípios e entendimentos cunhados por ele, usando-se de diferentes recursos para conquistar mais seguidores, adeptos, alucinados e deslumbrados com o universo fantasioso criado por eles. Neste sentido, e aqui falaríamos, em incontáveis linhas, sobre os absurdos que nos perseguem, o mandato político de da atualidade somente (re)afirma sua desinformação e ação em benefício próprio o tempo todo. Repetidamente, afirma apenas o que lhe é ou como determinada situação

poderá ser conveniente. Com isso, nutre-se a visão de um ser idolatrado e igualado a um messias. Dentre outros acometimentos, a forma arbitrária deste governo é uma estratégia política que produz, a nosso ver, até mesmo a pseudociência. Os muitos “nãos” de outrora, registrados com veemência nos textos de Josué Guimarães e ressaltados pelo *software*, traduzem tão somente que os governos anteriores e deste instante, os quais deveriam ser responsáveis políticos sensatos e honestos, têm muito em comum e demonstram que foram e serão filhos eternos do regime militar. Na atualidade, o Governo desta época, insiste na tentativa de reimplantá-lo e segue acreditando, no mundo idolatrado por ele, ser uma maneira de perpetuá-lo. Atrevemo-nos a afirmar que, depois de muito ler e aprofundarmo-nos nos textos selecionados para esta Tese, atribuímos para o atual governo o título de presidente que mais se encarregou de atentar contra a República, contra os direitos do povo e golpear, com baixeza, a nossa frágil democracia.

Todavia, seu negacionismo em todos os sentidos somente reafirma o potencial de uma administração, que por pouco, por exemplo, não contribuiu para um extermínio ainda maior de vidas acometidas pelo Coronavírus, haja vista ter contrariado as autoridades de saúde que refletiram, incansavelmente, sobre o momento pandêmico que o mundo estava submetido. Aquele que foi *equivocadamente* eleito, por parte da população brasileira que nele acreditou – e ainda acredita –, para proteger uma *Nação*, tem competência apenas para provocar ainda mais dor, sofrimento, perdas e danos, agora num cenário que deveria se portar contemporâneo, mas que se vê impedido de evoluir, haja vista ter entregue seu futuro nas mãos de um lunático desgovernado. Logo, identificar semelhanças entre uma quase década descrita por Josué Guimarães, de maneira jornalística, e a atual era uma ação impossível de não ser feita. O jornalista e escritor tinha visão crítica de longo alcance, a nosso ver, e por possuir experiência e contato com os acontecimentos à sua volta, sentia-se na obrigação de alertar os leitores sobre os acontecimentos antigos, os quais muitas vezes eram parecidamente repetidos, quando muito, de maneira pior. Seus alertas miravam a possibilidade de que, em breve, outra vez figurasse o cenário cotidiano do povo.

Não podemos negar que a cada contato com as sentenças escolhidas por Josué Guimarães e atreladas aos destaques trazidos à tona pelo *software*, percebemos, constantemente, que o homem precisa conhecer ainda e muito mais a si e ao que o rodeia. Aqui, convém destacarmos brevemente, outra expressão que permaneceu em nossas reflexões como uma das que nos trouxe muitos entendimentos por trás de um sentido específico: *legalidade*. A expressão “legalidade”, constante nos emaranhados das Ilustrações 1 e 2, após lermos os textos e rememorarmos os registros históricos sobre tal destacamento, fez-nos pensar que ela

correspondeu a uma das características mais decisivas da ditadura brasileira. No entanto, em nossas percepções, associando-a às crônicas, as quais foram escolhidas para traduzir o pensamento de Josué Guimarães, ela, que deveria servir para legitimar importantes decisões daquela fase política, foi, a nosso ver, reduzida, aos poucos, à aparente legitimidade. Por mais que existissem as eleições com direito a partidos de oposição, as editoras publicassem livros de Marx, Lenin, dentre outros e músicas de protesto figurassem o cenário da época em questão, a certeza de que os governos insistiam em assinar contratos com a tortura era constante e parecia não ter fim. No fundo, o que Josué Guimarães intuía com a voracidade de escolher palavras assim intuía efetivamente em (re)afirmar a realidade a que todos os cidadãos estavam submetidos naquele período, na evidência de que muitos não tinham acesso ou o devido entendimento sobre a situação; ou, ainda, como as demandas sociais, políticas e econômicas eram substancialmente conduzidas. Também era intenção de Josué Guimarães materializar nas crônicas as evidências e a exatidão do momento, com isso o leitor poderia acessar a informação de que tudo se realizava conforme o desejo do governo. Pode parecer uma afirmação muito óbvia, mas, para o contexto em questão, era nítida a preocupação de repetir, se preciso fosse, pelo jornalista e escritor, que toda e qualquer ação estava submetida única e exclusivamente às decisões arbitrárias de um poder tirano que se colocava completamente fora de qualquer ordenamento jurídico. Ou seja, para Josué Guimarães, era crucial *notificar* os cidadãos de que a qualquer momento o poder, que já estava indiferente a toda forma de cumprimento das leis, poderia (e assim fazia) embaralhar, a exemplo, o direito e a ausência do voto. Quando convinha, e Josué Guimarães alertava a todos em suas colocações, as regras eleitorais eram alteradas para que fossem confortáveis ao governo e aos seus, assim como os livros eram recolhidos e destruídos, as músicas censuradas, ou o que se configurava ainda mais traumático: pessoas desapareciam.

As expressões de Josué Guimarães, quando ressaltadas pela plataforma IRAMUTEQ, fortaleceram nosso entendimento, inclusive, em aceitar claramente que muito precisamos obter para evoluir, de fato. Conforme nosso entendimento, depois de muito contato com a escrita aqui analisada e o conhecimento que possuímos sobre o autor e suas obras constantes no ALJOG, observamos também que o jornalista e escritor apresentava aos leitores daquele período e para os de agora, na mesma intensidade, a existência de foras da lei, os quais circulavam livremente entre o povo, comportando-se como opositores aos direitos humanos e completos arbitrários da paz. Logo, é possível, mais uma vez, associarmos aquela época ao que acompanhamos na atualidade, sem muito esforço.

Com a tecnologia constante no IRAMUTEQ, nosso recurso auxiliar para (re)interpretações, pudemos constantemente repensar sobre a coexistência de tecnologia e filosofia, a forma como podem emergir juntas, de acordo com um plano, um objetivo, uma indispensabilidade, uma ideia, a fim de garantir objetivos. A pretensão das coisas, a nosso ver, e depois do contato profundo que tivemos com as sentenças dispostas nos textos jornalísticos, também analisados pelo *Software* IRAMUTEQ, fortificou a certeza de que Josué Guimarães utilizava a escrita como meio específico para informar, comunicar, formar leitores críticos e autônomos, sem distinção de classe, cor, raça, credo, condição social, algo que parece ter desaparecido do cotidiano de muitas pessoas na atualidade. Essa escrita é capaz de representar ainda o amor e a dedicação que Josué Guimarães tinha por seus ofícios. Ao ler as devolutivas recebidas da plataforma de leitura utilizada para nossa pesquisa, tivemos, dentre outras situações já ressaltadas, a certeza de que a escrita atrelada à leitura é a fusão para concretizar objetivos mútuos, como, por exemplo, comunicar. Elas são indissociáveis como há muito se afirma.

Desta maneira, não há como não perceber, dentre outros detalhes, que Josué Guimarães aproximava o conhecimento informacional dos sujeitos de uma sociedade calejada, por vezes sem força para respirar e sobreviver aos ataques cruéis dos governos, dando ao leitor a oportunidade de se defender das mazelas por intermédio da leitura. Era uma maneira estratégica do jornalista e escritor para proporcionar, inclusive, autonomia aos cidadãos. Com criticidade e devido acompanhamento dos passos dados pelos governos, essa era uma forma de contribuir como cidadão brasileiro para com os seus semelhantes, a fim de garantir direitos, preservar os poucos existentes e exigir outros futuramente com propriedade.

Novamente, achamos importante ressaltar que, ao encaminharmos os textos do jornalista e escritor para apreciação do IRAMUTEQ, nosso olhar se concretizou de forma mais atenta e singular para o que já havíamos percebido nos momentos iniciais. Nossas leituras, mesmo que silenciosas (e reforçamos a ideia de *muito silenciosas*), não nos pareciam individuais, uma vez que a atmosfera que nos envolvia no acervo literário, bem como o conhecimento que paira sobre ele, também nos ajudou no ganho necessário para comprovar o que nos propomos desde o início: perceber sensível e intimamente a substancialidade dos pensamentos de Josué Guimarães, a partir das leituras das crônicas jornalísticas correspondentes ao período de 1980-1986, uma quase década que jamais poderá ser esquecida e encoberta, com o auxílio de *software* leitor.

Conhecer mais sobre a origem, costumes, hábitos, profissões, bem como o estilo de escrita de um profissional que mantém contato com a arte da escrita, permite, de certo, apreciar

sensivelmente, por exemplo, alguns elementos de linguagem que caracterizam o estilo de conduzir suas obras. Quanto ao jornalista e escritor que possibilitou este outro anseio acadêmico de orientador e orientanda, torna-se fundamental e indispensável apresentar um pouco mais sobre Josué Guimarães, para, por certo, fazer valer o sentimento de felicidade que nos permitiu finalizar mais uma etapa de investigação acadêmica.

Josué Guimarães ficara conhecido do público por ocasião de seu trabalho jornalístico, conquistado com notoriedade, principalmente pela coluna de alfinetadas políticas publicada no Diário de Notícias, conduzida e assinada pelo pseudônimo de D. Xicote. Convém lembrarmos, neste momento, que o jornal *Diário de Notícias*, fundado em 1925, fora comprado no ano de 1930 por Francisco Assis Chateaubriand, proprietário que integrava o reinado dos *Diários Associados*, a maior rede de comunicação do país. Enquanto houve sua circulação (1930-1979), foi concorrente direto do *Correio do Povo*, outro jornal bem-sucedido, mas mais conservador que o primeiro. Josué Guimarães parece-nos, desde então, que sempre esteve familiarizado com as discussões internacionais. Neste momento, eram vivenciados os instantes finais da Segunda Guerra Mundial e isso colocava à prova o papel do intelectual Guimarães na sociedade. O jornalista e escritor, diferente de muitos escritores da época, o que de fato era exigido deles, não se preocupava com formalismos da linguagem, com a estética, com o belo.

No Brasil, os escritores estavam obrigados a agir de acordo com modelos característicos da intelectualidade daquele período, os quais seguiam ao que se adequava ao entendimento dos integrantes do Congresso. Por mais que a constante e forte censura política operacionalizada pelo DIP afetasse demasiadamente as produções culturais, artísticas e informacionais, não chegava ao ponto de detê-las por completo. Situações assim nos fazem perceber que podem ter contribuído para que Josué Guimarães se aproximasse da política, quando, em 1946, toma a decisão de integrar formalmente o quadro do PTB, surgido em meados de 1945. O ingresso no partido deu-se sob grande influência de Alberto Pasqualini, seu amigo e sujeito qualificado como seu “mentor inicial” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, grifo nosso). Contudo, é importante destacarmos que, por mais que houvesse amizade entre eles, Josué Guimarães não abria mão dos seus entendimentos e concepções acerca da política. Portanto, não se transformou em um “reprodutor” do pensamento pasqualinista, característica quase unânime dentro da corrente do partido. Josué Guimarães defendia uma posição frente ao socialismo e ao comunismo, o que não ia de encontro às reflexões de Pasqualini, mas o levava a desenvolver um pensamento relativamente autônomo. Futuramente, afastou-se do PTB e aproximou-se do PSB. Mais tarde, essa posição é refletida na obra literária *As Muralhas de*

Jericó, a qual apresenta relatos da sua viagem à União Soviética e à recém-convertida China comunista, ocorrida em 1952. Como já dissemos, o jornalista e escritor integrou o primeiro grupo de jornalistas brasileiros na condição de correspondente especial do jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, que entrou na China maoísta e asseverou o andamento das profundas alterações ocasionadas pela revolução comunista de 1949. Através de seus relatos posteriores à viagem, torna-se perceptível o entusiasmo de Josué Guimarães com a projeção de uma utopia que poderia encaminhar o mundo para uma situação melhor (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 2006, grifo nosso).

Quanto ao desempenho de Guimarães, em especial no meio jornalístico, percebemos que ele demarcou importante papel também na campanha da *Legalidade*, aqui novamente sobressaída por nós, por meio do seu engajamento político, sem contar pela sintonia que nutria em relação ao pensamento de esquerda. Essas características refletiram na carreira literária tardiamente iniciada. Além do mais, os muitos posicionamentos críticos em relação à situação política do país levaram-no a manifestar o seu descontentamento de várias maneiras, especialmente nas crônicas neste estudo observadas, bem como nas narrativas ficcionais; habilidade também escolhida por ele como forma de materialização para apresentar suas insatisfações. Pela insatisfação, apresentava o tema da ditadura civil-militar, algo a ser abordado com sensível escrita, uma vez que estava presente na vida social dos brasileiros, assim como em outros países da América Latina.

De fato, rememorar um tempo passado não muito distante, implica reviver dolorosas lembranças, que persistirão diretamente na vida de muitos seres humanos. A ditadura, como bem retratou o jornalista e escritor Josué Guimarães em seus textos, por exemplo, marcou integralmente o ambiente social, em especial, aqueles que sobreviveram e testemunharam os ocorridos. O jornalista e escritor tinha convicção. Arriscou-se para fazer-nos entender que a cidadania não se concretiza sem a percepção do passado, sem a memória, sem uma identidade.

Ao lermos seus textos, perguntamo-nos várias vezes, por exemplo, se o Golpe de 64 poderia ter sido evitado. Ou ainda acerca do que levou, de fato, tantos políticos a assumirem posicionamentos quase incrédulos e esquecerem-se da palavra honestidade. Pensamos diversas vezes, enquanto relembávamos momentos dolorosos da história político social e econômica, se era realmente necessário eliminar, até fisicamente, os segmentos ditos radicais que, tantas vezes, para escapar da morte, precisaram refugiar-se na clandestinidade.

A trajetória do jornalista e escritor Josué Guimarães é notável. Um agente inserido no meio social que fundamenta suas experiências em diferentes momentos da constituição histórica do Brasil. O compartilhamento de situações e acontecimentos, por exemplo,

demarcava a preocupação do jornalista e escritor em se comunicar com os leitores cotidianamente. A crônica era o instrumento a viabilizar esses encontros. É indiscutível que nosso encontro com as palavras de Josué Guimarães tornava a intenção de cada texto sempre singular. E não foi somente como jornalista e pela produção constante de textos que almejavam promover o entendimento do leitor sobre o meio em que estavam inseridos. A qualidade realista que Josué Guimarães imprimia em suas narrativas, a partir do fantástico e do sobrenatural, quando destacava as injustiças do presente, agregando a elas elementos cuja simbologia apresentavam forte significado político, é algo que devemos sobressair.

Notamos, aí, a inconformidade do autor em relação a uma realidade cruel com seus integrantes. Esse é um fator preponderante nos textos preparados por ele. Logo, se observarmos a história, que promove interpretações dos fatos, principalmente nosso recorte do período em análise, unida à literatura – aqui, evidenciamos o desejo futuro de outra etapa de escrita acadêmica – aquela que abre espaço para o o realismo fantástico, em especial, como a produzida por escritores como Josué Guimarães em determinados momentos da carreira, haverá permissão para que o leitor perscrute tempos passados e avalie ações realizadas, inclusive entendendo o reflexo delas na sociedade.

Assim como propusemos desde o início, acreditamos que conseguimos, por meio dos trechos das crônicas jornalísticas de Josué Guimarães, planejadas no período de 1980-1986, além dos constantes resgates da história, levando em consideração os personagens que o jornalista e escritor mais destacou nos textos aqui observados, apresentar aos leitores desta pesquisa um pouco da *essência do pensamento* de Josué Guimarães, a partir da participação do *Software IRAMUTEQ*, com os recursos *Nuvens de Palavras* e *Similitudes*. Nossa intenção recaiu, desde os primeiros contatos com a plataforma de leitura utilizada para apreciar os textos jornalísticos, demonstrar que ela favorece o contato com a informação por meio dos recursos que dispõe, em especial, os que escolhemos, de maneira objetiva e comunicativa detentora de sentido e significado.

Além disso, o *software* contribuiu para o olhar dos pesquisadores com mais interatividade acerca dos momentos vividos pelo jornalista e escritor, inclusive se levarmos em conta as disposições virtuais e gráficas das expressões na condição de interessantes, além da harmonia visual que adquiriram quando disponibilizadas pelos dois recursos do programa, conforme mencionamos acima. A plataforma, de fato, manteve-se como um elo entre o discurso do jornalista e escritor com a informação que ele desejava repassar, sem desvirtuar a atenção dos observadores, uma vez que, ao ler o autor, torna-se impossível não resgatar o histórico da época, por exemplo. Atrevemo-nos ainda a afirmar que o programa deu autonomia suficiente

para que pesquisadores-observadores deste estudo se tornassem *tomadores de decisões*, quando ele *maximizava as possibilidades de interpretação* de uma expressão ou mesmo *minimizava* outras, sem tirar a importância delas, independente do lugar que ocupassem nas ilustrações. Em momento algum do contato com o IRAMUTEQ, sentimo-nos limitados ao que ele fornecia por ocasião dos recursos gráficos selecionados, ou que estivéssemos obrigados a nos ater somente às imagens que ele nos devolveu. Por isso, ajustávamo-nos ao que ele fornecia, bem como pensávamos nos muitos fatos que poderíamos mencionar a partir de um apontamento da máquina utilizada. O que percebemos, ao longo da utilização da ferramenta IRAMUTEQ, é que ela reafirmou nossas expectativas sobre o *valor* da expressão *eficiência*, o que nos direcionou a entender, por exemplo, que o termo *técnica*, na atualidade, vai além de acompanhar a *atividade* que ela enseja, uma vez que estava em contato direto com tantas viabilidades ofertadas pela tecnologia, ela que adquire contornos de múltiplas finalidades e coloca à disposição do homem instrumentos como o IRAMUTEQ.

Desse modo, por diversos momentos, constatamos, em virtude das representações destes episódios, situações e personagens trazidos à tona, bem como observamos no viés crítico empregado por Josué Guimarães nos 93 textos lidos a sua preocupação de prover o leitor acerca dos muitos acontecimentos, antes e durante a década de 1980, até seu último momento de escrita analisada por nós. Pode parecer óbvia a constatação, mas ele fez do seu trabalho de jornalista forma primordial de promover encontros com o público. Josué Guimarães reconfigurava a história ao mesmo tempo em que denunciava as práticas políticas dominantes e asseverava críticas pautadas nas ações dos governantes daquele momento.

Por diversas ocasiões, em contato com as crônicas separadas para esta Tese, foi possível reconstruirmos o momento histórico projetado por elas com perfeita projeção simbólica, a contar de determinados eventos e personagens descritos pelo jornalista e escritor, que auxiliavam na constatação da construção de uma atmosfera íntima entre autor e texto. E, talvez, neste momento, a palavra ideal seja, sim, *comunicação*, haja vista que estamos falando de um homem que, por acreditar nas suas convicções, não se eximiu perante as injustiças que acometiam a sociedade. Por esse e por outros motivos, após o Golpe de 64, o jornalista e escritor Josué Guimarães viu-se obrigado a permanecer na clandestinidade para fugir do regime que ora o perseguia implacavelmente, principalmente pelas opiniões e pela ligação com o Governo João Goulart. Josué vivenciou intensamente os acontecimentos daquela época, basta observarmos o ocorrido ao final da década de 1970, o processo de abertura política, o qual incluía a Lei da Anistia, em 1979, ou ainda o anúncio de Eleições Diretas para governador em 1982 em meio a um tempo de radicalização tanto nas esquerdas como nos setores ligados à comunidade de

segurança. Nesses tempos difíceis e complexos, por vezes, parecia ser quase impossível jogar contra o regime dos quartéis.

Quanto à década dos anos 80, também conhecida pela expressão “década perdida”, o que figurou foi a grave crise econômica enfrentada, uma economia debatendo-se com as dificuldades ocasionadas pelo aumento internacional dos preços do petróleo. Nesses anos, diferentes sensações políticas manifestavam-se, iam do entusiasmo das manifestações pelo sentido da democracia, passando pela decepção fervorosa e marcante não aprovação da Emenda Dante de Oliveira, em 1984, tendo como ápice a transição política e a primeira eleição direta para a Presidência da República, após 30 longos anos de espera, em 1989.

Dentre muitos momentos e fatos políticos, não podemos deixar de rememorar, mesmo que brevemente, a cultura e alguns eventos sociais relevantes que também projetaram a referida década. Para esta pesquisadora, em especial, à época adolescente, destacou-se, no mês de julho de 1980, o boicote dos EUA às Olimpíadas de Moscou (União Soviética) por motivos políticos. No mesmo ano, ocorreu a primeira videoconferência da história das telecomunicações. Tivemos ainda, em 1981, o primeiro voo da nave espacial Columbia e, em 1983, o lançamento do computador Macintosh pelo Apple. Rememoramos também Luc Montagnier e Robert Gallo, que identificaram o vírus da AIDS, além da explosão de cantores e bandas nacionais que alcançaram destaque, como Ney Matogrosso, Blitz, Paralamas do Sucesso, Cazuza, Legião Urbana, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros. Além disso, assistimos a entrada no mercado (dominado por artistas e grupos masculinos) de uma quantidade razoável de bandas femininas, ao menos se compararmos a décadas anteriores. O cenário cultural brasileiro, também no cinema, acompanhava uma tendência musical, assumia formas e características próprias, independente dos modelos externos que aqui chegavam em grande quantidade. Inclusive, as formas de expressão artística, televisivas e impressas assumiram contornos próprios, sem se desfazer dos registros das ideias que aqui atracavam. A ilegalidade, a miséria e o descrédito político inspiraram muitas canções naquele período, especialmente, ao final da década. A maioria delas retratavam as *ações* políticas como *atuações* políticas e representavam o esgotamento da população que demonstrava também suas frustrações, bem como a descrença nos partidos políticos e na parcela da sociedade que ao regime se juntava. Por mais que o tempo fosse turbulento, especialmente os jovens encontravam autonomia por meio de canções que marcaram gerações. Às vezes, a necessidade dava voz à liberdade e ao lugar de casa. Passava-se, portanto, a conviver diretamente com os infortúnios das cidades e seus problemas, encontrando, quase sempre, nas pequenas coisas, prazer e lazer, com intensa movimentação.

Por isso, entendemos que a expressão *comunicação*, ao findar da nossa pesquisa, resume a sensação que tivemos ao longo do contato com os textos de Josué Guimarães, um escritor que viveu a frente do seu tempo. Se para o jornalista e escritor comunicar era imprescindível, informar também era indispensável. Afinal, ele transitava por diferentes segmentos e vivenciava de maneira particular o que observava, sentindo-se na obrigação de dividir suas percepções, principalmente com os leitores, e, desta maneira, promover momentos efetivos de troca de saberes. Josué Guimarães explorava, por intermédio da palavra, o meio onde vivia, bem como o que nele acontecia e transpunha, por exemplo, o sentido social, as convenções, as compreensões culturais acerca de papéis, funções, natureza e afins dos personagens que nele figuravam. Podemos compreender, ainda, a partir do contato com os textos lidos, que o sentido dado ao lugar e o meio ocupados pelos sujeitos sustentam seus padrões e formas de utilização. Quanto a isso, emolduram-se as *ações humanas* não somente pelo espaço, mas pelos padrões de *comportamento* de uma época, compreensão, assimilação, associações, expectativas e o que a eles está impregnado, meios muito conhecidos pelo jornalista e escritor.

Ainda acerca da expressão *comunicação*, que elegemos como nossa palavra de ordem para nos encaminharmos aos momentos finais desta pesquisa, associamo-nos ao que Santaella (2013) referencia como *artefatos*, as coisas inertes e às máquinas, mesmo as inteligentes, por vezes, não recebem o devido valor, tampouco quem as fez. Observemos, assim, que passaram todos, juntos à humanidade, a *construir sujeitos pensantes*, cada um a seu *modo e tempo*. Na atualidade, não se consegue mais separar o que vem do humano e o que vem das máquinas, pois, consoante a autora “tudo se mistura” (SANTAELLA, 2013, p.123), assim como aparatos tecnológicos, sistemas de codificação, discursos, linguagens, percepções, objetos, imagens, sons, afetos, situações.

Não podemos deixar de destacar Cupani (2017), que corrobora com a autora anteriormente mencionada, quando utiliza expressões como *técnica*, *máquina* e *dispositivos* para demonstrar a evolução do homem enquanto espécie humana. A primeira, reforça a necessidade de designar procedimentos e meios específicos para se obter fins práticos. Quanto às demais, são elementos fundamentais para promover a inter-relação, em especial do meio social com a tecnologia, assim como atender as muitas necessidades do homem cada vez mais contemporâneo e exigente consigo próprio, que, com isso, precisa fortificar-se cotidianamente e abastecer-se de conhecimento. O autor se refere, inclusive, à expressão *técnica* corresponder ao “veículo de uma interpretação do significado” (p. 74), o qual vincula consideravelmente aspectos ou episódios da história de uma sociedade ser um dos agentes mensuradores para a vida no meio social. Vai além, quando destaca que ao utilizarmos uma linguagem magnífica e

sedutora, apoiamos a escrita efetiva que provoca instantaneamente a meditação por parte do leitor.

Neste mesmo viés, reflete que, por mais que instrumentos, ferramentas, utilidades e aparelhos tenham existido desde os tempos mais remotos, a civilização contemporânea recebe cada vez mais ênfase por protagonizar a criação de artefatos tecnológicos, os quais singularizam relevantemente a inteligência e a capacidade humana em *produzir*. Neste mesmo teor, Cupani (2017) converge com Santaella (2013), quando afirma que o homem contemporâneo, ao adentrar novos tempos, adquiriu uma “nova visão do tempo e do espaço” (CUPANI, 2017, p.75) e, por meio dela, “surgiu uma nova atitude humana: o desejo de usar o tempo e o espaço para suas conquistas” (CUPANI, 2017, p.75). Isso nos faz refletir, consideravelmente, sobre a expressão *umicidade* direcionada à tecnologia, que, na visão do autor, também se encarrega de organizar um conjunto de viabilidades que abrange todas as técnicas até então criadas pelo homem para promover de maneira insubstituível toda e qualquer forma de saber. A isto, complementa que toda e qualquer técnica que seja pensada para fins positivos e melhorados torna-se inseparável do ser e, portanto, não haverá um mau uso dela. Afinal, a cada etapa do desenvolvimento da vida em sociedade, certas técnicas exigiram que outras fossem inventadas e às antigas se somassem tornando-as eficazes. Josué Guimarães em seus textos, munido de técnica de escrita hábil, tinha na ponta da caneta, ou nos dedos, quando encontrava sua máquina de escrever, a habilidade da comunicabilidade de forma ímpar. Era ágil em rememorar momentos e apontá-los nos textos. Dali por diante, o leitor fazia o restante.

Desta maneira, aliar os recursos tecnológicos ao conhecimento, em especial da leitura, sem dúvida só beneficiará uma pesquisa, pois, dentre muitas situações, haverá a compreensão mais profunda sobre a realidade de um povo experienciada em determinada época. Filosofar sobre determinados assuntos, como era um dos anseios de Josué Guimarães, começa sempre por indagações. O jornalista e escritor não viveu tempo suficiente para pensar as realidades tecnológicas que se seguiriam na próxima década, mas quanto ao seu tempo, de posse da sua fiel companheira a máquina de escrever, datilografou inúmeros textos que protagonizaram a compreensão de uma realidade polifacetada de acontecimentos e atores dos mais variados tipos. Josué Guimarães representou com profissionalismo *a maneira de fazer as coisas*, por meio da informação e da comunicação, alcançarem o povo. Assim, com a habilidade de *fazer*, ele promovia a diferença do entendimento de *agir* e como deveria ser a condução de *vida em sociedade* de milhões de pessoas. Reportamo-nos mais uma vez às reflexões de Cupani (2017, p. 15), quando afirma que é “o homem que produz e usa artefatos como manifestação de sua vida em sociedade”. Queremos dizer que, embora pensemos uma produção técnica como obra

única e exclusiva do ser humano, enquanto indivíduo e sujeito social, percebemos que, ao lermos os textos de Josué Guimarães, ele ocupava o lugar de um propósito verdadeiro, pois buscava promover uma forma de dimensionar a constituição do caráter da sociedade e dos sujeitos. Fez isso como aqueles que produzem e utilizam artefatos para manifestar sua existência no meio que ocupam. Os meios utilizados por Josué Guimarães, em especial sua escrita jornalística, mostravam aos leitores a totalidade racional da eficiência na arte de comunicar.

Esta é uma constatação que nos deixa insatisfeitos, se a direcionarmos para os dias atuais, em virtude dos fatos e acontecimentos rotineiros que assolam novamente a *Nação* brasileira. Se observarmos o cenário econômico do momento, perceberemos claramente que ele assume características que mais parecem derreter os pilares macroeconômicos da sociedade, aqueles criados pelo Plano Real. De maneira lastimável e medíocre, as cenas são inéditas desde a redemocratização. Afirmamos que, até aqui, os quase quatro anos do Governo atual são absolutamente perdidos. Esse tempo deixará marcas profundas, com cicatrizes que não serão esquecidas facilmente. Basta rememorarmos que, quando o presidente atual assumiu o controle do Brasil, a inflação vigorava na casa de 4%, mas, quando entregar sua governança, certamente estará acima de 10%, o que dificultará muito a administração do próximo governo, bem como a sobrevivência da população carente do País.

Com um projeto severamente “armado”, por ser filho do sistema do caos e da dor, a ditadura, o Governo de agora sequer sabem onde está, ou para qual direção pretende ir. Sem contar que seus discursos políticos são pobríssimos, além da linguagem utilizada por ele. Um desorganizador social, resume-se a realizar promessas daqui e dali para favorecer os seus interesses pessoais, estando, na maioria das vezes, centralizado em coisas pequenas, que, nem de longe, representam um projeto minimamente sustentável por uma base governista. Ações populistas se confundem constantemente com populares, pois o agrado e desagrado do presidente, a determinados grupos, a nosso ver, não mudaram seu futuro na política gestacional do Brasil. Com incontáveis ataques à imprensa, o que nos faz reviver os antigos tempos, assim como Josué Guimarães bem lembrava em seus textos, além do desprezo pela democracia, a governança do momento é exímia em encontrar manobras para sustentar somente seus interesses, aqui, em especial, as manobras para a próxima eleição, que a nosso ver serão muito complicadas. Não houve projeto político na eleição que o colocou no atual posto, assim como não haverá um que o permita permanecer nele por mais quatro anos. Por isso, a situação está do jeito que se encontra: um Brasil assolado pela incompetência, pelo desrespeito e pela soberba

regada a interesses que vão em desencontro às reais necessidades de uma sociedade e que, mais uma vez, a história se encarregará de registrar para a memória das futuras gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: EM FECHAMENTO, UM ARQUIVO LIDO

Quando iniciamos a leitura das crônicas jornalísticas aqui selecionadas, sabíamos que a tarefa de perceber o que era de fundamental importância em expressões escolhidas por Josué Guimarães para compor o teor de cada uma delas seria árdua, porém gratificante. Com a ajuda do IRAMUTEQ, conseguimos observar as palavras de maior destaque e com mais presença nas crônicas analisadas e, assim, pudemos comprovar o valor significativo de cada uma delas e sua real necessidade de empregabilidade, além das demonstrações de vivência do jornalista e escritor, também na condição de cidadão brasileiro. Além disso e desde o início, orientador e orientanda, leitores assíduos das obras de Josué Guimarães, determinaram que esta pesquisa teria como ápice demonstrar, com o auxílio da plataforma leitora selecionada, reflexões sensíveis, inclusive, sobre as entrelinhas dos textos selecionados que compreendem o período de 1980-1986, bem como por quais motivos elas teriam relevância e nos acompanhariam em mais esta jornada. Convém mencionar que palavras e eventual subjetividade nas linhas pensadas pelo jornalista e escritor importam consideravelmente para compor a essência do pensamento jornalístico de quase uma década registrada em acervo literário.

Desta forma, almejando alcançar a intimidade das sentenças que traduzem o pensamento do jornalista e escritor acerca da política, da economia, da sociedade que lhe cerceavam, também como um dos milhares de cidadãos brasileiros esperançosos pela tão sonhada democracia, poderíamos compreender, de fato, o que representavam esses textos em determinados contextos. Além do mais, temos o desejo de inspirarmos outros pesquisadores a se aventurarem no legado jornalístico de Josué Guimarães, sem desmerecer, de maneira alguma, a literatura produzida por ele. Por entendermos que há muito ainda a ser observado no ALJOG referente ao pensamento político social de Josué Guimarães, nossa pesquisa preocupou-se em apresentar cuidadosamente partes importantes do cenário político, social e econômico daquele momento, inclusive, fazendo asseverações das principais consequências que recaíram sobre o povo. Analisar as obras de Josué Guimarães, sejam as literárias, sejam seus textos jornalísticos, é, dentre muitas situações, ter a chance de conhecer um profissional sem fronteiras, que nutria a arte do deslocamento, pois entendia que, para compreender a realidade, era preciso dialogar com diferentes instâncias, mesmo quando parecessem longínquas, inacessíveis.

E foi assim que ocorreu conosco enquanto realizávamos nossa pesquisa. Em nossa jornada não houve zona de conforto para ambos os pesquisadores. Entendemos, desde o princípio, ser uma das intenções do jornalista e escritor que seus leitores se aventurassem por caminhos diferentes, os quais iniciam nas crônicas e exigem movimentações específicas para

ancorar o entendimento de cada tema apresentado. A inquietude de Josué Guimarães chegou até nós e exigiu que retomássemos, a exemplo, as aulas de História, de Organização Social e Política Brasileira (OSPB), além das aulas de Geografia e de Educação Moral e Cívica (EMOCI), especialmente da maneira como não as tivemos na escola. Face ao período de “silêncio” e “limitações” impostos também aos professores, pelo regime governamental vigente naquele momento, havia um intuito maior estabelecido de que não se favorecesse a criticidade das pessoas e a elas não se desse o direito de pensar diferente, com autonomia e com desprendimento. A necessidade dos governos em reforçar suas ideologias políticas, com a intenção de exaltar o nacionalismo e o civismo, atingiu, até mesmo, as salas de aula, não importando quem nelas estivesse e o que representavam. Assim, por meio de uma educação disciplinar rígida e calada, baseada no medo, seria fortalecida a obediência social no ambiente de trabalho, de estudo, de ensino e aprendizagem, além de promover o aumento da produtividade sem nenhuma forma de questionamento. Em meio a um cenário configurado pelas ações constantes da ditadura cívico-militar, a censura imperava e tinha propósitos maiores do que demonstrava, até mesmo na educação.

Conforme a epígrafe que escolhemos, estávamos frente a frente com a história brasileira, mais uma vez, para rememorar bons e maus momentos. Nosso percurso pretendeu associar cada acontecimento ao tempo atual, a partir de fatos e instantes específicos registrados nos textos de Josué Guimarães, em uma daquela que foi, sem dúvida, uma das situações mais peculiares do Brasil. Os textos produzidos pelo jornalista e escritor, além de outras aspirações, objetivam (re)lembrar aos leitores – da época e às futuras gerações – que a essência natural das palavras utilizadas por ele incluía pretensões diferenciadas para cada situação apresentada nas crônicas. Entendemos, dessa maneira, que essa leitura proporciona um contato íntimo com as palavras. Por conseguinte, elas apresentam interpretações, por vezes, audaciosas e por que não dizer assustadoras, de uma realidade que nem sempre era devidamente oferecida ao leitor.

Convém destacar que retomamos incansavelmente diferentes momentos históricos que perfizeram nosso recorte temporal, 1980-1986, a fim de encontrarmos detalhes que confirmassem nossa leitura e entendimento nas entrelinhas. Lemos diversas vezes todas as crônicas, uma vez considerada a necessidade de escolher o montante suficiente para ilustrar a essencialidade dos pensamentos do escritor e jornalista. Seguimos essa incursão acompanhados pelas devoluções da ferramenta IRAMUTEQ, nos recursos *Nuvem de Palavras* e *Similitude*, meios selecionados por nós e facilitadores do nosso percurso. A cada nova (re)interpretação, obtivemos mais segurança de que trazíamos à fruição cada sentença destacada pelo *software* um leque de significâncias. Desta maneira, além dos resultados interpretativos serem os mais

favoráveis possíveis, em nossa perspectiva, percebemos que o caminho que traçamos para chegar até eles estava adequado, à medida que satisfaziam a intenção da pesquisa. Possivelmente, como aconteceu conosco, era a maneira que Josué Guimarães, a nosso ver, depois de muito contato com a leitura dos textos das crônicas, intuía que seus leitores realizassem e se apossassem das informações repassadas por ele na época.

Cumpramos lembrar que Josué Guimarães não teve tempo suficiente para experienciar tamanha expansão na área da tecnologia, nem pôde conhecê-la assim como, hoje, ela se sobressai. Sentimo-nos, em diferentes momentos, como os leitores daquele tempo, uma vez que precisavam desvendar as pistas dadas pelo escritor, pois falar claramente representava correr muitos riscos; muitos deles confrontaram Josué Guimarães. Também nos sentimos como leitores que precisavam de maturidade e responsabilidade duplicada, uma vez que nossas reflexões estariam interligadas intimamente com as intenções registradas por um dos maiores escritores brasileiros, com sangue gaúcho nas veias, e que não obteve o devido reconhecimento, em especial, o literário, em vida.

Nesta pesquisa acadêmica, e em tempos mais que contemporâneos, contar com o auxílio da tecnologia, sobretudo para apurar percepções sensíveis sobre determinados assuntos, corresponde, dentre outras viabilidades, a perceber que a fenda entre o tempo e o homem no mundo alarga-se. Consequentemente, o que está registrado em uma simples folha de papel, a título de exemplo, pode guardar em si revelações do passado, as quais insistem em nos mostrar os erros que não devemos cometer, ou mesmo permanecer. Todavia, a cada texto lido, a cada palavra destacada, seja manualmente, antes de encaminhar o *corpus* para os apontamentos do IRAMUTEQ, ou mesmo depois da execução do programa, nossa intenção principal circunscreveu-se à percepção da essência do pensamento de Josué Guimarães. Notamos, tanto nas leituras dos manuscritos originais, assim como nas ilustrações projetadas pelo programa leitor, a preocupação insistente do jornalista e escritor de fortalecer a ideia de que o reconhecimento do passado é indispensável para que se acompanhe, a exemplo, a evolução social de uma sociedade. Dizemos isso, pois, de fato, precisamos resgatar antigas situações recorrentemente e, na maioria das vezes, automaticamente as relacionávamos com situações atuais, ou seja, outra época, outro século invade o agora. É mister sobressairmos essa repetição circunstancial da história no agora, a partir das palavras de Josué Guimarães, aquelas destacadas em nossa epígrafe. Épocas distintas tornaram-se comparáveis por meio da história; e o que ela perpetua incansavelmente. Com total certeza, certificamos que a afirmação anterior nos acompanhou, de forma muito presente, ao longo da pesquisa.

Além disso, as crônicas jornalísticas aqui analisadas ressaltaram, em sua maioria, que Josué Guimarães assertivamente pronunciava que a memória de uma *Nação* precisa ser resguardada e tudo que a ela diz respeito, como forma de comprovação documental para que a existência de determinados momentos promova novos sentidos, em especial para os leitores. Além disso, a comprovação que os atos históricos mantêm em si deve ser usada a favor da interpretação singular, num primeiro momento, na esperança de que alcance a coletividade para efetivar ganhos positivos. Assim, para o jornalista e escritor Josué Guimarães, é imprescindível (re)conhecer o que já existe, com o intuito de evitar os erros do passado com a mesma ou até maior intensidade. Rever ações passadas, especialmente as que perpetuaram momentos políticos, permite preparar um futuro melhor para o povo. As sentenças apontadas pelo IRAMUTEQ fizeram-nos lembrar que a memória histórica garante a perpetuação, inclusive, das lutas e batalhas pelos direitos humanos e que, para tanto, é primordial manter as atividades sociais no longo prazo, a fim de favorecer as bases de sobrevivência em sociedade, a qualquer tempo e lugar, de maneira saudável e produtiva para todos os envolvidos, não apenas para uma parcela especificamente.

Portanto, a cada passo que demos na construção desta pesquisa, conseguimos afirmar a almejada sintonia com as aspirações de Josué Guimarães. Plataforma, pesquisadores, jornalista e escritor, além, claro, das palavras dispostas nos manuscritos originais salvaguardados no ALJOG, uniam-se profundamente em compreensão e interpretação na intenção de entendermos melhor e com mais afinco instantes históricos peculiares do Brasil num entrelaçar de dados, passagens, fatos, acontecimentos, imagens. Ademais, o jornalista e escritor, por meio de seus textos, em especial os utilizados neste estudo, apresentava com nitidez a preocupação de que não era suficiente apenas registrar o momento, mas, sim, filosofar profundamente acerca da vida em comunidade. Trata-se, para ele, de olhar atentamente para a maneira como as mudanças provocadas pelos governantes afetam diretamente o povo ao longo do tempo, além dos resquícios que promovem.

Atrelado a isso, notamos imediatamente, texto a texto, a constante apreensão do jornalista e escritor em alertar que os desafios para a população daquela fase seriam cotidianamente intensos e complexos, uma vez que a trajetória para se alcançar a democracia plena e integral seria árdua e cobraria o necessário envolvimento, além de sacrifícios. O povo, então, não poderia permanecer apático e ter seus direitos violados, até mesmo excluídos. Neste sentido, o jornalista e escritor convocava seus leitores para que permanecessem atentos a cada ato governamental e que compreendessem substancialmente as vivências de outrora, as tendências e os ciclos já experimentados para que obtivessem novas perspectivas e um futuro

melhor. Além do mais, era necessário que se apontassem soluções diferentes para que não se repetissem desacertos irreparáveis novamente, com destaque para as esferas política, econômica e social. O povo precisava ser vigilante e lutar, algumas vezes, contra o que propositalmente parecia invisível. O governo, inimigo declarado da cidadania, agia na surdina, mas quando lhe era favorável, mostrava a que se propunha a qualquer preço.

Ressaltamos que as sensações do período se manifestaram à medida que tocamos com nossas mãos e temos diante de nossos olhos a oportunidade de vivenciar a leitura jornalística do legado de Josué Guimarães, de maneira profunda e plena, na atmosfera criada pelo ALJOG. Todavia, nele, a herdade deixada por Josué Guimarães dificultou, em alguns momentos, nossa expressividade para transcrever o que refletíamos sobre a essencialidade da sua escrita, haja vista que o material que analisamos se encarregou de reafirmar o quanto o jornalista e escritor produziu como fonte rica e inesgotável de conhecimento. Ainda assim, pudemos constatar, mais uma vez, a história por trás da história salvaguardada em acervo literário.

Convém mencionar que, diversas vezes, nos sentimos na obrigação de nos dedicar à pesquisa exaustivamente, assimilando-a a uma garimpagem, especialmente quando da utilização da plataforma IRAMUTEQ, pois queríamos testá-la, inclusive, em sua essência e configuração original, sem adereços ou direcionamentos em excesso. Para nós, era lícito, desde os primeiros instantes de pesquisa, certificarmos a rigor o que o jornalista e escritor desejava comunicar em época diferente e, ao mesmo tempo, muito parecida com a de agora. Poderíamos, de fato, termos descrito melhor, ou até mais do que aqui colocamos, mas temos certeza de que novos desafios serão aceitos, não apenas por orientador e orientanda, os quais são admiradores profundos da escrita de Josué Guimarães, mas como outros interessados que, se ainda não conhecem a herança do ALJOG, ficarão, certamente, interessados em desvendar o conhecimento que está resguardado no Acervo Literário de Josué Guimarães, zelado pela Universidade de Passo Fundo – UPF, além dos responsáveis diretos pela manutenção e divulgação dele.

Não é preciso reafirmar que, durante todo o percurso, nos unimos à história para atravessarmos, quando necessário, as evidências das palavras, a fim de sermos capazes de perceber as mudanças sociais, as quais sugeriam mais aprofundamento acerca dos espaços que elas ocupavam nas crônicas planejadas por Josué Guimarães. Cada texto teve sua origem em um momento específico que o ligaria a outro em diferentes datas. Logo, assim como o jornalista e escritor assumiu riscos para expor seus pensamentos, bem como acumulou inúmeras críticas, entendemos que também seria necessário que mergulhássemos profundamente nos registros de outrora e os assemelhássemos com o governo atual, mesmo que isso causasse estranheza ou

adversidade aos leitores de nossa pesquisa. Impossível não fazermos de outro jeito, uma vez que estamos imersos num cenário que abriga um governante que apenas contribui para aumentar a quantidade de fraudes, além de nutrir um nível de corrupção jamais visto. O Brasil está novamente inserido num caldeirão efervescente de subornos, aliciamentos, deturpações, corruptelas, depravação, contrafacções e falsificações, que, se continuar assim, não sairá do abismo para o qual foi jogado.

Retomando as crônicas lidas, quanto aos temas abordados por Josué Guimarães, estes exigiam que não fôssemos receosos, tampouco nos opuséssemos ao que encontrássemos no íntimo das expressões constantes dos textos. Desta maneira, e conforme nossa intenção, desde o princípio, investigar integralmente o pensamento registrado pelo jornalista e escritor era tarefa decidida, cumpre dizermos que a plataforma confirmou nossa meta nos auxiliando com os destaques na forma de sentenças. Por diversos momentos, surpreendemo-nos e confessamos que era assustador revirar o passado e lembrar determinadas situações. Ressurgiram, em nossas (re)interpretações, falsos moralistas da época, digamos brevemente, de todos os tipos e formas possíveis numa conjuntura de politicagem agressiva, que efervesciam ideias esdrúxulas e quase inacreditáveis, pontuando a administração social e política significativa e marcantemente, criando e perpetuando arrombos, tal qual nos encontramos muito tempo depois. Além do mais, páginas e páginas favoreciam-nos a não hesitarmos e, em especial, vasculharmos profundamente um nome, uma ação, um lugar. Conforme o ritmo dos textos crônicos era construído, nossa pesquisa concretizava-se lenta e, em alguns momentos, acelerada, com recuos, certas desconfianças em acreditar no que rememorávamos, até mesmo com dúvidas, mas novamente outra expressão era lida e Josué Guimarães encaminhava-nos para o entendimento do contexto apresentado por ele. Na sequência, associávamos o texto lido às palavras separadas pelo IRAMUTEQ e lá estávamos nós, mais uma vez, frente a frente com a história do Brasil na sua mais pura intimidade. O exercício da busca constante da comprovação do entendimento essencial sobre algo, alguém, uma situação ou ocorrência, apontado pelo jornalista e escritor, se não ocorresse por qualquer detalhe, de fato, não nos deixaria entender com clareza as mensagens e possíveis códigos escolhidos por Josué Guimarães para informar o leitor. A título de esclarecimento, utilizamos a expressão códigos como uma referência ao encaminhamento dos leitores para encontrar o restante da informação, revisitando o passado tantas vezes fosse preciso. Portanto, deslocarmo-nos na história e bebermos dela o tempo todo era o que, de fato, o jornalista e escritor intuía que seus leitores fizessem para que a absorção das ideias deixadas por ele nas crônicas não fosse apenas *de momento*, mas *para o momento*, assim como para *um futuro breve*.

Ainda, acerca das sentenças e a intenção de cada texto, não ficamos estáticos em nenhum momento ou duvidosos sobre o que de fato elas desejavam nos apontar, apenas precisamos ter certeza do que escolheríamos como ideal para representar tanta intensidade política, social e econômica constante no mesmo tempo. Por mais que em certas partes das leituras estacionássemos para pesquisar mais sobre a situação brevemente comentada, entendemos, desde o princípio, que, ao escolher determinadas expressões e juntá-las em contextos singulares, Josué Guimarães também ansiava por mostrar os ocupantes políticos e o meio social criado por eles, exatamente como eram e se portavam; estávamos ali para nos aventurar assim como ele fez durante toda sua existência. Compreender o mundo em seu contexto e momento atual era perigoso, e o jornalista e escritor conhecia bem tal terreno, por isso, devíamos isso a ele, agora na condição, inclusive de pesquisadores e concretizadores de mais um anseio, não apenas como leitores fiéis do seu espólio. Ao mantermos contato com a escrita jornalística de Josué Guimarães para levá-la a um programa leitor, tivemos o auxílio para elaborar percepções mais acuradas e para entender, na prática, que ler é enveredar, quase sempre, por caminhos tortuosos, mas não impossíveis de serem desvendados. A partir dos textos lidos, constatamos que, em épocas distintas, governos corruptos e estelionatários eleitorais, além de amancebadores profissionais, conseguem, de maneira fantástica e assombrosa, expressar a magnitude de suas ações cruéis e manipuladoras.

Quanto a colocarmos uma quase década de escrita jornalística de entendimentos diversos registrados sob o olhar atento de Josué Guimarães em contato com a plataforma IRAMUTEQ, essa tarefa mostrou-nos que precisamos, além dos recursos e viabilidades tecnológicas ofertadas, nutrir excepcional sensibilidade e coerência ao recebermos as devolutivas encaminhadas pela ferramenta. A experiência de desvendar ideias e mensagens subentendidas nos textos de Josué Guimarães, com o auxílio da plataforma leitora, corresponde, igualmente, a uma ponte fortalecida de perspectivas e cabe de fato e somente ao pesquisador senti-las para explicá-las. Por mais que as palavras circulassem livremente na apreciação do IRAMUTEQ, ele se manteve fiel à sua configuração essencial e ateu-se somente a destacar e não influenciar nossas impressões. Tecnologia, artefatos e recursos, por si só, não se completam. Precisam do homem para efetivar a que, por exemplo, a primeira se destina. Aqui ainda destacamos que o recurso facilitou a compreensão das sentenças no texto, mas não substituiu em nenhum momento a leitura informacional em diferentes fontes de pesquisa de maneira profunda e sensível.

Também nos sentimos como Josué Guimarães, quando em contato com as devolutivas recebidas do IRAMUTEQ, quanto ao que mencionamos anteriormente como *deslocamentos*. O

jornalista e escritor, que por natureza era um ser conhecedor de irrequietabilidade, apresentava, a cada nova produção, ainda mais sede de informação. A tecnologia trazida pelo IRAMUTEQ, por sua vez, promoveu, além de tudo, e novamente conosco em mais esta pesquisa, diferentes locomoções, sem modificar nossas intenções iniciais de investigação, mais especificamente quanto ao ato de ler, compreendendo e interpretando cada detalhe pensado por Josué Guimarães. Era um dos nossos propósitos pensados, por entendermos que jornalista e escritor, por vezes, fundiam-se, ao ter contato diário com seus leitores, por meio das crônicas; ambos desejavam que ao lerem não se esquecessem do que anteriormente descobriram. Deste jeito, os leitores dariam continuidade no entendimento do que surgisse, não apenas como novidade, mas como essencialidade. Neste sentido, também fomos instigados a filosofar sensivelmente sobre a importância de compreendermos o que, de fato, as palavras de um jornalista e escritor renomado tinham ainda e muito mais a nos dizer se as colocássemos, inclusive, em outro ambiente preparado para leitura.

Pensando dessa forma, observamos, sempre com muita presteza, as devolutivas oferecidas pelo IRAMUTEQ, nos recursos que optamos. A maneira objetiva de dispor as palavras nas figuras tornava cada experiência leitora mais gratificante, principalmente quando assimilávamos por completo palavra, cenário e intenção do autor e por qual motivo ele as colocara numa folha de papel para serem guardadas para a posteridade. A agradabilidade de poder (re)interpretar e revistar novamente uma parte indispensável da história só aumentava quando realizávamos o contato com os textos e recebíamos as devoluções em forma dos recursos estipulados por nós pelo IRAMUTEQ, ainda mais se estivéssemos no ambiente do ALJOG, como já mencionamos anteriormente corresponder às sensações únicas. A atmosfera, sempre diferenciada, facilitou consideravelmente o encontro com a leitura que, novamente ressaltamos, a nosso ver, e a contar de mais essa vivência acadêmica, possui valor inestimável. Tal situação, em vários momentos, nos emocionou e nos impactou.

Conforme dissemos em outros instantes da nossa pesquisa, e nunca é demais sobressair, intuímos, de maneira especial, ao longo do contato que mantivemos com a escrita jornalística de Josué Guimarães, perceber a essencialidade do pensamento do jornalista e escritor, a partir da escolha de 93 textos, elaborados no período de 1980-1986. Unimos, então, as palavras escritas com as facilidades oferecidas pela plataforma IRAMUTEQ, para que compreendêssemos nitidamente do que se tratavam de forma exata e sem nenhuma alteração suas escolhas, fossem elas individuais ou coletivas. Assim, saberíamos ao certo o que Josué Guimarães precisava repassar como atualização aos leitores daquele momento e o que nos interessaria perceber agora, após muitos anos da existência das crônicas. Tivemos certeza,

desde o princípio, que o meio que escolhemos, neste caso o auxílio da plataforma de leitura IRAMUTEQ, estava apto a facilitar e encurtar o entrelaçamento da informação de uma década muito diferente, ou não, da nossa. De certa forma, as compreensões de Josué Guimarães, principalmente aquelas que se faziam entrelaçadas ou subentendidas, tornavam-se mais claras e acessíveis, por ocasião do amparo do *software*. Mesmo tendo a informação histórica, que convém mencionarmos ser sempre implacável com os inúmeros exemplos que perpetua, o IRAMUTEQ levou-nos a movimentos indispensáveis de raciocínio lógico e crítico, a fim de completarmos nosso entendimento. Ele não modificou em nenhum momento o que comprovávamos, mas, por exemplo, o simples fato de, em três ilustrações selecionadas para nossas reflexões, reafirmar o uso da expressão “não”, como já ilustramos em outros momentos, apontou-nos a certeza de termos cruzado os caminhos adequados para nossas impressões. Com o nosso exercício de reflexão, atrelado ao contexto preparado por Josué Guimarães em cada texto, muitas vezes, em cada parágrafo, além da sobressalência da plataforma de leitura, a realidade nacional de uma época que não pode cair no esquecimento, mesmo que outros em diferentes momentos desejem fazê-lo, expressamos nosso entendimento de maneira fiel ao que líamos nos manuscritos.

Por outro lado, também em certos momentos das leituras, tanto as físicas quanto as interpretativas, a partir das devolutivas do IRAMUTEQ, não negamos que precisamos – e tentamos –, nos afastar da realidade, pois esta, de fato e sobremaneira, insistia por si só em se fazer presente em nossos pensamentos, o que nos surpreendeu muito em diversos momentos, haja vista termos a sensação de não estarmos no atual, mas, sim, em um dos anos escolhidos para nossa pesquisa, porém com os protagonistas do cenário atual brasileiro juntamente com os muitos da quase uma década observada. Situações rememoradas por nós, a contar das palavras de Josué Guimarães, tanto as impressas como as comunicadas pelo *software*, fizeram-nos manter uma espécie de silêncio por longos minutos, até mesmo horas, em alguns trajetos da nossa pesquisa. Era impossível não associar os textos das crônicas com o passado, obviamente, assim como a sua intensa capacidade de não passar. Foi doloroso e impactante relembrar, por exemplo, o Governo Collor, assim como o confisco da poupança, responsável direto pela perda financeira de muitas famílias, inclusive a desta pesquisadora que jamais recuperou os valores que foram dela roubados; ou, ainda, as insanidades das medidas econômicas adotadas por Sarney, além da hiperinflação, dentre outras situações. Precisamos, sim, em alguns instantes, tentar não lembrar somente destes, mas especialmente os que vieram antes, com o enraizamento do regime militar.

Assim, filosofar sobre a palavra *importância*, por exemplo, acerca de tudo que revivemos ao entrar em contato com a escrita jornalística de Josué Guimarães, bem como explorar a plataforma IRAMUTEQ em mais um desafio, não cabe somente nesta Tese de Doutorado em Letras, uma vez que vai além; faz-nos, até mesmo, compreendermos melhor o que (re)descobrimos e nos melhora como seres humanos. O saber técnico despendido pelo IRAMUTEQ, unido ao olhar atento desta pesquisadora, bem como do seu amigo e companheiro de orientação, comprovam que a parceria resultou satisfatória, novamente. Além disso, as expressões *investigar, refletir, filosofar, associar e registrar*, certamente, adquiriram mais consciência social no nosso cotidiano, visto que nunca foi tão relevante compreender o que elas significam na prática, atreladas à leitura em acervo literário. Tal constatação também provém do meio que estamos inclusos e temos consciência da demanda que ele ainda nos reserva. Todavia, ao utilizarmos a ferramenta IRAMUTEQ para ressaltar o que Josué Guimarães queria apresentar aos leitores, de fato, reafirmamos que os recursos proporcionados pela tecnologia, quando direcionados para uma finalidade intencional clara e objetiva, promovem, dentre outras circunstâncias, a efetividade de que servem como elo entre a intenção da palavra escrita, seu real significado e a exploração da informação em seu cerne fundamental.

Precisamos que se diga que ficou ainda mais evidente para nós, durante a execução e o contato com a plataforma IRAMUTEQ, bem como com as palavras dos textos de Josué Guimarães, que a filosofia, por exemplo, viabiliza ideias e a tecnologia, artefatos, coisas feitas, produtos, que em comum acordo com um plano e um propósito maiores, facilitam o entendimento diário, por exemplo, do mundo, bem como as objetividades que ele viabiliza. A tecnologia, por sua vez, fez-nos reafirmar o que em outra experiência com ela também percebemos, que por mais que seja claramente instrumental, não responde às finalidades, mas serve de meio para chegarmos até elas, conforme nossa vontade. Por meio dela, e com mais este contato com a plataforma IRAMUTEQ, observamos que o universo mecânico que temos a nosso dispor favorece o contato direto com a leitura, em especial dentro de acervos de forma singular. Quanto à tecnologia do *software* que nos acompanhou, este cumpre com seus propósitos sempre que requisitado nas diferentes áreas do saber, assim como os estudos acadêmicos publicados evidenciam sua funcionalidade.

Logo, o IRAMUTEQ, quando trouxe à baila determinadas expressões, além de provocar em nós mais estudo e contato com a história para termos certeza do que queríamos apontar, fez-nos filosofar, a exemplo, muitas vezes, acerca da ditadura cívico-militar, ardilosa, ter (re)encontrado meios e mais adeptos de não passar, permanecendo ainda mais perceptível nesta época, nas práticas jurídicas, políticas, na violência cotidiana, nos muitos traumas sociais que

ainda sentimos, bem como na maneira de condução governamental que, em pleno século XXI, somos obrigados a conviver. As palavras constantes nas cinco ilustrações que achamos interessantes para esta pesquisa, assim como as demais que não utilizamos no momento, cada uma delas, impactou-nos com o teor de uma lógica perversa, que se produziu a partir da implantação do regime militar e nos fez chegar até as constantes negações que nos deparamos diariamente, nas quais não se encontra nenhum ponto verdadeiro sequer. Ademais, nossa pesquisa, ao resgatar muitos momentos e personagens históricos, também se preocupou em promover aos leitores que rememorassem sobre o que aconteceu com outros países, incluindo o Brasil. Referimo-nos, dessa maneira, às torturas e às prisões que só aumentaram as relações com a dor e o sofrimento; com os muitos torturados que nunca foram julgados; com a não existência de uma justiça de transição que favoreceu o Exército a não precisar assumir sua culpa em relação aos seus pendores golpistas, ou, ainda, aos muitos que, na atualidade, elogiam o regime da ditadura, intuindo mostrar a força que afirmam ter. Quanto às crônicas jornalísticas, em síntese, nenhuma outra palavra, além das que já mencionamos, descreve melhor o que foi retratado por Josué Guimarães em seus textos que não seja *violência*.

Não foi tarefa fácil ler os textos escolhidos por nós para esta pesquisa, tampouco rememorar momentos árdus da história político-social e econômica do Brasil, uma vez que estamos novamente convivendo com situações muito semelhantes à época de Josué Guimarães. Convivemos com medidas e estratégias nada esperadas pelo povo brasileiro, as quais estão em desencontro às necessidades da maioria da população, e o que é pior, opõem-se a valores. O Brasil mais parece com um trem desgovernado, conduzido por um maquinista paranoico, assessorado por miniaturas, quase ou sem nenhuma inteligência, rumo a um precipício do que como uma *Nação* que requer um presidente que a governe, que exerça seu cargo com honra e respeito. Ainda somos obrigados a conviver com “agrados momentâneos” que nunca garantirão uma finalidade, por exemplo, de ser fiel à democracia, à cidadania, ao povo.

Quanto ao IRAMUTEQ, além dos comentários já tecidos sobre ele, convém sobressair, notamos uma certa instabilidade de limitação temporal e acesso aos arquivos já encaminhados para observação do programa, se, por algum motivo, se fizesse obrigatória a repetição de leitura deles. Destacamos que já tínhamos escolhidos as ilustrações que aqui elencamos. Constantemente, após o término da seleção das 5 constantes neste trabalho, o programa, quando acionado, exigiu muitas atualizações. Isso não alteraria de maneira alguma, caso necessitássemos novas imagens, pois, mesmo após as atualizações feitas por nós, intuindo deixá-lo preparado para qualquer eventualidade, com o auxílio do professor Marcelo Prado Amaral-Rosa, atuante na Escola Politécnica e no Programa de Pós-Graduação em Educação em

Ciências e Matemática da PUCRS, a qualidade das devolutivas do programa estiveram sempre garantidas. Tentamos entrar em contato duas vezes com a equipe da LACCOS, idealizadora do Programa IRAMUTEQ no Brasil, conforme referenciamos no início desta pesquisa, em virtude das constantes atualizações que o programa exigiu, mas obtivemos retorno muito tardiamente e que não solucionariam nossas necessidades, caso tivessem sido viabilizadas por novos encaminhamentos à ferramenta, por isso procuramos outros utilizadores da plataforma. Não temos dúvida quanto ao empenho do IRAMUTEQ em garantir a satisfação do pesquisador-observador, seja qual for a área determinada para explorá-lo, pois muitas são as pesquisas, além das que trouxemos para abrilhantar o *Capítulo 3: Softwares leitores*, que comprovam a capacidade do programa e deixam seu testemunho nas mais diferentes categorias, registrados pelas pesquisas acadêmicas. Com isso, esperamos que a área das Letras efetue mais comparações a respeito do seu uso, a fim de destacar a ferramenta nas suas melhores qualidades. Não era a intenção criarmos um supertrabalho, mas, sim, com o auxílio da tecnologia, apresentar a união adequada de ferramentas e dispositivos em prol da leitura, da compreensão e da interpretação, ações que movem o conhecimento.

Neste mesmo viés, como Josué Guimarães preocupou-se em escrever, o que era fato e não o que se supunha, nós também nos colocamos na mesma posição: constatar o que era dito de várias maneiras, em momentos distintos, mas com a intenção de *informar*, esclarecer e *comunicar* o leitor, a partir de somente um encaminhamento ao programa. Desejávamos alcançar o cerne da informação dada por Josué nos seus textos, uma vez que a crônica, por ser breve, exigiria de nós, também seus leitores, rapidez de associações. Assim, percebíamos, a cada texto lido, um Josué Guimarães que escrevia uma crônica por vez, cada uma com característica ímpar, mas com diversas interpretações possíveis. Cirurgião da escrita, cada ação do jornalista e escritor era operada a partir da relação de bom senso, unida a elementos reais da política, da economia, do meio social. O que nos levou, até mesmo, a mostrar a perspectiva de entendimento do jornalista e escritor, texto a texto, momento a momento, sem hesitar, em alguns instantes das nossas observações, construindo, assim, nossa *colcha de retalhos*.

Uma certeza, de fato, persiste. As crônicas do jornalista e escritor aqui observadas tinham vidas privadas, mas uma remontava à outra, e passeavam por muitas instâncias históricas. Herança, talvez, do sangue gaúcho que corria fortemente nas veias de Josué Guimarães. Afinal, os momentos exigiam comparações, sem limites ou regras estipuladas. Ações bem conhecidas por Josué Guimarães.

REFERÊNCIAS

- ALCESTE. **Versão Demo**. Disponível em: <http://www.image-zafar.com/telecharge-mentsAuk.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- ALJOG. **Acervo Literário Josué Guimarães**. PPGL-IECH. UPF. 2020. Disponível em: <https://www.upf.br/aljog/>. Acesso em: 03 jun. 2020.
- ALJOG/UPF no Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo. **Acervo Literário de Josué Guimarães. Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, 2011. Disponível em: http://aljog.upf.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13&Itemid=13 Acesso em: 20 mar 2021.
- ALMEIDA, G. R. de. **História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- APACHE MAHOUT. **About us**. Disponível em: <https://mahout.apache.org/>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- ATLAS.ti. **Manual de Instalação**. Disponível em: <http://atlasti.com/free-trial-version/>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BENDER, F. LAURITO, I. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.
- BOARD. **About us**. Disponível em: <https://www.board.com/en/features>. Acesso em: 05 out. 2020.
- BORDINI, M. G. da. Manual de Organização do Acervo Literário de Erico Verissimo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- BORDINI, M. G. Acervos Sulinos: a fonte documental e o conhecimento literário. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BORDINI, M. G. **Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira**. Patrimônio e Memória, UNESP, 2009
- BUSINESS INTELLIGENCE. **About us**. Disponível em: <https://www.coheris.com/en/company/legal-informations/terms-of-use/coheris-analytics-liberty/>. Acesso em: 13 mar. 2020.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. 2013. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- CHARTIER, A. M.; HÉBRARD, J. **La lectura de um soglo a otro**. Barcelona: Gedisa 2002.
- CORTEXT. **About us**. Disponível em: <https://www.cortext.net/>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- CUPANI, A. **Filosofia da Tecnologia: um convite**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.

CLEMENTE, E. Josué Guimarães: uma vida plurifacetada. In: **Josué Guimarães o autor e sua ficção**. Org. Maria Luiza Ritzel Remédios. Porto Alegre: UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

DATAMELT. **About us**. Disponível em: <https://datamelt.org/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DUNDAS BI. **About us**. Disponível em: <https://www.dundas.com/dundas-bi/features#datavisualizations>. Acesso em: 16 ago. 2020.

ETNOGRAPH. **About us**. Disponível em: <https://software.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

EXPERT ANALYTICS. **About us**. Disponível em: <https://www.softexpert.com/pt-br/produto/business-intelligence/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

GATE. **About us**. Disponível em: <https://gate.ac.uk/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

GUIMARÃES, J. O homem e a obra: as traições de 1964. In: AGUIAR; V. RÖSING, T. **Jornadas Literárias. O prazer do diálogo entre autores e leitores**. Passo Fundo, UPF Editora, 1991.

GOOGLE BOOKS NGRAM VIEWER. **Informações**. Disponível em: <https://books.google.com/ngrams/info>. Acesso em: 10 mar. 2020.

IBM COGNOS. **About us**. Disponível em: <https://www.ibm.com/analytics>. Acesso em: 10 ago. 2020.

IBMSSPS MODELER. **About us**. Disponível em: <https://www.ibm.com/analytics/spss-statistics-software>. Acesso em: 15 jun. 2020.

INFOGRAM. Disponível em: <https://infogram.com/imprensaufrgs>. Acesso em: 20 fev. 2020.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. **Josué Guimarães: escrever é um ato de amor**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006.

KUCINSKI, B. **Jornalistas revolucionários: nos tempos da Imprensa Alternativa**. São Paulo: EDUSP, 2018.

KLEIN, C. **A Arte de Ensinar Utilizando Softwares Educativos**. Simpósio de Testes de *Software* e Jornada Científica da Unibratex, 2006. Disponível em: <http://unibratex.com.br/sbts/diretorio/FEEVALE+CK.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

KNIME. **About us**. Disponível em: <https://www.knime.com/software-overview>. Acesso em: 20 maio 2020.

KNOWLEDGE DISCOVERY. **About us**. Disponível em: <https://www.kdd.org/>. Acesso em: 10 maio 2020.

LEBART, L. *et al.* **SPAD: Systeme portable pour l'analyse des donnees**. Paris: CESIA, 1983.

LEBART, L., & Salem, A. **Statistique textuelle**. Paris: Dunod, 1994

LAHLOU, S. **Text mining methods**: An answer to Chartier and Meunier. Papers on Social Representations, 1994.

MAXQDA. **Manual de Apresentação**. Disponível em: <http://www.maxqda.com/lang/informacao-em-portugues/portuguese>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MOREIRA, R. da L. Brazilianistas, historiografia e centros de documentação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. III, n. 5, p. 66-74, 1990.

NETTO, J. P. **Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

NICOLAU, J. M. **Eleições no Brasil**: do Império aos dias comuns. São Paulo: Zahar, 2012.

NVIVO. **About us**. Disponível em: <http://www.qsrinternational.com/nvivo-product/nvivo11-for-windows>. Acesso em: 6 mar. 2020.

OPEN GRAPH VIZ. **About us**. Disponível em: <https://gephi.org/>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ORACLE. **About us**. Disponível em: <https://www.oracle.com/database/technologies/advanced-analytics/odm.html>. Acesso em: 12 jun. 2020.

ORANGE DATA MINING. **About us**. Disponível em: <https://orange.biolab.si/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PÉREZ, L. C. **Silvio Rodríguez: contra la cristalización del gusto y de las ideas**. 2019. Tese (Programa de Doutorado em Estudos da Literatura e da Cultura) – Universidade de Santiago de Compostela. Centro Internacional de Estudos de Doutorado e Avanzados – CIEDUS. Universidade de Santiago de Compostela. Escola de Doutorado Internacional em Artes e Humanidades, Ciências Sociais e Jurídicas, 2019. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/19122>. Acesso em: 20 maio 2020.

PILAGALLO, O. **A história do Brasil no século 20 (1980-2000)**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2009 (Folha Explica).

RAPID MINER. **About us**. Disponível em: <https://rapidminer.com/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

RATLLE. **About us**. Disponível em: <https://rattle.togaware.com/>. Acesso em: 29 maio 2020.

REINERT, M. **Alceste**. Version 4.0 – Windows (Manual). São Paulo: Image, 2001. Reinert, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. Bulletin de Méthodologie Sociologique.

RETTENMAIER, M. Pesquisa literária e acervo: a maldição dos manuscritos. **Desenredo**. (PPGL/UPF), v. 4, n. 2, p. 137-145. jul./dez. 2008.

RETTENMAIER, M.; SAMARTIN, R.; FEIJÓ, E. J. T. Bases de dados relacionais para o estudo de literatura: um projeto para Acervo Literário de Josué Guimarães (ALJOG/UPF). In:

Múltiplas Interfaces: Livros Digitais, Criação Artística e Reflexões Contemporâneas. São Paulo: Editora Scriptum Livros, 2018.

ROCHA, S. **Preservação de acervos.** *ÁGORA: Arquivologia Em Debate*, 18(38), 25–32. Recuperado de <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/233>. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/233> Acesso em: 20 maio 2021.

RODRÍGUEZ, M. L. F. **Discursos sobre Santiago de Compostela y el/los Camino(s) de Santiago en la novela española actual (2010) a través de técnicas analíticas digitales: posibilidades y valor del conocimiento generado.** Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/14936>. Acesso em: 23 maio 2020.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação.** São Paulo: Paulos, 2013.

SAS. **About us.** Disponível em: https://www.sas.com/en_us/insights/analytics/data-mining.html. Acesso em: 19 set. 2020.

SERVER DATA TOOLS. **About us.** Disponível em: <https://docs.microsoft.com/en-us/previous-versions/sql/sql-server-data-tools/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SILVA, S. M. de A. **Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas: relações entre resenhas na comunidade virtual SKOOB e a crítica acadêmica.** Centro Universitário UniRITTER

SISENSE. **About us.** Disponível em: <https://www.sisense.com/>. Acesso em: 13 maio 2020.

SOBEK. **About us.** Disponível em: <http://sobek.ufrgs.br/#/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SPACHE, G. D. **Toward better Reading.** Champaign: Garrard Publishing Co, 1963.

SPAD. **Manual de Informações.** Disponível em: <http://spad.software.informer.com/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

SPHINXBRASIL. **About us.** Disponível em: <https://www.sphinxbrasil.com/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

TAGCLOUD. **About us.** Disponível em: <https://tagcloudpro.com/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

TAGCROWD. **About us.** Disponível em: <https://tagcrowd.com/>. Acesso em: 30 mar. 2020.

TAGUL. **About us.** Disponível em: <http://www.tagul.com/about.html>. Acesso em: 18 mar. 2020.

TAXGEDO. **About us.** Disponível em: <http://www.tagxedo.com/about.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

TERADATA. **About us.** Disponível em: <https://www.teradata.in/Trends/Cloud/The-Power-of-Separating-Cloud-Compute-and-Cloud-Storage>. Acesso em: 12 set. 2020.

TRI DEUX MOTS. **Manual de Informação**. Disponível em: <http://trideuxmots.com>. Acesso em: 02 abr. 2020.

VERGÈS, P. *et al.* **Ensembles de programmes permettant l'analyse de similitude de questionnaires et de données numériques**. Aix en Provence, France: Université Aix en Provence, 2002.

VERGÈS, P.; SCANO, S.; JUNIQUE, C. **Ensembles de programmes permettant l'analyse des evocations**. Aix en Provence, France: Université Aix en Provence, 2002.

WEKA. **About us**. Disponível em: <https://www.cs.waikato.ac.nz/ml/weka/>. Acesso em: 22 maio 2020.

WORD CLOUD GENERATOR. **About us**. Disponível em: <https://word-cloud-generator.softonic.com.br/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

WORDCLOUDS. **About us**. Disponível em: <https://www.wordclouds.com/>. Acesso em: 22 mar. 2020.

WORDLE. **About us**. Disponível em: <http://www.wordle.net>. Acesso em: 19 mar. 2020.

WORDSIFTE. **About us**. Disponível em: <https://wordsift.org/about.html>. Acesso em: 20 fev. 2020.

WORD STAT. **About us**. Disponível em: <https://provalisresearch.com/products/content-analysis-software/>. Acesso em: 10 abr. 2020.